

REINALDO ANTÔNIO BASTOS FILHO

**SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E REDES DE APOIO FAMILIARES
EM REGIÕES PERIFÉRICAS DE UMA CIDADE MÉDIA MINEIRA**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de Doctor Scientie.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2019

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

B327s Bastos Filho, Reinaldo Antônio, 1986-
2019 Segregação socioespacial e redes de apoio familiares em
regiões periféricas de uma cidade média mineira / Reinaldo
Antônio Bastos Filho. – Viçosa, MG, 2019.
xviii, 170 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Inclui apêndices.

Orientador: Neide Maria de Almeida Pinto.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Segregação urbana. 2. Redes sociais. 3. Geografia humana. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Doméstica. Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22. ed. 307.76

REINALDO ANTÔNIO BASTOS FILHO

**SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E REDES DE APOIO FAMILIARES
EM REGIÕES PERIFÉRICAS DE UMA CIDADE MÉDIA MINEIRA**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de Doctor Scientie.

APROVADA: 7 de maio de 2019.



Ítalo Itamar Caixeiro Stephan



Marina Barbosa Pinto



Dimítri Fazito de Almeida Rezende
(Coorientador)



Ana Louise de Carvalho Piúza
(Coorientadora)



Wânia Maria Guimarães Lacerda



Neide Maria de Almeida Pinto
(Orientadora)

O entusiasmo é a maior força da alma.
Conserva-o e nunca te faltará poder para
conseguires o que desejas.

(Napoleão Bonaparte)

BIOGRAFIA

Nascido em Dionísio, MG, no dia 10 de junho de 1986, REINALDO ANTÔNIO BASTOS FILHO é primogênito de Reinaldo Antônio Bastos e Rosiléa Araújo Fernandes Bastos. Seus irmãos são Renan Fernandes Bastos e Renzo Fernandes Bastos.

Concluiu o ensino fundamental em 2000 na Escola Estadual Professor Benjamim Araújo em Dionísio-MG.

Concluiu o ensino Médio em dezembro de 2003 na Escola Novaerense na cidade de Nova Era, MG.

Em março de 2005 ingressou-se no Curso de Gestão de Cooperativas na Universidade Federal de Viçosa (UFV) onde se graduou em janeiro de 2009.

Assim que colou grau, no mesmo ano de 2009, se mudou para a Dinamarca, um país europeu, para realização de um intercâmbio, durante um período de 11 meses, junto ao programa DALUM vinculado a Universidade Federal de Viçosa.

Em dezembro de 2012 tornou-se Especialista em Gestão da Produção pela Universidade Federal de Viçosa.

Em março de 2013 ingressou-se no mestrado em Administração na UFV, tornando-se Mestre em fevereiro de 2015.

Em setembro de 2016 graduou-se em sua segunda graduação, Administração Pública, pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Em fevereiro de 2015 ingressou-se no programa de Doutorado em Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa, onde se tornou Doutor em maio de 2019.

AGRADECIMENTOS

É com muita alegria e prazer que demonstro aqui, os meus agradecimentos a todos aqueles que fizeram com que esse trabalho fosse possível.

Agradeço primeiramente aos meus pais, Reinaldo e Rosiléa Bastos, pela dedicação, as oportunidades, a estrutura ética e moral, estrutura financeira e principalmente o amor durante toda a minha vida. Vocês são a base de tudo. Não conseguiria sem vocês.

Em segundo lugar, agradeço à Adriana, minha namorada, por todo amor, cumplicidade, parceria, carinho e dedicação para com nosso relacionamento. Sem sua ajuda não conseguiria superar os momentos mais difíceis e terminar as aplicações dos questionários, momento onde você contribuiu de forma ímpar, indo a campo e ficando vários finais de semana e dias inteiros aplicando as entrevistas comigo. Te amo meu amor.

Aos meus irmãos Renan e Renzo, que sempre estiveram presentes, mesmo com as distâncias geográficas que nos separam.

À toda minha família, avós, avôs, tias, tios, primos e primas, pelo carinho, amor e principalmente pelos encontros familiares, sempre muito festivos e de muita alegria.

À professora Neide, minha orientadora, agradeço de coração pelas orientações, direcionamentos nos momentos mais difíceis, ensinamentos sobre pobreza, família e segregação socioespacial, seja no grupo de pesquisa, em sua sala ou com empréstimos de seus livros, e principalmente, pela confiança depositada a mim nesses 4 anos.

À professora Ana Louise, minha coorientadora, pelas parcerias acadêmicas e ensinamentos ao longo desses 4 anos, principalmente com sua preocupação em me ensinar cada dia mais sobre o que é metodologia científica.

Ao professor Dimitri, meu coorientador, que se dispôs, mesmo à distância, a contribuir com minha pesquisa nesses 2 últimos anos. Agradeço muito a disponibilidade e aos ensinamentos sobre redes sociais.

À Tamires Ramalho, aluna de Cooperativismo, que de forma voluntária, foi muito solícita para contribuir com minha pesquisa. Agradeço aos incontáveis fins de semana que se dedicou a coleta dos dados. Sem você e Adriana, seria muito mais difícil cumprir essa missão.

Aos grandes amigos que o DED me deu, e que fazem parte do meu cotidiano desde então: Leandro Bicalho, Amanda Karmo e Marco Aurélio. Amigos que com sua amizade, conhecimento e discussões, me ajudam a crescer academicamente e principalmente como pessoa a cada dia.

Aos afilhados de casamento e grandes amigos, Renan e Miriam Almeida, por todo carinho, amizade, conversas e tudo de melhor que vivemos.

Ao Roberto, Lucas, Aloísia e Anderson, funcionários do DED, pelo profissionalismo, amizade, ajudas, risadas, brincadeira e tudo de melhor que me proporcionaram nesses 4 anos de departamento. A vocês, todo meu agradecimento, respeito e admiração. Em especial a Aloísia pelas incontáveis vezes em que me ajudou, tirou dúvidas e quebrou vários galhos durante os processos burocráticos da pós-graduação.

Aos familiares da minha namorada Adriana: Aparecida (mãe), Altair (Pai), Vovó Eudésia, Duia (Danúsia), Larissa e André. Primeiramente, por cuidarem e educarem tão bem a Adriana, e em segundo lugar, por me acolherem de forma tão carinhosa em sua família.

Aos amigos de Conselheiro Lafaiete: Pretinho (Manoel), Tamara, Cida, Davi e Joselito pelo acolhimento, amizades, churrascos e todos os momentos excelentes que vivemos juntos.

Aos amigos da vida: Luiza Amélia, Sheshell, Henrique Neves, João Paulo, Sandra, Juninho Macumba, Serginho, Elisa, Naaly, Fan, Ronan, Yeimy, Luís Gustavo, Raphaell Martins, Sahira, Ananda, Osvaldo Cassinela, Alberto e Armand. Sem vocês não há motivo para risadas, festejar, contar casos, brindar a vida, ou seja, curtir os melhores momentos da vida.

Aos professores e amigos, Alan e Alair, pela amizade, companheirismo, parcerias e aprendizado durante todos esses anos de UFV.

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por acreditar e financiar essa pesquisa, a qual sem o apoio, com certeza seria muito mais difícil de ser executada.

À Universidade Federal de Viçosa, pelo acolhimento durante todos esses anos. Além da infraestrutura impecável que me proporcionaram para realizar todas as minhas atividades de pesquisa.

Ao Departamento de Economia Doméstica, que em seus últimos anos com essa nomenclatura, me acolheu tão bem do início ao fim.

E por fim, agradeço a todos os participantes da pesquisa, que se dispuseram no aconchego de suas casas, a me receber e participarem dessa pesquisa. Sem vocês não seria possível realizar esse trabalho, que me exigiu muita dedicação, perseverança e muito esforço, porém, com muito orgulho, gratidão e satisfação em ter tido a oportunidade de realiza-lo. Espero que esse trabalho contribua para trazer melhorias a cidade e principalmente as regiões mais carentes de Viçosa.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	ix
LISTA DE TABELAS.....	x
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	xii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	xiv
RESUMO.....	xv
ABSTRACT.....	xvii
CAPÍTULO 1 - ASPECTOS INTRODUTÓRIOS.....	1
1. A CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA E SUA ABORDAGEM.....	1
1.1. O problema de pesquisa e sua justificativa	1
2. OBJETIVOS	6
2.1. Objetivo Geral.....	6
2.2. Objetivos Específicos.....	6
3. REFERENCIAL TEÓRICO	8
3.1. O conceito de Segregação Socioespacial	8
3.2. Análise de Redes Sociais.....	13
3.2.1. Análises de Redes por Atributos e Estruturais	18
3.2.2. Redes Primárias e Redes Secundárias.....	19
3.2.3. Redes Sociocêntricas e Egocêntricas	23
5. ESTRUTURAÇÃO DA TESE	29
6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
CAPITULO 2 - URBANIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL: PENSANDO O ESPAÇO URBANO DE VIÇOSA-MG A PARTIR DA ELABORAÇÃO DE UM ÍNDICE DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL	35
1. INTRODUÇÃO	37
2.O CONCEITO DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E SEUS INDICADORES.....	38
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
3.1.Urbanização em Viçosa-MG: a configuração de um processo de segregação socioespacial.....	48
3.2. A construção de um Índice de Segregação Socioespacial para Viçosa, MG.....	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

CAPÍTULO 3 - EFEITO DA SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL SOBRE AS CONDIÇÕES DE VIDA DAS FAMÍLIAS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS REGIÕES PERIFÉRICAS E CENTRAL DA CIDADE DE VIÇOSA-MG.....67

1. INTRODUÇÃO	69
2. SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL	70
3. ÍNDICE DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL	72
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	73
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	80
5.1. Análise Comparativa entre as regiões Nova Viçosa, Santa Clara e Centro.....	81
5.1.1. Perfil Socioeconômico dos Chefes de Família	81
5.1.2. Tipos de Famílias que vivem nas três diferentes Regiões Urbanas de Planejamento.....	88
5.1.3. Perfil Migratório dos Chefes de Família	90
5.1.4. Perfil Habitacional.....	92
5.1.5. Infraestrutura das regiões urbanas de planejamento Nova Viçosa e Santa Clara	94
5.1.6. Acessibilidade de transportes	100
5.1.7. Percepção de Violência	102
5.1.8. Condições Materiais do Domicílio.....	106
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112

CAPÍTULO 4 - REDES DE APOIO FAMILIARES EM REGIÕES PERIFÉRICAS DE UMA CIDADE DE PORTE MÉDIO..... 1175

1. INTRODUÇÃO	118
2. REDES SOCIAIS	119
2.1. Redes Primárias e Secundárias.....	124
2.1. Redes Sociocêntricas e egocêntricas.....	125
2.1. Análises de Redes por Atributos e Estruturais	128
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	129
3.1. Amostra e Subamostra	130
3.2. Análise de redes sociais (Ucinet 6 e NetDraw).....	131
3.3. Testes Kruskal- wallis no Software SPSS.....	133
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	135
4.1. Análise descritiva dos dados de Redes Egocentradas	135
4.2. Teste não paramétrico Kruskal-Wallis para amostras independentes	142
4.2.1. Tamanho da rede	145
4.2.2. Densidade.....	146
4.2.3. Grau de Centralização	148
4.2.4. Localismo (%).....	149
4.2.5. Homofilismo (%).....	150
4.2.6. Tipos diferentes de apoios recebidos.....	152
4.2.7. Número de Sociabilidade e Família (%)	153
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155

CONCLUSÃO GERAL DA TESE.....	158
ANEXO 1 – VIOLENTÔMETRO.....	160
ANEXO 2- CLASSES SOCIAIS POR FAIXAS DE SALÁRIO-MÍNIMO.....	161
APÊNDICE 1- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 1	162
APÊNDICE 2- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 2	168

LISTA DE QUADROS

PRIMEIRO CAPÍTULO

Quadro 1 : Operacionalização dos Objetivos Específicos.....	7
Quadro 2 : Medidas Estruturais.....	19
Quadro 3 : Sínteses dos Conceitos Teóricos.....	26
Quadro 4 : Operacionalização das Variáveis.....	27

SEGUNDO CAPÍTULO

Quadro 1: Síntese conceitual.....	41
Quadro 2: Síntese de variáveis, indicadores utilizados e fonte.....	43

TERCEIRO CAPÍTULO

QUARTO CAPÍTULO

Quadro 1 : Medidas Estruturais de redes sociais.....	129
--	-----

LISTA DE TABELAS

SEGUNDO CAPÍTULO

Tabela 1: Procedimento de construção da soma dos indicadores por categoria.....	47
Tabela 2: Exemplo do procedimento de construção do índice de Segregação Socioespacial..	47
Tabela 3: Evolução da População Urbana e Rural – Período 1960 a 2014 – Viçosa (MG).....	52
Tabela 4: Parcelamentos realizados na Cidade de Viçosa durante a década de 1970 e 1980...	53
Tabela 5: Índice de Segregação Socioespacial de Viçosa (MG).....	57
Tabela 6: Tipos de Violência registrados em Viçosa por região Urbana de Planejamento em 2016.....	62

TERCEIRO CAPÍTULO

Tabela 1: Índice de Segregação Socioespacial de Viçosa (MG).....	73
Tabela 2: Número de Domicílios, por Região Urbana de Planejamento - Viçosa, MG – 2013.....	77
Tabela 3: Níveis de significância utilizados com maior frequência.....	78
Tabela 4 : Perfil Socioeconômico dos Chefes de Família nas Regiões Nova Viçosa, Santa Clara e Centro.....	85
Tabela 5: Perfil Familiar/ Tipos de Famílias nas três diferentes Regiões Urbanas.....	89
Tabela 6: Perfil Migratório dos Chefes de Família.....	91
Tabela 7: Perfil Habitacional por região de planejamento.....	93
Tabela 8: Infraestrutura das regiões urbanas de Planejamento.....	96
Tabela 9: Acessibilidade de transportes.....	101
Tabela 10: Percepção da Violência.....	103
Tabela 11: Condições materiais do domicílio.....	109

QUARTO CAPÍTULO

Tabela 1: Subamostra para aplicação de questionários e Análise de Redes Sociais (ARS).....	131
Tabela 2: Teste de Normalidade.....	134
Tabela 3: Análise descritiva: Médias, mínimos e máximos para cada região de planejamento.....	137
Tabela 4: Teste Estatístico.....	143
Tabela 5: Resumo do teste de hipótese.....	144

Tabela 6: Comparações pareadas do tamanho da rede em relação ao índice de segregação socioespacial.....	145
Tabela 7: Comparações pareadas da Densidade em relação ao índice de segregação socioespacial.....	147
Tabela 8: Comparações pareadas do grau de centralização em relação ao índice de segregação socioespacial.....	148
Tabela 9: Comparações pareadas do Localismo (%) em relação ao índice de segregação socioespacial.....	149
Tabela 10: Comparações pareadas do Homofilismo (%) em relação ao índice de segregação socioespacial.....	151
Tabela 11: Comparações pareadas dos tipos diferentes de apoio recebido em relação ao índice de segregação socioespacial.....	152

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

SEGUNDO CAPÍTULO

Figura 1: Limite Territorial do Município de Viçosa (MG).....	48
Figura 2: Regiões urbanas de planejamento de Viçosa (MG).....	50
Figura 3: Regiões urbanas de planejamento de Viçosa e sentido da expansão dos loteamentos.....	55
Figura 4: Direção da ocupação para as populações de baixa e alta renda.....	56
Figura 5: Fotos áreas de Viçosa (MG) em 1958 e 1963.....	58
Figura 6: Início das obras de loteamento em Nova Viçosa e Santa Clara, 1974.....	58
Figura 7: Mapa representativo das duas regiões urbanas com os piores indicadores de segregação socioespacial.....	59
Figura 8: Representação gráfica do Índice de Segregação Socioespacial de Viçosa (MG).....	60
Figura 9: Mapa da cidade de Viçosa-MG com sobreposição do Índice de Segregação Socioespacial de Viçosa (MG).....	61

TERCEIRO CAPÍTULO

Figura 1: Região de Planejamento Nova Viçosa.....	75
Figura 2: Região Urbana de Planejamento Santa Clara.....	75
Figura 3: Região Urbana de Planejamento Centro.....	76
Figura 4: Mapa Racial de Viçosa (MG).....	83
Figura 5 : Estado Civil dos homens e mulheres chefe de família em Nova Viçosa, Santa Clara e Centro.....	84
Figura 6: Rua calçada com pedra fincada (1) e Paralelepípedo (2).....	98
Figura 7: Lixo nas regiões Santa Clara, Nova Viçosa e Centro.....	99
Figura 8: Número de homicídios e porcentagens de furtos e roubos por região urbana de planejamento em Viçosa, Minas Gerais, em 2016.....	105

QUARTO CAPÍTULO

Figura 1: Planilha Excel para tabulação das redes egocentradas.....	132
Figura 2: Planilha UCINET para tabulação das redes egocentradas.....	133
Figura 3: Rede egocentrada com morfologia próximo a média da região Nova Viçosa, entrevistada nº 47.....	140
Figura 4: Rede egocentrada com morfologia próximo a média da região Santa Clara, entrevistada nº 8.....	141

Figura 5: Rede egocentrada com morfologia próximo a média da região Centro, entrevistado nº 8.....	142
Figura 6: Teste de kruskal-wallis para amostras independentes (Tamanho da rede).....	146
Figura 7: Teste de kruskal-wallis para amostras independentes (Densidade).....	147
Figura 8: Teste de kruskal-wallis para amostras independentes (Grau de Centralização).....	149
Figura 9: Teste de kruskal-wallis para amostras independentes (Localismo).....	150
Figura 10: Teste de kruskal-wallis para amostras independentes (Homofilismo).....	151
Figura 11: Teste de kruskal-wallis para amostras independentes (Tipos diferentes de apoio recebido).....	153
Figura 12: Teste de kruskal-wallis para amostras independentes (Número de Sociabilidade e Família - %)......	154

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARS	Análise de Redes Sociais
CENSUS	Centro de Promoção do Desenvolvimento Sustentável
ESAV	Escola Superior de Agricultura e Veterinária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISSE	Índice de Segregação Socioespacial
PEA	População Economicamente Ativa
PMV	Prefeitura Municipal de Viçosa
PNAD	Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios
PSF	Programa Saúde da Família
SAAE	Serviço Autônomo de Água e Esgoto
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UREMG	Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

RESUMO

BASTOS FILHO, Reinaldo Antônio, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, maio de 2019. **Segregação socioespacial e redes de apoio familiares em regiões periféricas de uma cidade média mineira.** Orientadora: Neide Maria de Almeida Pinto. Coorientadores: Ana Louise de carvalho Fiúza e Dimitri Fazito de Almeida Rezende.

Considerado um grande problema urbano e social, o processo de segregação é uma característica marcante nas metrópoles brasileiras. Sendo percebida pela expulsão das camadas mais pobres para as periferias, longe do centro e com ausência ou precariedade de equipamentos urbanísticos como: Escolas, emprego, infraestrutura, lazer, Saúde e outros. Conseqüentemente, causam efeitos negativos nas redes de sociabilidade desses indivíduos, como a tendência na redução das possibilidades de interação entre classes sociais, uma vez que suas redes são mais homofílicas, localistas e menores. Assim, essa tese teve o objetivo de analisar a influência da condição de segregação socioespacial na configuração das redes de apoio familiares em regiões periféricas em uma cidade média. Para tanto, optou-se por fazer a tese em formatos de artigos, totalizando 4 capítulos/Artigos e uma conclusão geral. O primeiro capítulo, teórico/metodológico, foi nomeado de “Aspectos introdutórios”, o segundo de “Urbanização e Segregação Socioespacial: pensando o espaço urbano de Viçosa, MG a partir da elaboração de um índice de Segregação Socioespacial”, o terceiro nomeado de “Efeito da segregação socioespacial sobre as condições de vida das famílias: um estudo comparativo entre as regiões periféricas e central da cidade de Viçosa, MG” e por fim, o quarto nomeado de “Redes de apoio familiares em regiões periféricas de uma cidade de porte médio”. Cada artigo possui uma estratégia metodológica independente. No primeiro capítulo fez-se uma contextualização histórica do processo de urbanização e segregação que o Brasil passou ao longo dos anos, construiu-se teoricamente o conceito de Análise de redes sociais e descreveu-se os passos para desenvolvimento da tese. No segundo capítulo, realizou-se uma contextualização histórica do processo de urbanização e segregação socioespacial em Viçosa e a partir de documentos e indicadores, desenvolveu-se um índice de segregação socioespacial para a cidade. Ao fim do capítulo, revelou-se a importância desse índice como ferramenta de análise do espaço urbano de Viçosa. No terceiro capítulo, por meio de uma amostragem probabilística e entrevistas semiestruturadas com 196 indivíduos, descreveu-se as condições de vida dos indivíduos que vivem nas regiões com os mais altos índices de segregação socioespacial de Viçosa em comparação a região Centro. Por último, no quarto capítulo, por meio de uma subamostra e posterior entrevista para captação de redes junto a 90 indivíduos,

além de testes não paramétrico Kruskal-wallis para amostras independentes, verificou-se os efeitos da segregação socioespacial sobre os atributos e estruturas de redes dos moradores que vivem em regiões com alto índice de segregação socioespacial. Por fim, conclui-se que a elaboração do índice de segregação socioespacial de Viçosa e descrição das regiões com alto índice de segregação socioespacial em confronto com os dados de redes sociais coletados, foram fundamentais para revelar os efeitos negativos dessa segregação sobre as redes desses moradores, tendo como característica principal a manutenção da pobreza e da desigualdade social na cidade.

ABSTRACT

BASTOS FILHO, Reinaldo Antônio, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, May, 2019. **Socioespacial segregation and family support networks in peripheral regions of an medium city.** Adviser: Neide Maria de Almeida Pinto. Co-advisers: Ana Louise de carvalho Fiúza and Dimitri Fazito de Almeida Rezende.

Considered a major urban and social problem, the segregation process is a striking feature in Brazilian metropolises. Being perceived by the expulsion of the poorer layers to the peripheries, far from the center and with the absence or precariousness of urbanistic equipment such as: schools, employment, infrastructure, leisure, health and others. Consequently, they have negative effects on the social networks of these individuals, such as the tendency to reduce the possibilities of interaction between social classes, since their networks are more homophilic, localist and smaller. Thus, this thesis aimed to analyze the influence of the condition of socio-spatial segregation on the configuration of family support networks in peripheral regions in a medium-sized city. Therefore, we chose to make the thesis in article formats, totaling 4 chapters / Articles and a general conclusion. The first chapter, theoretical / methodological, was named "Introductory Aspects", the second "Urbanization and Socio-spatial Segregation: Thinking the Urban Space of Viçosa, MG from the elaboration of a Socio-spatial Segregation Index", the third named "Effect of socio-spatial segregation on family living conditions: a comparative study between the peripheral and central regions of the city of Viçosa, MG" and finally, the fourth named "Family support networks in peripheral regions of a medium-sized city". Each article has an independent methodological strategy. In the first chapter a historical contextualization of the process of urbanization and segregation that Brazil has undergone over the years was made, the concept of social network analysis was theoretically constructed and the steps for the development of the thesis were described. In the second chapter, a historical contextualization of the process of urbanization and socio-spatial segregation was carried out in Viçosa and from documents and indicators, an index of socio-spatial segregation for the city was developed. At the end of the chapter, the importance of this index as a tool for analyzing Viçosa's urban space was revealed. In the third chapter, through probabilistic sampling and semi-structured interviews with 196 individuals, the living conditions of individuals living in the regions with the highest rates of socio-spatial segregation of Viçosa compared to the Centro region were described. Finally, in the fourth chapter, through a subsample and subsequent interview to capture nets with 90 individuals, as well as non-parametric Kruskal-wallis tests for independent samples, it was verified the

effects of socio-spatial segregation on the attributes and structures of networks of households living in regions with high rates of socio-spatial segregation. Finally, it can be concluded that the elaboration of Viçosa's socio-spatial segregation index and the description of the regions with high socio-spatial segregation index in comparison with the collected social networks data were fundamental to reveal the negative effects of this segregation on these networks of residents, having as main characteristic the maintenance of poverty and social inequality in the city.

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

1. A CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA E SUA ABORDAGEM

1.1. O problema de pesquisa e sua justificativa

Desde o período colonial, o processo de urbanização brasileira esteve associado a dinâmica econômica e influenciado por ela. Nesses termos, Caio Prado Júnior, em *Formação do Brasil Contemporâneo* (2011) e Ângela Kageyama, em *Desenvolvimento territorial do Brasil* (2008), em análise da ocupação territorial do país percebiam como a atividade econômica, quer seja, a produção de cana-de-açúcar no Nordeste, extração mineral e a produção de café no Sudeste ou a produção da borracha no Norte, afetaram as migrações das cidades ao longo do território. Esses processos possibilitaram a formação de subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias, caracterizando o país por muitos séculos como um arquipélago, ou seja, um país fragmentado, com cidades espalhadas e desconectadas entre si (SANTOS, 1993).

Já na primeira metade do século XIX, mais uma vez a direção do desenvolvimento regional associado à implementação da indústria brasileira trouxe alterações ao processo de urbanização. Nesse contexto, conforme expõe Maricato (1997), a alta produtividade cafeeira no centro-sul do Brasil, fez com que a industrialização ganhasse impulso nessa região a partir dos anos de 1830¹. Pode-se dizer que o café marcou e dominou fortemente mais de um século a sociedade brasileira, a ponto de impulsionar o desenvolvimento industrial brasileiro e de definir a direção do desenvolvimento regional e urbano do país (MARICATO, 1997).

Até o ano de 1822, as terras eram adquiridas por concessão, as chamadas sesmarias. Contudo, com a indefinição do Estado sobre as formas de ocupação da terra no período entre 1822 a 1850, esta passa a se dar de forma indiscriminada, o que acabou por consolidar os latifúndios da época. Porém, com a promulgação da Lei de Terras em 1850, a terra passa a ser uma mercadoria (se torna um produto para compra e venda) e pela primeira vez na história do Brasil há uma distinção entre solo público e solo privado (MARICATO, 1997).

Com a assinatura da Lei de Terras, grandes mudanças foram percebidas principalmente nos núcleos urbanos. Em outras palavras, passa, a partir de então, a haver delimitações na ordenação de ruas e casarios, alinhamento das fachadas e calçadas, além de uma fixação mais rigorosa dos limites dos espaços públicos e privados (MARICATO, 1997).

¹ Até os anos de 1907 as produções industriais do Rio de Janeiro e Minas Gerais superavam a paulista, que em 1920 passou a representar mais que o dobro dessas duas juntas (MARICATO, 1997).

No final do século XIX, período em que o Brasil se tornou uma república (1889), o país era majoritariamente e indiscutivelmente rural. Contudo, a partir de então, a indústria nascente se expande e as cidades passam a não exercer somente sua função administrativa, comercial, cultural e financeira como no início do período colonial, se tornando também local de produção, fator que era atribuído até então ao campo. Assim sendo, os imigrantes que chegavam ao Brasil e não se dirigiam às zonas rurais, bem como os ex-escravos, recém libertos em 1888 e brancos livres, aos poucos foram formando uma massa urbana que necessitaria de produtos industriais para sua sobrevivência (MARICATO, 1997).

Analisando o surgimento da sociedade urbana nos países desenvolvidos, Lefebvre (2002), atrela esse fenômeno ao duplo processo de industrialização e urbanização, ou seja, a partir do fim da cidade industrial. Esse seria, segundo ele, um momento crítico chamado de implosão-explosão em que uma enorme concentração de pessoas, atividades e riquezas chega às cidades, ao lado de uma imensa explosão de periferias, subúrbios etc. Dessa forma, a industrialização passa de realidade dominante a realidade dominada na sociedade urbana.

No caso da sociedade brasileira Maricato (1997) diz-se que o processo de industrialização e urbanização, principalmente a partir da segunda metade do século XX, acontece ao mesmo tempo, trazendo consigo a expulsão dos pobres à cidade. Esse processo tem o seu contexto orquestrado no projeto de desenvolvimento e modernização da sociedade brasileira que justificou grande parte das reformas urbanas que foram implementadas nas principais cidades brasileiras.

Com a nova mentalidade republicana, buscando refletir novos tempos, através de valores como ordem, civilização e estabilidade, tal intervenção impõe um novo modelo de cidade, principalmente por meio de reformas urbanas, que buscavam apagar os resquícios escravistas do passado recente. Verifica-se a partir de então, um grande investimento em política higienista, na ampliação da capacidade dos portos, da capacidade de armazenamento de produtos e mercadorias e ampliação do sistema viário destinado à circulação de mercadorias. Ou seja, para se mostrar “moderno” frente aos países capitalistas, o Brasil, em especial a cidade do Rio de Janeiro, buscou construir uma fachada urbana para se legitimar nesse cenário. Inaugura-se nesse momento a urbanização consolidada durante todo o século XX, a chamada “modernização excludente”, que se configurou em função dos grandes investimentos em áreas que formam o cenário da cidade hegemônica ou oficial em detrimento das periferias habitadas pelas populações mais pobres da cidade. Tais investimentos acarretaram ao mesmo tempo, uma forte segregação e diferenciação na ocupação do solo e distribuição dos equipamentos urbanos (MARICATO, 1997). Em outras palavras, observa-se

com isso uma tendência na segregação dos bairros residenciais das diferentes classes sociais, criando assim, segundo Santos (1993), “sítios sociais” muito particulares.

Até 1940 a população urbana representava 31,2% da população total brasileira, e por não ser tão alta, as taxas regionais de urbanização eram bem próximas (Norte - 27,75%; Nordeste - 23,42%; Sul - 27,73%; Sudeste - 39,42% e Centro-Oeste - 21,52%). Já em 1960, por ser mais modernizado, o Sudeste representa o maior avanço em termos do processo de urbanização. Passados 20 anos, em 1980, todos os índices mostram crescimento, entretanto, o Sudeste ainda se mantém em destaque (SANTOS, 1993).

O crescimento das cidades brasileiras, alicerçado na “modernização excludente”, empurrou e segregou socioespacialmente a classe trabalhadora, desprovida de recursos financeiros, para áreas periféricas, destituídas de serviços e de infraestrutura (MARICATO, 1997; VILLAÇA, 2001; GUIMARÃES, 2015). Segundo Villaça (2001), um dos modelos de segregação acontece a partir do momento que a luta pelas localidades dentro do espaço urbano gera “expulsão” da classe pobre para as periferias, resultando em uma concentração das diferentes classes ou camadas sociais em diferentes regiões ou conjuntos de bairros.

Considerado um problema grave, o processo de segregação é uma característica marcante nas metrópoles brasileiras. O mais conhecido padrão de segregação, no Brasil, é o do centro x periferia. Nesse modelo, o centro é ocupado principalmente pelas classes mais abastadas, provido de serviços urbanos, públicos e privados. Essa zona se distingue da periferia, que por sua vez, é ocupada majoritariamente pelos excluídos, subequipada ou desprovida de serviços públicos, localizada longe do centro (VILLAÇA, 2001) e ilegal/informal na sua maior parte² (ROLNIK, 1997).

Historicamente segregada, a cidade informal, periférica, apesar das crescentes mobilizações e reivindicações dos movimentos sociais a partir dos anos 1980, sempre enfrentou cortes de investimentos e acessos aos recursos estatais e sua população, excluída das decisões. Em suma, a segregação se tornou uma marca forte na consolidação das periferias, uma vez que, nas disputas por prioridades estatais e por recursos públicos, as melhores e maiores condições das camadas altas e médias da sociedade, sobressaem (HUGHES, 2004). Na caracterização do fenômeno da segregação socioespacial, pode-se dizer

² Holz e Monteiro (2008) dizem que os dados do Banco Mundial informam que de 1 milhão de moradias produzidas no Brasil, cerca de 700 mil são ilegais, o que comprova que a maior parte da produção habitacional no país é informal. Osório (2004) diz que em cidades como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza, estima-se que entre 20% e 22% da população viva em favelas. Segundo Alfonsin (2006, p. 72) estima-se que em Recife este índice esteja próximo de 70% dos domicílios urbanos. Além disso, diz que “as estimativas variam muito, e as realidades municipais também, mas não seria exagero afirmar que pelo menos 30% a 50% das famílias moradoras dos territórios urbanos brasileiros, em média, moram irregularmente”.

que ela é percebida pela expulsão das camadas mais pobres para as periferias, com ausência ou precariedade dos equipamentos urbanísticos: escolas, emprego, infraestrutura, programas de saúde da família e outros, e longe do centro.

Na análise dos rebatimentos que esse fenômeno traz para a vida das populações pobres no contexto de uma metrópole, Marques (2009b) aponta para as influências (direta ou indiretamente) da segregação socioespacial sobre as redes de sociabilidade que cercam uma determinada situação social. Verifica-se seus efeitos na tendência à redução das possibilidades de interação entre classes sociais, seja pela distância espacial entre os bairros, pelas práticas defensivas que algum grupo vem realizando através do isolamento entre muros, chamados também de “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 1997), enquanto forma de fugir da violência, ou pela não vivência das diferenças entre classes. Dessa forma, a sociabilidade fica limitada às pessoas da mesma classe social, reproduzindo assim as desigualdades, de forma persistente.

Em outras palavras, esse processo de segregação e separação, representa para essas populações acessos desiguais a bens materiais, provenientes de serviços, políticas e mercados de trabalho ou até mesmo a elementos imateriais, como, por exemplo, as formas de viver e se relacionar. E, as redes de apoio ajudariam a vencer espaços geográficos e sociais e possibilitariam a esses, acessos a círculos sociais mais ou menos amplos, ou os inseririam nesses círculos (MARQUES, 2009b).

Ou seja, para Marques (2009a), pesquisas empíricas que trabalhem a relação entre espaço e redes podem contribuir para avaliar em que medida as redes integram locais segregados, conectando os indivíduos submetidos a essa condição a contextos sociais mais amplos.

Percebe-se, porém que, muitos estudos que tentam entender o processo de segregação socioespacial voltam seus olhares sobre esse problema em grandes metrópoles (VILLAÇA, 2001; CALDEIRA, 1997, 2000). Entretanto, essas características também já são percebidas em cidades menores do território brasileiro, como nos estudos focados em Cidades médias realizados por De Souza Maria; De Almeida Faria; Stephan (2015), Silva (2016) e Goulart; Terci; Vanale Otero (2016). De acordo com De Carvalho (2003), o crescimento das cidades médias revela muito mais do que apenas um aumento das desigualdades ou da exclusão social. Além disso, evidenciam uma descontinuidade na experiência social da vida cotidiana, tornando mais evidente a necessidade de estudos que voltem seus olhares a esse perfil de cidade.

No que se refere aos estudos sobre redes sociais, diferentemente dos trabalhos de Marques (2000 e 2013) e Marques e Bichir (2011), que voltam seus olhares para as redes sociais de indivíduos em grandes metrópoles, esse estudo busca entender as redes sociais de indivíduos que vivem em regiões periféricas de uma cidade média brasileira.

A especificidade desse trabalho dá-se na medida em que nos ajuda a entender o contexto de segregação socioespacial e das redes de sociabilidade e apoio de indivíduos residentes em regiões periféricas de uma cidade média, nos possibilitando entender quais conformações de redes emergem nessas regiões, ajudando ou não esses sujeitos, a vencerem dificuldades sociais e possibilitando ou não os acessos a círculos sociais mais ou menos amplos. Assim sendo, esse trabalho questionou: como a condição de segregação socioespacial repercute na configuração das redes de apoio de famílias residentes em bairros periféricos de uma cidade média mineira?

Para Maia (2010), com algumas variações, adota-se pelas instituições de estudos estatísticos a seguinte classificação sobre o tamanho de cidades: cidades pequenas, aquelas que possuem até 20 mil habitantes; acima dessa população são as cidades médias e, aquelas com mais de 500 mil habitantes as cidades são consideradas grandes. Embora o tamanho demográfico seja um dado importante, ele por si só não caracteriza o que aqui se entende por cidade média. Para além de sua população, entende-se por cidade média aquela que exerce papel de forte relação com a área na qual está situada e pela concentração e centralização econômica, levando em consideração a realidade regional (SPOSITO, 2007). Assim sendo, por se enquadrar nesse perfil demográfico e de centralidade³, esse estudo foi realizado na cidade de Viçosa, em Minas Gerais.

O município possui uma população total (além da sede, inclui-se os distritos e zona rural) de 76.147 mil habitantes, mais uma população flutuante de aproximadamente 15.000 mil habitantes (CENSUS⁴ VIÇOSA, 2014), totalizando uma população de aproximadamente 91.147 habitantes.

³ Com base nos pressupostos teóricos da teoria das localidades centrais, estudada por Almeida (2006) em sua monografia “vou à rua: Centro urbano e centralidades do município de Viçosa-mg”, a cidade foi classificada como possuidora de um nível de centralidade forte, exercendo influência sobre os municípios de Araponga, Cajuri, Canaã, Coimbra, Ervália, Paula Cândido, Pedra do Anta, Porto Firme, São Miguel do Anta e Teixeiras. Segundo a autora, esse mercado consumidor, representado pelas cidades acima citadas, é capaz de se deslocar para o centro urbano de Viçosa para obter os bens e serviços não encontrados em seus locais de origem. Além de constituírem, muitas vezes, força de trabalho em busca de oportunidades de emprego.

⁴ O Centro de Promoção do Desenvolvimento Sustentável (CENSUS) é uma ONG, sem fins lucrativos, dedicada a estudos, formação e assessoria nas áreas social, urbanística, ambiental e de gestão pública, com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável do município de Viçosa-MG.

A cidade de Viçosa, por sua vez, possui uma população de 70.969 mil habitantes (o que representa 93,20 % da população total do município), mais 15.000 mil habitantes considerados população flutuante, totalizando uma população, que vive na cidade, de 85.969 mil habitantes (CRUZ, 2014).

Assim sendo, para responder o problema de pesquisa, utilizou-se tanto dados secundários, gerados pelo CENSUS (Centro de Promoção de Desenvolvimento Sustentável), mapas fornecidos pelo laboratório de fotointerpretação do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa (UFV) (CRUZ, 2014), teses de doutorado, dissertações de mestrados e artigos científicos. Quanto aos dados primários, esses foram coletados por meio da aplicação de questionários (survey), primordiais para identificação do perfil socioeconômico, familiar, migratório e habitacional, além da acessibilidade de transportes, violência, infraestrutura e condições materiais do domicílio nas regiões urbanas de planejamento, além da realização de entrevistas semiestruturadas para identificação das redes de apoio dos chefes de família dessas localidades.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

- Analisar a influência da condição de segregação socioespacial na configuração das redes de apoio familiares em regiões periféricas em uma cidade média.

2.2. Objetivos Específicos

- Caracterizar o processo de urbanização de Viçosa-MG e desenvolver um índice de segregação socioespacial da cidade;

- Analisar comparativamente as realidades vividas pelas famílias residentes nas duas regiões urbanas identificadas com os mais altos índices de Segregação Socioespacial e a região urbana Centro em Viçosa-MG, e compreender quais os efeitos desse fenômeno sobre as condições de vida dessas populações;

- Identificar, caracterizar e analisar a estrutura, a função e as relações de sociabilidade que emergem nas redes de apoio das famílias que residem em regiões periféricas e central de Viçosa-MG.

- Verificar a relação entre a condição de segregação socioespacial e as redes de apoio de famílias residentes em regiões periféricas e central da cidade de Viçosa-MG.

QUADRO 1 - Operacionalização dos objetivos específicos a partir dos seus respectivos indicadores, fonte e análise de dados:

Objetivos Específicos	Indicadores	Fonte/Análise de dados
1- Caracterizar o processo de urbanização de Viçosa-MG e desenvolver um índice de segregação socioespacial da cidade;	<ul style="list-style-type: none"> -Dados Socioeconômicos -Infraestrutura -Transporte público -Saúde -Educação -Emprego -Déficit habitacional -Distância do centro -Violência 	<p>Dados Secundários: Censur Viçosa, 2014; Viação União, 2016; Google Maps, 2017; Plano Diretor de Viçosa, S.d; Blog Saúde Viçosa, S.d e Portal da Saúde -PMV, S.d., Policia Civil de Viçosa (2017) e fotos aéreas de Viçosa.</p> <p>Pesquisa Bibliográfica: Teses, dissertações e Artigos científicos já produzidos sobre Viçosa.</p>
2- Analisar comparativamente as realidades vividas pelas famílias residentes nas duas regiões urbanas identificadas com os mais altos índices de Segregação Socioespacial e a região urbana Centro em Viçosa-MG, e compreender quais os efeitos desse fenômeno sobre as condições de vida dessas populações.	<ul style="list-style-type: none"> -Perfil Socioeconômico -Perfil Familiar -Perfil migratório -Acessibilidade de transportes -Perfil habitacional -Violência -Infraestrutura do bairro -Condições materiais do domicílio 	<p>Coleta através de dados primários: Aplicação de 196 questionários (Survey). Amostragem probabilística.</p>
3- Identificar, caracterizar e analisar a estrutura, a função e as relações de sociabilidade que emergem nas redes de apoio das famílias que residem em regiões periféricas e central de Viçosa, MG.	<ul style="list-style-type: none"> -Estrutura: Tamanho da rede; densidade; grau de centralização, homofilia (sexo e membros da família na composição da rede) e o localismo. -Função: Tipos de suporte recebido: Natureza emocional-afetiva, dinheiro, suporte material, informacional e etc. -Relações: Fenômenos relacionais que aparecem nas redes. Ou seja, as relações existentes entre os membros das redes e a dinâmica de rede que essas relações configuram. 	<p>Coleta através de dados primários: Entrevista semiestruturada.</p> <p>Posteriormente fazer a análise de redes sociais (sociometria) para desenvolvimento das representações analíticas.</p> <p>Calculo de densidade, Grau de centralização e elaboração de Grafos (Desenho de redes) (Software Ucinet)</p>

	Quem se mexeu para oferecer ajuda; quem se mostrou disponível a ajudar, apoiando-os moralmente ou materialmente. Número de sociabilidades e número de apoios diferentes recebidos.	
4- Verificar a relação entre a condição de segregação socioespacial e as redes de apoio de famílias residentes em regiões periféricas e central da cidade de Viçosa-MG.	-Índice de segregação socioespacial -Estrutura e atributos das redes de apoio	Relacionar o Índice de segregação socioespacial frente às características estruturais e atributos das redes de apoio. Teste Kruskal-Wallis (Não paramétrico) para amostras independentes (Software SPSS, versão 20)

Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. O conceito de Segregação Socioespacial

Ao longo do século XX, duas correntes principais se destacaram no que se refere a estudos sobre o conceito de segregação socioespacial. A primeira, que se inicia entre as décadas de 30 e 40 com análises produzidas por pesquisadores da Escola de Chicago e, a segunda, de caráter marxista, que ganha força a partir das décadas de 60 e 70, principalmente com pesquisadores franceses.

De acordo com a corrente de pensamento da Escola de Chicago, a segregação é considerada uma característica presente em todas as cidades. Em outras palavras, esses pesquisadores se voltaram à observação da paisagem urbana, buscando assim perceber se, de fato, a segregação socioespacial se confirmava a partir da localização das diferentes classes sociais em lugares específicos e afastados. Acreditavam dessa forma, que a segregação é resultado de um processo de preferências individuais de cada um que vive na cidade. Assim sendo, para essa corrente, a segregação é um fato natural, comum e inerente do processo de urbanização, o que descarta assim a importância ou a necessidade de se analisar e entender os atores, as causas e os fundamentos desse processo (VIEIRA e MELAZZO, 2012).

Vários autores contribuíram com tais estudos, um deles é Georg Simmel, teórico da Sociologia formal, que exerceu grande influência na Escola de Chicago. No início do século XX, o autor desenvolveu estudos a respeito da vida mental metropolitana abordando a essência da metrópole na intensificação da vida calculista dos indivíduos. Em “As metrópoles e a vida mental” de 1903, aponta a relação dual entre metrópole e vida mental e, a partir de

certos insights sociopsicológicos, Simmel tece considerações a respeito da atitude de indiferença do típico habitante da metrópole moderna e seus determinantes (SIMMEL, 2004).

Outro autor, Robert E. Park, considerado um dos grandes influenciadores da Escola de Chicago, apresenta em seu artigo “A Cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano” publicado em 1916, considerado seu trabalho mais significativo, uma espécie de manifesto ou roteiro de estudos que acabou orientando seus próprios trabalhos futuros, bem como os de outros, como Ernest Burgess e Roderick McKenzie (LUZ, 2013). Assim, nessa obra o autor estuda a cidade como um “organismo social”, às vezes se colocando em nível estritamente ecológico, e em outras ocasiões, entra pelo campo mais propriamente do sociológico. Esse autor exerceu e ainda exerce grandes influências sobre os estudos urbanos nos Estados Unidos (PARK, 1987).

Louis Wirth, por sua vez, sociólogo urbano e considerado o maior teórico de estudos urbanos norte-americanos, em “O Urbanismo como modo de Vida” publicado em 1938, afirma que o ponto principal de nossa sociedade moderna está no crescimento das cidades e que ela abarca as várias formas de associações humanas e é o local onde os vários grupos convivem com suas diferenças no mesmo espaço. Ou seja, utilizou do urbano como categoria explicativa por si só (WIRTH, 1987).

A corrente marxista, por sua vez, diz que a segregação socioespacial é a reprodução no território da divisão social do trabalho. Essa abordagem percebe a relação do Estado no ordenamento do espaço urbano, juntamente aos grupos hegemônicos e dominantes do capital. Esses atores acabam influenciando na manutenção de uma dispersão controlada da classe trabalhadora, reproduzindo dessa forma as relações sociais que criam um vínculo paradoxal entre centro e periferia no espaço intra-urbano (SCHAEFFER, 2003).

Dentro dessa perspectiva da corrente marxista alguns autores dão destaque maior a diferentes aspectos. Alguns focam na ideia de que o processo de segregação é resultado de uma luta ou disputa por localizações (o espaço urbano é tido como uma mercadoria), a qual se dá, no entanto, entre grupos sociais ou entre classes (CASTELLS, 1983; VILLAÇA, 2001, 2011; MARICATO, 1997, 2000; LEFEBVRE, 1999, 2002; GUIMARÃES, 2015; BONDUKI, 1998, 2010). E como resultado, distintas classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões ou conjunto de bairros da metrópole (VILLAÇA, 2001). Dessa forma, a localização da moradia (em relação ao centro) se torna indicador importante, uma vez que envolve o deslocamento de pessoas ou produtos entre locais de moradias (Periferia) e os de produção e consumo (Centro). Ou seja, a segregação como separação social (VILLAÇA, 1998, 2001; CALDEIRA, 2000). Do Lago (2002) e

Maricato (1997, 2000, 2013), de maneira complementar falam que a segregação além de separação, também significa desigualdade de acesso.

Para Sposito (2016) a Segregação Socioespacial se revela quando as formas de diferenciação causam uma separação espacial radical e implicam quebra, sempre relativo, da região segregada e o conjunto do espaço urbano, gerando conseqüentemente uma dificuldade nas relações e nas articulações que movem a vida na cidade.

No Brasil, o mais conhecido padrão de segregação é o do centro x periferia (CALDEIRA, 2000), onde o centro apresenta acesso a serviços urbanos, seja público ou privado, ocupado pelas camadas de mais alta renda e a periferia, ao contrário, subequipada e longínqua, é ocupada pelas camadas de mais baixa renda (VILLAÇA, 2001). Esse processo acaba por criar uma dualidade entre cidade dos ricos e cidade dos pobres, ou mesmo entre cidade legal e cidade ilegal (BONDUKI, 2010). Ou seja, dessa maneira, a segregação socioespacial se tornou uma marca forte na consolidação das periferias, em comparação às melhores e maiores condições das camadas altas e médias da sociedade nas disputas por prioridades estatais e por recursos públicos. Essa ausência nas periferias foi contínua na urbanização periférica, desenvolvendo uma estrutura precária, com insuficientes equipamentos sociais, déficit de infra-estrutura e melhorias urbanas essenciais, resultado da ocupação desordenada e ilegal, que acaba por comprometer a qualidade de vida, a mobilidade, acesso a serviços e também ao mercado de trabalho (HUGHES, 2004).

Lojkine (1981) por sua vez, diz que a segregação socioespacial é uma manifestação da renda fundiária, onde a classe de mais alta renda acaba ficando com as terras de mais alto valor e as pessoas de mais baixa renda, ao contrário, com as mais baratas. Contudo, esse aspecto já foi refutado por vários trabalhos empíricos, um deles é o trabalho de Alonso (1965), referindo-se às cidades dos Estados Unidos da América. No Brasil, de acordo com Villaça (2001), nem sempre as camadas mais ricas ocupam as terras mais caras (de maior preço por metro quadrado), mesmo que isso ocorra na maioria das vezes. Não obstante, a classe de mais alta renda também ocupa terras baratas nas periferias de nossas cidades.

Por outro lado, segundo Villaça (2001), outros autores como Vetter e Massena (1982) e Pinçon-Charlot (1986) dão destaque ao aspecto da pressão de poderes políticos e econômicos sobre o Estado, que acabam agenciando distribuição desigual dos investimentos em infraestrutura. Corroborando com essa perspectiva, Castells (1983) aponta a importância da política no processo de segregação. Em outras palavras, o autor aponta como a atuação e o papel exercido pelas diferentes forças e atores políticos e ideológicos estão presentes e atuantes na organização e produção do espaço urbano na sociedade capitalista.

Uma dessas forças ou atores políticos é o próprio Estado, que acaba contribuindo com o processo de segregação na medida em que é responsável pela formulação e implementação das políticas públicas, em destaque as habitacionais (CASTELLS, 1983 e LOJKINE, 1981), na formulação de legislações urbanística, na fiscalização e nos processos de planejamento e gestão da cidade. A segunda força ou ator político são os detentores do capital, que atuam promovendo as distribuições desiguais com toda sua representatividade junto às autoridades e seu poder de barganha e lóbi, além do uso de mecanismos de cooptação e controle, utilizando-se da imprensa, para manipular as classes média e baixa. A terceira força ou ator político segundo Castells (1983), que acaba influenciando no processo de Segregação Socioespacial, são as próprias classes sociais menos favorecidas, devido ao seu limitado acesso às informações, falta de representatividade em espaços de discussão e participação ou mesmo por seu próprio desinteresse. Complementando essa perspectiva, Lojkine (1981) afirma que a organização espacial urbana é resultado da divisão social do trabalho, com uma ação fundamental do Estado o qual é apropriado pela classe dominante para realização de seus interesses, em detrimento da sociedade em geral.

Outros autores analisam esse processo de segregação socioespacial como sendo resultado de uma luta ou disputa por localizações, a qual se dá, no entanto, entre grupos sociais ou entre classes (GIST e FAVA, 1968; VILLAÇA, 2001,2011; MARICATO, 1997, 2000; LEFEBVRE, 2002; GUIMARÃES, 2015; BONDUKI, 1998, 2010). Dentro dessa corrente, algumas pesquisas datadas dos anos 1970 e início dos 1980 se voltaram para as questões que envolvem as periferias – locais afastados do centro, habitados pela população trabalhadora, desprovidos tanto de serviços, quanto de equipamentos públicos marcados por condições sociais e urbanas muito precárias (BONDUKI e ROLNIK, 1982). Caldeira (2000), por sua vez, busca explicar como o crescimento dos crimes, o crescente medo da violência e as grandes transformações que vem passando as cidades nas décadas 80 e 90 do século XX, têm ajudado a produzir um novo padrão de segregação em São Paulo, os “Enclaves Fortificados”. Além disso, outros estudos, a partir de então, têm predominado seus enfoques nas causas e não nos efeitos da Segregação Socioespacial (DO LAGO, 2006).

Percebe-se nos últimos anos, no contexto brasileiro, alguns trabalhos que vem se preocupando tanto com contribuições teóricas quanto empíricos no que se refere ao conceito. Sogame (2001) faz em seu ensaio uma reflexão com base em Castells e Lefebvre no que se refere ao processo de urbanização e segregação socioespacial brasileiro e identificou que, nas últimas décadas, a contínua expansão das metrópoles brasileiras em direção aos espaços mais longínquos revela a distinção social e espacial da produção de dois tipos diferenciados de

segregação: o da população rica e o da população pobre. E conclui que, em ambas, se constituem formas urbanas caracterizadas pela produção de espaços homogêneos, descontínuos, fragmentados e hierarquizados.

Vieira e Melazzo (2003) da mesma forma em seu ensaio, discutem o conceito de Segregação Socioespacial como elemento central na produção do espaço urbano. Para isso, traz as ideias de Castells, Lefebvre e Lojkin para explicar que a dimensão processual da segregação indica que espaços e relações sociais não se reduzem um ao outro, mas interagem e se condicionam mutuamente.

Gonçalves (2010) por sua vez, realiza uma análise teórica revelando que a segregação socioespacial constitui um dos fatores impeditivos para a utilização do espaço público e, conseqüentemente, para a efetividade do Direito à Convivência Comunitária da Criança e do Adolescente, impedindo ajustes básicos na formação das futuras gerações. Ou seja, assim como a proteção do espaço doméstico é fundamental para a efetivação do Direito à Convivência Familiar, a coexistência da criança e do adolescente no espaço fora da família, espaço de socialização ou inter-relacionamento, também se torna fundamental no pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Quanto aos trabalhos empíricos, no que se refere ao conceito de segregação socioespacial no Brasil, percebe-se um grande número de autores que buscaram entender seus efeitos em várias cidades brasileiras em diferentes regiões.

Alguns trabalhos (SCHAEFFER, 2003; CARVALHO, SOUZA E PEREIRA, 2004; HUGHES, 2004; CAIADO, 2005; ALMEIDA JUNIOR, WHITACKER, 2007; DA SILVA, 2009; MARINHO, SCHOR, 2009; SILVA, 2009; CUNHA, JAKOB 2010; LOLIS, 2011; BARBOSA, 2013; DA SILVA, STEPHAN, 2015; MAGALHÃES, 2015) identificaram o papel do estado como indutor do processo de segregação socioespacial em algumas cidades brasileiras. Seja pelo planejamento urbano, que definiu uma ocupação dispersa, ou ocupação seletiva no espaço urbano, causando elevados custos sociais para a população de baixa renda, dificultando a efetivação da função social da Cidade. Seja no direcionamento de investimentos em infraestrutura para áreas nobres em detrimento de áreas de baixa renda, desprovidas desses serviços.

Já outros trabalhos (SPOSITO, 2007; CARVALHO E PEREIRA, 2007; RODRIGUES, 2010; ALVES, 2011; BARTOLI, 2012) revelam o papel do capital imobiliário na efetivação do processo de segregação socioespacial quer seja: 1) nas privatizações de áreas públicas, que segregam ainda mais as populações de baixa renda, que “perdem” o direito de frequentar tais espaços, agora exclusivos; 2) pela lógica dos processos especulativos com a

terra, que se organizam segundo a lógica da indústria da construção civil que acaba determinando a segregação socioespacial da cidade, ou 3) pela efetivação dos condomínios fechados, que fragmentam ainda mais o espaço urbano. Em suma, segundo Vieira e Melazzo (2012), os autores dessa corrente percebem o processo de Segregação Socioespacial como efeito das desigualdades existentes nas relações sociais entre as diferentes classes sociais, resultando no acesso desigual à cidade, seja pela sua localização espacial ou pelo acesso aos bens de consumo coletivos. Essas desigualdades são potencializadas tanto pela ação direta do estado, pela lógica capitalista do mercado imobiliário ou pela luta entre as classes por localidades no espaço interurbano.

3.2. Análise de Redes Sociais

Para entender a questão proposta e assim poder explicar os padrões de relações (redes de apoio) em regiões segregadas, busca-se nesse tópico explicitar autores que definem o conceito de Redes Sociais. Nas Ciências Sociais, o conceito de redes tem sido utilizado em três perspectivas, conforme aponta Marques (2000). Na primeira delas, o conceito é utilizado como metáfora, ancorado no estudo de White (1992) que é o mais antigo e também o mais difundido. Essa perspectiva está presente em inúmeros estudos os quais trabalham com a ideia de que “entidades, indivíduos ou mesmo ideias estão de alguma forma conectados entre si” (MARQUES, 2000, p.126). Para Lazega e Higgins (2014, p.7):

“Uma rede social (metáfora do sistema de interdependências) é definida metodologicamente (por razões técnicas) como um conjunto de relações específicas (por exemplo, colaboração, apoio, aconselhamento, controle ou ainda influência) entre um conjunto finito de atores”.

O segundo caráter de utilização tem função normativa, de modo a determinar algumas formas de estruturação de um dado conjunto de entidades, de maneira a alcançar determinados objetivos (SENHORAS, 2013; COMPANS, 2013; BASTOS, 2007). Ou seja, o conceito com essa perspectiva abrange, por exemplo, “a estruturação dos fluxos e tarefas no interior de uma indústria, de forma a se alcançar economia de tempo/recursos ou aumento da produtividade, ou a localização de atividades, insumos e equipamentos em uma região geográfica, de forma a otimizá-los” (MARQUES, 2000, p.126).

Já a terceira forma de utilização, diz respeito especificamente à análise das redes sociais (ARS). Essa, por sua vez, considera as redes “não apenas como metáfora da

estruturação das entidades na sociedade, mas também como método para a descrição e a análise dos padrões de relação nela presentes” (ibid., p.126).

Assim, a análise de redes sociais (ARS) é entendida como uma forma objetiva de identificação das conexões (laços ou relações) e pontos (nós ou atores) em um sistema determinado (rede pessoal ou total) gerando a partir de então representações dos padrões estruturais de relações que podem ser mais ou menos constantes, ou totalmente imprevisíveis e não-lineares (FAZITO, 2002).

Wasserman e Faust (1994) dizem que a característica fundamental da ARS é lidar com dados relacionais; quer dizer, aqueles que expressam relações (conexões ou laços) entre objetos (nós, indivíduos, grupos) diversos. Portanto, a análise se volta para as relações que esses indivíduos estabelecem com outros coparticipantes em determinado contexto social e não apenas nos atributos individuais. De forma complementar Valente (2010) diz que tais redes descrevem as relações entre pessoas, e também entre as pessoas e as coisas.

Marques (2009b) entende as redes sociais como representações analíticas dos contextos e dos padrões de relações que cercam uma dada situação social, e que elas são influenciadas por diversos condicionantes socioeconômicos, como: segregação, sexo, idade, escolaridade, renda, migração, frequência, associações e o efeito desses condicionantes tende a circularidades que perpetuam as situações sociais e relacionais e reproduzem desigualdades de forma persistente.

Nas últimas décadas a noção de rede social e os métodos de análise de redes sociais têm atraído grande interesse e curiosidade na área das ciências sociais e comportamental. Esse interesse pode ser atribuído ao foco que a análise de rede social emprega sobre as relações entre entidades sociais, os padrões e implicações dessas relações. Ou seja, muitos pesquisadores perceberam que a perspectiva de redes permite uma nova alavancagem para responder questões importantes em pesquisa na área de ciências sociais e comportamentais, uma vez que estabelece uma definição precisa aos aspectos do ambiente estrutural político, econômico ou social (WASSERMAN e FAUST, 1994).

Freeman (2004) diz que a instrumentalização da análise e desenvolvimento de um método pós os anos 30, mais vigorosamente a partir dos anos 70, possibilitou o avanço analítico para além das metáforas, bem como de uma investigação sistemática dos efeitos dos padrões de relações entre entidades sociais sobre vários fenômenos sociais. Ou seja, a ARS é um campo de estudo relativamente recente, que parte da ideia de que seu foco deve se voltar para as relações, e não somente nos atributos das entidades sociais (EMIRBAYER, 1997).

Em suma, o ambiente social, observado a partir do ponto de vista da análise da rede social, pode ser expresso como padrões ou regularidades nas relações entre unidades que interagem. Para tanto, esse foco nas relações e nos padrões de relações necessita de um conjunto de métodos e conceitos analíticos distintos dos métodos tradicionais de estatística e análise de dados (WASSEMAN e FAUST, 1994).

Esses métodos de redes sociais se desenvolveram nos últimos cinquenta anos como parte integrante dos avanços na teoria social, na pesquisa empírica, na matemática e estatística formal. Muitas das principais medidas estruturais e noções de análise de redes sociais surgiram de perspicácias de pesquisadores que procuram descrever fenômenos empíricos. O resultado dessa relação simbiótica entre teoria e método é uma forte base de técnicas analíticas de rede tanto na aplicação como na teoria (idem, 1994).

Wasseman e Faust (1994) entendem que além do uso de conceitos relacionais, é importante também entender conceitos como: atores e suas ações, vistos como interdependentes em vez de unidades independentes e autônomas; Os laços relacionais (elos) entre os atores, entendidos como canais de transferência ou "fluxo" de recursos (materiais ou não-materiais); modelos de rede centrados em indivíduos, que consideram o ambiente estrutural da rede como fornecedor de oportunidades ou restrições à ação individual e os modelos de rede, que conceituam a estrutura (social, econômica, política, etc.) como padrões duradouros de relações entre atores. Ou seja, o ponto forte no desenvolvimento de métodos de análise de redes sociais é o fato de que a unidade de análise na ARS não é o indivíduo, mas uma entidade composta por uma coleção de indivíduos e as ligações entre eles.

Assim, o conceito de rede enfatiza o fato de que cada indivíduo tem laços com outros indivíduos e cada um, por sua vez, está vinculado a um, a alguns ou a muitos outros, e assim por diante. Ou seja, entende-se a redes sociais como um conjunto de atores e os laços entre eles. Com isso, o analista de rede procuraria modelar essas relações para descrever a estrutura de um grupo e então estudar o impacto dessa estrutura sobre o funcionamento do grupo e/ou sobre a influência dessa estrutura sobre os indivíduos do grupo (WASSEMAN e FAUST, 1994).

Para Valente (2010) os atributos como sexo, idade, nível educacional, renda, ocupação e etnia também são muito importantes e influenciam as atitudes, crenças e comportamentos de uma pessoa. Ou seja, os atributos influenciam quem essas pessoas conhecem e se relacionam (sua rede social). Embora os atributos individuais sejam importantes e possam, em parte, determinar a rede social de uma pessoa, a análise de rede se concentra nos tipos de relações que as pessoas têm e como essas relações influenciam o comportamento.

Para tanto existem vários conceitos-chave no centro da análise de rede que são fundamentais para a discussão das redes sociais. Esses conceitos são: ator, laço relacional, díade, tríade e outros. Assim sendo, para os pesquisadores que utilizam essas medidas, entende-se que os métodos de rede se iniciam e se concentram em díades (dois atores e seus laços), tríades (três atores e seus laços), ou sistemas maiores (subgrupos de indivíduos ou redes inteiras).

Explicando mais a fundo esses conceitos Valente (2010) diz que, os atores são unidades sociais individuais, corporativas ou coletivas discretas. Ou seja, são pessoas em um grupo, ou departamentos dentro de uma corporação, agências de serviço público em uma cidade, ou estados-nação no sistema mundial. A maioria das aplicações de rede social se concentram em atores que são do mesmo tipo (pessoas em um grupo de trabalho). Essa aplicação é chamada de One-mode. O laço relacional por sua vez, diz respeito aos laços sociais que ligam os atores. Seu intervalo e tipo de laços podem ser bastante extensos. Alguns dos exemplos mais comuns de vínculos empregados na análise de rede são: Avaliação de uma pessoa por outra (amizade, simpatia ou respeito); Transferências de recursos materiais (transações comerciais, pegar empréstimos ou emprestar); Associação ou afiliação (participar conjuntamente de "um evento social, ou pertencer ao mesmo clube social); Interação comportamental (conversando, enviando mensagens); Movimento entre lugares ou status (migração, mobilidade social ou física); Ligação física (uma estrada, rio ou ponte ligando dois pontos); Relações formais (autoridade); Relação biológica (parentesco ou descendência).

Mark Granovetter (1973, 1985), autor tradicional dentro da teoria de redes, contribui com essa dimensão relacional da ARS. Desenvolve uma tipologia específica que revela os vínculos interpessoais, a saber: os laços fracos, aqueles de menor intensidade e frequência (como nas relações com amigos de amigos) e laços fortes, de grande intensidade e alta frequência (como nas relações entre familiares e amigos mais íntimos) para explicar as relações entre os indivíduos. Em seus trabalhos, Granovetter (1973, 1985), observa que os “laços fracos” são capitais para a dispersão da inovação, por serem redes constituídas de indivíduos com conhecimentos e concepções diferentes. Nas redes de “laços fortes” por sua vez existe uma identidade comum e, nesse contexto, as relações provocadas nessas trocas não se desdobram para além dos grupos. Assim sendo, nessas redes procuramos auxílios para tomadas de decisões; é constatado pelo autor que são relações com alto nível de credibilidade e influência.

Dessa forma, os indivíduos que compartilham “laços fortes” conseqüentemente acabam participando de um mesmo círculo social, enquanto que indivíduos que partilham de

relações de “laços fracos” são importantes para nos conectar com múltiplos outros grupos, irrompendo a configuração de “ilhas isoladas” desses grupos, admitindo assim a configuração de uma rede social. Ou seja, as relações fundamentadas em “laços fortes” levam a um tipo de rede, definindo assim a configuração dos nós da rede de conexões entre os indivíduos e as relações de “laços fracos” por sua vez, funcionam como pontes desses grupos. Em suma, quanto menos relações de “laços fracos” existirem numa sociedade estruturada em grupos (“laços fortes”), menos pontes e menos inovação.

O autor (id. 1973, 1985) verifica ainda que, indivíduos que apresentam poucos “laços fracos” serão privados de informações de componentes mais afastados de seu próprio sistema social, e por consequência, se limitarão ao conhecimento ou às informações advindas exclusivamente de amigos mais reservados.

Assim sendo, com ausência de “laços fracos”, a maior parte da população tem a tendência a permanecer isolada, presa em seus grupos. Ou seja, “laços fracos” são fundamentais para integração de indivíduos à sociedade. Em outras palavras, sistemas sociais desprovidos de “laços fracos” serão fraturados e desconexos, informações vão difundir-se vagarosamente, e subgrupos apartados por raça, etnia e geografia.

A díade, ponto inicial de uma análise de redes, é descrito por Valente (2010), como sendo uma ligação ou relacionamento que estabelece um vínculo entre dois atores. O laço é inerentemente uma propriedade do par e conseqüentemente não é pensado como pertencendo simplesmente a um ator individual. Ou seja, consiste então, em um par de atores e o laço (s) possível (s) entre eles. A análise diádica focaliza nas propriedades de relacionamentos, ou seja, se os laços têm reciprocidade ou não, se os tipos específicos de relacionamentos múltiplos tendem a ocorrer juntos ou não. Já a tríade, é descrita como um subconjunto de três atores e os (possíveis) laço (s) entre eles. Muitos métodos e modelos importantes de redes sociais se concentram na tríade, a teoria do equilíbrio é uma delas. Essa teoria descreve sobre a tríade transitiva (se o ator W "gosta" do ator j, e o ator j, por sua vez, "gosta" do ator k, então o ator W também "gosta" do ator k) e tríade equilibrada (Se atores W e j gostam um do outro, então W e j devem ser semelhantes em sua avaliação de um terceiro ator k, e se W e j não gostam um do outro, então eles devem diferir em sua avaliação de um terceiro ator, k) (VALENTE, 2010).

Em suma, Borgatti et al. (2009) dizem que: "Uma das ideias mais fortes nas ciências sociais é a noção de que os indivíduos estão inseridos em teias densas de relações e interações sociais" (p.892). Contudo, Valente (2010) complementa dizendo que as redes sociais na maioria das vezes revelam quem conhece quem ou, quem fala com quem dentro de uma

comunidade ou organização e os modelos de rede são construídos para mostrar como essas relações influenciam atitudes, crenças e comportamentos.

3.2.1. Análises de Redes por Atributos e Estruturais

Marques (2010a e 2010b) e Marques e Bichir (2011) faz uma análise de redes quanto aos atributos, dizendo que estas são fortemente impactadas por mecanismos que envolvem recursos econômicos, processos educacionais e migratórios, a geografia urbana e a segregação e os acúmulos de vantagens e desvantagens na trajetória de vida. Dessa forma, o autor considera algumas dimensões importantes para se entender as redes quanto aos atributos (Homofilismo e localismo) ou por vínculos (laços fortes ou laços Fracos).

No que se refere às dimensões de análise voltadas para os atributos, a homofilia é característica de uma relação que revela a coincidência de atributos entre os indivíduos. Segundo Marques e Bichir (2011, p. 68), esse aspecto é considerado importante uma vez que “relações entre indivíduos com atributos diferentes tendem a veicular mais frequentemente informações e recursos materiais e imateriais não redundantes”.

Outra dimensão importante para o entendimento de redes (atributos) é o localismo, que diz respeito ao número de indivíduos que residem próximo ao ego, o que acaba evidenciado menor ou maior proximidade geográfica das esferas de sociabilidade desenvolvidas junto à família, amigos, vizinhos, colegas de trabalho e etc (MARQUES e BICHIR, 2011).

Já em nível estrutural calcula-se métricas que permitem comparar as redes entre si e fazer inferências sobre o grau de coesão, densidade e o tamanho da rede e centralidade (Quadro 2 a seguir). Estas métricas estão relacionadas à velocidade e com a capacidade de propagação de informações pelos nós.

QUADRO 2 – Medidas Estruturais

Medidas	Descrição
Centralidade média	Número médio de conexões entre os indivíduos
Densidade	Representa a proporção de ligações existentes na rede em relação ao total de ligações potenciais. Quanto maior a densidade maior a coesão da rede
Grau de Centralização	Mede a proporção média de ligações que um ator tem em relação ao total de ligações.
Tamanho da rede	Número de indivíduos na rede.
Diâmetro da rede	Maior distância entre dois indivíduos considerando a via mais curta entre eles.
Distância média	Média da distância entre os indivíduos (número de links)
Distância média	Desvio padrão da distância média

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Wasserman & Faust (1994) e Borgatti et al. (2013)

As principais medidas de centralidade são: Degree que aponta o número de conexões não direcionadas de cada indivíduo. Ou seja, representa o quanto o indivíduo é conectado aos demais. (“a” e “b” estão conectados); Indegree revela o número de conexões que indicam o indivíduo como referência técnica para os demais. Está associado ao número de vezes que cada indivíduo foi citado como referência técnica. (“a” foi indicado como referência por “b”); Outdegree aponta o número de conexões que um indivíduo forma para esclarecer dúvidas técnicas. (“a” indicou “b”). Já a Beta-centralidade é um indicador similar ao grau de conexão (Degree), porém leva em consideração o grau de conexão dos indivíduos aos quais o indivíduo em análise está ligado (“a” tem maior Beta do que “e”, pois “b” está conectado a “c” e “d” e “f” somente a “g”). Betweenness representa o grau de intermediação de um indivíduo, ou seja, a capacidade de articular informações entre grupos de indivíduos. (“a” é um intermediário entre os grupos “b, c” e “d, e”) (PRELL, 2012; WASSERMAN & FAUST, 1994 e BORGATTI et al., 2013).

3.2.2. Redes Primárias e Redes Secundárias

As redes sociais são divididas em duas grandes categorias de acordo com suas características e elementos distintivos, são elas: as redes primárias e redes secundárias, que podem ser formal ou informal (SANICOLA, 2015). Especificamente para essa pesquisa nos focaremos nas redes primárias, contudo, conceituaremos as demais para melhor entendimento das redes sociais.

De acordo com Sanicola (2015, p.59), as redes primárias são “constituídas por laços de família, parentesco, amizade, vizinhança e trabalho. Em seu conjunto, formam uma trama de relações que confere a cada sujeito identidade e sentimento de pertencer”. As redes secundárias formais, por sua vez, são formadas de laços que se estabelecem entre instituições, organizações do mercado e organizações do terceiro setor. Já as redes secundárias informais são formadas pelos laços que se constituem entre pessoas visando resposta a uma das necessidades imediatas. Para a autora, tanto as redes primárias quanto as secundárias, se caracterizam por três dimensões: estrutura, funções e dinâmica:

A estrutura é dada pelo conjunto de laços perceptíveis que se estabelecem entre pessoas e entre redes. Esses laços, quando acionados, geram conexões que dão forma às redes. As redes são constituídas por laços, conexões, malhas e trocas que tem como ponto de confluência os nós de redes. Essa estrutura peculiar confere à realidade a que chamamos rede algumas propriedades típicas, como a flexibilidade, a transparência, a resistência, a sinergia das forças e a duplicidade. As redes desempenham múltiplas funções, possíveis graças às propriedades que lhes são conferidas pela estrutura. Suas funções principais podem ser resumidas no apoio e na contenção. Graças justamente a sua duplicidade, as redes podem apoiar e ao mesmo tempo conter. A dinâmica das redes é constituída pelos movimentos que, como veremos, permitem fazer circular informações, veicular forças internas, levar essas forças a confluírem nos pontos de maior carga e redistribuí-las (SANICOLA, 2015. P 61).

Sanicola (2015) explica que as redes primárias são compostas pelo conjunto de laços de família, parentesco, vizinhança, amizade, trabalho e tempo livre e que cada uma dessas esferas acaba por desenvolver competências específicas e características que impactam nas redes por múltiplos fatores, como a proximidade ou a preferência.

Para a autora a família forma o nó central dessa rede primária. Ou seja, inúmeras vezes ela representa de fato para o indivíduo um recurso muito valioso, tanto no dia a dia em questões reais, quanto em termos de educação e afetividade, uma vez que é nela que aprendemos a viver em relação, desenvolvendo assim a capacidade de constituir relacionamentos e a competência para lidar com as redes. Portanto, ela constitui a nossa primeira experiência relacional, que de alguma maneira orientará ou determinará as nossas relações seguintes (SANICOLA, 2015).

A família é o primeiro nó de uma pessoa e por dois fatores principais é considerada o mais importante das redes em função de dois fatores. O primeiro deles está associado ao fato de que a família permanece como laço desde o nascimento até a morte dos indivíduos. E, mesmo que se transforme, seja pelo fim do casamento ou pela separação de seus membros, ela irá continuar presente tanto na experiência simbólica dos sujeitos quanto na experiência

social. Além disso, a família forma o nosso primeiro capital humano e social, que é adquirindo desde o nosso nascimento. Portanto, uma pessoa que não tem família é mais pobre (SANICOLA, 2015):

A família não se inscreve na esfera dos laços que podemos escolher, mas constitui uma relação vinculativa, e, mesmo na hipótese de que alguém tenha de estabelecer um distanciamento construtivo e proposital, ou de interromper ou eliminar relações familiares, a família continua a ser um ponto de referência que sempre reaparece – para o bem e para o mal-, rerepresentando-se como recurso ou obstáculo. Se é verdade que os laços familiares são fonte de muitos sofrimentos em diversas situações, é também verdade que a falta de uma família gera graves dificuldades para a pessoa em todas as idades da vida e que a fragilidade do nó familiar enfraquece não apenas as redes, mas a sociedade como um todo (SANICOLA, 2015, p. 62).

Para Sanicola (2015) a família cumpre um lugar importante perante os indivíduos e o grupo familiar ampliado, pois ela tem a função de educação do eu, de cuidado, de transação e de proteção. Tem função de educação do eu, pelo fato de constituir a experiência da primeira socialização, permitindo o desenvolvimento das competências de rede do indivíduo como: confiança, a reciprocidade, o espírito de colaboração, a esperança e a capacidade de investir no futuro. Tem funções de cuidado, visto que, grande parte das vezes, pode assumir as necessidades dos seus membros e que, perante aqueles mais frágeis, movimenta a solidariedade das redes primárias e ativa o acesso às redes secundárias. Exerce função de transação, pois é ela quem apresenta a dimensão comunitária e social ao indivíduo, possibilitando a transmissão e recebimento de valores, recursos e competências seja do interior da família para as redes ou vice-versa.

Por fim, exerce a função de proteção, visto a sua capacidade em selecionar e filtrar o que vem de fora da família, protegendo e defendendo seus membros tendo o bem comum como finalidade. Em suma, quanto mais sólido e competente é esse nó, principalmente nos aspectos educativos e relacionais, maior a coesão social, participação cívica e empenho social, fatores que aparecem por meio da vida das redes.

Os laços de parentesco por sua vez, também:

Ocupam um espaço importante nas redes; embora a mobilidade territorial das famílias as torne fisicamente menos próximas, desenvolve-se nas pessoas uma capacidade de manter relações a distância, como também de selecionar, entre os laços de parentesco, as relações mais significativas, às quais – segundo o critério da preferência – serão garantidas uma estabilidade e uma continuidade, o que ocorrerá em menor medida com as relações sentidas como menos fundamentais. O parentesco, na lógica da pertinência à família, tem como ponto mais precioso de sua competência o cuidado que oferece a seus membros; essa competência, tendo por base o critério da proximidade, se manifesta quando surgem necessidades

específicas, como doença, ou em situações de emergência (SANICOLA, 2015, p. 63).

Já os laços de vizinhança revelam a atribuição do vizinho primordialmente pela proximidade física, ou seja, permite a esses, mobilização e respostas a situações de emergência, a necessidades que esse sujeito presencia ou visualiza por estar por perto ou até mesmo por uma necessidade de pouco peso e que está limitada no tempo (SANICOLA, 2015).

Diferentemente das relações familiares, as quais não escolhemos, as relações de amizade são as que expressam melhor o critério de nossa preferência. Quer dizer que, cada indivíduo da família cultiva relações de amizade que vez ou outra não são partilhadas por outros membros, seja pelas distâncias ou até mesmo pela forte distinção dos espaços que cada pessoa está imersa. Assim, para Sanicola (2015), a relação de amizade está relacionada diretamente a proximidade afetiva que se mantém mesmo quando existe uma distância física, seja no compartilhamento de alegrias e dores do outro, em saber guardar um segredo, na lealdade e também em aconselhamentos apropriados. Em suma, sua competência de ajuda não tem seu foco direcionada ao cuidado do corpo, ou às necessidades físicas, mas as necessidades afetivas.

Para Sanicola (2015, p.66):

Os laços de amizade são muito desenvolvidos na juventude, mas se reduzem progressivamente ao longo da história dos indivíduos, à medida que a vida põe à prova a lealdade mútua. O adulto é mais exigente e tende a selecionar a quantidade, já que precisa de laços de qualidade, ante a redução do tempo que dispõe para se dedicar aos amigos.

Para a autora (SANICOLA, 2015) há duas condicionantes de significado cultural que determinam o fato de às vezes, quanto mais uma pessoa envelhece, menor é o número de amigos presentes na rede: o modo de viver o trabalho (Local) como sendo a totalidade da vida de relações, e o modo de viver a família como local de todas as possibilidades de vida das relações. Esse aspecto fica claro em redes de pessoas idosas, ou seja, uns possuem ainda uma vida de relações que não tem nada a ver com laços familiares, ou em outros casos, vivem sozinhos. Contudo, podem contar com os filhos, para aqueles que os têm. E isso se forem leais.

Alguns laços podem apresentar certas semelhanças, como é o caso dos laços que se estabelecem no campo do trabalho ou do tempo livre com os laços criados nas relações de vizinhança ou de amizade. Em outras palavras, “um bom colega é como um bom vizinho; ao

mesmo tempo, pode vir a ser um amigo. E, nesse caso, o laço irá além dos vínculos de local e de tempo do trabalho” (SANICOLA, 2015, p.66).

Portanto, de acordo com Sanicola (2015) entende-se que aqueles que cultivaram uma boa vida de relações no âmbito do trabalho façam uma nova averiguação dessas relações, uma vez que, existe um grande risco de se ficar completamente sozinho após sua aposentadoria. Ou em outro caso, no momento em que se perca o interesse por qualquer forma particular de lazer, jogo de futebol, baralho, sinuca ou bingo.

Para Sanicola (2015) a história dos sujeitos, os encontros e acontecimentos ao longo da vida e os ciclos vitais são os três elementos que induzem à construção das nossas redes primárias. Em outras palavras, nossas redes se iniciam com o nosso nascimento, no acolhimento por uma família. Conforme as nossas vidas se estendem, as redes vão se distanciando daquelas que adquirimos no nascimento, principalmente pelas diferenças das relações pessoais, seja pelos nossos colegas de escola, os amigos do dia a dia e os colegas de trabalho, que acabam mostrando as nossas preferências e opções de relacionamento.

Sanicola (2015, p. 67), de forma complementar diz que:

Graças a um encontro, como, por exemplo, com alguém que acabamos de conhecer ou com um amigo que não vemos há muito tempo, ou a um acontecimento, como uma mudança de bairro, de cidade ou de emprego, as redes primárias se modificam, já que passam a fazer parte delas uma ou mais pessoas que antes não estavam presentes. Diante de um evento mais ou menos intensamente crítico, os laços se reforçam ou enfraquecem, estabelecem-se novos entendimentos ou criam-se conflitos. Enfim, coincidindo com os ciclos vitais – como o ingresso na escola e as passagens de uma série para outra e de um grau para outro, o ingresso no mundo do trabalho, o casamento, o nascimento dos filhos, a saída dos filhos do seio da família, etc. -, as redes sofrem mudanças importantes, a ponto de serem profundamente modificadas sua estrutura, as funções desempenhadas pela própria rede e as dinâmicas de relacionamento em seu interior e com as outras redes.

Portanto, redes primárias são geradas ao longo do tempo, ou seja, não podem ser criadas nem produzidas, uma vez que a sua estrutura é profundamente ligada à liberdade de escolha que os indivíduos possuem e também dos coletivos que as formam. Entretanto podem ser elevadas, movimentadas e direcionadas, quando identificadas reconhecidas e valorizadas (SANICOLA, 2015).

3.2.3. Redes Sociocêntricas e Egocêntricas

Existem duas formas de se captar as relações sociais de um determinado grupo, o primeiro sendo pela via das redes sociocentradas (redes totais) e o segundo pelas redes pessoais, também conhecidas como redes egocentradas. Para McCarty (2002) assim como nos

estudos de redes totais, as redes pessoais (egocêntrico) também se concentram nas relações sociais do indivíduo. Quando utilizada, normalmente obtém-se os nomes dos parentes, amigos e conhecidos dos entrevistados que a princípio não têm nenhuma relação entre si. Esses dados são analisados posteriormente resumindo ao fim as características dos membros da rede para cada entrevistado. Este tipo de dado permite aos pesquisadores estudar elementos como as características das redes de apoio social (WELLMAN; WORTLEY, 1990), as mudanças no apoio social após um desastre natural (BEGGS; HAINES; HURLBERT, 1996), a influência das redes no comportamento entre adolescentes negros no transporte de uma arma (MYERS ET AL., 1997), a relação entre o uso de drogas injetáveis e transmissão do HIV (NEAIGUS ET AL., 1994), ou o efeito de redes no comportamento de voto (NIEUWBEERTA; FLAP, 2000).

Em contraste, pesquisadores que estudam as redes totais (sociocentradas) estão interessados nos padrões de relações entre os entrevistados que formam um grupo social definido. Os grupos podem ser: membros de um clube, uma classe de escola ou até mesmo um comitê executivo de uma empresa. Além disso, buscam medir a força da ligação entre todos os membros do grupo, e com isso, se dispõem de uma matriz de proximidade que representa os padrões de relacionamentos. Para isso, aplicam um conjunto de técnicas de análises baseado em matrizes, algumas delas exclusivas para a análise de redes sociais (como a centralidade e densidade), e outros que são habitualmente usadas na estatística multivariada (tais como análise de cluster e escalonamento multidimensional).

Para McCarty (2002) os investigadores que seguem a abordagem de redes completas poderão analisar diferentes situações: Padgett e Ansell (1993) que analisaram a formação do Estado na Itália renascentista; Gerlach (1992) que analisou a estrutura das redes corporativas japonesas ou Raider (1998) que analisou a inovação empresarial em organizações pertencentes a redes onde há mercados muito competitivos em comparação a mercados com menor grau de concorrência e competição.

Frequentemente entre os pesquisadores de redes sociais se assume que a aplicação de análise típica de redes totais não pode estender-se as redes pessoais. Contudo, salvo algumas exceções, não há motivos matemáticos ou estatísticos que impeçam a implementação de técnicas matriciais aos dados de redes pessoais (McCARTY, 2002).

Em primeiro lugar, gerar matrizes de dados dos entrevistados consome muito tempo além de ser potencialmente caro. Importante entender também que os dados das redes pessoais dos entrevistados são gerados por eles mesmos, de modo que eles próprios têm de avaliar a força da ligação entre cada par de membros da rede. Por exemplo: para uma rede

com um tamanho de 50 pessoas, significa 1.225 pares. Para uma rede de 100 pessoas significa 4.950 casais.

Para McCarty (2002) uma parte do comportamento é sim guiado pelas percepções do entorno físico ou social, e que o relatório dos entrevistados sobre os laços acaba refletindo o ambiente social. Além disso, para o autor (idem, 2002) os entrevistados podem relatar de forma confiável as relações entre os membros da rede, especialmente quando informam apenas a presença ou ausência de uma relação. Além disso, as estruturas derivadas dos dados de redes pessoais são importantes para os entrevistados, o que reforça a ideia de que a sua avaliação em relação aos laços sociais é confiável.

Resumindo, em um estudo de redes completas o objetivo é a obtenção de uma estrutura, onde cada membro contribui igualmente para esta estrutura de rede e alguns membros da rede serão mais centrais do que outros, graças à contribuição de todos os membros da rede. Ou seja, até quem está fora do grupo contribui para a definição de uma posição mais central de outro membro da rede. A abordagem de rede pessoal por sua vez, é concebida para determinar a influência de cada membro da rede sobre o entrevistado. Esta abordagem se baseia então no fato de que cada membro da rede não contribui igualmente para a personalidade e comportamento do ego. O autor diz que uma análise estrutural não dá conta de responder a todos questionamentos relacionados a um só membro. Entretanto, a partir de uma análise dos atributos pode-se ver como os atributos dos membros da rede estão associados com a estrutura.

Vários são os estudos que se debruçam sobre essa perspectiva. No que se refere à literatura internacional, pode-se considerar de extrema riqueza os estudos sobre o mercado de trabalho realizado por Granovetter (1973), evidenciando a importância fundamental dos vínculos fracos (menor intensidade e frequência) para a propagação de informações no que se refere ao emprego. Pavez (2005), por sua vez, diz que atualmente há um consenso entre os autores que estudam a temática de que tanto os vínculos fortes (grande intensidade e alta frequência) quanto os fracos devem ser levados em consideração, sendo, contudo, relacionados a fenômenos diferentes.

Dessa forma, os vínculos fracos geralmente ajudam na veiculação de informações, e até mesmo na construção de coordenação política. Os vínculos fortes, ao contrário, ganham importância quando se trata de fenômenos de coesão, comando e relações mais verticalizadas. Mas ambos não são excludentes, e podem ser considerados na análise de uma mesma situação.

Portugal (2014) por sua vez, mostra em seu trabalho a centralidade da família e das redes sociais na produção de bem-estar, mostrando que na realidade de Portugal há um modelo de proteção social apoiado nas solidariedades familiares (entre membros da família) e nas transferências intergeracionais, ou seja, avô ou avó fornecendo suporte (dinheiro, roupa, eletrodomésticos e etc.) a seus filhos e assim por diante.

Há trabalhos que voltaram seus olhares para a realidade brasileira e são de grande importância para entendimento de nossos problemas urbanos e sociais. Como referências nacionais apresentam-se as pesquisas de Marques (2009a e 2009b) e Marques e Bichir (2011), as quais contribuem para o entendimento da importância das redes na sociabilidade cotidiana dos indivíduos. Essas pesquisas deram ênfase à análise das redes de apoio social no cotidiano, particularmente em termos dos cuidados com crianças e idosos, pequenos reparos, problema de saúde, empréstimos de mantimentos e dinheiro e outros, bem como na busca por emprego e em crises de saúde em bairros pobres e periféricos de Rio de Janeiro, Salvador e em São Paulo.

Lazega e Higgins (2014) por sua vez, explicam o conceito e o uso da ARS com base em um estudo de redes empírico realizado numa organização colegial e em um escritório de advocacia de negócios, analisando especificamente três redes sociais onde associa seus membros quanto à colaboração, aconselhamento e a amizade, permitindo assim explorar a natureza da hierarquia, as diferenças de status ou o sistema de autoridade do conjunto social. Ou seja, mostra como a estrutura relacional permite associar a posição de um ator de acordo com seus comportamentos.

Após apresentação e construção do referencial teórico que vai nortear as análises que se seguem, apresenta-se um quadro que busca sintetizar as correntes teóricas, seja para o conceito de segregação socioespacial, seja para redes sócias, além de seus aspectos e autores que contribuíram para o desenvolvimento dos conceitos.

QUADRO 3 - Sínteses dos Conceitos Teóricos

	Correntes	Aspectos	Autores
Segregação Socioespacial	A segregação como efeito das desigualdades existentes nas relações sociais entre as diferentes classes sociais	<u>Aspectos do capital imobiliário</u>	Lojkine (1981)
		<u>Aspectos políticos e papel do Estado</u>	Castells (1983), Villaça (2001,2011), Maricato (1997,2000), Gist e Fava (1968), Guimarães (2015), Bonduki (1998, 2010), Caldeira (2000), Lefebvre (2002)
		<u>Aspectos Subjetivos da Segregação (Luta pelos espaços)</u>	
	A segregação como um fato natural (Escola de Chicago)	<u>Aspecto funcionalista e naturalização do problema</u>	Georg Simmel (1903), Robert E. Park (1916), Louis Wirth (1938)

Redes Sociais	<u>Perspectiva da rede como metáfora.</u>	Mack (1995), Siber (1995),
	<u>Perspectiva da função normativa da rede</u>	Senhoras (2005), Bastos (2007), Castells (1983).
	<u>Perspectiva da análise de redes sociais.</u>	<p>Redes Totais (Sociocentradas) Gerlach (1992), Smith e White (1992), Padgett e Ansell (1993), Wasseman e Faust, (1994), Raider (1998), Lin (2001), Lauman e Knoke, (1987), Lazega e Higgins (2014), e Sanicola (2015).</p> <p>Redes Pessoais (Egocentradas) Mark Granovetter (1973), Marques (2000, 2009a, 2009b, 2010) Marues e Bichir (2011), McCARTY (2002), White (1981, 1992, 1995), Portugal (2014).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

Além disso, foi elaborado também um quadro sintético de operacionalização das variáveis que explicam cada um dos conceitos e conseqüentemente os objetivos traçados nessa tese. Assim, no lado esquerdo do quadro apresenta-se os indicadores, dados primários e secundários em relação ao conceito de segregação socioespacial e do lado direito o conceito de redes sociais e os dados primários para desenvolvimento da pesquisa.

QUADRO 4 - Operacionalização das variáveis

PROBLEMA DE PESQUISA	
Como a condição de segregação socioespacial repercute na configuração das redes de apoio de famílias residentes em bairros periféricos de uma cidade média mineira?	
SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL	REDES SOCIAIS
<p>DADOS PRIMÁRIOS: Questionário (survey) Perfil socioeconômico; Perfil familiar; Perfil migratório; Acessibilidade de transportes; Perfil habitacional; Violência; Infraestrutura do bairro; Condição material do domicílio.</p> <p>DADOS SECUNDÁRIOS: Dados socioeconômicos – Renda média familiar, renda per capita familiar, média</p>	<p>DADOS PRIMÁRIOS: Entrevista semiestruturada</p> <p>As três dimensões de análise das redes sociais são: estrutura, função e relações.</p> <p>Estrutura - Tipo de rede presente, características estruturais das redes como a Tamanho da Rede: Quantos indivíduos são lembrados como apoio direto nos momentos de necessidade, quantas pessoas estão presentes; Densidade: quantas pessoas se conhecem; Laços: Fortes (familiares: Primo, tia, avós, mãe, pai, irmãos e outros) ou fracos (Amigos, vizinhos, colegas de trabalho e etc).</p>

do rendimento mensal do trabalho dos integrantes da população economicamente ativa - PEA (homens e mulheres), pessoas com idade igual ou superior a 15 anos alfabetizadas, proporção da população em idade escolar que frequenta a escola (de 6 a 24 anos).

Infraestrutura urbana – Serviços associados à coleta de lixo.

Serviços de transporte público – Linhas de ônibus presentes no bairro, bem como o número de dias por semana em que há esse serviço.

Saúde – População usuária de plano de saúde, número de estabelecimentos Programa Saúde da Família (PSF's) e número de hospitais por região.

Indicadores de vulnerabilidade familiar – Percentual das famílias com pelo menos um caso de vulnerabilidade em relação ao total de famílias com vulnerabilidade no município e percentual das famílias com pelo menos um caso de vulnerabilidade em relação ao total de famílias por região.

Educação - Número de pré-escolares (municipais), número de escolas de 1ª à 4ª série (municipais e estaduais), número de escolas de 5ª a 8ª série (municipais e Estaduais), número de escolas supletivo, número de escolas de 2º grau (municipais, estaduais e federais) e número de escolas particulares.

Emprego - Taxa de desemprego.

Violência – Porcentagem de furtos, roubos e número de assassinatos.

Déficit habitacional – Densidade (número de moradores por domicílio) e 6 ou mais pessoas vivendo no mesmo domicílio.

Distância do centro – Em quilometragem e tempo do centro à região de planejamento.

Homofilismo: Característica de uma relação que descreve a coincidência de atributos entre os indivíduos;

Localismo: Diz respeito à proporção da rede que habita próximo ao ego, sugerindo maior ou menor circulação geográfica, assim como o pertencimento a esferas de sociabilidade geograficamente distantes ou próximas.

Funções- Tipos de suporte recebido: Natureza emocional-afetiva, dinheiro, suporte material, informacional e etc.

Relações- Fenômenos relacionais que aparecem nas redes. Ou seja, as relações existentes entre os membros das redes e a dinâmica de rede que essas relações configuram. Quem se mexeu para oferecer ajudas, quem se mostrou disponível a ajudar os chefes de família, apoiando-os moralmente ou materialmente.

Fonte: Elaborado pelo autor (2016) com base em Sanicola (2015), Marques (2000, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b, 2013) e Marques e Bichir (2011), Census (2014), Viação União (2016), Google Maps (2017), Plano Diretor de Viçosa (S.d), Blog Saúde Viçosa (S.d), Portal da Saúde -PMV (S.d) e Policia Civil de Viçosa (2017)

Dessa forma, os dados primários para o conceito de segregação socioespacial foram coletados por meio de um questionário e os dados primários para o conceito de redes sociais por meio de uma entrevista semiestruturada (Serão discutidos de forma mais aprofundada nas

metodologias dos referentes objetivos a frente). Ou seja, esse quadro foi elaborado para facilitar a visualização e entendimento das variáveis, indicadores e estratégias de busca de informações que serão utilizadas ao longo do trabalho.

5. ESTRUTURAÇÃO DA TESE

A estrutura desta tese foi elaborada em formato de artigos, totalizando 4 capítulos e mais uma conclusão geral. O primeiro capítulo, diferente dos demais, buscou apresentar e discutir as categorias teóricas de análise as quais sustentam essa tese, a saber: segregação socioespacial e redes sociais. A partir delas, construiu-se a sustentação teórica sob as discussões centrais deste trabalho, especificamente tratados nos capítulos seguintes. Assim, este primeiro capítulo se apresentou da seguinte forma: o problema de pesquisa, a justificativa teórica, o referencial teórico e o objetivo geral e específicos. Esses últimos foram utilizados como referência para o desenvolvimento e construção de cada um dos artigos desenvolvidos.

No segundo capítulo, intitulado “URBANIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL: PENSANDO O ESPAÇO URBANO DE VIÇOSA-MG A PARTIR DA ELABORAÇÃO DE UM ÍNDICE DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL”, foi desenvolvido um índice de segregação socioespacial da cidade de Viçosa, a partir de 27 indicadores, possibilitando a identificação do nível de segregação socioespacial das regiões urbanas de planejamento. Em seguida, foi realizada uma análise histórica, por meio da contextualização do processo de urbanização e segregação socioespacial daquelas duas regiões urbanas com os mais elevados índices, para identificação dos fatores e agentes que influenciaram nesse processo.

As análises relacionadas ao “EFEITO DA SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL SOBRE AS CONDIÇÕES DE VIDA DAS FAMÍLIAS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS REGIÕES PERIFÉRICAS E CENTRAL DA CIDADE DE VIÇOSA-MG” dispostas no terceiro capítulo foram feitas a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, por meio de caracterização da região central, como grupo de controle e de duas regiões urbanas de planejamento com os mais elevados índices de segregação socioespacial. Essas foram selecionadas por meio do índice de segregação socioespacial desenvolvido no capítulo anterior. Essas análises comparativas permitiram perceber as peculiaridades de cada região tanto por meio da observação quanto por meio das percepções de seus moradores.

No quarto e último capítulo, intitulado “REDES DE APOIO FAMILIARES EM REGIÕES PERIFÉRICAS DE UMA CIDADE DE PORTE MÉDIO” identificou-se e descreveu-se os atributos das redes de apoio (quem faz parte da rede, tipos de ajudas mais recorrentes, número de ajudas recebidas, sexo das pessoas envolvidas) dos chefes de família em cada uma das três regiões urbanas de planejamento, bem como o nível de homofilismo e localismo das redes. Além disso, revelou-se as estruturas de rede, ou seja, tamanho das redes, densidade das redes e grau de centralização que prevalecem nas redes em cada região, permitindo constatar a relação entre a condição de segregação socioespacial com as estruturas de redes encontradas.

Para finalizar, apresenta-se na última seção uma conclusão geral com os principais achados da pesquisa. Foi realizado uma síntese dos 4 capítulos para que, dessa forma, a pergunta de partida fosse respondida, qual seja: como a condição de segregação socioespacial repercute na configuração das redes de apoio de famílias residentes em bairros periféricos de uma cidade média mineira?

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA JÚNIOR, A. R.; WHITACKER, A. M. Segregação socioespacial em cidades médias: diferenças ou semelhanças? Um estudo sobre o Jardim Cinquentenário e o Jardim Morada do Sol e Presidente Prudente – SP. **Geografia em Atos**, n. 7, v. 2, Presidente Prudente, 2007

ALVES, G. A. A segregação socioespacial na metrópole paulista. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, n. 29, p. 33-42, 2011.

BARBOSA, R. G. Planejamento urbano e segregação socioespacial na cidade de Macapá. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 6, n. 6, p. 135-148, 2013.

BARTOLI, E. Segregação socioespacial e o direito à natureza urbana na cidade de manaus (Socio-spatial segregation and the right to urban nature in the city of Manaus). **ACTA GEOGRÁFICA**, v. 6, n. 11, p. 97-116, 2012.

BASTOS, V. B; VIANA SANTOS M. Redes sociais informais e compartilhamento de significados sobre mudança organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, v.47, n. 3, p.1-13, 2007.

BEGGS, J. J; HAINES, V. A.; HURLBERT, J. S. “Situational Contingencies Surrounding the Receipt of Informal Support,” **Social Forces** 75: 201-222, 1996.

BORGATTI, S. P., MEHRA, A., BRASS, D. J., & LABIANCA, G. Network analysis in the social sciences. **Science**, 323, 892-895, 2009.

BORGATTI, S. P.; EVERETT, M. G.; JOHNSON, J. C. **Analyzing Social Networks**. SAGE, 2013.

- CAIADO, M. C. S. Estruturação intra-urbana na região do Distrito Federal e entorno: a mobilidade e a segregação socioespacial da população. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 22, n. 1, p. 55-88, 2005.
- CARVALHO, I. M. M; SOUZA, A. G; PEREIRA, G. C. Polarização e Segregação Socioespacial em uma Metrópole Periférica. **Caderno CRH**, v. 17, n. 41, 2004.
- CARVALHO, I. M. M; CORSO PEREIRA, G. Dinâmica metropolitana e segregação socioespacial. **Caderno CRH**, v. 20, n. 50, 2007.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- COMPANS, R. O Paradigma das Global Cities nas estratégias de desenvolvimento local. Uma reflexão crítica. **Anais: Encontros Nacionais da ANPUR**, v. 8, 2013.
- CUNHA, J. M. P.; JAKOB, A. A. E. Segregação socioespacial e inserção no mercado de trabalho na Região Metropolitana de Campinas. **Revista Brasileira de Estudos de População (Impresso)**, v. 27, p. 115-139, 2010.
- DA SILVA, J. M. P. Segregação socioespacial: contradições presentes em Palmas/TO. Risco: **Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, n. 9, p. 124-132, 2009.
- DA SILVA, O. H. R.; STEPHAN, Í. I. C. Segregação Socioespacial na região metropolitana de Belo Horizonte: O estigma de Ribeirão das Neves/MG. **Revista Políticas Públicas & Cidades-2359-1552**, v. 3, 2015.
- DE SOUZA MARIA, A. C; DE ALMEIDA FARIA, T. C; STEPHAN, I. I. C. Um retrato da evolução urbana de Viçosa-MG: impactos da federalização da UFV sobre a cidade (1969-2014). **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, v. 3, n. 1, p. 37-54, 2015.
- EMIRBAYER, M. "Manifesto for a relational sociology". **American Journal of Sociology**, 103 (2): 231-317, 1997.
- FAZITO, Dimitri. A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. **Encontro da associação de estudos populacionais**, v. 13, n. 4, 2002.
- FREEMAN, L. **The development of social network analysis**. Vancouver, Empirical Press, 2004.
- GONÇALVES, B. V. L. O direito da criança e do adolescente à convivência comunitária: o ministério das cidades na institucionalização das políticas de combate à segregação socioespacial urbana. **Confluências| Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 11, n. 2, p. 141-152, 2010.
- GERLACH, M. L. "The Japanese Corporate Network: A Blockmodel Analysis," **Administrative Science Quarterly** 37: 105-34, 1992.
- GOULART, J; T TERCI, E; VANALE OTERO, E. Segregação socioespacial e política urbana em cidades médias no Brasil contemporâneo (2001-2011). **Caderno CRH**, v. 29, n. 78, 2016.
- GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**. v.78, n. 6. p. 1360-1380, 1973.
- GRANOVETTER, M. Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness. **American Journal of Sociology**. v. 91, n.3, p. 481-510, 1985.
- HUGHES, P. J. A. Segregação socioespacial e violência na cidade de São Paulo: referências para a formulação de políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, v. 18, n. 4, p. 93-102, 2004.

GUIMARÃES, M. C. R. Os movimentos sociais e a luta pelo direito à cidade no Brasil contemporâneo. *Serv. Soc. Soc.*, n. 124, p. 721-745, 2015.

KAGEYAMA, A. A. Desenvolvimento territorial do Brasil. Aspectos históricos. IN: KAGEYAMA, A. A. **Desenvolvimento Rural**. Conceitos e Aplicações ao caso brasileiro, p. 85-116. UFRGS Editora. 2008.

LAZEGA, E; HIGGINS, S. S. **Redes sociais e estruturas relacionais**. Belo Horizonte: Fino Trato, 2014.

LOLIS, D. (2011) Homicídios de jovens e segregação socioespacial em Londrina. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 31, n. 2, p. 221-240.

MAIA, D. S. Cidades médias e pequenas do Nordeste: conferência de abertura. **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, p. 15-41, 2010.

MAGALHÃES, L. F. A; TONIN, V. H. Segregação socioespacial e luta por moradia na grande Florianópolis: raízes e características da Ocupação Contestado. **Revista de Ciências Humanas**, v. 49, n. 2, p. 224-255, 2015.

MARINHO, T. P; SCHOR, T. Segregação socioespacial, dinâmica populacional e rede urbana na cidade de Parintins/AM. **Geografares**, n. 7, 2009.

MARQUES, E. **Estado e redes sociais**: Permeabilidade e coesão nas Políticas Urbanas no Rio de Janeiro. FAPESP, 2000.

MARQUES, E. As redes sociais importam para a pobreza urbana. **Dados**, v. 52, n. 2, p. 471-505, 2009a.

MARQUES, E. As redes importam para o acesso a bens e serviços obtidos fora de mercados? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 71, p. 25-40, 2009 b.

MARQUES, E. **Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo**. São Paulo, tese de livre docência, Edusp, 2010.

MARQUES, E. Como são as redes de indivíduos em situação de pobreza no Brasil urbano? **Anais: Encontros Nacionais da ANPUR**, v. 13, 2013.

MARQUES, E; BICIR, R. Redes de apoio social no Rio de Janeiro e em São Paulo. **Novos Estudos-CEBRAP**, n. 90, p. 65-83, 2011.

MARQUES, E; CASTELLO, G. Pobreza e Localismo: Comparações entre São Paulo e Salvador. Communication présentée au congrès de l'Anpocs, Caxambu, manuscrit, 2010.

McCARTY, C. **Structure in personal networks**. *Journal of social structure*, v. 3, n. 1, p. 20, 2002.

NEAIGUS, A; FRIEDMAN, S. R; RICHARD C, DES JARLAIS, D. C; FURST, R. T; BENNY J; MOTA, P; STEPHERSON, B. SUFIAN, M; WARD, T. and WRIGHT, J. W. "The Relevance of Drug Injectors' Social and Risk Networks for Understanding and Preventing HIV Infection," **Social Science and Medicine** 38: 67-78, 1994.

NIEUWBEERTA, P; FLAP, H. "Crosscutting Social Circles and Political Choice: Effects of Personal Network Composition on Voting Behavior in The Netherlands," **Social Networks** 22: 313-335, 2000.

PAVEZ, T. R. **Políticas Públicas e Ampliação do Capital Social em Comunidades Segregadas**: o Programa Santo André Mais Igual. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

- PINÇON-CHARLOT, M. et al. **Ségrégation urbaine**. Paris, Anthropos, 1986.
- PORTUGAL, S. **Famílias e Redes Sociais - Ligações fortes na produção de bem-estar**. Leya, 2014.
- PRELL, C. **Social network analysis: History, theory and methodology**. 1. ed. London: Sage, 2012.
- PADGETT, J. F; ANSELL, C. K. "Robust Action and the Rise of the Medici, 1400-1434," **American Journal of Sociology**, 98: 1259-1319, 1993.
- RAIDER, H. J." Market Structure and Innovation," **Social Science Research** 27: 1-20, 1998.
- RODRIGUES, N. M. Segregação socioespacial e ações do plano diretor no bairro Maria Eugênia e a área central de viçosa. MG. **Rev. Geogr. Acadêmica**, v. 4, n. 1, p. 56-70, 2010.
- SANICOLA, L. **As dinâmicas de rede e trabalho social**. 2ª ed, São Paulo: Vera Editora, 2015.
- SCHAEFFER, M. F. C. Segregação socioespacial no Distrito Federal. **Revista Katálysis**, v. 6, n. 2, p. 237-248, 2003.
- SENHORAS, E. Martins. A indústria automobilística sob enfoque estático e dinâmico: uma análise teórica. **Anais do VIII SEMEAD**, 2005.
- SILVA, M. L. **Expansão da cidade de Viçosa (MG): a dinâmica centro periférica**. 138 f. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Geografia do Departamento de Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.
- SILVA, R. B. A segregação socioespacial urbana em Presidente Prudente-SP. **Revista da Católica, Uberlândia**, v. 1, n. 2, p. 81-104, mai/ago 2009.
- SOGAME, M. Rudimentos para o exame da urbanização em sua fase crítica: uma aproximação ao conceito de segregação socioespacial. **Geografares**, n. 2, 2001.
- SPOSITO, M. E. B. (2007) Reestruturação urbana e segregação socioespacial no interior paulista. **Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, v. 11.
- VALENTE, Thomas W. **Social networks and health: Models, methods, and applications**. Oxford University Press, 2010.
- VETTER, D.; MASSENA, R. "Quem se apropria dos benefícios líquidos dos investimentos do Estado em infra-estrutura? – Uma teoria da causação circular", in L. A. Machado da Silva (org.), **Solo urbano – Tópicos sobre o uso da terra**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.
- VIEIRA, A. B; MELAZZO, E S. Introdução ao conceito de segregação socioespacial. **Formação (Online)**, v. 1, n. 10, 2012.
- WASSERMAN, S. e FAUST, K. **Social Network Analysis, Methods and Applications**, Cambridge University Press, Cambridge, UK, 1994.
- WHITE, H. "Where do market come from? " In: **American Journal of Sociology**. Vol 87, no 3, 1981.
- WHITE, H. Identity and Control: a structural theory of social action. **Princeton: Princeton University Press**, 1992.
- WHITE, H. "Network switchings and bayesian forks: reconstructing the social and behavioral sciences". In: **Social Research: An international quaterly of the social sciences**. Vol 62, no 4, 1995.

WELLMAN, B; WORTLEY, S. "Different Strokes from Different Folks: Community Ties and Social Support," **American Journal of Sociology** 96: 558-588, 1990.

CAPITULO 2

URBANIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL: PENSANDO O ESPAÇO URBANO DE VIÇOSA-MG A PARTIR DA ELABORAÇÃO DE UM ÍNDICE DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

URBANIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL: PENSANDO O ESPAÇO URBANO DE VIÇOSA-MG A PARTIR DA ELABORAÇÃO DE UM ÍNDICE DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

URBANIZATION AND SOCIO-SPATIAL SEGREGATION: THINKING THE URBAN AREA OF VIÇOSA-MG FROM THE PREPARATION OF A SOCIO-ESSENTIAL SEGREGATION INDEX

RESUMO

O presente trabalho objetivou analisar o espaço urbano da cidade de Viçosa-MG a partir da elaboração de um Índice de Segregação Socioespacial (ISSE). Para tanto, em um primeiro momento, realizou-se uma análise do espaço urbano de Viçosa por meio de um resgate histórico do seu processo de urbanização. Em seguida, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre o conceito de Segregação Socioespacial, identificando assim aqueles indicadores que explicam o fenômeno, e posteriormente uma pesquisa documental (base de dados secundários) sobre os indicadores selecionados, para depois elaborar o ISSE. Como resultado, a pesquisa revelou a importância da elaboração de um índice de Segregação Socioespacial uma vez que permitiu através da síntese dos indicadores, trazer a luz a situação do fenômeno de forma objetiva e complementar ao resgate histórico. Ou seja, através dos resultados foi possível identificar o nível de Segregação Socioespacial da cidade de Viçosa e categorizar quais regiões são mais afetadas por esse tipo de segregação. Em síntese, com a aplicação desse método foi possível gerar resultados e análises que auxiliem em futuras pesquisas, uma delas seria entender mais a fundo as mazelas dessas regiões com alta segregação socioespacial. Além disso, os resultados também podem constituir-se em subsídio no planejamento de políticas públicas e intervenções do poder público municipal na medida em que apontam nessas áreas uma estrutura precária, com insuficientes equipamentos sociais, déficit de infraestrutura e melhorias urbanas essenciais, resultado da ocupação desordenada e ilegal, os quais acabam por comprometer a qualidade de vida, a mobilidade, acessos a serviços e ao mercado de trabalho.

Palavras-chave: Urbanização; Segregação Socioespacial; Direito à Cidade; Viçosa-MG

ABSTRACT

The present work aimed to analyze the urban space of the city of Viçosa-MG from the elaboration of a Socio-spatial Segregation Index (ISSE). Therefore, at first, an analysis of the urban space of Viçosa was made through a historical rescue of its urbanization process. Afterwards, a bibliographical research was carried out on the concept of Socio-spatial Segregation, thus identifying those indicators that explain the phenomenon, and later a documentary research (secondary database) on the selected indicators, to later elaborate the ISSE. As a result, the research revealed the importance of the elaboration of a Socio-spatial Segregation index, since it allowed, through the synthesis of the indicators, to bring to light the situation of the phenomenon in an objective and complementary way to the historical rescue. That is, through the results it was possible to identify the level of Socio-spatial Segregation of the city of Viçosa and to categorize which regions are most affected by this type of segregation. In summary, with the application of this method, it was possible to generate results and analyzes that would help in future research, one of them would be to understand more deeply the problems of these regions with high socio-spatial segregation. In addition, the results also enable assistance in the planning of public policies and interventions of the municipal public power in areas that need greater attention, be it building schools,

implementing family health programs (PSFs), improving street infrastructure and lighting, reducing violence rates and providing accessibility to work and consumption areas.

Key-words: Urbanization; Socio-spatial Segregation; Right to the City; Viçosa-MG

1. INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XX, principalmente, presenciou-se no Brasil um crescimento muito rápido de suas cidades, e como consequência desse processo, a população mais pobre acabou sendo “empurrada” para as regiões periféricas. Essa “expulsão” e “disputa” pelas melhores localidades no espaço urbano, faz com que as diferentes classes ou camadas sociais se concentrem em diferentes regiões gerais ou conjuntos de bairros, configurando o que Villaça (2001) chama de segregação. Esse fenômeno tem transformado seletivamente os espaços em termos de serviços e infraestrutura, configurando os espaços urbanos como um local importante na luta de classes (GUIMARÃES, 2015 e VILLAÇA, 2001).

Considerada uma característica marcante e um problema grave nas metrópoles brasileiras, a segregação espacial acaba criando regiões ou bairros muito particulares. De acordo com Ermínia Maricato (2000), a segregação socioespacial é a expressão maior da exclusão social e se configura em pontos de pobreza generalizada e seu reconhecimento se dá na dificuldade de acesso a serviços e equipamentos coletivos, menores oportunidades de emprego e profissionalização, altos índices de violência, discriminação social contra mulheres e crianças etc.

Para Villaça (2001) o mais conhecido padrão de segregação brasileiro é o do centro x periferias e se configura na medida em que o primeiro é ocupado principalmente pelas classes mais abastadas, enquanto que as periferias, ocupadas em sua maioria pela população de baixa renda, se localizam, sobretudo, longe do centro, com pouco ou nenhum serviços públicos e infraestrutura.

Na análise dos estudos que já foram feitos sobre o tema, percebe-se que a maior parte tem o seu olhar voltado para o entendimento do processo de segregação socioespacial no contexto das metrópoles brasileiras (VILLAÇA, 2001; ROLNIK, 1997; CALDEIRA, 1997, 2000). Contudo, a incidência desse processo em cidades de médio e pequeno porte do nosso território, apontam para uma lacuna que carece ser preenchida a partir dos estudos que voltem sua atenção para esse perfil de cidade. Assim sendo, a escolha por realizar a análise em uma cidade média busca suprir, em alguma medida, essa deficiência. Assim, tomou-se como

referência empírica a cidade de Viçosa, uma cidade de porte médio, entendida como cidade central⁵ para os municípios circunvizinhos, devido sua oferta de acesso a bens, serviço e emprego.

Em análises metodológicas dos estudos que buscaram medir a segregação em cidades, destacam-se o índice de dissimilaridade e o índice de Moran global⁶ (ANSELIN, 1995). Contudo, esses dois índices apresentam limitações quanto a representação do conceito de segregação socioespacial.

Sendo assim, buscando descrever a conjuntura que possibilitou tal fenômeno e assim representar de forma objetiva a situação da segregação socioespacial de Viçosa, esse trabalho objetivou entender, em primeiro lugar, o processo histórico de urbanização e segregação socioespacial da cidade e, em seguida, elaborar um índice de segregação socioespacial que abarcasse o máximo de indicadores possíveis e que explicasse de forma sintética tal fenômeno.

2. O CONCEITO DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E SEUS INDICADORES

De acordo com a corrente marxista, a segregação socioespacial é a reprodução da divisão social do trabalho no território. Dessa forma, para os autores dessa corrente a relação do Estado no ordenamento do espaço urbano, juntamente aos grupos hegemônicos e dominantes do capital, são aqueles que acabam influenciando na manutenção de uma dispersão controlada da classe trabalhadora, reproduzindo dessa forma as relações sociais que

⁵ Com base nos pressupostos teóricos da teoria das localidades centrais, estudada por Almeida (2006) em sua monografia “vou à rua: Centro urbano e centralidades do município de Viçosa-mg”, a cidade foi classificada como possuidora de um nível de centralidade forte, exercendo influência sobre os municípios de Araponga, Cajuri, Canaã, Coimbra, Ervália, Paula Cândido, Pedra do Anta, Porto Firme, São Miguel do Anta e Teixeiras. Segundo a autora, esse mercado consumidor, representado pelas cidades acima citadas, é capaz de se deslocar para o centro urbano de Viçosa para obter os bens e serviços não encontrados em seus locais de origem. Além de constituírem, muitas vezes, força de trabalho em busca de oportunidades de emprego.

⁶ O **índice de dissimilaridade**, apesar de ter sido considerado ainda em 1955 por Duncan e Duncan como o mais apropriado para a mensuração do grau de segregação entre dois grupos populacionais, ainda é muito utilizado nos dias de hoje. O índice “constitui um indicador da relação existente entre a composição populacional das unidades de área (por exemplo, setores ou bairros) e a composição populacional de toda a área de estudo (cidade ou aglomerado urbano). Conceitualmente, este índice mede a proporção da população de um grupo que deveria se mudar para outras áreas para que a composição populacional em cada uma das unidades de área seja idêntica à da cidade como um todo” (FEITOSA, 2005, p. 43). Já o **índice Moran Global** é “uma medida de auto correlação espacial, sendo bastante utilizado quando se deseja um sumário da distribuição espacial dos dados. Se comparado aos indicadores comumente utilizados para os estudos de segregação – como o índice de dissimilaridade – o índice de Moran incorpora uma dimensão bastante inovadora: testar até que ponto o nível de uma variável para uma dada área é similar ou não ao das áreas vizinhas” (BECCENER, 2014, p. 9). E assim como outros indicadores de segregação, também tende a ser afetado pela escala geográfica adotada (ANSELIN, 1995).

criam um vínculo paradoxal entre centro e periferia no espaço interurbano (SCHAEFFER, 2003).

Dentro dessa perspectiva teórica marxista há vários aspectos que são investigados pelos seus autores, uma delas, percebe esse processo como sendo uma manifestação da renda fundiária, onde a classe de mais alta renda acaba ficando com as terras de mais alto valor e as pessoas de mais baixa renda, ao contrário, com as mais baratas (LOJKINE, 1981). Contudo, essa perspectiva já foi refutada por vários trabalhos empíricos, um deles é o trabalho de Alonso (1965), referindo-se às cidades dos Estados Unidos da América. No Brasil, de acordo com Villaça (2001), nem sempre as camadas mais ricas ocupam as terras mais caras (de maior preço por metro quadrado), mesmo que isso ocorra na maioria das vezes. Não obstante, a classe de mais alta renda também ocupa terras baratas nas periferias de nossas cidades.

Segundo Villaça (2001) outros autores entendem esse processo de segregação como sendo fruto da pressão de poderes políticos e econômicos sobre o Estado, agenciando uma distribuição desigual dos investimentos em infraestrutura (LOJKINE, 1981; VETTER; MASSENA, 1982; PINÇON-CHARLOT ET AL, 1986; CASTELLS, 1983; RODRIGUES, 1979). Além disso, tais pressões agem modificando as leis urbanas em favor das classes dominantes. Ou seja, como aponta Rolnik (1997) desde a velha república as legislações urbanas atuam privilegiando apenas as classes mais abastadas.

Um terceiro aspecto trabalha com a ideia de que o processo de segregação é resultado de uma luta ou disputa por localizações, a qual se dá, no entanto, entre grupos sociais ou entre classes (CASTELLS, 1983; VILLAÇA, 2001, 2011; MARICATO, 1997, 2000; LEFEBVRE, 2002, GUIMARÃES, 2015; BONDUKI, 1998, 2010). Dentro dessa perspectiva, algumas pesquisas datadas dos anos 1970 e início dos 1980 se voltaram para a questão das periferias – locais afastados do centro, habitados pela população trabalhadora, desprovidos tanto de serviços, quanto de equipamentos públicos marcados por condições sociais e urbanas muito precárias (BONDUKI e ROLNIK, 1982). Caldeira (2000), de forma complementar, inclui alguns elementos como o crescimento dos crimes, que, segundo Izumino e Neme (2002), revelam um padrão diferenciado de violência por localidades urbanas (Homicídios em periferias e Roubos e Furtos em áreas centrais), o crescente medo da violência e as grandes transformações que vem passando as cidades nas décadas 80 e 90, para explicar a produção de um novo padrão de segregação em São Paulo, os “Enclaves Fortificados”.

Para Villaça (2001) a segregação é um processo no qual distintas classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões ou conjunto de bairros da metrópole. Ou seja, a segregação como separação social (VILLAÇA, 1998, 2001; CALDEIRA, 2000). Do Lago (2002) e Maricato (1997, 2000, 2013), de maneira complementar falam que a segregação além de separação, também significa desigualdade de acesso. Assim, a localização da moradia (em relação ao centro) é um indicador importante, uma vez que o deslocamento de pessoas ou produtos entre locais de moradias e os de produção e consumo se torna um fator limitante.

Caldeira (2000) da mesma forma, diz que o espaço urbano é organizado por padrões de diferenciação social (cultural e historicamente) e de separação, essencialmente. Para a autora (IBID., 2000), tomando o espaço urbano de São Paulo como exemplo, durante o século XX, a segregação social teve no mínimo três diferentes expressões:

A primeira estendeu-se do final do século XIX até os anos 1940 e produziu uma cidade concentrada em que os diferentes grupos sociais se comprimiam numa área urbana pequena e estavam segregados por tipos de moradia. A segunda forma urbana, a centro-periferia, dominou o desenvolvimento da cidade dos anos 40 até os anos 80. Nela, diferentes grupos sociais estão separados por grandes distâncias: as classes média e alta concentram-se nos bairros centrais com boa infraestrutura, e os pobres vivem nas precárias e distantes periferias. Embora os moradores e cientistas sociais ainda concebiam e discutam a cidade em termos do segundo padrão, uma terceira forma vem se configurando desde os anos 80 e mudando consideravelmente a cidade e sua região metropolitana. Sobrepostas ao padrão centro-periferia, as transformações recentes estão gerando espaços nos quais os diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas estão separados por muros e tecnologias de segurança, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns. O principal instrumento desse novo padrão de segregação espacial é o que chamo de "enclaves fortificados"⁷ (CALDEIRA, 2000, p. 211).

Em outras palavras, a segregação socioespacial acontece quando as formas de diferenciação causam uma separação espacial radical e implicam quebra, da região segregada e o conjunto do espaço urbano, gerando conseqüentemente uma dificuldade nas relações e nas articulações que movem a vida na cidade (SPOSITO, 2016)

No Brasil, o mais conhecido padrão de segregação é o segundo citado por Caldeira (2000), centro x periferia, onde o centro apresenta acesso a serviços urbanos, seja público ou

⁷ Espaços privatizados, fechados e monitorados, constituem o principal instrumento desse novo padrão de segregação, justificado pelo medo do crime e da violência por parte daqueles que se sentem ameaçados e preferem abandonar os espaços de livre acesso e circulação, característicos da vida urbana e do espaço público modernos (CALDEIRA, 2000, p. 211).

privado, ocupado pelas camadas de mais alta renda, e a periferia, ao contrário, subequipada e longínqua, ocupada pelas camadas de mais baixa renda (VILLAÇA, 2001). E isso acaba por criar uma dualidade entre cidade dos ricos e cidade dos pobres, ou mesmo entre cidade legal e cidade ilegal (BONDUKI, 2010). Ou seja, dessa maneira, a segregação socioespacial se tornou uma marca forte na consolidação das periferias em comparação às melhores e maiores condições das camadas altas e médias da sociedade nas disputas por prioridades estatais e por recursos públicos, e essa ausência nas periferias foi contínua na urbanização periférica. Ou seja, nessas regiões desenvolveu-se uma estrutura precária, com insuficientes equipamentos sociais, déficit de infraestrutura e melhorias urbanas essenciais, resultado da ocupação desordenada e ilegal, os quais acabam por comprometer a qualidade de vida, a mobilidade, acessos a serviços e também ao mercado de trabalho (HUGHES, 2004).

A seguir, apresenta-se um quadro de síntese conceitual em relação a segregação socioespacial. Dessa forma, o referencial teórico construído nos permitiu visualizar que o conceito de segregação socioespacial é entendido, pelos autores, como sendo a junção das categorias: Separação espacial, separação social e desigualdade de acesso, conforme descrito no quadro 1 abaixo.

QUADRO 1: Síntese conceitual

Síntese conceitual (Segregação Socioespacial)		
Categorias	Características de locais segregados socioespacialmente	Padrão de Segregação Socioespacial
Separação Espacial	Locais afastados do centro	-Centro versus Periferia -Cidade de ricos versus cidade dos pobres -Cidade legal versus cidade ilegal
Separação Social	Locais habitados por população da classe trabalhadora e marcados por condições sociais precárias	
Desigualdade de acesso	Locais desprovidos tanto de serviços quanto de equipamentos públicos	
	Locais marcados por condições urbanas muito precárias	

Fonte: Elaboração própria com base nos autores descritos no tópico 2, 2017.

Assim sendo, na primeira coluna ficam expressas as categorias que explicam o conceito, na segunda coluna as características de locais segregados socioespacialmente em relação a

cada uma das três categorias e na última coluna os padrões de segregação socioespacial descritos pelos autores.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Buscando ilustrar metodologicamente uma ação prática de análise do processo de segregação socioespacial, Sposito (2016) aponta que, assim como vários outros conceitos de natureza geográfica, a segregação deve se associar com uma escala geográfica de análise, “sem a qual sua compreensão fica vaga” (SPOSITO, 2016; p.63). Ou seja, diz que: “a segregação se refere a relação entre uma parte e o conjunto da cidade” (IBID, 2016; p.63). Nesse sentido, as ferramentas metodológicas para esse tipo de análise colocam cada parcela do espaço urbano em comparação com todas as demais, possibilitando entendimento da distribuição das condições socioeconômicas de um dado conjunto espacial.

Com intuito de facilitar a compreensão da segregação socioespacial presente na cidade de Viçosa-MG, utilizou-se como estratégia metodológica em sua primeira fase, a pesquisas bibliográficas a qual abarcou a busca de artigos, teses, dissertações e livros, utilizados na construção do referencial teórico dessa tese, envolvendo a categoria “segregação socioespacial”. Na segunda etapa realizou-se buscas por artigos, teses e dissertações que tiveram como objeto de estudo o processo de urbanização no município de Viçosa, utilizados para a construção dos resultados da pesquisa. Essas etapas da pesquisa possibilitaram desenvolver a contextualização histórica do processo de urbanização e de segregação, desvelando atores e momentos históricos que influenciaram na urbanização da cidade.

Na segunda fase, utilizou-se da pesquisa documental para elaboração de um índice que contemplasse o máximo de indicadores (disponíveis em bancos de dados secundários) que representassem o conceito de Segregação Socioespacial. Para tanto, em primeiro lugar, foi importante definir o que é um índice, antes de expor as etapas de elaboração do mesmo. Segundo Observatório Regional Base de Indicadores de Sustentabilidade – Da Indústria (2010, p.11):

O índice (ou indicador sintético) é a combinação de diversas variáveis que sintetizam um conceito abstrato complexo, em um único valor, para facilitar a comparação entre localidades e grupos distintos, possibilitando a criação de rankings e pontos de corte para apoiar a definição de, por exemplo, políticas, investimentos e ações comuns. Habitualmente, tanto os índices, quanto os indicadores, são utilizados para possibilitar o entendimento e a comparação de determinado fenômeno social ao longo do tempo e em diferentes espaços geográficos (DA INDÚSTRIA -ORBIS, 2010).

Assim sendo, existem alguns índices utilizados para medir a segregação, como é o caso do índice de dissimilaridade e o índice de Moran global que, contudo, apresentam limitações acerca do conceito de segregação socioespacial. O índice de dissimilaridade, a despeito de ser popular, apresenta deficiência quanto ao seu caráter não espacial. Já o segundo, muito embora tenha o caráter espacial, possibilitando medir a semelhança entre uma dada área e seus vizinhos, está relacionado a uma determinada variável, como pobreza ou raça, por exemplo (ANSELIN, 1995). Dessa forma, buscando relacionar o máximo de variáveis que respondam ao conceito estudado, optou-se pelo desenvolvimento de um índice que representasse a realidade da segregação socioespacial da cidade de Viçosa-MG.

A partir daí, para a elaboração do índice, fez-se necessário o cumprimento de 4 etapas, a saber: seleção de indicadores/variáveis, criação de uma planilha excel com os indicadores, definição de pesos e pontuações das variáveis e, por fim, a redução dos valores em um índice. Na primeira etapa foram selecionados os indicadores⁸ que representam o Indicador Sintético (Índice), são eles: Distância em relação ao centro, Déficit Habitacional, Dados Socioeconômicos, Infraestrutura, Educação, Acessibilidade, Vulnerabilidade⁹Familiar, Saúde, Violência e Emprego.

QUADRO 2: Síntese de variáveis, indicadores utilizados e fonte

Categorias	Variáveis	Indicadores (Dados utilizados)	Fonte
Separação Espacial	Distância em relação ao centro	1-Distância em tempo	Foi medido pelo tempo e quilometragem gerados no Google Maps a partir do ponto central das regiões conforme
		2-Distância em quilometragem	

⁸ Utilizou-se aqueles indicadores acessíveis, seja por documentos ou por sites das instituições.

⁹ Critérios de Enquadramento na Condição de Família em Situação de Vulnerabilidade Social segundo Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social - NOB / SUAS – MDS. Considera-se como população vulnerável o conjunto de pessoas residentes que apresentam pelo menos uma das características abaixo: 1- Famílias que residem em domicílio com serviços de infraestrutura inadequados. Conforme definição do IBGE, trata-se dos domicílios particulares permanentes com abastecimento de água proveniente de poço ou nascente ou outra forma, sem banheiro e sanitário ou com escoadouro ligado à fossa rudimentar, vala, rio, lago, mar ou outra forma e lixo queimado, enterrado ou jogado em terreno baldio ou logradouro, em rio, lago ou mar ou outro e mais de dois moradores por dormitório. 2- Famílias com renda familiar per capita inferior a um quarto de salário mínimo. 3- Famílias com renda familiar per capita inferior a meio salário mínimo cujo responsável tenha menos de quatro anos de estudo e com pessoas de 0 a 14 anos. 4- Família na qual o responsável é mulher, analfabeta, sem cônjuge, com filhos menores de 15 anos. 5- Família na qual há uma pessoa com 16 anos ou mais, desocupada (procurando emprego) com quatro ou menos anos de estudo. 6- Família na qual há uma pessoa com 10 a 15 anos de idade e que trabalhe. 7- Família na qual há uma pessoa com 4 a 14 anos de idade que não estude. 8- Família com renda familiar per capita inferior a meio salário mínimo, com pessoas de 60 anos ou mais. 9- Família com renda familiar per capita inferior a meio salário mínimo, com uma pessoa com deficiência.

			figura em anexo.
Separação Social	Déficit Habitacional	1-Densidade (Número de moradores por domicílio)	Cruz (2014) - Retrato Social de Viçosa V. Disponível em: http://docplayer.com.br/7597147-Retrato-social-de-vicosa.html , Acesso em: 03/03/2017 Registros da Policia Civil de Viçosa-MG, 2016.
		2-Domicílios onde 6 ou mais pessoas vivem	
	Dados Socioeconômicos	3-Renda média familiar	
		4-Renda per capita familiar	
		5-Média do Rendimento Mensal do Trabalho dos Integrantes da PEA (Homens)	
		6-Média do Rendimento Mensal do Trabalho dos Integrantes da PEA (Mulheres)	
	Saúde	7-Proporção da População Usuária de Plano de Saúde	
	Vulnerabilidade Familiar	8- Porcentagem (%) famílias com pelo menos um caso de vulnerabilidade em relação ao total de famílias com vulnerabilidade	
		9- Porcentagem (%) famílias com pelo menos um caso de vulnerabilidade em relação ao total de famílias por região	
	Violência	10- Boletins de ocorrência de Furtos	
		11-Boletim de ocorrência de Roubos	
		12-Boletim de ocorrência de	

		Homicídios	
	Educação	13-Pessoas com Idade Igual ou Superior a 15 Anos alfabetizadas	
		14-Proporção da População em Idade Escolar (de 6 a 24 anos) que frequenta a escola	
	Emprego	15-Taxa de desemprego	
Desigualdades de Acessos	Educação	1-Número de Pré-escolar (municipal)	Plano Diretor de Viçosa/Escolas, Disponível em: http://www.ufv.br/pdv/EscolasMunicipaiseEstaduais.htm e http://www.escolas.inf.br/mg/viçosa ; Acesso em: 03/03/2017
		2-Número de Escolas de 1ª a 4ª série (municipal e Estadual)	
		3-Número de Escolas de 5ª a 8ª série (municipal e Estadual)	
		4-Número de Escolas Supletivo	
		5-Número de Escolas de 2º grau (Municipal, Estadual e Federal)	
		6-Número de Escolas Particulares	
	Acessibilidade	7-Linhas de ônibus presentes no bairro	http://www.viacaouniao.com.br/images/horarios-viçosa.pdf ,
		8-Número de dias por semana há esse serviço.	http://www.viacaouniao.com.br/images/trajetos.pdf e http://www.viacaouniao.com.br/ ; Acesso em 03/03/2017.
	Infraestrutura	9-Número de dias da semana que há Coleta de lixo	Cruz (2014) - Retrato Social de Viçosa V. Disponível em: http://docplayer.com.br/7597147-Retrato-social-de-viçosa.html , Acesso em: 03/03/2017

	Saúde	10-Número de programa saúde da família (PSF) e Hospitais por Região	https://blogsaudevicosa.wordpress.com/programa-de-saude-da-familia-2/ , http://saude.vicosa.mg.gov.br/esf-policlinica-e-hospitais/ e http://docplayer.com.br/7597147-Retrato-social-de-vicosa.html ; Acesso em: 03/03/2017
--	-------	---	--

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2017.

Após a definição dos 27 indicadores que compõem o conceito, utilizou-se a ferramenta Excel para desenvolvimento de uma planilha com as respectivas informações para cada região (as regiões urbanas de planejamento foram agrupadas nas linhas e seus respectivos indicadores nas colunas). Em seguida optou-se por atribuir pesos iguais (33,33%) a cada uma das três categorias (separação espacial, separação social e desigualdade de acessos descritos nas tabelas 1 e 2 a seguir), uma vez que todos contribuem da mesma forma para a caracterização da segregação socioespacial, de acordo com os autores supracitados.

Quanto às pontuações referentes a cada indicador, optou-se pela categorização em quatro grupos (Cluster), de acordo com a média e o desvio-padrão para cada indicador, ou seja, aqueles valores do indicador que estiverem abaixo de menos um desvio, foram atribuídos 1 (um), para os valores entre a média e menos um desvio será atribuído 0,750, os valores até um desvio atribuiu-se 0,250, e por fim, acima de um desvio atribuiu-se 0,0 (zero), e isso foi repedido para cada um dos 25 indicadores numéricos.

Os outros dois indicadores que compõem os 27 são nominais, ou seja, apresentavam como resposta, “sim” ou “não”. Para transformá-los em numéricos, aqueles indicadores que apresentaram o “sim” como resposta, apresentando acesso ao serviço público, foi atribuído 0 (Zero) e para aqueles que apresentaram o “não”, sem acesso ao serviço, foi atribuído 1 (um). Após realizar essas pontuações, somaram-se todos os valores para cada região por categoria, ou seja, região centro, por exemplo, somou-se o indicador 1 e indicador 2, que compõem a categoria separação espacial; indicador 1, indicador 2 até o indicador 15, para a categoria separação social; e indicador 1, indicador 2 até indicador 10, para categoria desigualdade de acessos, gerando assim um valor entre 0 e 2 para a primeira categoria, 0 a 15 para a segunda e 0 a 10 para a terceira categoria, que posteriormente foram reduzidos, proporcionalmente ao

valor de 33,333%, referente ao peso atribuído a cada uma das três categorias, conforme exemplo da tabela 1.

TABELA 1 – Procedimento de construção da soma dos indicadores por categoria

Separação Social (SS) - 33,333%								
Regiões Urbanas	Soma dos Indicadores	I-1	I-2	I-3	I-4	I-5	...	I-15
Centro	2,750	0	0	0,25	0	0	...	0
Acamari	2,250	0	0	0,25	0,75	0,25	...	0,25
...
Santa Clara	11,000	0,75	0,75	0,75	1	1	...	0,75
Nova Viçosa	11,500	1	1	0	1	1	...	1

Fonte: elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2018.

Em outras palavras, a “soma dos indicadores” representa o somatório dos 15 indicadores para a categoria separação social em cada região urbana de planejamento (Tabela 2, a seguir). Isso se repetiu para as outras duas categorias, separação espacial, com seus dois indicadores, e desigualdade de acessos, com 10 indicadores, conforme tabela 2 abaixo.

TABELA 2 – Exemplo do procedimento de construção do índice de Segregação Socioespacial

Região Urbana	ISSE	Categorias		
		Separação Espacial (SE) 2 indicadores 33,333%	Separação Social (SS) 15 indicadores 33,333%	Desigualdade de acessos (DA) 10 indicadores 33,333%
Centro	0,078	0,000	2,750	0,500
Acamari	0,417	1,000	2,250	6,000
...
Santa Clara	0,636	1,500	11,000	4,250
Nova Viçosa	0,681	1,750	11,500	4,000

Fonte: elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2018.

Após essa soma de indicadores, para cada categoria em cada região urbana, converteu-se o valor do índice (ISSE) em um número entre 0 e 1 (ISSE, Tabela 2), utilizando-se a seguinte fórmula:

$$I(\text{Região}) = \left\{ \left[\left(\frac{\sum_{K=1}^{n_{SE}} I_{SE}(i)}{n_{SE}} \right) \times \frac{1}{3} \right] + \left[\left(\frac{\sum_{K=1}^{n_{SS}} I_{SS}(i)}{n_{SS}} \right) \times \frac{1}{3} \right] + \left[\left(\frac{\sum_{K=1}^{n_{DA}} I_{DA}(i)}{n_{DA}} \right) \times \frac{1}{3} \right] \right\}$$

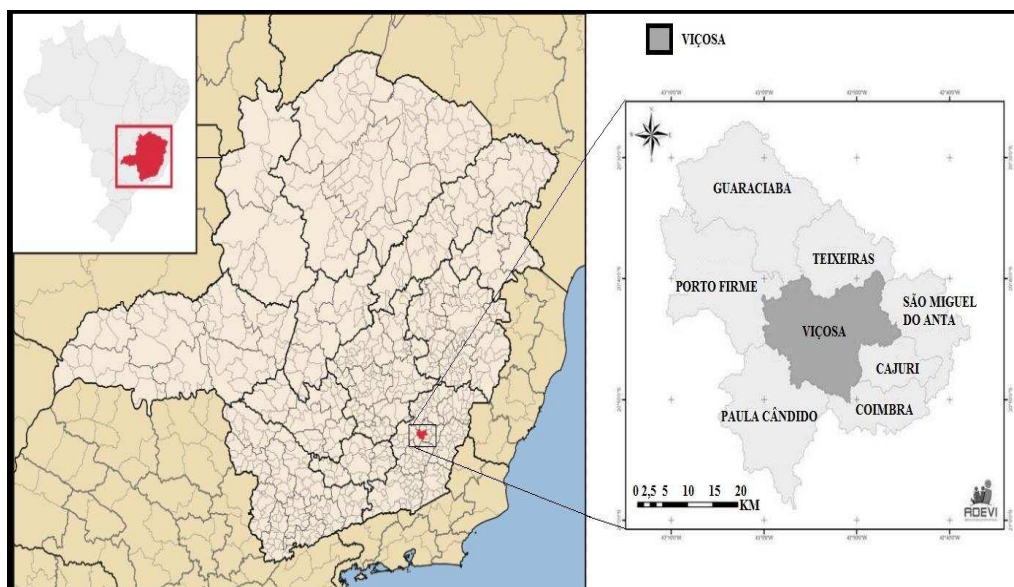
, onde “ n_{SE} ” é o número de indicadores para a categoria “separação espacial”, “ n_{SS} ” o número de indicadores para a categoria “separação social” e “ n_{DA} ” o número de indicadores para a categoria “desigualdade de acessos”, referentes a cada região urbana de planejamento, $I(\text{Região})$. Em outras palavras, esse cálculo foi repetido para cada uma das 12 regiões urbanas de planejamento, gerando o índice utilizado nas discussões desse trabalho.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Urbanização em Viçosa-MG: a configuração de um processo de segregação socioespacial

Viçosa é um município que se localiza na zona da mata de Minas Gerais. Possui um território que ocupa uma área de aproximadamente 300 km², fazendo limite territorial com outros 07 (sete) municípios são eles: Teixeira e Guaraciaba ao norte; Paula Cândido e Coimbra, ao sul; Cajuri e São Miguel do Anta, a leste; e Porto Firme, a oeste conforme a Figura 1. Atualmente é formado pela sede e por mais 3 distritos: Silvestre, Cachoeira de Santa Cruz e São José do Triunfo (CRUZ, 2014).

FIGURA 1: Limite Territorial do Município de Viçosa-MG



Fonte: Elaborado pelo autor (2017) com base no IBGE (2015) e ADEVI (2016)

Atualmente a cidade possui uma população total (sede, distritos e zona rural) de 76.147 mil habitantes, mais uma população flutuante de aproximadamente 15.000 mil habitantes, a maioria estudantes, totalizando uma população de aproximadamente 91.147 habitantes. Entretanto, se observamos somente a cidade, percebe-se que ela possui uma população de 70.969 mil habitantes, o que representa 93,20 % da população total do município, mais a população flutuante, o que totaliza uma população, vivendo na cidade, de 85.969 mil habitantes (CRUZ, 2014).

Segundo o Centro de Promoção do Desenvolvimento Sustentável de Viçosa – CENSUS/Retrato Social 5 (2014), a cidade é dividida em 14 regiões urbanas de planejamento. Entretanto, para essa pesquisa, como objeto de estudo, foram utilizadas as 12 regiões que fazem parte da cidade¹⁰ (FIGURA 2). São elas: Centro¹¹, Acamari¹², Bom Jesus¹³, Nova Viçosa¹⁴, Fátima¹⁵, Lourdes¹⁶, Santa Clara¹⁷, Passos¹⁸, Santo Antônio¹⁹, Nova Era²⁰, Amoras²¹ e Silvestre²². As regiões Fundão e Cachoeirinha foram excluídas por serem distritos que não fazem parte do conjunto do perímetro urbano. Devido à grande distância desses distritos em relação ao perímetro urbano, influenciaria na elaboração do índice. Além disso, em termos de

¹⁰ Segundo Rodolfo F. Alves Pena em Geografia Urbana, a diferença entre cidade e município está na orientação de seus conceitos: um está relacionado com a ocupação humana no espaço, e o outro, com a delimitação político-territorial. Ou seja, o **município** é uma divisão legalmente realizada de um território. São as várias partes que compõem um mesmo estado. Podemos dizer que todo e qualquer lugar do Brasil, independentemente de seus domínios, está localizado dentro de uma área municipal, que é administrada por uma prefeitura. **A cidade** é a área urbana de um município, e não qualquer área urbanizada, mas sim aquela delimitada por um perímetro urbano, que também é legalmente estabelecido e separa a cidade do campo. Portanto, o município é composto pelo campo (área rural) e pela cidade (área urbana). Além disso, ele também pode conter outras cidades menores além de seu distrito-sede que não possuem autonomia política suficiente para emanciparem-se. Disponível em: ><http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/qual-diferenca-entre-cidade-municipio.htm>>, acessado em: 04/11/2017.

¹¹ Ramos, Clélia Bernardes, Belvedere e Centro. Este último limitado pelas ruas: Gomes Barbosa, Ladeira dos Operários, José Antônio Rodrigues, Dos Estudantes, av. P. H. Rolfs (da linha férrea até a esquina com a Av. Castelo Branco), Av. Marechal Castelo Branco, (até o trevo do Belvedere), Geninho Lentine, Dr. Milton Bandeira, Dona Gertrudes, Tenente Kummel, av. Bueno Brandão e Floriano Peixoto.

¹² Romão dos Reis, Rua Nova, Acamari, Vila Alves, Jardim do Vale, Quinta Dos Guimarães, Monte Verde e Otávio Pacheco.

¹³ Bom Jesus, Bela Vista, Sagrada Família, Estrelas e Conceição.

¹⁴ Nova Viçosa e Posses.

¹⁵ Bairro de Fátima.

¹⁶ Betânia, Santa Clara (parte baixa, limitada pela Av. JK até a Rua Joaquim Andrade), Lourdes e Al. Fábio Ribeiro Gomes.

¹⁷ JK, Santa Clara (parte alta), Maria Eugênia, Coelhas e São Sebastião.

¹⁸ Fuad Chequer, Sagrado Coração (Rebenta Rabicho) e pela área limitada pela Rua dos Passos (do Hospital S.J. Batista até a esquina com a Dona Gertrudes), Rua Dr. Brito, Santana, Álvaro Gouveia e Dr. José N. Vaz de Melo.

¹⁹ Julia Molar, Sto Antônio (do Belvedere até o trevo de Coimbra).

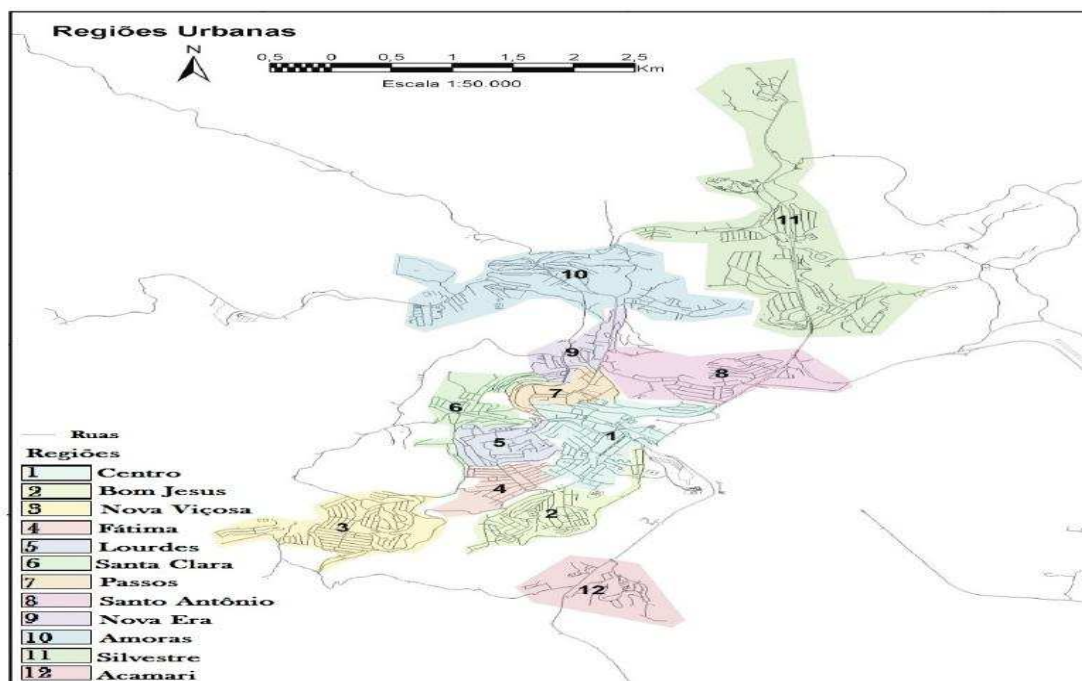
²⁰ Nova Era, Vale do Sol e União (Morro do Café).

²¹ Barrinha, Cidade Nova, Arduino Bolívar (Amoras), Laranjal (São José), Boa Vista, Vau-Açú, Inácio Martins e Floresta.

²² Liberdade, João Brás, Violeira, Recanto da Serra, Parque do Ipê, Inconfidentes, Silvestre e Novo Silvestre.

planejamento urbano, deve ser tratado de forma específica, visto que são categorizados administrativamente como distritos e não como bairros.

FIGURA 2 - Regiões urbanas de planejamento de Viçosa-MG



Fonte: CENSUS Viçosa-MG, 2010.

Na reconstituição do processo de urbanização do município de Viçosa, Ribeiro Filho (1997) aponta que, a partir de 1891, com a divisão administrativa de Viçosa de Santa Rita, a cidade passa a se chamar Viçosa. Nessa época o município era constituído pelos distritos de: Viçosa, São Miguel do Araponga, São Sebastião do Coimbra, São Miguel do Anta, São Sebastião do Pedra do Anta, São Sebastião do Herval, Santo Antônio dos Teixeira e São Vicente do Grama. Com o passar dos anos, um a um elevam-se, por meio de leis, ao status de cidade, deixando desde 1991, Viçosa com sua formação atual: a sede, Silvestre, Cachoeira de Santa Cruz e São José do Triunfo.

Percebe-se que desde a criação da cidade de Viçosa, três momentos históricos foram fundamentais nas mudanças da estrutura urbana de Viçosa, e todas relacionadas à Universidade Federal de Viçosa. O primeiro momento e um dos mais importantes, foi a construção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), em 1922. A segunda acontece em 1948, quando o governo do Estado transforma a Escola Superior em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) e a terceira foi federalização da UREMG em 1969, sob a forma de fundação (RIBEIRO FILHO, 1997). Ou seja, “a presença da Universidade Federal de Viçosa fez com que a cidade de Viçosa-MG adquirisse uma nova

dinâmica espacial, social, econômica e política, diferenciando-a das demais cidades da região” (RIBEIRO FILHO, 1997, p.20).

Com a construção da ESAV em 1922, inicia-se um processo de urbanização acelerado do município de Viçosa²³, visto seu rápido destaque na região e no estado de Minas Gerais como centro de educação, o qual influenciou, de forma latente, na forma de ocupação da cidade. Passa-se a haver uma ocupação das áreas mais planas pelas futuras obras da cidade e conseqüentemente, as populações mais pobres foram obrigadas a construir suas moradias em terrenos mais acidentados, como aqueles próximos ao rio São Bartolomeu (RIBEIRO FILHO, 1997).

Visando o desenvolvimento da Escola superior, em 1948, o Estado concede a ESAV o status de Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), que passa a ofertar a partir de então novos cursos de formação superior e pesquisa. E com essa nova mudança, uma população significativa é atraída pelas novas oportunidades oferecidas. A cidade passa então por uma nova configuração espacial (RIBEIRO FILHO, 1997).

Ao mesmo tempo que acontecia essa mudança na Instituição de ensino em Viçosa, o Brasil registrava um momento de mudança também na relação campo e cidade e foi descrita por Milton Santos (1993) em A Urbanização Brasileira, quando diz que foi a partir dos anos 50 que se percebe nitidamente uma tendência a aglomeração da população em cidades e se inicia um forte movimento de urbanização no Brasil. Em síntese, até a década de 60 o município era majoritariamente de população rural.

Nessa época a cidade já se mostrava uma referência estadual e devido a isso, sua população apontava um crescimento significativo até esse momento. Contudo, foi a partir da década de 70 que as maiores mudanças começam a acontecer. Em outras palavras, a sólida base e importância nacional que a UREMG passa a representar, acaba motivando o governo a federalizá-la em 1969, se tornando a atual Universidade Federal de Viçosa (RIBEIRO FILHO, 1997).

Com a federalização o processo de urbanização desordenado ampliou-se intensamente, uma vez que os grandes recursos para ampliação, manutenção e aumento de funcionários recebidos pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) não foram na mesma proporção recebidos pela cidade para suportar a expansão eminente. Ou seja, o poder público municipal

²³ Viçosa-MG é até os dias de hoje (2019) uma cidade universitária. No último relatório institucional referente ao ano de 2016 (UFV EM NÚMEROS, 2017), a UFV tinha 1.324 professores, 1.923 técnicos e servidores e 17.722 estudantes (entre ensino médio, graduação e pós-graduação) no Campus Viçosa. Disponível em: <http://www.ppo.ufv.br/?noticias=relatorio-de-atividades-e-ufv-em-numeros-edicao-2017>

não estava preparado para receber tão rápido, um número grande de pessoas, e administrar essa nova demanda que surgia em função da universidade (RIBEIRO FILHO, 1997).

Para Ribeiro Filho (1997, p. 144):

O expressivo contingente populacional que migrou para Viçosa, a partir da década de 70, pressionou a expansão do espaço urbano não só horizontalmente, com a incorporação de novos loteamentos, mas também verticalmente, com a construção de novas edificações. Neste sentido, a área central da cidade foi a primeira a ser verticalizada, por ser a mais bem provida de infraestruturas, equipamentos e serviços urbanos e a mais valorizada.

O impacto desta expansão foi imediato na cidade, tendo em vista a nova demanda por imóveis requisitada pela população que migrava para a cidade. Na década de 1970, a população urbana quase dobrou. Fato que repetiu nas três décadas seguintes (RIBEIRO FILHO, 1997).

TABELA 3: Evolução da População Urbana e Rural – Período 1960 a 2013 – Viçosa (MG)

ANOS	POPULAÇÃO					
	URBANA		RURAL		TOTAL	
	ABSOLUTA	%	ABSOLUTA	%	ABSOLUTA	%
1960	9.221	44,23	11.625	55,77	20.846	100,00
1970	17.000	65,93	8.784	34,07	25.784	100,00
1980	31.179	80,60	7.507	19,40	38.686	100,00
1991	46.456	89,93	5.202	10,07	51.658	100,00
2000	59.792	92,19	5.062	7,81	64.854	100,00
2010	67.305	93,19	4.915	6,81	72.220	100,00
2013	70.969	93,20	5.178	6,80	76.147	100,00

Fonte: adaptada de CRUZ (2014) – Retrato Social de Viçosa V e Mello (2002)

É a partir da década de 70 que acontece a criação da maioria dos bairros que existem hoje, tornando-se um marco na expansão urbana da cidade, tanto em termos de expansão horizontal, quanto vertical (RIBEIRO FILHO, 1997). Os novos bairros eram loteados a partir de fazendas no entorno da aglomeração urbana existente principalmente ao longo das rodovias MG 263 e BR 120 e em volta do centro.

TABELA 4: Parcelamentos realizados na Cidade de Viçosa durante a década de 1970 e 1980

Novos loteamentos e expansões de bairros	Ano
Bairro Clélia Bernardes	1972
Expansão do Bairro de Ramos	1972
Loteamento próximo a Barrinha	1972
Loteamento próximos a Rua Gomes Barbosa	1972
Condomínio Horizontal Parque do Ipê	1972
Expansão do bairro Santo Antônio	1973
Expansão do bairro de Fátima	1974
Prolongamento da rua Floriano Peixoto	1974
Expansão do Bairro Santo Antônio	1974
Loteamento em Silvestre	1974
Expansão do bairro Nova Era	1974
Bairro João Bráz	1975
Barro Arduíno Bolivar (Amoras)	1975
Condomínio Julia Mollá	1975
Expansão do Bairro Santo Antônio	1975
Loteamento em Silvestre (Indumel)	1975
Segunda expansão do Bairro de Fátima	1975
Bairro Santa Clara	1976
Bairro JK	1977
Alameda Fábio Ribeiro Gomes	1978
Bairro Nova Viçosa	1978
Bairro Inconfidência	1979
Condomínio Bosque Acamari	1983
Condomínio Recanto da Serra	1989

Fonte: Elaborado por Silva (2016) com base em dados da Prefeitura Municipal de Viçosa e Ribeiro Filho (1997)

Em sua dissertação de mestrado, Silva (2016) evidencia, assim como vários autores (CASTELLS, 1983; VILLAÇA, 2001, 2011; MARICATO, 1997, 2000; LEFEBVRE, 2002; GUIMARÃES, 2015; BONDUKI, 1998, 2010), que os mais ricos procuram se estabelecer nos bairros já com infraestrutura próxima ao centro. Essas situações se estabeleceram na cidade em estudo, nos casos dos bairros de Ramos e Clélia Bernardes. Essa separação das diferentes classes ou melhor, o processo de segregação se acentua e se legitima com aprovação da lei nº 609 em 31 de dezembro de 1971, uma vez que, a partir de então, passa a ser proibido as construções de casebres em áreas centrais da cidade.

No caso de Viçosa, MG, essa medida serviu para camuflar a pobreza da cidade que crescia cada dia mais com a população trabalhadora que chegava, principalmente de áreas rurais, que buscavam empregos ligados direta ou indiretamente a expansão da universidade. São consequências da aplicação dessa lei os loteamentos que deram origem aos bairros de Nova Viçosa e Santa Clara, os quais buscavam atender as demandas por parte da população de baixa renda que crescia com a expansão da cidade (SILVA, 2016).

Em outras palavras, com a promulgação da lei nº 609, como revela Rolnik (1997) em seu livro *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*, tanto no Brasil quanto no caso específico de São Paulo (objeto de estudo em seu livro), desde a República Velha, até os dias atuais, as legislações urbanas acabam privilegiando apenas as classes mais abastadas.

Segundo Ribeiro Filho (1997) percebe-se em Viçosa nas duas próximas décadas, 80 e 90, um grande adensamento do centro e dos bairros próximos a ele, e como reflexo, surgem os primeiros condôminos horizontais, como por exemplo: o Condomínio Residencial Bosque do Acamari em 1983 e crescimento de alguns problemas peculiares de metrópoles brasileiras: deficiência de infraestrutura, favelas e vasto processo de verticalização nas áreas centrais. Nesta época houveram ocupações no espaço urbano sem qualquer controle do poder público municipal. Se por um lado esse processo de urbanização gerou grande crescimento econômico para cidade, por outro também trouxe desigualdades sociais, exclusão e segregação.

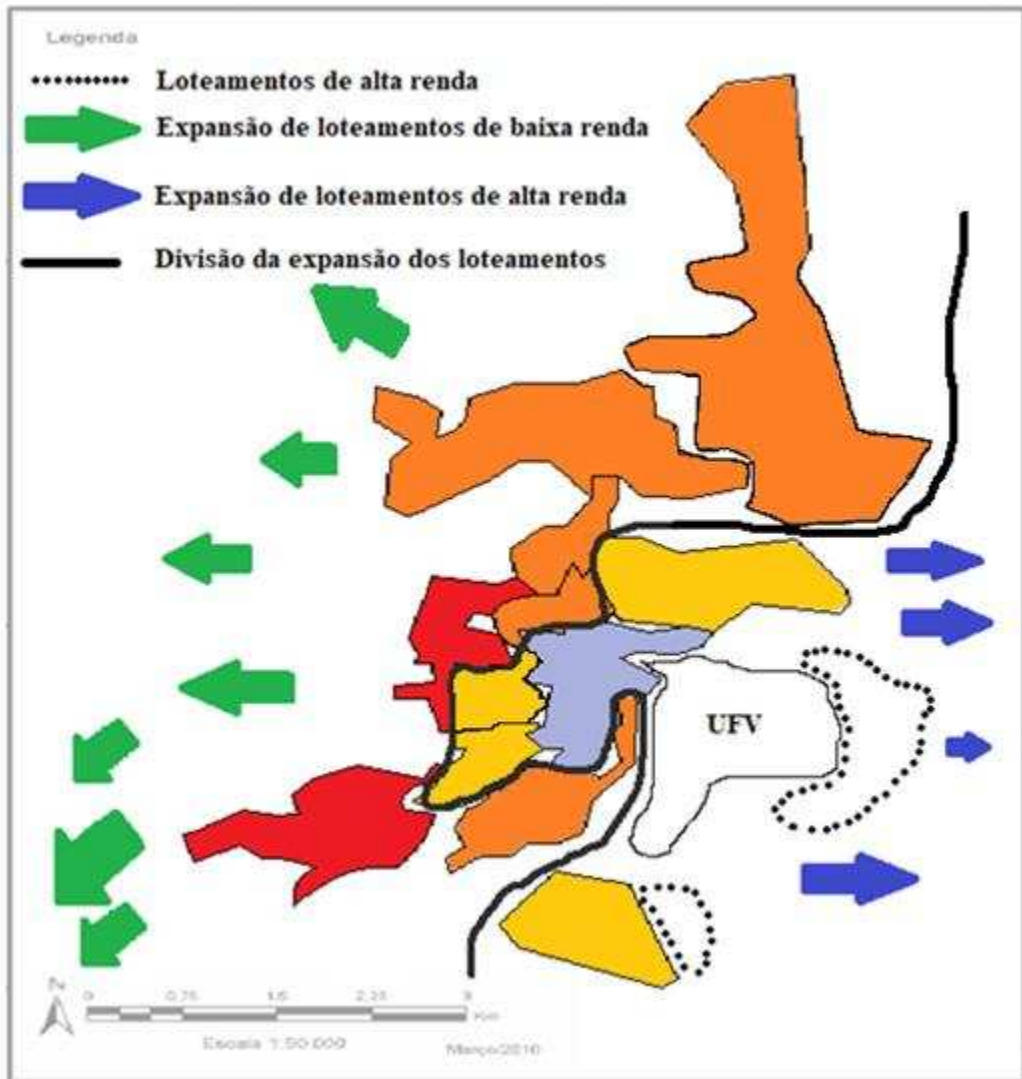
Percebe-se também que o surgimento de condomínios fechados em Viçosa apenas reflete as mudanças que já vinham ocorrendo em outras cidades brasileiras a partir da década de 80. Como no trabalho de Tereza Caldeira (2000) que traz evidências dessa nova forma de segregação social na Cidade de São Paulo. Segundo ela, esse tipo de segregação vem:

[...]se configurando desde os anos 80 e mudando consideravelmente a cidade e sua região metropolitana. Sobrepostas ao padrão centro-periferia, as transformações recentes estão gerando espaços nos quais os diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas estão separados por muros e tecnologias de segurança, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns. O principal instrumento desse novo padrão de segregação espacial é o que chamo de "enclaves fortificados" (CALDEIRA, 2000, p. 211).

Ribeiro Filho (1997) diz que esse tipo de segregação ou "Enclaves Fortificados" como é chamado por Caldeira (2000), na cidade de Viçosa chama a atenção pelo fato de ser uma realidade típica das grandes metrópoles. E o resultado disso acaba evidenciando uma tendência à segregação no espaço urbano de Viçosa (PORTUGAL, 2009). De acordo com o

trabalho realizado por Silva (2016), ao longo da história de Viçosa, os loteamentos para baixa renda e a realocação dos pobres urbanos seguiram a direção oeste do centro da cidade, totalmente opostas a Universidade Federal de Viçosa.

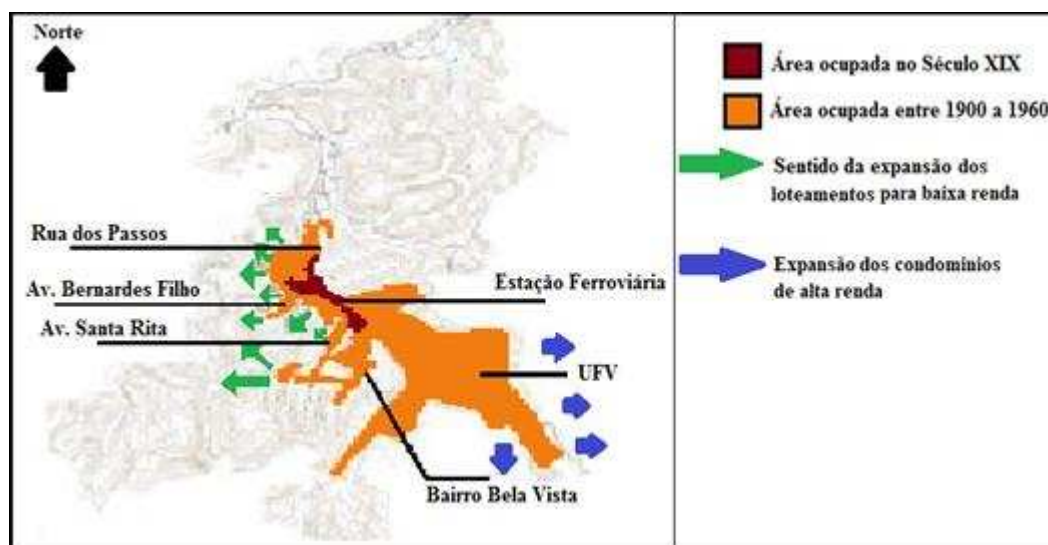
FIGURA 3: Regiões urbanas de planejamento de Viçosa e sentido da expansão dos loteamentos



Fonte: Elaboração própria com base em Cruz (2014) e Silva (2016).

Ou seja, fica evidente que há um eixo de crescimento da pobreza em Viçosa e está sendo produzido espacialmente através da ação dos promotores imobiliários (Por exemplo: Obras do Programa Minha Casa Minha Vida nos Bairros Coelhas e Sol Nascente, localizados na Região urbana de Planejamento Santa Clara) com autorização e auxílio da Prefeitura Municipal. Por outro lado, percebe-se que há também uma expansão de condomínios de alta renda para a direção leste – sul, onde se localiza a UFV, o que confirma a grande diferenciação dos usos da periferia urbana e uma fragmentação da cidade.

FIGURA 4: Direção da ocupação para as populações de baixa e alta renda



Fonte: Elaboração própria com base em Ribeiro Filho (1997) e Silva (2016)

Em suma, podemos afirmar que a chegada e crescimento da UFV ao longo dos anos, teve um papel muito importante na urbanização que percebemos hoje em Viçosa. Uma vez que com sua implantação, um número muito grande de pessoas migram para a cidade em busca de novas oportunidades. Além disso, a forma como o poder público municipal direcionou e direciona seus recursos em termos de infraestrutura, em conjunto com os interesses do capital imobiliário se expressa espacialmente na configuração de uma cidade segregada, como se percebe atualmente.

4.2. A construção de um Índice de Segregação Socioespacial para Viçosa, MG

Após análise do processo histórico que descreve as grandes mudanças em termos de urbanização e segregação em Viçosa, gerou-se o índice exposto na tabela 5, de acordo com os valores para cada uma das regiões Urbanas de planejamento estudada. Em outras palavras, após aplicação da fórmula no somatório dos indicadores, descritas na metodologia, foi criada uma tabela que representa os valores de cada uma das regiões Urbanas de planejamento estudadas. Os valores mínimos e máximos variam de 0,078 (região de planejamento sem segregação socioespacial - Centro) até 0,681 (Região mais segregada Socioespacialmente – Nova Viçosa).

TABELA 5: Índice de Segregação Socioespacial em relação às regiões da Cidade de Viçosa, MG:

REGIÕES	Índice ²⁴ de Segregação Socioespacial no Município de Viçosa por região urbana de Planejamento (ISSE)
1. Centro ²⁵	0,078
2. Fátima	0,311
3. Lourdes	0,311
4. Santo Antônio	0,378
5. Acamari	0,417
6. Bom Jesus	0,442
7. Nova Era	0,450
8. Passos	0,456
9. Silvestre	0,456
10. Amoras	0,556
11. Santa Clara	0,636
12. Nova Viçosa	0,681

Fonte: Elaboração própria (2018) com base em dados de Cruz (2014), Viação União (2016), Google Maps (2017), Plano Diretor de Viçosa (S.d), Blog Saúde Viçosa (S.d) e Portal da Saúde - PMV (S.d)

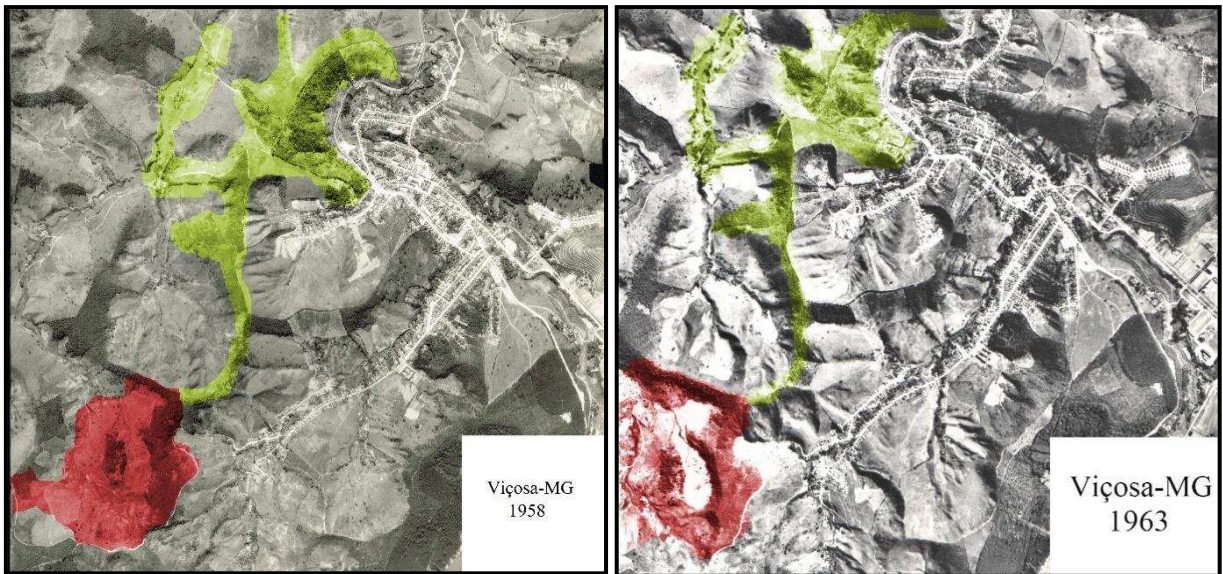
A análise da Tabela 5 nos permite identificar que as Regiões Urbanas de Planejamento Santa Clara (0,636) e de Nova Viçosa (0,681) foram as que apresentaram os maiores índices de segregação Socioespacial em comparação às demais regiões da cidade.

Na análise do processo de urbanização desses dois bairros, como um dos fatores explicativos para esse fenômeno, apurou-se que, até a década de 60 o município era majoritariamente de população rural e as regiões Urbanas de Planejamento Nova Viçosa (em Vermelho na Figura 5) e Santa Clara (Verde) ainda não eram ocupadas. Isso só viria a acontecer a partir da década de 70.

²⁴ O índice varia de 0,0 a 1,0 sendo que, quanto mais próximo de 1,0 mais segregada socioespacialmente é a região urbana de planejamento.

²⁵ A região de Planejamento Centro se encontra com 0,078 (zero) por dois fatores principais: Ser a referência central e comercial da cidade e por abarcar quase todos os indicadores na faixa ideal.

FIGURA 5: Fotos áreas de Viçosa (MG) em 1958 e 1963



Fonte: Acervo do departamento de Engenharia Florestal-UFV, 2017.

Se as décadas de 50 e 60 ainda não registram a ocupação das áreas que atualmente comportam esses dois bairros, conforme evidenciam os registros do acervo do departamento de Engenharia Florestal (Figuras 5), na Figura 6 abaixo, registrada no ano de 1974, já é possível ver o início das obras de loteamento nas respectivas regiões urbanas de planejamento (Santa Clara em verde e Nova Viçosa em vermelho). Bairros que foram criados para atender exclusivamente à população de baixa renda que chegava à cidade em busca de melhores oportunidades (SILVA, 2016).

FIGURA 6: Início das obras de loteamento em Nova Viçosa e Santa Clara, 1974

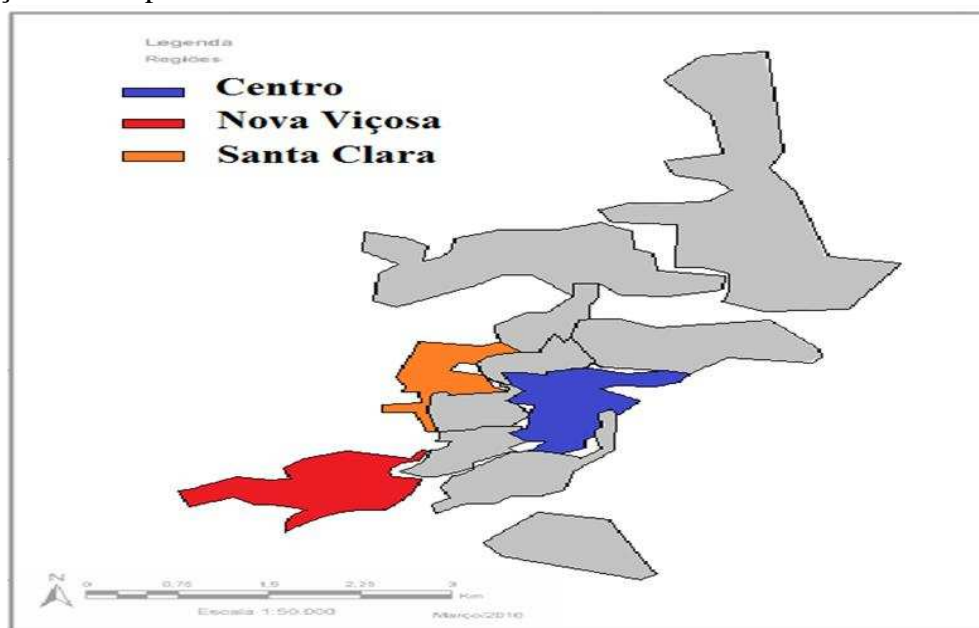


Fonte: Acervo do departamento de Engenharia Florestal-UFV, 2017.

Os bairros que se localizam nas duas regiões urbanas de planejamento, Santa Clara e JK, pertencentes a região urbana de planejamento Santa Clara, loteados em 1977 e 1978 respectivamente, e o Bairro Nova Viçosa, loteado em 1978, foram um dos últimos a receberem loteamentos, conforme descrição da Tabela 4. Assim, com o número cada vez maior de pessoas que chegava à cidade, fica evidente a necessidade de expansão das áreas periféricas, principalmente nessas duas regiões, para recebimento da população de baixa renda: fato que acaba revelando a real origem dessas duas regiões.

Buscando a compreensão do resultado que categorizou as regiões Santa Clara e Nova Viçosa com os mais elevados índices de segregação socioespacial, aprofundaremos a seguir, cada um dos indicadores que compuseram esse índice. Inicialmente, no que diz respeito aos rendimentos aferidos pelos residentes nessas localidades, percebe-se que as rendas média e per capita familiares são as mais baixas entre as demais regiões, bem como são limitados e reduzidos os acessos a escolas, hospitais e PSF's. A vulnerabilidade familiar é muito elevada e além disso, são afastadas (em termos de KM e tempo) em relação ao centro da cidade. Esse resultado referenda outros estudos, como os trabalhos de Bonduki e Rolnik (1982); Maricato (1997); Caldeira (2000); Lefebvre (2002) e Villaça (2001) em relação aos indicadores que caracterizam o processo de segregação socioespacial.

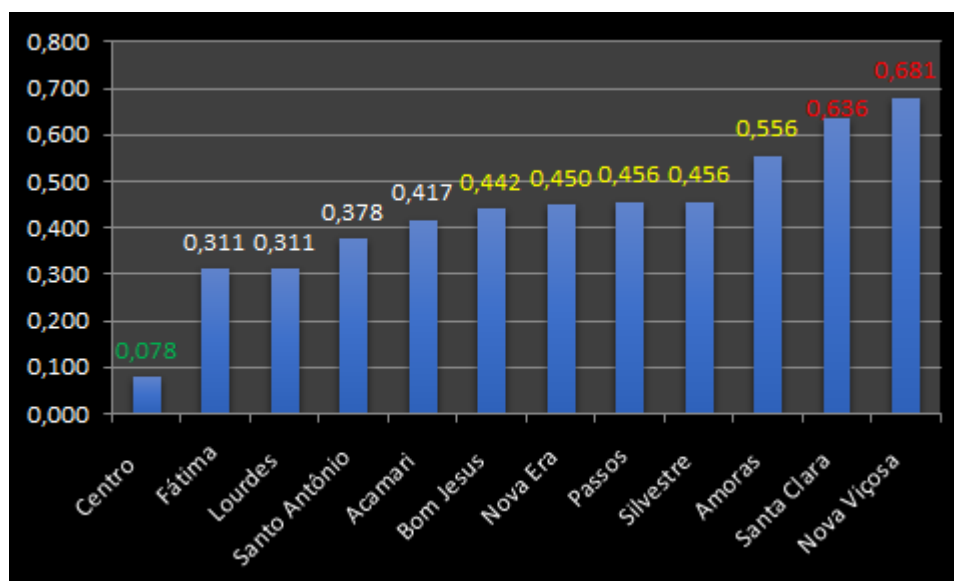
FIGURA 7: Mapa representativo das duas regiões urbanas com os piores indicadores de segregação socioespacial



Fonte: Elaborado pelo autor com base em mapa Censo Viçosa e dados da pesquisa, 2017.

Com o índice pronto, foi realizada uma categorização, a qual compôs 04 (quatro) grupos distintos de acordo com seus índices de segregação apurados: Não segregado Socioespacialmente (em cor verde na Figura 5), baixa segregação Socioespacial (Cor branca), média Segregação socioespacial (Cor amarela) e alta segregação socioespacial (Cor Vermelha).

FIGURA 8 – Representação gráfica do Índice de Segregação Socioespacial de Viçosa (MG)



Fonte: Elaboração própria (2017)

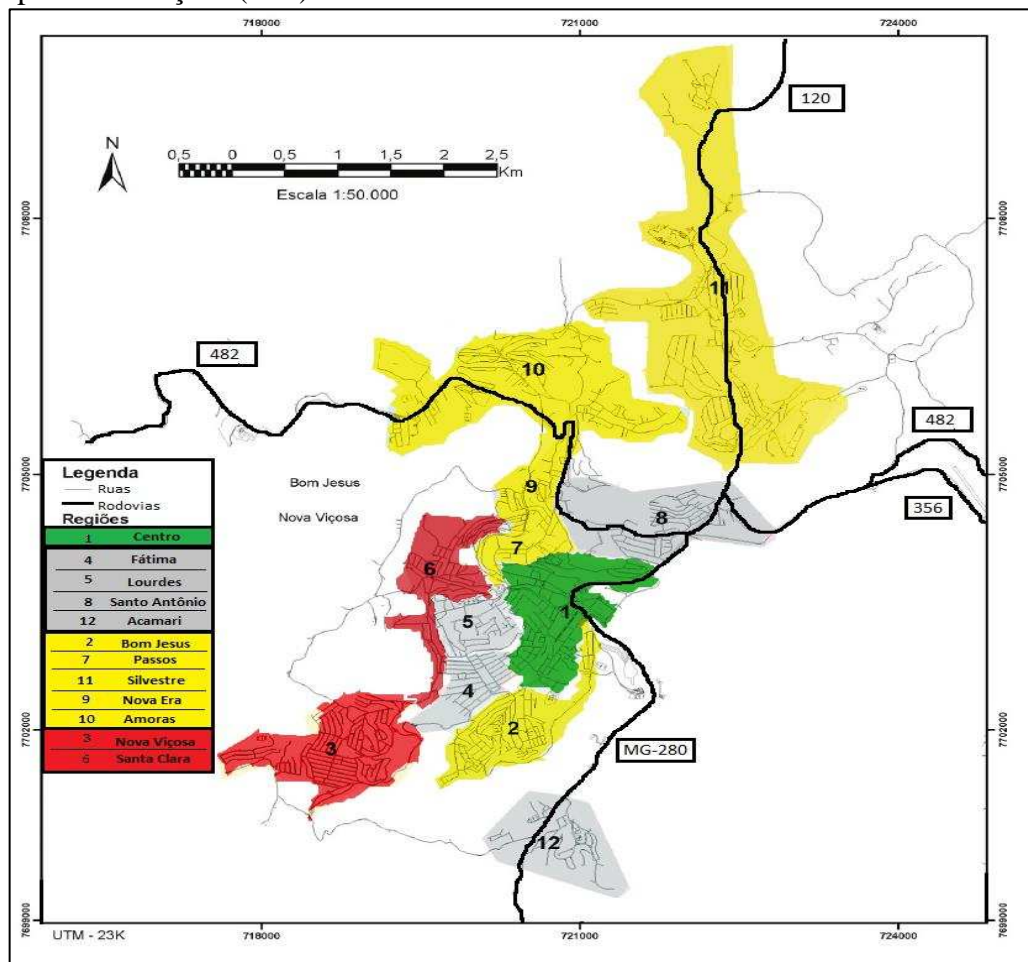
Para tanto, realizou-se a média do índice (0,430) e posteriormente o cálculo do Desvio-Padrão (0,152). Assim, aquelas regiões que apresentaram valores entre a média mais um desvio-padrão foram categorizados como “Média Segregação socioespacial” (Bom Jesus, Nova Era, Passos, Silvestre e Amoras). As regiões que estiveram acima dos valores da média mais um desvio estão agrupadas como as duas regiões caracterizadas como “Alta Segregação”, a saber, Região Nova Viçosa e Santa Clara, conforme descrição anterior figura 8. De forma oposta às duas regiões mais segregadas socioespacialmente percebe-se a região Centro, sendo esta a única caracterizada como “Não Segregada”, uma vez que possui vários equipamentos urbanísticos como: escolas, proximidade com a Universidade Federal de Viçosa (UFV), delegacias, comércio e hospitais; além de alta renda média familiar, baixos índices de vulnerabilidade, fácil acesso às áreas de consumo, além da ótima localização.

Por fim, no grupo denominado baixa segregação socioespacial, estão agrupadas as regiões urbanas Fátima, Lourdes, Santo Antônio e Acamari, as quais apresentaram indicadores entre a média até menos um desvio. A região Acamari, apesar de aparecer nesse grupo, é uma região urbana que apresenta uma peculiaridade frente as demais, uma vez que

um de seus bairros é um condomínio fechado, de luxo, denominado por Caldeira (2000) como “enclave fortificado” ou na visão de Corrêa (1989) como autosegregação. Ou seja, apesar de apresentar (Acamari) um índice de segregação de 0,417, e uma distância maior em relação ao centro, seus indicadores de renda média familiar, renda per capita familiar, média de rendimento mensal e pessoas com idade igual ou superior a 15 anos alfabetizadas são os mais elevados dentre todas as regiões urbana de planejamento da cidade.

Entretanto, a forma como a distancia entre os bairros é percorrida pelos seus residentes é um importante indicador de segregação socioespacial. Isso porque ele caracteriza a forma como os deslocamentos entre pobres e ricos se dão. Entre os pobres o deslocamento a pé e em coletivos urbanos é muito comum, o que se distingue da forma como os ricos se movimentam na cidade: em veículos automotivos particulares – forma que dá maior flexibilidade ao deslocamento.

FIGURA 9 – Mapa da cidade de Viçosa-MG com sobreposição do Índice de Segregação Socioespacial de Viçosa (MG)



Fonte: Elaboração própria com base em dados de Cruz (2014) e da pesquisa de campo, 2017.

Pode-se afirmar que, o que aconteceu na Região Acamari, não é considerada uma segregação por imposição, pelo contrário, são seus moradores quem escolheram se fechar entre muros e se afastarem dos demais como uma forma de proteção e separação social (CALDEIRA, 2000). Processo inverso ao que aconteceu nas duas regiões com os mais altos índices de segregação socioespacial, onde a primeira, região Nova Viçosa, criada por uma construtora no final dos anos 70 com preços muito acessíveis à população de baixa renda que chegava à cidade em busca de novas oportunidades de emprego (COELHO, 2013). A segunda região, também criada com os mesmos propósitos nos anos 70 (SILVA, 2016), região de Santa Clara, onde atualmente se localiza um empreendimento do Programa Minha Casa Minha Vida, entregue à população de baixa renda em setembro de 2011 e julho de 2012 (SOUZA, 2015).

No que se refere aos indicadores de Violência (homicídios, roubos e furtos) em 2016, percebe-se, tal como observaram Izumino e Neme (2002, p. 46), se reportando à realidade de São Paulo, que em Viçosa, a realidade não se mostra diferente. Ou seja, “a grosso modo, os crimes contra a vida (homicídios) se concentram mais nas regiões periféricas, enquanto os crimes contra o patrimônio concentram-se nas regiões centrais – onde também se observa maior concentração e circulação de riquezas”. Esses dados revelam que o fenômeno da violência atualmente não se circunscreverem mais apenas aos grandes centros urbanos, se expandindo também para o interior e às cidades médias, tal qual se observa.

TABELA 6: Tipos de Violência registrados em Viçosa por região Urbana de Planejamento em 2016

Região Urbana de Planejamento	Tipo de Violência/nº de boletins de ocorrência (2016)		
	Homicídios	Furtos	Roubos
1. Centro	2	530	103
2. Lourdes	0	35	12
3. Fátima	1	46	19
4. Acamari	0	2	12
5. Silvestre	3	175	57
6. Santo Antônio	4	82	47
7. Nova Era	6	27	13
8. Amoras	4	44	16
9. Passos	6	28	22
10. Bom Jesus	6	56	2

11. Santa Clara	8	33	16
12. Nova Viçosa	1	38	10

Fonte: elaboração própria com base em dados da Polícia Civil de Viçosa, 2017

Ou seja, confirmando a tendência apontada pelos dados da pesquisa Izumino e Neme (2002), em Viçosa os dados revelam que 76% dos homicídios registrados na cidade foram consumados em regiões com média e alta segregação socioespacial. Por outro lado, tanto o número de furtos (79%), quanto de roubos (76%) ocorrem em sua grande maioria em regiões de baixa e sem segregação socioespacial. Ou seja, locais onde vive a população mais rica e com mais recursos materiais e financeiros, atraindo o interesse de ladrões e criminosos.

Percebe-se em resumo que o índice reflete exatamente aquilo que é fruto de muitos anos de diferenciação na promoção de infraestrutura por parte do poder público, no benefício da legislação urbana para as classes mais abastadas e no direcionamento da ação dos promotores imobiliários.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, percebe-se com base na análise do processo histórico de Viçosa, como o papel do Estado, por meio de lei e do direcionamento de recursos em infraestrutura para áreas específicas, em parceria com o mercado imobiliário, determinando os locais de instalação dos empreendimentos imobiliários, a exemplo, do programa de moradias, Minha Casa Minha Vida em áreas de expansão de baixa renda e os condomínios fechados em áreas de expansão de alta renda, bem como na supervalorização de áreas centrais da cidade, foram determinantes na estrutura atual de segregação socioespacial observada.

Por outro lado, a elaboração do índice revela a importância que essa ferramenta pode ter como forma complementar de análise do espaço urbano, uma vez que permitiu através da síntese dos indicadores e revelar o estado atual do fenômeno da segregação. Ou seja, através dos resultados foi possível identificar o nível de segregação socioespacial da cidade e categorizar quais regiões foram mais afetadas por esse processo. Ainda, com o desenvolvimento do índice foi possível gerar resultados e análises que auxiliem no planejamento urbano de Viçosa-MG, uma vez que possibilitou revelar as regiões urbanas de planejamento com os maiores índices de segregação socioespacial e consequentemente de maior necessidade de direcionamento de recursos e políticas públicas. Dessa forma, revela as regiões que há muito tempo estão sendo esquecidas e que precisam de prioridades em termos de intervenções do poder público municipal e maior atenção do Estado, seja construindo

escolas, implantando PSF's, direcionando recursos para infra-estrutura, maior segurança, bem como proporcionando às populações residentes nessas áreas, melhor acessibilidade às áreas de trabalho e consumo.

Ademais, percebe-se com a análise em conjunto do processo de urbanização de Viçosa e do índice, que a UFV teve um papel fundamental na forma como o espaço urbano de Viçosa foi ocupado ao longo dos anos. As análises também permitiram a identificação de um vetor de expansão dos loteamentos na cidade, em áreas de alta renda ao leste e de baixa renda ao sudoeste, definidas conjuntamente ao longo dos anos pela parceria do poder público e mercado imobiliário. Os resultados confirmaram que, no limite sudoeste desse vetor de expansão de baixa renda se encontram as duas regiões com os mais elevados índices de segregação socioespacial, regiões Santa Clara e Nova Viçosa.

Por fim, tais resultados abrem caminhos tanto para aplicação do método de elaboração do índice em outras cidades, como na possibilidade de novas pesquisas no futuro próximo, principalmente no que se refere ao aprofundamento do entendimento das realidades das regiões urbanas de planejamento com os mais altos índices de segregação socioespacial. Em outras palavras, torna-se interessante entender os efeitos dessa segregação socioespacial no cotidiano das famílias que vivem nessas duas regiões mais segregadas socioespacialmente.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, W. Location and land use. Cambridge, Mass. Harvard University press, 1965.

ANSELIN, L. Local indicator of spatial association – LISA. In: **Geographical Analysis**, p. 91-115, 1995.

BECCENERI, L. B. O índice de moran global na identificação de situações de segregação. In: SEMANA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA: REPENSANDO A TRAJETÓRIA DO ESTADO BRASILEIRO, 2., 2014, São Carlos. **Anais**. São Carlos, 2014.

BONDUKI, N. e ROLNIK, R. "Periferia da Grande São Paulo: reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho". In: MARICATO, E. (org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) do Brasil industrial**. São Paulo, Alfa-Ômega. pp. 117-154, 1982.

BONDUKI, N. **Origens da habitação social no Brasil**. Arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. 3ª Ed - São Paulo, Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

_____. **Uma cidade aberta e segura**. Disponível em:

<<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/uma-cidade-aberta-e-segura>>. Acesso em: 31/03/2017.

BRASIL. SUAS, Sistema único de Assistência Social. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. Secretaria Nacional de Assistência Social. Disponível em:

><http://www.assistenciasocial.al.gov.br/sala-de-imprensa/arquivos/NOB-SUAS.pdf>< Acesso em: 31/03/2017

CALDEIRA, T. P. R. “Enclaves fortificados: a nova segregação urbana”. **Novos Estudos CEBRAP**, nº 47, 155-176, 1997.

_____. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CRUZ, T. A. **Retrato social de Viçosa III**. Viçosa, MG: CENSUS, 2010.

_____. **Retrato social de Viçosa V**. Viçosa, MG: CENSUS, 2014.

DA INDÚSTRIA, SESI SERVIÇO SOCIAL. **Construção e Análise de Indicadores**. Serviço Social da Indústria. Departamento Regional do Estado do Paraná. Observatório Regional Base de Indicadores de Sustentabilidade. Curitiba:[sn], 2010.

DE SOUZA MARIA, A. C., DE ALMEIDA FARIA, T. C., STEPHAN, I. I. C. Um retrato da evolução urbana de Viçosa-MG: impactos da federalização da UFV sobre a cidade (1969-2014). **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, 3(1), 37-54, 2015.

DO LAGO, L. C. A lógica segregadora na metrópole brasileira: novas teses sobre antigos processos. **Planejamento e Território**, p. 155, 2002.

FEITOSA, F. F. **Índices espaciais para mensurar a segregação residencial: o caso de São José dos Campos (SP)**. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), 2005.

GUIMARÃES, M. C. R. Os movimentos sociais e a luta pelo direito à cidade no Brasil contemporâneo. **Serv. Soc. Soc**, n. 124, p. 721-745, 2015.

HUGHES, P. J. A. Segregação socioespacial e violência na cidade de São Paulo: referências para a formulação de políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, v. 18, n. 4, p. 93-102, 2004.

IBGE, 2015. Disponível em: <http://www.amupe.org/ibge-divulga-as-estimativas-populacionais-dos-municipios-em-2015/> Acesso em: 31/03/2017

IBGE-CIDADES, 2015. Disponível em:

><http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=317130&search=minas-gerais|vicosa>< Acesso em: 31/03/2017.

IZUMINO, W. P., NEME, C. (2002). Violência urbana e graves violações de direitos humanos. **Ciência e Cultura**, v. 54, n. 1, 47-49, 2002.

MARICATO, E. **Habitação e cidade**. Atual Editora. São Paulo, 1997.

MARICATO, E. Urbanismo na periferia do mundo Globalizado. **São Paulo em Perspectiva**, 2000.

MARICATO, E. **Ciclo de Debates**, 2013 Disponível em:

>http://www.fpabramo.org.br/ciclosfpa/?page_id=60<. Acesso em: 03/05/2016

MELLO, F. A. O. **Análise do processo de formação da paisagem urbana de Viçosa, Minas Gerais**. 92f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2002.

- LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- LOJKINE, J. **O estado capitalista e a questão urbana**. São Paulo, Martins Fontes, 1986.
- PINÇON-CHARLOT, M. et al. **Ségrégation urbaine**. Paris, Anthropos, 1986.
- PORTUGAL, J. G. **A sociabilidade em condomínios fechados: o caso do condomínio residencial Recanto da Serra em Viçosa-MG**. 152f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2009.
- RIBEIRO FILHO, G. B. **A formação do espaço construído: Cidade e Legislação urbanística em Viçosa, MG**. 244f. Tese de M. S. Rio de Janeiro: UFRJ, FAV, 1997.
- ROLNIK, R. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. Studio Nobel, 1997.
- SILVA, M. L. **Expansão da cidade de Viçosa (MG): a dinâmica centro periférica**. 138 f. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Geografia do Departamento de Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.
- SOUZA, N. S., et al. **As sociabilidades possíveis em conjuntos habitacionais do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV): o caso de Viçosa–MG**. 150f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica), Universidade Federal de Viçosa, 2015.
- SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. A cidade contemporânea: segregação espacial. **São Paulo: Contexto**, p. 61-93, 2016.
- VETTER, David; MASSENA, Rosa Maria R. Quem se apropria dos benefícios líquidos dos investimentos do Estado em infra-estrutura urbana? Uma teoria de causação circular. Silva LAM, organizador. **Solo Urbano: tópicos sobre o uso da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 49-78, 1982.
- VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio nobel: FAPESP, 2001.
- _____. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos avançados**, v. 25, n. 71, p. 37-58, 2011.

CAPITULO 3

EFEITO DA SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL SOBRE AS CONDIÇÕES DE VIDA DAS FAMÍLIAS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS REGIÕES PERIFÉRICAS E CENTRAL DA CIDADE DE VIÇOSA-MG

EFEITOS DA SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL SOBRE AS CONDIÇÕES DE VIDA DAS FAMÍLIAS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS REGIÕES PERIFÉRICAS E CENTRAL DA CIDADE DE VIÇOSA-MG

EFFECT OF SOCIO-SPATIAL SEGREGATION ON FAMILY LIVING CONDITIONS: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN THE PERIPHERAL AND CENTRAL REGIONS OF THE CITY OF VIÇOSA-MG

RESUMO

O presente estudo, objetivou por meio de aplicação de 196 questionários (Survey), realizar uma análise comparativa entre as realidades vividas pelas famílias residentes nas duas regiões urbanas identificadas com os mais altos índices de Segregação Socioespacial e a região urbana Centro em Viçosa-MG, buscando compreender quais os efeitos desse fenômeno sobre as condições de vida dessas populações. Para tanto, utilizou-se do índice de Segregação Socioespacial (BASTOS FILHO, PINTO, FIÚZA E FAZITO, 2019, no prelo) para selecionar as duas regiões com os mais elevados índices de Segregação Socioespacial, Nova Viçosa e Santa Clara, e aquela com menor índice, o Centro, como grupo de controle. Feito isso, com base no número de domicílios em cada região urbana (CRUZ, 2014), calculou-se a amostra a ser abordadas para aplicação do questionário. Esse instrumento possibilitou traçar o perfil socioeconômico, perfil familiar, perfil migratório, acessibilidade de transportes, perfil habitacional, percepção de violência, percepção em relação a infraestrutura dos bairros objetos de estudos, bem como as condições materiais dos seus domicílios. Ao fim, descreveu-se de forma comparativa os efeitos dessa segregação sobre as condições de vida dos moradores. Constatou-se então, que há fatores que são coincidentes nas diferentes realidades, principalmente entre Nova Viçosa e Santa Clara, os quais dizem respeito à infraestrutura dos bairros condições dos domicílios e perfil socioeconômico dos moradores. Entretanto, percebe-se diferenças significativas entre as duas regiões com mais elevados índices de segregação socioespacial e o Centro, que se revelam especialmente no tipo de violência sofrida principalmente em termos de taxas de furtos, roubos (no centro) e homicídios (nas periferias), perfil migratório diferenciado entre as regiões, onde pessoas sem escolaridade ou especialização migram para as periferias, sendo em sua maioria negros e baixa renda, além de direcionamento diferenciado dos recursos para infraestrutura, onde se percebe qualidade de ruas inferiores também nessas regiões mais pobres. Além disso, as periferias apresentam um perfil de família nuclear ou monoparental com filhos e o centro, por outro lado, apresenta famílias díade nuclear sem filhos e unitária.

Palavras-chave: Segregação Socioespacial, Análise comparativa, Família.

ABSTRACT

The present study aimed to perform a comparative analysis between the realities lived by the families living in the two urban regions identified with the highest rates of Socio-spatial Segregation and the center region in Viçosa (MG), through 196 questionnaires (Survey) seeking to understand the effects of this phenomenon on the living conditions of these populations. To do so, we used the Socio-spatial Segregation index (BASTOS FILHO, AMEIDA PINTO, CARVALHO FIÚZA and FAZITO, 2019, in press) to select the two regions with the highest Socio-spatial Segregation rates, Nova Viçosa and Santa Clara, and the Center as a control group. Based on the number of households in each urban region (CRUZ, 2014), the sample to be addressed for the application of the questionnaire was drawn

up, which outlined the socioeconomic profile, family profile, migratory profile, transportation accessibility, housing profile, perception of violence, perception regarding the infrastructure of the neighborhood and the material conditions of the home. Finally, the effects of this segregation on the living conditions of the residents were described in a comparative way. It was found that there are factors that coincide in the different realities, especially between Nova Viçosa and Santa Clara, such as type and quality of the streets, skin color, density of dwellers by domicile, number of rooms and households and individual income and family. However, there are significant differences between the two regions with the highest socio-spatial segregation rates and the Center, mainly in terms of robbery, robbery and homicide rates, migration profile, type and quality of streets, color, income and family type

Keywords: Socio-spatial Segregation, Comparative Analysis, Family

1. INTRODUÇÃO

A Segregação Socioespacial é percebida por Maricato (2000) como a expressão maior da exclusão social e se configura em pontos de pobreza generalizada, sendo percebida pela dificuldade de acesso a serviços e equipamentos coletivos, pelas menores oportunidades de emprego e profissionalização, pelos altos índices de violência, pela discriminação social contra mulheres e crianças etc. Ou seja, a condição de vulnerabilidade depende ao mesmo tempo das oportunidades existentes e dos ativos disponíveis para acessá-las (KAZTMAN; FILGUEIRAS, 2006).

Considerando então a ideia de que o “espaço importa” (FLORES, 2006; TORRES, FERREIRA, GOMES, 2005) nas condições de inserção e reprodução social das famílias, torna-se relevante conhecer não somente a magnitude do fenômeno da segregação socioespacial, mas também as características socioeconômicas e demográficas dos grupos envolvidos, infraestrutura e violência, perfil migratório etc., - características que podem recrudescer o processo de segregação e as condições de vulnerabilidade das famílias. Nesse sentido, como aponta Cunha (2009), a migração para as periferias brasileiras pode gerar uma deterioração das condições de vida dos migrantes, visto que tal mudança implicaria em dificuldade de acesso ou até mesmo redução da qualidade de serviços públicos, uma vez que, de maneira geral, são locais onde tais serviços apresentam pior qualidade. Para o autor, “a mobilidade espacial (e particularmente a residencial) pode não apenas ter impactos importantes sobre a segregação, mas também ter efeitos diferenciados sobre a vulnerabilidade das famílias ou indivíduos, particularmente aqueles de baixa renda” (CUNHA, 2009, p.1).

Assim sendo, esse trabalho toma como ponto de partida o índice de Segregação Socioespacial (ISSE)²⁶ desenvolvido no Capítulo 2 desta tese, onde foi possível identificar as

²⁶ Essa análise está associada ao capítulo 2 dessa tese e artigo aceito para publicação na edição Jul/Set, 2019, na Revista Interações: BASTOS FILHO, R. A; ALMEIDA PINTO, N. M.; CARVALHO FIÚZA, A. L; FAZITO.

duas regiões urbanas de planejamento na cidade de Viçosa que são, hoje, as mais segregadas socioespacialmente, comparativamente à região Centro, que não apresenta Segregação Socioespacial. No âmbito desse capítulo, buscou-se analisar o fenômeno da segregação socioespacial numa perspectiva mais macro, a partir do processo de urbanização urbana de Viçosa. Nesse momento, buscou-se ‘adentrar os domicílios’, imprimindo uma perspectiva mais micro às nossas análises, com base na percepção dos chefes de família, eleitos nossos informantes-chave. Assim, buscou-se descrever como se materializa o fenômeno da Segregação Socioespacial, no tocante às condições de vida e ao cotidiano das famílias que vivem nas duas regiões mais segregadas socioespacialmente de Viçosa. Essas análises tiveram sempre como grupo de controle, a região Centro, melhor classificada em termos de segregação socioespacial.

Para tanto, tal pesquisa, com abordagem qualitativa e caráter descritivo, utilizou-se da amostragem probabilística, por meio de aplicação de 196 questionários (Survey) de forma aleatória nas três regiões de planejamento tendo como um dos objetivos, a análise comparativa das condições de vida das famílias residentes nessas três regiões urbanas de planejamento em Viçosa-MG, bem como os efeitos do fenômeno da segregação socioespacial sobre as mesmas. Tal análise levou em consideração o perfil dos moradores, a infraestrutura dos bairros, as condições dos domicílios, bem como as suas percepções sobre a violência. Taís análises permitiram perceber as diferenças e semelhanças que os efeitos da segregação socioespacial representam no cotidiano das famílias dessas regiões.

2. SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

Frey e Duarte (2006), dizem grosso modo, que a segregação é analisada geralmente como sendo um agrupamento de humanos desfavorecidos no âmbito de um conjunto social (seja por questões raciais, religiosas ou econômicas, esta última com destaque no Brasil). Além disso, esse fenômeno pode ser percebido também como sendo a exclusão de um grupo de pessoas do direito à cidade, e nesse sentido, não importa se a formação de territórios segregados se remeta às periferias, com pouca ou nenhuma infraestrutura ou nos centros urbanos em processo de esvaziamento de vitalidade socioeconômica.

Para Sposito (2016) o conceito de segregação socioespacial se aplica quando as formas de diferenciação causam uma separação espacial radical e implica em quebra, da região

D. A elaboração de um índice de segregação socioespacial como ferramenta de gestão e análise do espaço urbano de Viçosa-MG (2019, no prelo).

segregada em relação ao conjunto do espaço urbano, gerando conseqüentemente uma dificuldade nas relações e nas articulações que movem a vida na cidade.

No Brasil, os primeiros indícios de segregação surgiram no final do século XIX, mais precisamente a partir da década de 1880, com a “diversificação das funções e o aparecimento, ao lado do velho centro, de bairros operários e de bairros residenciais finos” (MATOS, 1958, p. 89). Para Bonduki há no elemento classe, um forte determinante para as formas de ocupação do espaço urbano. Nas suas palavras:

O problema da habitação popular no final do século XIX é concomitante aos primeiros indícios de segregação espacial. Se a expansão da cidade e a concentração de trabalhadores ocasionou inúmeros problemas, a segregação social do espaço impedia que os diferentes estratos sociais sofressem da mesma maneira os efeitos da crise urbana, garantindo à elite áreas de uso exclusivo, livres da deterioração, além de uma apropriação diferenciada dos investimentos públicos (BONDUKI, 1998, p.20).

Milton Santos (1993, p.96) por sua vez, trabalha o conceito de Sitio Social para explicar esse processo de segregação e entender a produção dos bairros residenciais feitos pela e para a burguesia ao longo do processo de urbanização brasileira. Segundo o autor:

A especulação imobiliária deriva, em última análise, da conjugação de dois movimentos convergentes: a superposição de sítios sociais [grifo do autor] ao sítio natural e a disputa entre atividades e pessoas por localizações. (...) criam-se sítios sociais, uma vez que o funcionamento da sociedade urbana transforma seletivamente os lugares, afeiçoando-os às suas exigências funcionais. É assim que certos pontos se tornam mais acessíveis, certas artérias mais atrativas e, também, uns e outros, mais valorizados. Por isso são atividades mais dinâmicas que se instalam nessas áreas privilegiada, quanto aos lugares de residência, a lógica é a mesma, com pessoas de maiores recursos buscando alojar-se onde lhes pareça mais conveniente, segundo os cânones de cada época, o que também inclui a moda. É desse modo que as diversas parcelas da cidade ganham ou perdem valor ao longo do tempo (MILTON SANTOS, 1993, p.96).

Nesse sentido, Villaça (2001) complementa dizendo que a segregação é um processo no qual distintas classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões ou conjunto de bairros. Ou seja, como diz Santos (1993), as classes mais abastadas transformam seletivamente os lugares de acordo com seus interesses, se instalando em locais centrais e com maiores infraestruturas. Esse seria o mais conhecido padrão de segregação, o de centro x periferia. Nesse modelo, o centro apresenta acesso a serviços urbanos, seja público ou privado, ocupado pelas camadas de mais alta renda, e a periferia, ao contrário, subequipada e longínqua, ocupada pelas camadas de mais baixa renda (VILLAÇA, 2001) acabando por criar uma dualidade entre cidade dos ricos e cidade dos pobres, ou

mesmo entre cidade legal e cidade ilegal (BONDUKI, 2010). Assim, a localização da moradia (em relação ao centro) é um indicador importante. Aquelas localidades mais afastadas ficam prejudicadas também nesse sentido, visto que se torna necessário o deslocamento de pessoas ou produtos entre locais de moradias e os de produção e consumo. Ou seja, além da separação espacial, a segregação também é entendida como separação social (VILLAÇA, 2001, 2011; CALDEIRA, 2000).

Caldeira (2000) da mesma forma, diz que o espaço urbano é organizado por padrões de diferenciação social e de separação, essencialmente. Esses padrões variam cultural e historicamente, o que acaba por revelar os princípios estruturantes da vida pública, mostrando também como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade. Do Lago (2002) e Maricato (1997, 2000 e 2013), de maneira complementar, falam que a segregação além dessa separação social, também significa desigualdade de acesso. Percebe-se essa desigualdade de acesso quando temos as periferias como locais afastados do centro, habitados pela população trabalhadora, desprovidos tanto de serviços, quanto de equipamentos públicos, marcados por condições sociais e urbanas muito precárias (BONDUKI e ROLNIK, 1982). Essas periferias, pobres e afastadas do centro, frequentemente, registram um padrão de violência diferenciado, ou seja, apresentam as maiores taxas de homicídios em contraposição às áreas centrais, que por sua vez, registram altas taxas de roubos e furtos, uma vez que são locais de maior dinamismo econômico e comercial (CALDEIRA, 2000; IZUMINO e NEME, 2002; LIMA, 2004; WEISELFISZ, 2013; CARVALHO e SANTOS, 2017).

A partir dessa perspectiva teórica, se torna relevante conhecer não somente a magnitude do fenômeno da segregação socioespacial, mas também as suas principais características em termos do perfil socioeconômico e demográfico dos moradores e das famílias, a infraestrutura dos bairros, as condições dos domicílios, bem como as suas percepções sobre a violência. Uma vez que, como consideram Flores (2006) e Torres, Ferreira, Gomes, (2005), o “espaço importa” nas condições de inserção e reprodução social das famílias.

3. ÍNDICE DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

O índice de segregação socioespacial (ISSE) foi elaborado por BASTOS FILHO, PINTO, FIÚZA E FAZITO (2019, no prelo) como uma ferramenta de análise desse fenômeno no espaço urbano em no município de Viçosa. Sua elaboração se inicia a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre o conceito de Segregação Socioespacial, identificando os

indicadores que explicam o fenômeno, e posteriormente uma pesquisa documental (base de dados secundários) sobre os indicadores selecionados. Ao todo, foram selecionados 27 indicadores divididos em 3 categorias: Separação Espacial, Separação Social e Desigualdade de acesso.

TABELA 1: Índice de Segregação Socioespacial de Viçosa-MG²⁷

REGIÕES	Índice ²⁸ de Segregação Socioespacial no Município de Viçosa por região urbana de Planejamento (ISSE)
1. Centro ²⁹	0,078
2. Fátima	0,311
3. Lourdes	0,311
4. Santo Antônio	0,378
5. Acamari	0,417
6. Bom Jesus	0,442
7. Nova Era	0,450
8. Passos	0,456
9. Silvestre	0,456
10. Amoras	0,556
11. Santa Clara	0,636
12. Nova Viçosa	0,681

Fonte: Elaboração própria (2018) com base em dados de Cruz (2014), Viação União (2016), Google Maps (2017), Plano Diretor de Viçosa (S.d), Blog Saúde Viçosa (S.d) e Portal da Saúde - PMV (S.d)

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para subsidiar e dar representatividade à população em estudo, quantificando assim o número de sujeitos a serem entrevistados, foi realizada a amostragem probabilística, que segundo Babbie (1999, p. 125) tem como “finalidade última [...] selecionar um conjunto de elementos de uma população de tal forma que descrições destes elementos (estatísticas) descrevam com precisão a população total da qual foram selecionados”.

Dentro da amostragem probabilística utilizou-se a amostragem p^o conglomerado, que é a mais adequada a esse estudo, uma vez que proporciona mais confiabilidade às reais

²⁷ Para maiores informações de sua elaboração, consultar capítulo 2 dessa tese ou artigo de BASTOS FILHO; PINTO; FIÚZA; FAZITO (2019, no prelo). A elaboração de um índice de segregação socioespacial como ferramenta de gestão e análise do espaço urbano de Viçosa-MG. Revista Interações, 2019 (no prelo).

²⁸ O índice varia de 0,0 a 1,0 sendo que, quanto mais próximo de 1,0 mais segregada socioespacialmente é a região urbana de planejamento.

²⁹ A região de Planejamento Centro se encontra com 0,078 (zero) por dois fatores principais: Ser a referência central e comercial da cidade e por abarcar quase todos os indicadores na faixa ideal.

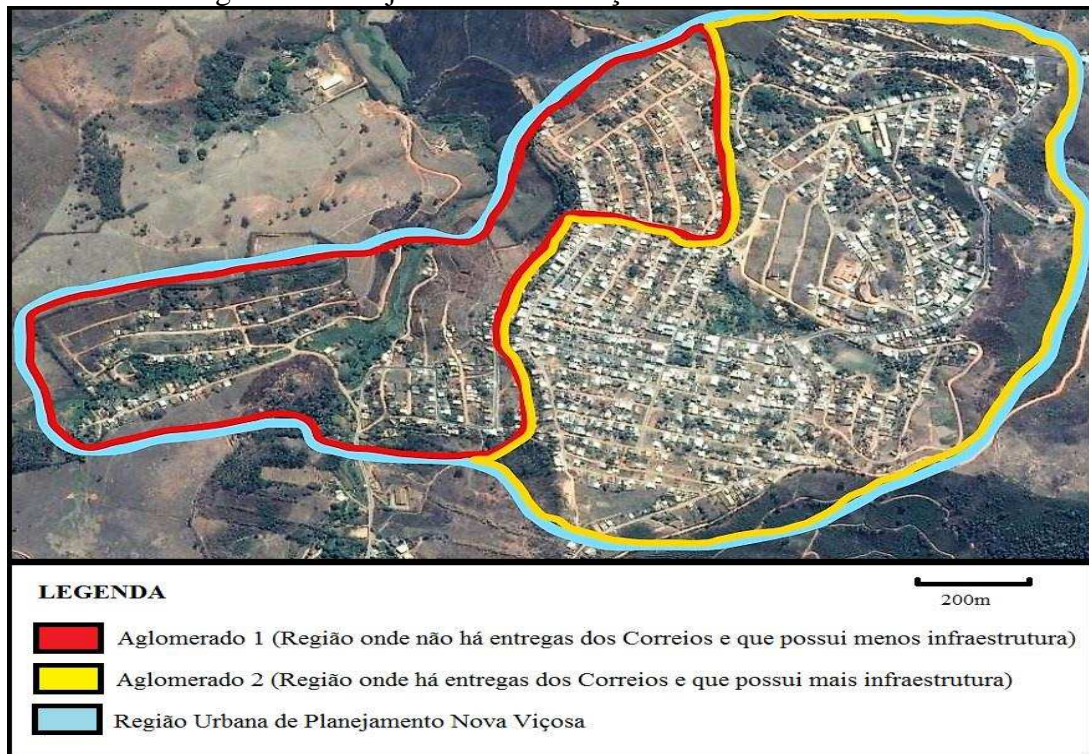
situações dos moradores das regiões segregadas socioespacialmente, uma vez que agrupam em cada aglomerado, características semelhantes do grupo entrevistado.

Para composição da amostra e escolhas dos sujeitos a serem entrevistados foram realizadas três etapas durante a pesquisa de campo: divisão de cada uma das três regiões em dois aglomerados, seguido pelo cálculo da amostra, a partir do número de domicílios presentes na região de planejamento, com base em dados do retrato social 5 realizado por Cruz (2014), e por fim, procedeu-se à aplicação dos questionários.

Na primeira etapa, relativa à “divisão de cada região em dois aglomerados”, cada uma das três regiões urbanas de planejamento, Nova Viçosa, Santa Clara e Centro (selecionadas a partir do ISSE, Tabela 1 acima), foram divididas internamente, em dois aglomerados. Em Nova Viçosa e Santa Clara essa divisão dos bairros foi feita com base na identificação da presença (ou ausência) de determinadas características que lhe traziam, internamente, maior homogeneidade. Assim, numa região identificou-se um aglomerado com acesso a serviços e infraestrutura (serviços dos correios e condição de infraestrutura de ruas). O segundo aglomerado foi identificado pela ausência dos serviços e infraestrutura (Figuras 1 e 2). Já o conglomerado da região urbana de planejamento Centro, foi dividido em dois aglomerados, proporcionais ao número de domicílios, uma vez que a observação dessa região, sugere haver maior homogeneidade no padrão de infraestrutura e serviços. Essas características foram construídas na pesquisa de campo, por meio de visitas prévias às três regiões, bem como de informantes-chave que detinham grande conhecimento em relação à realidade local, a exemplo do carteiro, que é responsável diariamente pelas entregas de correspondências nas três regiões.

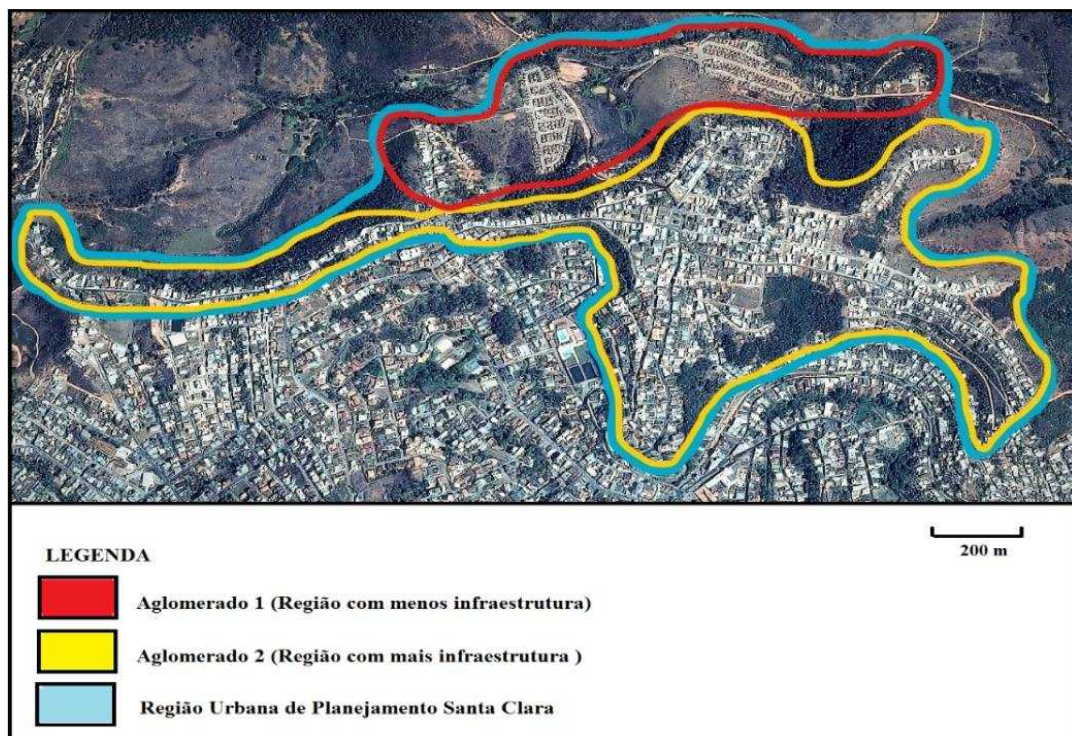
Em seguida, cruzou-se essas informações com análises de imagens aéreas fornecidas pelo Google Maps, para identificação das proporções de domicílios por aglomerado. Às observações do pesquisador, agregou-se os comentários do agente dos correios e as imagens de satélite do google. Finalmente, foi possível estabelecer os dois aglomerados que compuseram as três regiões urbanas de planejamento por homogeneidade dos aspectos observados (Figura 1, 2 e 3).

FIGURA 1- Região de Planejamento Nova Viçosa



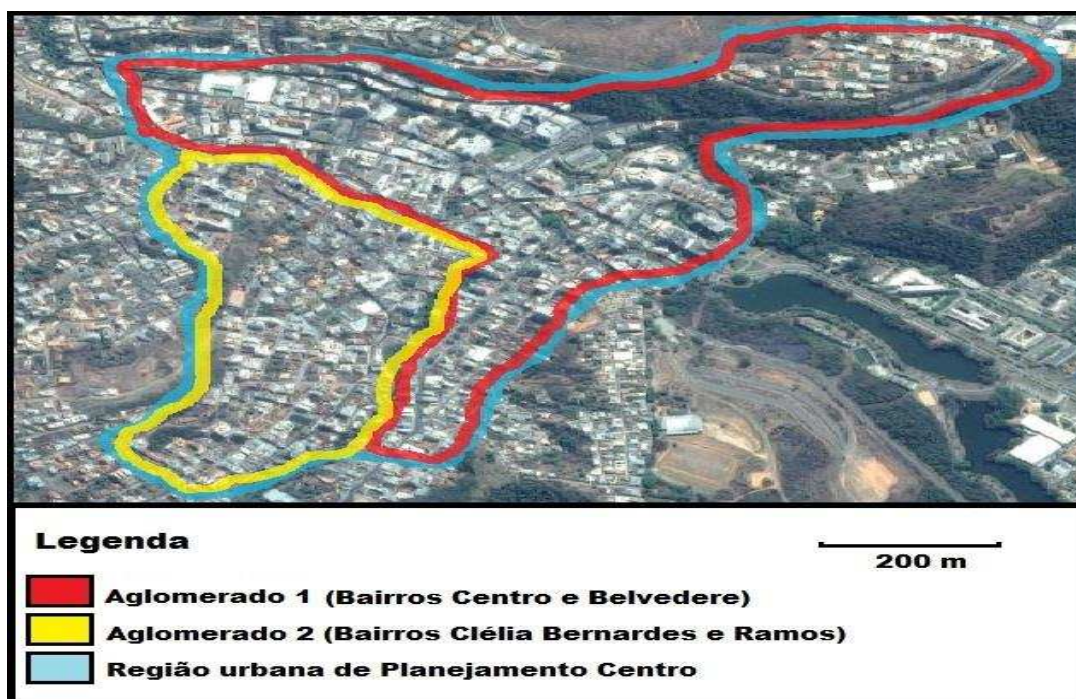
Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

FIGURA 2- Região Urbana de Planejamento Santa Clara



Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

FIGURA 3- Região Urbana de Planejamento Centro



Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

Na segunda etapa da pesquisa de campo, realizou-se o cálculo amostral. Para tanto, tomou-se o número total de domicílios de cada região urbana de planejamento (Tabela 1, abaixo) tomando como referência o trabalho de Cruz (2014). Com o resultado da amostra obtida, dividiu-se esse valor proporcionalmente à porcentagem de domicílios estimada (segundo critérios descritos acima) em cada um dos dois aglomerados de cada uma das três regiões urbanas de planejamento.

Em seguida, para manter a aleatoriedade nas escolhas dos domicílios, dividiu-se o valor da amostra em cada aglomerado pelo número de ruas (82 em Nova Viçosa, 66 em Santa Clara e 67 no Centro)³⁰. Posteriormente nas regiões de Nova Viçosa e Santa Clara, sorteou-se primeiro as ruas a serem abordadas, principalmente no caso de Nova Viçosa, onde há mais ruas do que o número de sujeitos da amostra. Já em Santa clara houve sorteio de qual rua ficaria fora, uma vez que há 66 ruas e uma amostra composta por 65 chefes de família. Feito isso, contou-se o número de casas na rua e cada casa ganhou um número para posteriormente realizar o procedimento de sorteio de uma delas (via software chamado Sorteio, no Iphone 4s).

Na região Centro, da mesma forma que em Santa Clara, realizou-se o sorteio da rua que seria excluída da intervenção, pelo mesmo motivo citado acima. Entretanto, receio, medo,

³⁰ Mapa de ruas realizado pela Prefeitura Municipal de Viçosa, Departamento de Cadastro-Secretaria Municipal da Fazenda (2012).

desconfiança, tempo disponível para participação e até mesmo falta de interesse dos sujeitos de pesquisa dessa região Centro impuseram dificuldades à manutenção dos procedimentos metodológicos anteriormente utilizados. Assim, adotou-se a estratégia de abordagem dos sujeitos de pesquisa por indicação de amigos e conhecidos de moradores dessas regiões, e também por divulgação via Facebook, no grupo “Viçosa”, requisitando voluntários. Ou seja, os participantes que responderam o questionário nessa região foram indicados por amigos ou conhecidos do pesquisado ou pessoas que se voluntariaram a partir de divulgação do recrutamento de chefes de famílias, moradores dessa região na página de facebook da cidade.

Assim, utilizou-se como unidade de pesquisa o número de domicílio presentes em cada região: Nova Viçosa³¹, Santa Clara³² e Centro³³ (CRUZ, 2014), e como informante privilegiado na nossa pesquisa, buscou-se entrevistar o chefe de família do domicílio, considerado pelo IBGE como “pessoa de referência”³⁴ – indivíduo responsável pelo aluguel, em caso de domicílio alugado por um dos moradores; responsável pela prestação do imóvel, em caso de domicílio ainda não totalmente pago; ser o responsável por outras despesas de habitação (Condomínio, impostos prediais, serviços e taxas do domicílio, etc.). Além disso, considerou-se que, se nenhum morador satisfizesse pelo menos uma das condições, a pessoa de referência deverá ser aquela assim considerada ou indicada pelos demais moradores. De acordo com o Cruz (2014), Retrato Social de Viçosa 5, a Região Nova Viçosa possui 1.442 domicílios, Santa clara, 1.548, e o Centro, 2.513.

TABELA 2 - Número de Domicílios, por Região Urbana de Planejamento - Viçosa, MG – 2013

Região	Número de Domicílios
Nova Viçosa	1.442
Santa Clara	1.548
Centro	2.513

Fonte: Cruz (2014).

³¹ Segundo Censur Viçosa (2014) a Região 4 Nova Viçosa Integrada pelos bairros: Nova Viçosa e Posses.

³² Segundo Censur Viçosa (2014) a Região 7 Santa Clara Integrada pelos bairros: JK, Santa Clara (parte alta), Maria Eugênia, Coelhas e São Sebastião.

³³ Segundo Censur Viçosa (2014) a Região 1 Centro Integrada pelos bairros: Ramos, Clélia Bernardes, Belvedere e Centro.

³⁴ Segundo IBGE/POF (2008) a Pessoa de Referência é aquela que satisfaz a pelo menos uma das condições supracitadas.

As amostras das três regiões foram calculadas separadamente a fim de se adequar as especificidades de cada uma das regiões. O cálculo do tamanho da amostra foi realizado utilizando-se a fórmula da proporção finita (BOLFARINE e BUSSAB, 2005), correspondendo a:

$$n = \frac{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} \times N}{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} + (N - 1)E^2}$$

Onde,

n = tamanho amostral

Z = valor tabelado de uma distribuição normal

N = tamanho populacional

E = margem de erro ou erro máximo de estimativa

p = proporção populacional de indivíduos que pertencem a categoria que estamos estudando

q = proporção populacional de indivíduos que não pertencem à categoria que estamos estudando (q = 1 – p).

α = nível de significância

Quando os valores populacionais p e q são desconhecidos, segundo Bolfarine e Bussab (2005), substituem-se cada um dos valores amostrais \hat{p} e \hat{q} por 0,5. Já o nível de significância é uma probabilidade definida sob a curva normal padronizada. Essa estatística estabelece, com o erro de amostragem, a precisão das estimativas. O valor complementar do nível de significância é o nível de confiança. Assim, quanto menor o nível de significância adotado, maior a confiabilidade das estimativas. Os valores dos níveis de significância mais adotados estão expostos na tabela 3:

TABELA 3: Níveis de significância utilizados com maior frequência

Nível de significância	1%	5%	10%
Valor de Z	2,58	1,96	1,64

Fonte: BOLFARINE e BUSSAB (2005)

O erro amostral corresponde à diferença entre o valor que a estatística pode acusar e o verdadeiro parâmetro que se deseja estimar. Assim, o erro amostral influencia a precisão das estimativas dos parâmetros da população e pode ser calculado de acordo com a equação a seguir:

$$e_p = \sqrt{\frac{p \cdot q}{n}} * 100$$

Em que:

e_p = erro com que se verifica um fenômeno para um desvio-padrão

p = percentagem com que se verifica um fenômeno

q = complementar de p

n = tamanho da amostra

Com o auxílio da fórmula para identificar o tamanho amostral (n) dos indivíduos das regiões Nova Viçosa, Santa Clara e Centro inseriu-se os seguintes valores: Z , que é 1,64 conforme valor tabelado no Quadro 1; p e q , desconhecidos, mas substituídos por 0,5, adotamos 90% como margem de confiança e 10% de margem de erro; e o N , igual a 1.442 para o número de domicílios na região urbana de planejamento Nova Viçosa, 1.548 para o número de domicílios da região urbana de planejamento Santa Clara e 2.513 para o número de domicílios da região urbana de planejamento Centro. Quando esses valores foram “jogados” na equação, obtivemos o seguinte resultado:

$$n_{NV} = (1,64)^2 \times 0,5 \times 0,5 \times 1.442 / ((1,64)^2 \times 0,5 \times 0,5 + (1.442-1)(0,10)^2) = 65$$

$$n_{SC} = (1,64)^2 \times 0,5 \times 0,5 \times 1.548 / ((1,64)^2 \times 0,5 \times 0,5 + (1.548-1)(0,10)^2) = 65$$

$$n_{CN} = (1,64)^2 \times 0,5 \times 0,5 \times 2.513 / ((1,64)^2 \times 0,5 \times 0,5 + (2.513-1)(0,10)^2) = 66$$

Sendo assim, nota-se que as amostras tanto de Nova Viçosa, quanto de Santa Clara foram de 65 domicílios (ou melhor, chefes de famílias), sorteados dentre os 1.442 domicílios na primeira e 1.548 na segunda região urbana de planejamento. O Centro, por sua vez, apresentou uma amostra de 66 chefes de família. Nas figuras 1, 2 e 3, foram apresentados os diferentes aglomerados em cada um dos três conglomerados utilizados para o planejamento da aplicação dos questionários.

Após o cálculo amostral e divisão proporcional por aglomerado, na terceira etapa em Nova Viçosa, foram aplicados 57 questionários no aglomerado 2 (amarelo), uma vez que nessa área se concentra 87% dos domicílios dessa região urbana de planejamento e os outros 9

questionários, foram realizadas no aglomerado 1 (Vermelho) onde está concentrado 13% dos domicílios.

Na região urbana de planejamento Santa Clara, houve uma pequena mudança nas proporções, ou seja, 52 indivíduos participantes da pesquisa têm residência no aglomerado 2 (Amarelo) – local onde se localiza 80% dos domicílios da região urbana de planejamento. O restante, 14 indivíduos, tem residência no aglomerado 1 (Vermelho), local onde está localizado 20% dos domicílios.

Já na região urbana de planejamento Centro, as proporções foram divididas em, 50% dos questionários aplicados aos chefes de família dos Bairros Centro e Belvedere e os outros 50% aplicados nos bairros Clélia Bernardes e Ramos, obedecendo a concentração de domicílios em cada aglomerado. Em outras palavras, 33 questionários (50%) aplicados em cada um dos aglomerados da Região Centro. Em síntese, foram aplicados no total, 65 questionários em cada uma das regiões urbanas de planejamento Nova Viçosa e Santa Clara e 66 na região urbana de planejamento Centro.

Para desenvolvimento da pesquisa de campo, tanto o projeto quanto o questionário passaram pelo crivo do comitê de ética em pesquisas com seres humanos da Universidade Federal de Viçosa, recebendo sua aprovação em 21 de agosto de 2017. O questionário (APENDICE 1) contou com 33 questões que abordaram questões associadas às oito categorias de análise, a saber: perfil socioeconômico, perfil familiar, perfil migratório, acessibilidade de transportes, perfil habitacional, percepção da violência, infraestrutura da região urbana de planejamento e condições materiais do domicílio.

As aplicações dos questionários se iniciaram em 26 de agosto de 2017 e foram até 23 de março de 2018. Nas regiões Nova Viçosa e Santa Clara foram necessários 9 finais de semana para realização de todos os questionários. O longo tempo em campo nessas regiões se deu devido às grandes dificuldades em encontrar os chefes de família em suas residências durante os dias de semana. Assim sendo, só foi possível realizar a aplicação dos questionários aos sábados, após as 14:00 e domingos durante todo o dia. Na região Centro, a aplicação dos questionários se iniciou em janeiro de 2018 e se estenderam até dia 23 de março do mesmo ano.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A aplicação dos 196 questionários (65 questionários aplicados tanto em Nova Viçosa quanto em Santa Clara e 66 aplicados no Centro) geraram uma grande quantidade de

informações as quais nos possibilitaram uma análise comparativa acerca dos efeitos da segregação socioespacial no cotidiano das famílias que vivem em regiões periféricas. A partir desse conjunto de informações, foi possível descrever os perfis das famílias e as condições de vida desses moradores, nas diferentes regiões urbanas, no que se refere a 8 diferentes categorias: perfil socioeconômico, perfil migratório, tipos de famílias, acessibilidade de transporte, perfil habitacional, percepções sobre a violência, infraestrutura do bairro, bem como condições materiais do domicílio.

5.1. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS REGIÕES NOVA VIÇOSA, SANTA CLARA E CENTRO

5.1.1. Perfil Socioeconômico dos Chefes de Família

As primeiras discussões e resultados giraram em torno de uma análise comparativa entre os perfis socioeconômicos das três regiões aqui selecionadas. Tais informações permitem entender as semelhanças e diferenças das populações que compõem cada grupo regional. Na composição dessa variável, foram associados os seguintes indicadores: sexo, cor, renda, estado civil, escolaridade e ocupação.

Com base na tabela abaixo, percebe-se que, nas três regiões o número de mulheres chefiando as famílias é a maioria, sendo que em Nova Viçosa, essa quantidade é a mais elevada. Ou seja, 66% dos chefes de família nessa região são do sexo feminino. No Centro essa porcentagem é de 62% e em Santa Clara essa porcentagem é menor, chegou a 54%. Além disso, as três regiões estudadas apresentam percentuais de mulheres chefiando a família acima da média brasileira: em 1960 esse percentual alcançou 10,7% de mulheres, em 1996 chegou a 24% (COUTO, 2001) e, em 2015 subiu para 40,5% (IBGE/PNAD). Esse número vem crescendo regularmente em quantidade e em proporção, sendo vários os motivos que levam as mulheres a ocuparem essa posição: modernização das relações familiares e de gênero, associação com a migração masculina, viuvez, gravidez fora do casamento, separações, divórcios, até mesmo transformações na economia e condições de pobreza (CARVALHO, 1998; CASTRO, 1982; MONTALI, 2004). Mesmo não sendo um consenso entre os autores³⁵, esse é um fenômeno, que frequentemente está associado às condições de pobreza.

³⁵ Para Silva (2007) a chefia familiar feminina não pode ser considerada um indicador de maior pobreza das mulheres. Mesmo que alguns trabalhos revelem uma maior incidência de chefia familiar feminina com baixo rendimento econômico, esse fenômeno também vem crescendo em camadas médias e altas. E como aponta

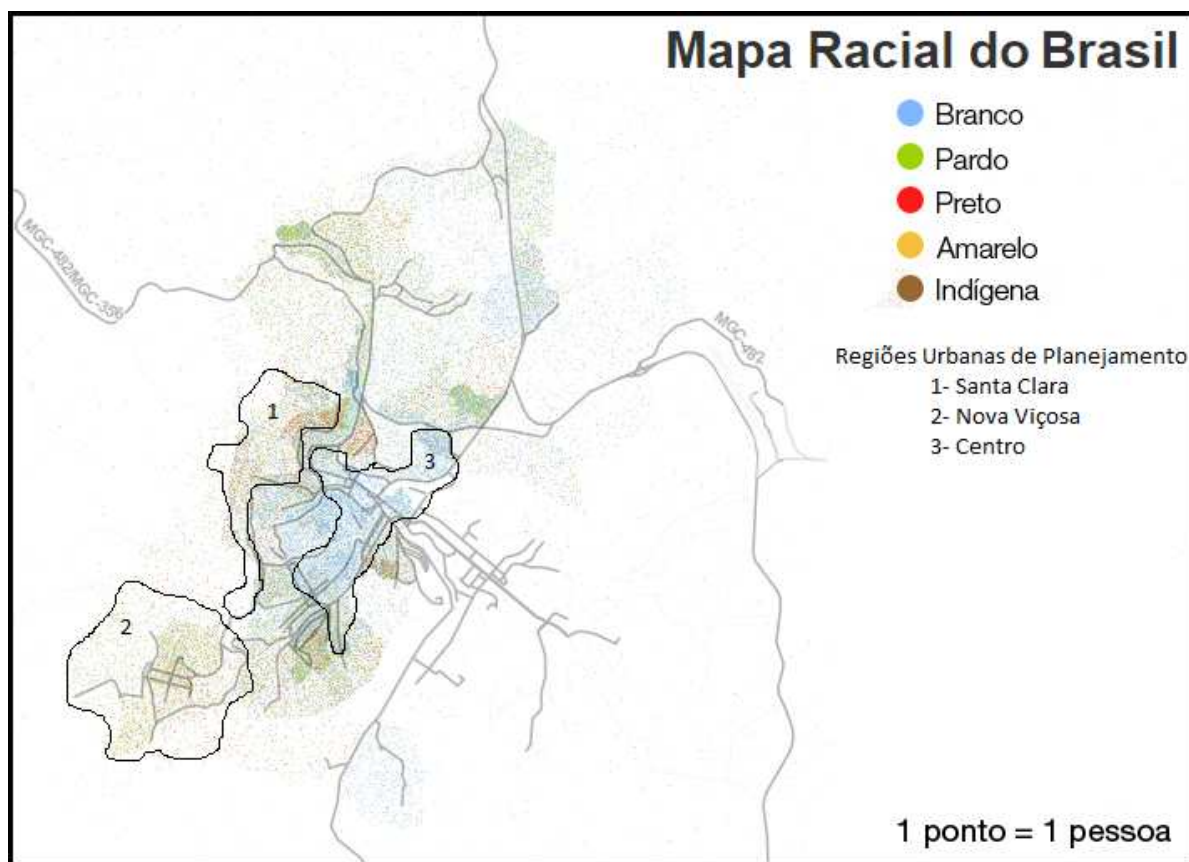
Para Barros, Fox e Mendonça (1994) essa condição, a de chefe de famílias, estabelece um perfil uniforme desse segmento de mulheres como sendo “as mais pobres entre os pobres”. Ou seja, “não se deve desconsiderar esta tendência nos estudos sobre políticas sociais, pois este corte analítico pode colaborar para ressaltar a desigualdade de gênero e a pobreza diferenciada entre homens e mulheres” (MACEDO, 2008, p. 389).

No caso de Viçosa pode-se dizer que não há essa relação direta, uma vez que se percebe que o número de famílias chefiadas por mulheres na região Central - região com renda maior às demais regiões - é acima da proporção encontrada em Santa Clara e próxima do perfil de Nova Viçosa, apesar das grandes diferenças em termos de renda em cada região (renda será discutido abaixo). Entretanto, tanto nas regiões periféricas quanto na região central percebe-se que as menores rendas estão relacionadas ao gênero feminino.

Predominantemente, nas duas regiões categorizadas com os mais elevados índices de segregação socioespacial prevalecem chefes de família com as cores de pele preta e parda. Sendo que em Nova Viçosa o número de pretos (37%) é maior que em Santa Clara (24%). O fenômeno da negritude associado à região segregada socioespacialmente fica mais evidente quando somados os percentuais de pretos e pardos, que segundo o IBGE (PNAD, 2015), formam o grupo de negros. Nesse somatório identifica-se que os negros compõem 79% dos chefes de família em Nova Viçosa e 72%, dos residentes em Santa Clara. Por outro lado, na região Centro, o percentual de pardos é expressivamente menor: 23% dos entrevistados, não apresentando nenhum indivíduo que se identifica como preto. Já o número de pessoas que se identifica como de pele branca chegou a 77% dos indivíduos dessa região. Em outras palavras, fica evidente que a segregação racial/étnica também é um indicador muito forte na Segregação Socioespacial de Viçosa. Dados do mapa racial, criado pela Post Advertising Technology Agency (PATA)³⁶, reforçam que essa é uma tendência nacional, apontando a forte relação existente entre a segregação socioespacial e a segregação racial, tal como se observou no município de Viçosa, conforme figura 4, abaixo.

Macedo (2008), esses domicílios chefiados por mulheres são muito heterogêneos e não podem receber a mesma categorização com relação à pobreza.

³⁶ A elaboração desse mapa, teve sua inspiração e a base do código utilizado para gerar o mapa de um pesquisador do Cooper Center for Public Service da University of Virginia, e autor de um mapa racial dos Estados Unidos, chamado Dustin Cable. Ele, por sua vez, foi inspirado por Brandon Martin-Anderson do MIT Media Lab, e Eric Fischer, mapmaker/programador.

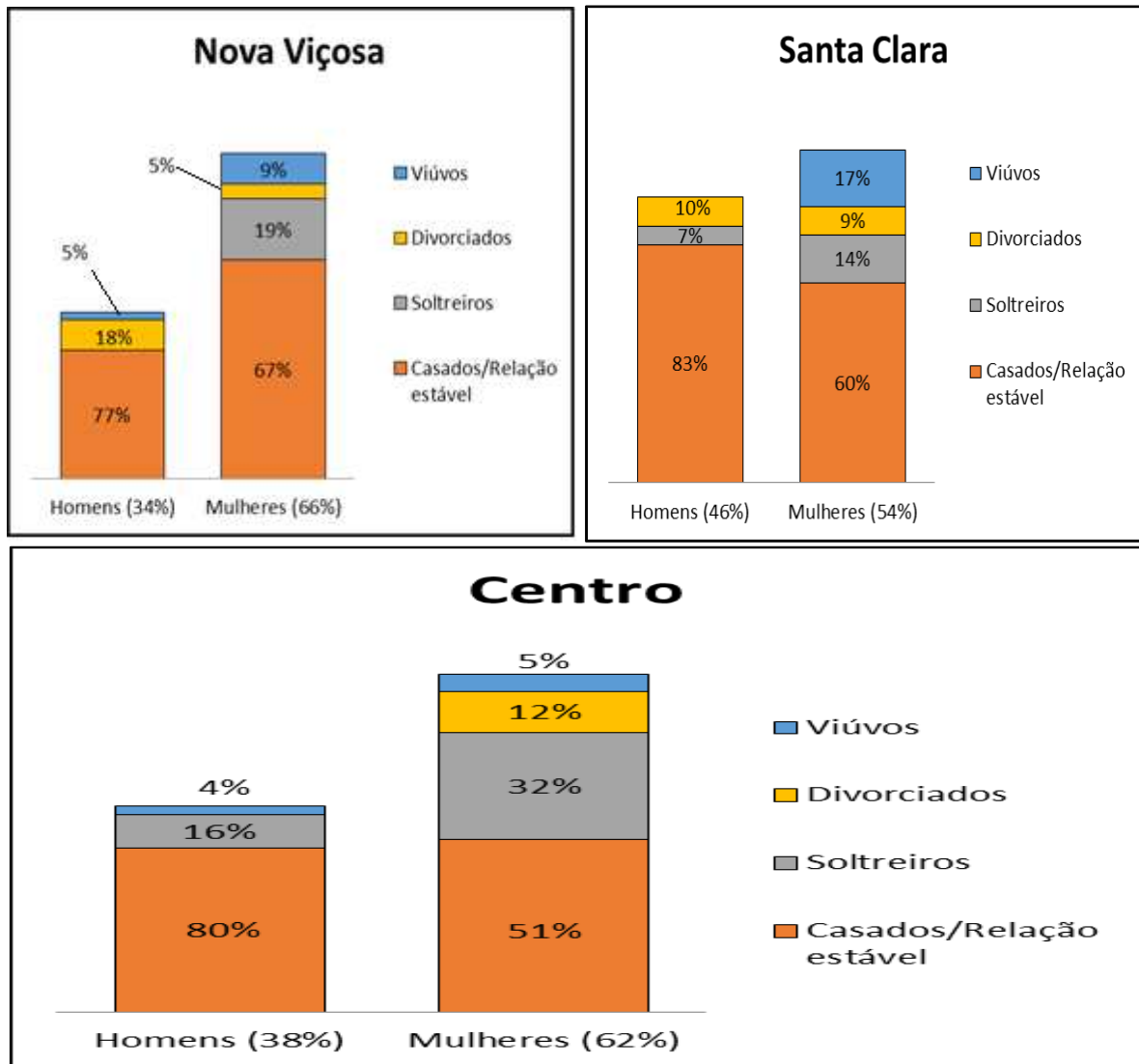
FIGURA 4: Mapa Racial de Viçosa (MG)

Fonte: Post Advertising Technology Agency (PATA), 2018.

No que se refere ao estado civil, em todas as três regiões, os chefes de família são, na sua maioria, casados ou estão em relação estável: 71% dos entrevistados tanto nas regiões Nova Viçosa quanto em Santa Clara e 62% na região Centro (Tabela 4). Entretanto, quando analisamos apenas o grupo de mulheres que chefiam as famílias, esse percentual de casados/relação estável reduz. De acordo com a Figura 5, abaixo, percebe-se que há mais mulheres solteiras e viúvas do que homens na mesma situação (nas três regiões) e menor percentual de mulheres casadas/relação estável em relação ao mesmo estado civil do grupo só de homens.

Nas três regiões, percebe-se também que a proporção de homens e mulheres casadas/relação estável é bem distinta em relação ao total de indivíduos. Assim, em Nova Viçosa há mais mulheres casadas do que homens; em Santa Clara essa proporção se inverte, havendo mais homens casados do que mulheres; já na região Centro essa proporção fica 50% para cada gênero, revelando que há o mesmo número de homens e mulheres casados/relação estável nessa região (Figura 3).

FIGURA 5: Estado Civil dos homens e mulheres chefes de família em Nova Viçosa, Santa Clara e Centro



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

No que se refere à renda, percebe-se que a região central apresenta as maiores rendas entre as três regiões. Entretanto, a de Santa Clara é superior à de Nova Viçosa, tanto na análise da renda média familiar, da renda média individual, quanto da maior renda familiar identificada nos dois bairros (Tabela 4). Quando analisamos o número de indivíduos que possui renda mensal de até um salário mínimo³⁷, observamos que, a maior parte dos chefes de família recebe – no máximo – essa quantia. Ou seja, em Nova Viçosa há um total de 78% e em Santa Clara de 62% dos chefes de família que recebem até R\$937,00 reais. Ao nos remetemos à renda familiar, constata-se percentuais significativos de famílias (somando-se

³⁷ O salário mínimo federal no ano de 2017 era de R\$ R\$ 937,00.

todos os rendimentos dos integrantes da família) vivendo com renda de até um salário mínimo – 29% em Nova Viçosa e 25% em Santa Clara.

Dentro desses grupos observa-se também em Nova Viçosa, 34% das famílias em situação de pobreza³⁸ e outras 12,30% em situação de extrema pobreza. Mesmo com percentuais menores, a realidade em Santa Clara também é grave: 21,5% das famílias são consideradas pobres e outras 12,30% em grau de extrema pobreza.

Na análise comparativa, com base nos dados do IBGE (2015), esses dados são piores, inclusive que os dados nacionais, o que revela o alto grau de vulnerabilidade das famílias que vivem nessas regiões. Tanto em Nova Viçosa quanto em Santa Clara o número de famílias em situação de extrema pobreza está acima da média brasileira, que registrou em 2015 uma porcentagem de 9,2% de famílias nessa situação.

TABELA 4: Perfil Socioeconômico dos Chefes de Família nas Regiões Nova Viçosa, Santa Clara e Centro

Regiões Urbanas de Planejamento		Nova Viçosa	Santa Clara	Centro	
População total das Regiões Urbanas de Planejamento		5.214	5.621	7.197	
População	Nº total de Domicílios	1.442	1.548	2.513	
Amostra	Entrevistados (Chefes de Família)	65	65	66	
Categorias	Subcategorias	Indicadores			
Perfil Socioeconômico	Sexo	Masculino	34%	46%	38%
		Feminino	66%	54%	62%
	Cor	Indígena	0%	2%	0%
		Amarela	4%	3%	0%
		Branca	17%	23%	77%
		Preta	37%	24%	0%
		Parda	42%	48%	23%
	Estado Civil	Viúvo (a)	8%	9%	5%
		Divorciado (a)	9%	9%	7%
		Solteiro (a)	12%	11%	26%

³⁸ Segundo IBGE (2015) - Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), a família com rendimento mensal per capita menor que $\frac{1}{2}$ Salário mínimo é considerada em situação de pobreza, e aquela família com Renda mensal per capita menor que $\frac{1}{4}$ do Salário mínimo está situada em extrema pobreza.

		Casado(a) ou relação estável	71%	71%	62%
	Renda	Chefes de família com renda individual de até 1 salário mínimo (R\$ 937,00)	78%	62%	5%
		Maior renda individual	R\$ 4.900,00	R\$ 4.600,00	R\$25.000,00
		Renda média individual	R\$ 950,12	R\$ 1.379,30	R\$ 5.022,76
		Renda familiar de até 1 salário mínimo (R\$ 937,00)	29%	25%	0%
		Maior renda familiar	R\$ 6.400,00	R\$ 8.100,00	R\$40.000,00
		Menor renda familiar	R\$ 0,00 ³⁹	R\$ 100,00	R\$1.000,00
		Renda média familiar	R\$ 1.919,41	R\$ 2.348,78	R\$ 8.346,67
		Escolaridade	Analfabeto	9%	5%
	Fundamental incompleto		45%	48%	1,5%
	Fundamental completo		19%	8%	1,5%
	Médio incompleto		0%	12%	0%
	Médio completo		26%	17%	10,5%
	Superior incompleto		0%	6%	7,5%
	Superior completo		0%	3%	26%
	Pós-graduação		1%	1%	53%
	Ocupação	Donas de casa	4,5%	9%	4,5%
		Desempregados (as)	9%	6%	0%
		Aposentados (as)	20%	18,5%	10,5%
		Domésticas	20%	18%	1,5%
		Professor	0%	0%	15%
		Autônomo	18% ⁴⁰	23%	24% ⁴¹

³⁹ Indivíduo que vive sozinho e sobrevive com base em ajudas

⁴⁰ Nova Viçosa e Santa Clara: Serviços gerais, acabamento de mármore, jardineiro, reciclagem, barbeiro, comerciante, lavadeira de roupa, produtor rural e taxista.

⁴¹ Centro: Comerciante, Arquiteto, Geógrafo, Psicólogo, Dentista, Eng. Civil e Fisioterapeuta.

		Estudante ⁴²	0%	0%	15%
		Pensionista	3%	1,5%	1,5%
		Ocupações diversas	25,5% ⁴³	24% ⁴⁴	28% ⁴⁵

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2017

No que se refere ao grau de escolaridade, percebemos que quando somamos os indivíduos analfabetos e ensino fundamental incompleto, a porcentagem de chefes de família com tais níveis de escolaridade ultrapassa os 50% nas duas regiões mais segregadas. Em Nova Viçosa esse nível chega a 54% e em Santa Clara a 53% dos chefes de família, revelando o alto índice de pessoas com baixa escolaridade. Os níveis superiores de educação estiveram associados aos menores percentuais nos dois bairros: 27% dos entrevistados em Nova Viçosa e em Santa Clara possuíam Ensino Médio completo, e apenas 1% dos chefes de família em Nova Viçosa e 3% em Santa Clara possuíam pós-graduação.

No que se refere à ocupação, percebemos a relação direta com o nível de escolaridade exigida e os baixos salários. Ou seja, os dados relativos aos trabalhadores autônomos e ocupações diversas, revelam que as profissões dos chefes de família tanto em Nova Viçosa quanto em Santa Clara, diferentemente da região Centro, exigem baixo grau de escolaridade, e como consequência, são atividades com remunerações inferiores, principalmente quando comparada à região Centro. Sendo assim, no que se refere ao trabalhador autônomo em Nova Viçosa e Santa Clara, observou-se profissões que não exigem nível superior (graduação), como por exemplo: barbeiro, comerciante, taxista, lavadeira de roupa e produtor rural. Por outro lado, na região Centro, o trabalho autônomo está relacionado a profissões com maior nível de escolaridade como: arquiteto, dentista, geógrafo, engenheiro civil e fisioterapeuta. Esse aspecto se evidencia na análise da categoria “Ocupações diversas”, que, na região Centro, concentra as ocupações que exigem maior escolaridade seja técnico ou nível de graduação, como por exemplo: administrador, diretor assistente, revisor de texto, técnico em informática e técnico de laboratório. Esse agrupamento se diferenciou em relação às duas

⁴² Bolsista de pós-graduação (Mestrado, bolsa de R\$1.500,00 e Doutorado, R\$2.200,00).

⁴³ Agente de publicidade, Agente de saúde, assistente de consultório odontológico, assistente do CRAS, assistente de escola, atendente de loja, auxiliar de escritório, auxiliar de serviços gerais, camareira, encarregado de obra, Motorista, porteiro, operador de máquina, vendedor e servente de pedreiro.

⁴⁴ Auxiliar de creche, auxiliar de serviços gerais, auxiliar de cozinha, auxiliar administrativo, coordenador de atendimentos, pedreiro, promotor de vendas, representante comercial, servente de pedreiro, segurança, técnico de tecnologia da informação e técnico de informática.

⁴⁵ Assistente administrativo, auxiliar administrativo, administrador, diretor assistente, diretora da pós-graduação, estagiária, extensionista EMATER, porteiro, revisor de textos, técnico de informática, técnico de laboratório.

regiões com alto índice de segregação socioespacial, cuja categoria concentrou profissões com baixa exigência de nível de escolaridade, como: pedreiro, atendente de loja, camareira, encarregado de obra, porteiro, operador de máquina, vendedor, servente de pedreiro, segurança e auxiliar de cozinha.

A ocupação de doméstica agregou percentuais expressivos nas duas regiões com alto grau de segregação socioespacial: 20% em Nova Viçosa e 18% em Santa Clara. É a partir da inserção no mercado de trabalho como doméstica que muitas mulheres dessas regiões são chefes de família. Já na região Centro, menos de 2% atuam nessa profissão, o que revela uma forte relação do grau de segregação socioespacial com ocupações profissionais que exigem baixa qualificação escolar, como é o caso das domésticas residentes nas regiões estudadas.

Em suma, observa-se que as regiões Nova Viçosa e Santa Clara, diferentemente da região Centro, apresentam um perfil socioeconômico com indicadores baixos, mas não por acaso, pois são as regiões urbanas com os mais elevados índices de Segregação Socioespacial de Viçosa. E, apesar dos dados de Santa Clara evidenciarem que a região apresenta indicadores ligeiramente melhores do que Nova Viçosa, como, por exemplo, renda e escolaridade, em geral, essas duas regiões apresentam um alto índice de famílias chefiadas por mulheres, de maioria negra, com baixos salários, baixa escolaridade, trabalhando em ocupações que não exigem níveis elevados de escolaridade e que pagam baixos salários. Sendo assim, os dados da categoria “perfil socioeconômico” revelam a relação da Segregação Socioespacial com os baixos índices encontrados na pesquisa de campo, nessas duas regiões em comparação a região Centro.

5.1.2. Tipos de Famílias que vivem nas três diferentes Regiões Urbanas de Planejamento

Segundo Oliveira (2009) a concepção de família que historicamente foi sendo construída é fruto da trajetória de sua existência na sociedade. Lévi-Strauss (1986) apud Oliveira (2009, p.25), afirma que:

É de acordo com o contexto social, em cada sociedade e em cada época histórica, que a vida doméstica passa a assumir determinadas formas específicas, evidenciando que a família não é instituição natural, mas reforçando a compreensão de que ela é socialmente construída de acordo com as normas culturais. Nesse contexto, podemos afirmar que a família passa por profundas transformações, tanto internamente, no que diz respeito a sua composição e as relações estabelecidas entre seus componentes, quanto às normas de sociabilidade externas existentes, fato este que tende a demonstrar seu caráter dinâmico.

Na análise dos dados brasileiros, de acordo com o último censo ⁴⁶(IBGE, 2010), os tipos de família no Brasil se distribuíam da seguinte forma: Família Nuclear (com filhos), 41%, Família Alargada ou Extensa, 19%, Família Díade Nuclear, 13,70%, Família unitária, 12,21%, Família Monoparental, 11,6% e outras formas familiares computaram 2,5%, como por exemplo, Família reconstruída, família co-habitação e outras.

TABELA 5: Perfil Familiar/ Tipos de Famílias nas três diferentes Regiões Urbanas

Regiões Urbanas de Planejamento			Nova Viçosa	Santa Clara	Centro
Categorias	Subcategorias	Indicadores			
Perfil familiar	Tipos de Família ⁴⁷	Família Nuclear ou Simples (Com filhos)	43%	40%	32%
		Família Alargada ou Extensa	18%	18%	0%
		Família Díade Nuclear (sem filhos)	15%	13%	29%
		Família Monoparental	11%	18%	13,5%
		Família Unitária	8%	9%	16,5%
		Família Dança a Dois	3%	0%	6%
		Família Reconstruída, combinada ou Recombinada	2%	2%	1,5%
		Família Co-Habitação	0%	0%	1,5%

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2017

⁴⁶ Esses dados podem ser um pouco diferentes no cenário atual, já que fazem 8 anos desse levantamento.

⁴⁷ Existem vários outros tipos de famílias. contudo, nas localidades estudadas, foram encontrados esses tipos de Famílias: **Família Nuclear ou Simples**, uma só união entre adultos e um só nível de descendência, pais e seu(s) filho(s); **Família Extensa ou alargada**, Co-habitam ascendentes, descendentes e/ou colaterais por consanguinidade ou não, para além de progenitor(es) e/ou filho(s); **Família Díade Nuclear**, duas pessoas em relação conjugal sem filhos (não há descendentes comuns nem de relações anteriores de cada elemento); **Família Monoparental**, Família constituída por um progenitor que co-habita com o(s) seu(s) descendente(s); **Família Unitária**, Família constituída por uma pessoa que vive sozinha, independentemente de relação conjugal sem co-habitação; **Família Dança a dois**, Família constituída por familiares (de sangue ou não) sem relação conjugal ou parental (ex: avó e neto, tia e sobrinha, irmãos, primos, cunhados,...); **Família Reconstruída, combinada ou Recombinada**, Família em que existe uma nova união conjugal, com ou sem descendentes de relações anteriores, de um ou dos dois cônjuges; **Família de co-habitação**, Homem(s) e/ou mulher(es) que vivem na mesma habitação. Poderão existir muitos contextos: estudantes universitários, imigrantes que co-habitam, amigos que partilham casa. Esses tipos foram definidos por, CANIÇO H., BAIARRADA P., RODRÍGUEZ E., CARVALHO A. **Novos Tipos de Família Plano de Cuidados**. Universidade de Coimbra, 2010.

Assim sendo, fazendo uma comparação da média brasileira com as duas regiões com os mais altos índices de Segregação Socioespacial, observa-se que em quase todos os indicadores os números de Viçosa ficaram próximos aos dados da realidade brasileira, com exceção das famílias unitárias, que tanto em Nova Viçosa (8%), quanto em Santa Clara (9%) apresentam números inferiores à média brasileira (12,21%). Além disso, Santa Clara também apresenta uma porcentagem de Famílias Monoparentais (18%), ou seja, aquela família composta por um progenitor que co-habita com o(s) seu(s) descendente, acima da média brasileira (11,6%).

Esses dados, quando analisados comparativamente, relacionando a condição de pobreza, por meio da segregação socioespacial e o tipo de família ali presente, apontam maior presença de famílias nucleares com filhos em regiões pobres, Nova Viçosa (43%) e Santa Clara (40%), e grande incidência de famílias díade nucleares sem filhos (29%) e unitárias (16,5%) em regiões não pobres (Centro), assim como no estudo de Leone, Maia e Baltar (2010), que confirmam a relação de maior incidência nas famílias pobres dos arranjos casal e mãe com filhos, enquanto que entre as famílias não pobres o que se destaca é a maior presença relativa dos arranjos unipessoal masculino e feminino e casal sem filhos. Esses três últimos arranjos são os que têm menor incidência de pobreza, enquanto que mãe com filhos e casal com filhos apresentam a maior incidência.

5.1.3. Perfil Migratório dos Chefes de Família

Segundo os trabalhos de Pasternak e Bógus (2005) e Cunha e Jakob (2016) a migração afeta positiva ou negativamente a segregação socioespacial das cidades. Retomando assim a história de criação das regiões em estudo, percebe-se que no final da década de 1970, Nova Viçosa e Santa Clara foram criadas a partir de loteamentos que foram postos à venda à população Viçosense. Coelho (2013) e Silva (2016) apontam que à época esses lotes atraíram a população de baixa renda que chegava à cidade em busca de novas oportunidades de emprego, já que tinham preços muito acessíveis. O perfil migratório das famílias residentes nas três regiões atualmente está descrito na Tabela 6, cujos dados relacionam elevadas porcentagens de famílias que vieram de outras cidades, principalmente circunvizinhas, e se instalaram tanto em Nova Viçosa quanto em Santa Clara. Além disso, os dados também apontam que existe uma população que já se sedimentou nos bairros em que residem,

principalmente nas regiões periféricas, a qual está associada ao número elevado de indivíduos que vivem na região e no domicílio há pelo menos 30 anos.

Os dados apontam que a região Nova Viçosa tem uma população migrante maior do que Santa Clara (58% a 46%), ou seja, não nascido em Viçosa. 42% da população da região Santa Clara vive no bairro há menos de 10 anos percentual maior do que o da região Nova Viçosa, que foi de 15%. Ou seja, a região de Santa Clara recebeu um fluxo de pessoas nos últimos 10 anos vindos da própria cidade ou de fora, maior que na região de Nova Viçosa.

Em relação ao tempo médio vivido na região urbana de planejamento, Nova Viçosa apresenta uma média de 25 anos de residência dos chefes de família na região. Sendo significativos os percentuais associados à população que, há pelo menos 30 anos, vive lá na mesma região (39% em Nova Viçosa, a 21% em Santa Clara) e no mesmo domicílio (16% em Nova Viçosa, a 11% em Santa Clara). Já em Santa Clara essa média é seis anos menor, 19 anos. Ou seja, em termos de população, Nova Viçosa pode ser considerada mais antiga.

TABELA 6: Perfil Migratório dos Chefes de Família

Regiões Urbanas de Planejamento			Nova Viçosa	Santa Clara	Centro
Categorias	Subcategorias	Indicadores			
Perfil migratório	Migração (Local de origem do chefe de família)	Nascido em Viçosa	42%	54%	38%
		Belo Horizonte	0%	5%	0%
		Fora do estado	3%	6%	21%
		Cidades de outras regiões de Minas Gerais	0%	0%	21%
		Cidades Circunvizinhas	55%	35%	20%
	Tempo vivendo na Região urbana de planejamento	1 mês – 10 anos	15%	42%	51,5%
		11 anos- 20 anos	29%	9%	23%
		21 anos- 30 anos	17%	28%	9%
		31 anos- 40 anos	36%	15%	7,5%
		Acima de 41 anos	3%	6%	9%
		Tempo médio	25 anos	19 anos	16 anos
	Tempo vivendo no mesmo	1 mês – 10 anos	34%	53%	64%
		11 anos- 20 anos	35%	11%	23%

	domicílio	21 anos- 30 anos	15%	25%	4%
		31 anos- 40 anos	16%	8%	3%
		41 anos- 50 anos	0%	3%	6%
		Tempo médio	17 anos	16 anos	12 anos

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2017

Para Matos (2005), a nível de indivíduo, em cidades médias e pequenas há muito menos oportunidades de ganho econômico e atrações culturais, maior dificuldade em exercer a liberdade e ação de ir e vir, impossibilidade de ser um sujeito anônimo, além de maior facilidade de controle dos espaços sociais e regulação pelos “donos” da cidade. Ou seja, para o autor (2005, p.74) “nelas, não raro, existem interdições e dificuldades intransponíveis de alojamento e fixação das famílias de pobres errantes”. Além disso, diferentemente das grandes cidades, em cidades menores, “antigas redes sociais envolvendo pessoas de muitas origens dificilmente se desenvolveram” (MATOS, 2005, p. 74).

Reforçando o que matos (2005) apresenta, Pasternak e Bógus (2005, p. 46) dizem que os espaços mais desprovidos de infraestrutura, equipamentos urbanísticos e atenção do poder público é o que recebe os migrantes mais pobres, em “um círculo perverso de localização dos menos qualificados”. E quando associamos o perfil migratório das regiões com os dados de escolaridade dessas populações (tabela 4 acima) percebe-se que os menos qualificados é quem foram atraídos para essas regiões de viçosa.

E caso não haja uma intervenção ou uma política específica de incentivo para atração de migrantes com maior nível de qualificação e especialização para essas regiões segregadas, como descrito no trabalho de Cunha e Jakob (2016) referente a região metropolitana de campinas-SP, fica mais difícil reduzir a segregação socioespacial como foi percebido em campinas, uma vez que grande parte dos migrantes com alto grau de escolaridade e especialização fixam moradia na região Centro de viçosa.

5.1.4. Perfil Habitacional

Nessa categoria de análise buscou-se, por meio de 5 subcategorias, entender as condições habitacionais nas três regiões de estudo a partir dos seguintes indicadores: densidade média dos domicílios, propriedade do imóvel (alugado ou próprio), número médio de quartos e banheiros e material utilizado na construção dos domicílios.

Assim sendo, no que se refere ao material utilizado na construção da casa, considerou-se especialmente a técnica construtiva (se por alvenaria, pau-a-pique, taipa de pilão, etc.) utilizada em 100% dos domicílios das três regiões pesquisadas foi a alvenaria. Como já era de se esperar, nossas observações confirmaram que nas duas regiões com os maiores índices de segregação socioespacial as residências são menores do que na região do Centro. Aspecto que é agravado pela densidade, que nessas regiões é maior que no Centro. O padrão geral das habitações se caracterizava pela ausência de pintura, grande parte possuindo apenas o reboco sobre os tijolos, e, em alguns casos, com a presença dos tijolos à vista, expondo as habitações às intempéries, especialmente, à umidade nas épocas de chuvas.

As duas regiões urbanas de planejamento mais segregadas socioespacialmente, Nova Viçosa e Santa Clara, apresentaram os mais elevados números de densidade domiciliar (3,27 em Nova Viçosa e 3,21 em Santa Clara). Esses índices, quando comparados aos dados publicados pelo IBGE (2010) se revelaram piores em relação à média nacional que era de 3,2 moradores por domicílio. Já na região Centro esse número atinge a média de 2,36 moradores por domicílio. Além disso, em todos os domicílios visitados havia pelo menos um banheiro, independente da região. Entretanto, a região centro apresenta uma média quase o dobro das regiões segregadas. (Tabela 7).

TABELA 7: Perfil Habitacional por região de planejamento

Regiões Urbanas de Planejamento			Nova Viçosa	Santa Clara	Centro
Categorias	Subcategorias	Indicadores			
Perfil habitacional	Densidade	Número médio de moradores por domicílio	3,27	3,21	2,36
	Propriedade do Imóvel	Alugado	6%	12%	39%
		Próprio	94%	88%	61%
	Quartos	Média por domicílio	2,63	2,73	2,72
		Mínimo	1	1	1
		Máximo	6	8	6
	Banheiros	Média por domicílio	1,26	1,29	2,16
		Mínimo	1	1	1
		Máximo	3	2	6
	Material de construção	Alvenaria	100%	100%	100%

	utilizado				
--	-----------	--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2017

Observa-se também que a região Nova Viçosa, mesmo sendo uma região que, em geral, apresentou indicadores socioeconômicos piores do que a região Santa Clara, apresenta uma maior porcentagem de chefes de domicílios proprietários do imóvel: 94% dos chefes de família em Nova Viçosa são donos do domicílio. Já em Santa Clara, essa porcentagem está um pouco abaixo desse percentual, 88%. Essa porcentagem elevada para as duas regiões, em comparação ao Centro, se justifica no processo de urbanização e formação dos dois bairros. Onde, em Nova Viçosa e Santa Clara, o processo de construção dos bairros se deram na década de 70 a partir da doação ou venda (Sem documentação de posse) a preços muito baixos à população trabalhadora que chegava a Viçosa, pelo prefeito Antônio Chequer, (RIBEIRO FILHO,1997; SILVA, 2016).

Em suma, quando analisados somente os números apresentados, não podemos afirmar que há diferenças entre as médias das regiões, uma vez que não se utilizou de testes estatísticos para essa confirmação. Entretanto, quando se utiliza da observação in loco para uma análise das características dos domicílios, percebe-se na realidade dessas famílias que mesmo apresentando uma média de quartos, nos bairros periféricos, próxima à média do Centro, quando analisados a partir da observação, percebe-se que são quartos menores, em domicílios menores (m²), há mais pessoas vivendo nesses domicílios (densidade) e no geral os domicílios em regiões periféricas foram percebidos como mais precários em relação ao Centro.

5.1.5. Infraestrutura das regiões urbanas de planejamento Nova Viçosa e Santa Clara

Tomou-se 5 indicadores objetivos e 4 subjetivos para análise da infraestrutura e serviços nas três regiões de planejamento. Os indicadores objetivos foram: presença de calçamento nas ruas (asfalto, paralelepípedo, pedra fincada ou terra batida), de guias (meio fio), acesso à água e esgoto (SAAE) e recolhimento de lixo. Além disso, como indicadores subjetivos, perguntou-se aos chefes de família: sua percepção em relação à iluminação pública (presença e qualidade), qualidade da rua (Excelente, boa ruim ou péssima) e se o lixo é um problema.

Em Nova Viçosa, região com o maior índice de Segregação Socioespacial, 55% dos chefes de família registraram a ausência de trechos sem iluminação nas vias públicas onde fazem o seu trajeto diário, tanto como no Centro (55%). Em Santa Clara esse número é menor: ou seja, 31% dos chefes de família relataram que há vias sem iluminação no trajeto que percorrem. Esses dados demonstram que o Centro, sem segregação, apresenta as mesmas percepções em relação a esses aspectos, que Nova Viçosa, região mais segregada.

Da mesma forma que anteriormente, um pequeno percentual (2%) de residentes nos domicílios Nova Viçosa e Centro alegaram não possuir iluminação pública à frente dos seus domicílios. Em Santa Clara, por outro lado, todos os chefes de família alegaram possuir, sim, iluminação pública em frente ao domicílio. Quando perguntado ao morador se a iluminação estava funcionando, a resposta mudou. Ou seja, 15% dos postes de iluminação pública no Centro e 14% em Nova Viçosa, não estavam funcionando, e apenas 6% não estavam em Santa Clara. Esses dados também demonstram que o Centro apresenta até mais deficiência em manutenção da iluminação pública do que nos bairros segregados.

Apesar das maiores deficiências em termos de iluminação pública apontadas no Centro e em Nova Viçosa, estas foram as regiões onde os moradores relataram maior satisfação em termos de qualidade da iluminação. Tanto Nova Viçosa (66% dos entrevistados), quanto o Centro (65% dos entrevistados) relataram que a qualidade da iluminação pública é “Boa”. Já Santa Clara, mesmo sendo a região, dentre as três, que apresentou maior cobertura e funcionamento da iluminação, teve sua qualidade, por outro lado, apontada por 40% dos entrevistados como péssima.

A despeito das percepções dos entrevistados apresentarem deficiências em todas as regiões em relação à iluminação, independente da segregação, não foi possível verificar se essas deficiências de fato se confirmavam, objetivamente, por questão de tempo e recursos financeiros para fazer o trajeto dos bairros durante a noite. Entretanto, temos indicadores objetivos, a seguir, que auxiliou-nos na análise sobre os direcionamentos dos recursos em áreas específicas por parte do poder público municipal.

TABELA 8: Infraestrutura das regiões urbanas de Planejamento

Regiões Urbanas de Planejamento			Nova Viçosa	Santa Clara	Centro	
Categorias	Subcategorias	Indicadores				
Infraestrutura da Região Urbana de Planejamento ⁴⁸	Vias sem iluminação no trajeto que percorre no cotidiano	Sim	55%	31%	55%	
		Não	45%	69%	45%	
	Iluminação	Há iluminação pública na frente da casa?		98%	100%	98%
		Funcionando?	Sim	86%	94%	85%
			Não	14%	6%	15%
	Qualidade da iluminação	Excelente		5%	3%	1,5%
		Boa		66%	39%	65%
		Ruim		21%	18%	29%
		Péssima		8%	40%	4,5%
	Casas com meio fio	Sim		52%	89%	96%
		Não		48%	11%	4%
	Tipo de rua	Asfalto		7%	25%	44%
		Paralelepípedo		3%	14%	56%
		Pedra Fincada		68%	58%	0%
		Terra batida		22%	3%	0%
	Qualidade da rua	Excelente		3%	3%	3%
		Boa		29%	39%	59%
		Ruim		31%	18%	26%
		Péssima		37%	40%	12%
	Água	Rede geral (SAAE ⁴⁹)		100%	100%	100%
Esgoto	Rede de esgoto (SAAE)		96%	95%	100%	
	Despejo no rio ou quintal		2%	3%	0%	
	Fossa		2%	2%	0%	
Lixo	Lixo é	Sim	62%	57%	62%	

⁴⁸ Percepção dos chefes de família. Com exceção das subcategorias: 1- Casas com meio fio e 2- Tipo de rua. As quais foram realizadas por meio da observação in loco.

⁴⁹ Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Viçosa

		problema na Vizinhança?	Não	38%	43%	38%
		Recolhido pelo SAAE		100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2017

Observou-se que em 48% das casas em Nova Viçosa não há meio fio, em Santa Clara esses números são menores, pois apenas 11% das casas não o possuíam. Já na região Centro, 95,5% dos domicílios possuem o meio fio, ou seja, apenas 4,5% das residências não o possuem.

Para Perroca, Bezerra e Manzato (2018, p.81):

Na maioria dos municípios brasileiros, as legislações municipais definem que as calçadas são de responsabilidade dos proprietários dos lotes adjacentes a elas, mesmo que essas sejam independentes dos lotes. Porém, as calçadas são espaços públicos, parte dos sistemas viários municipais e, como definido na Constituição federal brasileira, são bens públicos de uso comum da população.

Zattar (2008) diz que há um impasse entre juristas sobre essa responsabilidade, ou seja, para alguns, essa responsabilidade é sim dos proprietários do terreno, para outros, essa medida é inconstitucional, uma vez que as prefeituras estão transferindo a responsabilidade de um espaço que é público. Se é de responsabilidade do cidadão, como a maioria das legislações municipais definem, os moradores das regiões Nova Viçosa e Santa Clara apresentaram menor porcentagem de domicílios com meio fio, que pode ser explicado pela escassez de recursos para ser gasto nestas despesas. Quando a definição desta responsabilidade se remete ao poder público, percebe-se que um direcionamento dos recursos públicos para áreas centrais, o que contribui para as desigualdades de investimentos interurbano e aumento das deficiências em infraestrutura em regiões periféricas (Vetter e Massena, 1982; Castells 1983; Villaça, 2001).

Observa-se melhores condições de calçamento nas ruas da região Centro do que nas ruas das regiões Nova Viçosa e Santa Clara: 68% e 58%, respectivamente nessas regiões apresentavam infraestrutura de pavimentação de ruas em pedra fincada/pedra tosca. Por outro lado, em Nova Viçosa apenas 7% das ruas são asfaltadas. Em Santa Clara esse número chega a 25% das ruas. Já na região Centro, 44% das ruas são de asfalto. Segundo a secretaria de infraestrutura do Ceará (2019), na Tabela de Custos - Versão 026 que discrimina os valores de investimentos em pavimentação de pedra fincada/pedra tosca, está chega a ser 54 reais mais

barato o m² que o paralelepípedo Bripar. Assim, infere-se mais uma vez, de acordo com autores supracitados, que há direcionamento, ou interesse específico dos recursos públicos para as áreas centrais.

FIGURA 6: Rua calçada com pedra fincada (1) e Paralelepípedo (2)



Fonte: Registro feito pelo autor nas regiões pesquisadas, 2017.

Da mesma forma, quanto observa-se a ausência de pavimentação nas vias e a constatação de ruas em terra batida, percebe-se também o direcionamento preferencial dos recursos públicos para regiões centrais (Vetter e Massena, 1982; Castells 1983; Villaça, 2001): 22% em Nova Viçosa, 3% em Santa Clara e no Centro, não se registrou nenhuma rua sem pavimentação.

Quando questionados sobre a qualidade das ruas de sua região urbana, os chefes de família, tanto de Nova Viçosa quanto de Santa Clara, disseram, em sua maioria, que as ruas são ruins ou péssimas. Ou seja, em Nova Viçosa, 68% e em Santa Clara, 58% dos chefes de família criticaram a situação e manutenção das ruas; na região Centro, de forma contrária, 62% dos chefes de família relataram que a qualidade da rua está boa ou excelente.

No que se refere ao acesso à rede de água, observa-se que 100% dos domicílios em todas as três regiões já possuem água tratada pelo SAAE Viçosa. Entretanto, há famílias que ainda não possuem rede de esgoto, caso de 4% da população de Nova Viçosa e 5% da população de Santa Clara. A região Centro, por sua vez, não apresenta essa deficiência.

Em todas as três regiões, a maioria dos chefes de família consideram o lixo como um problema. Em Santa Clara o número de chefes de família que relatou esse problema, chegou a 57%. Já em Nova Viçosa e no Centro, esse percentual se acentuou, chegando a 62% dos moradores. Dentre os problemas mais relatados pelos moradores, se destacam: “jogam (moradores) lixo na rua e não nas lixeiras ou containers”; “os moradores levam para o

container fora de hora”; “há poucos containers”; “o SAAE só passa três vezes por semana recolhendo”, caso específico da região Nova Viçosa; “não há capina das ruas há muito tempo”; “falta educação ambiental e cívica aos moradores de viçosa em geral” e “há muito mato nas ruas”, conforme figuras 7 abaixo.

FIGURA 7: Lixo nas regiões Santa Clara, Nova Viçosa e Centro



Fonte: Registro feito pelo autor nas pesquisas (2017).

Apesar de todos entrevistados citarem que há recolhimento do lixo pelo SAAE, muitos moradores de Nova Viçosa reclamaram sobre a quantidade de vezes que é feito o serviço nessa região. Segundo Cruz (2014), o SAAE faz o recolhimento nessa região, apenas 3 vezes por semana, sendo a única região urbana de Viçosa que é atendida em quantidade reduzida. As demais regiões urbanas de planejamento de Viçosa recebem o serviço 6 vezes por semana, evidenciando que nessa categoria de análise, também há intervenção do poder público selecionando seus recursos para áreas específicas, caracterizando a situação da coleta de lixo como um fator de segregação socioespacial em Viçosa (SINGER, 1979; VILLAÇA, 1998).

5.1.6. Acessibilidade de transportes

Para Rodrigues de Sousa (2005), precisamos estar em constante movimento, seja para trabalhar, ir à escola, igreja, lazer ou fazer compras. E isso passou a ser elemento essencial aos cidadãos de uma cidade. Para o autor (2005, p.120) “os motivos para os usos dos sistemas de circulação são os mais variados, no entanto boa parte da população se movimenta com mais dificuldade devido às más condições financeiras”.

De acordo com Vasconcelos (2001), para se entenderem os padrões de deslocamento, deve-se compreender o padrão familiar. Assim, buscou-se investigar o meio de transporte utilizado e o tempo gasto para se locomover, tanto no acesso ao centro quanto para os locais de trabalho dos chefes de família. Essa análise permitiu descrever quais os meios de transportes mais utilizados em cada região (entendendo o perfil das regiões) e o impacto dessa acessibilidade no contexto de segregação socioespacial dos chefes de família nas regiões estudadas.

Os dados revelam que o tipo de transporte utilizado diariamente pelas pessoas é diferente entre as regiões urbanas mais segregada socioespacialmente e dessas para com a região Centro. Enquanto prevalece o ônibus e a motocicleta em Nova Viçosa, em Santa Clara a prioridade é o deslocamento a pé e em segundo, o ônibus. As entrevistas nos ajudam a entender essas diferenças, uma vez que nos relatos dos chefes de família de Nova Viçosa, a distância era o fator que determinava a escolha em ir de motocicleta ou de ônibus. Por outro lado, os relatos dos residentes em Santa Clara revelam a própria topografia do bairro composta por um morro bastante íngreme, que interferia nessa escolha. Assim, para eles, a descida do morro à pé para vir à área central da cidade, era sempre uma possibilidade menos custosa do que o retorno ao bairro. Assim, na volta frequentemente se lançava mão do transporte público (ônibus). Dados do Google Maps (2017) revelam que a distância em quilômetros entre a região Nova Viçosa e o Centro é de 2,8 km e de Santa Clara ao mesmo ponto central é 1,8 km, o que revela um fator que determina as diferentes formas de se locomover no espaço urbano: a distância (Nova Viçosa ao Centro) e, ou, proximidade em relação ao centro (Santa Clara ao Centro). No dia-a-dia dos moradores, a menor distância da região de Santa Clara possibilita aos moradores a escolha pela locomoção a pé – o que era sempre visto como inviável em se tratando dos moradores de Nova Viçosa. Esses últimos (Nova Viçosa) ficam circunscritos ao transporte coletivo, o que sempre impõe a

obrigatoriedade de arcar com os custos desse deslocamento que são subtraídos, ainda mais, dos poucos rendimentos (salário).

TABELA 9: Acessibilidade de transportes

Regiões Urbanas de Planejamento			Nova Viçosa	Santa Clara	Centro
Categorias	Subcategorias	Indicadores			
Acessibilidade de transportes	Nº de chefes de família que utilizam diariamente (ir ao centro)	Ônibus	23 pessoas	14 pessoas	-
		Carro	3 pessoas	8 pessoas	-
		A pé	8 pessoas	21 pessoas	-
		Bicicleta	4 pessoas	2 pessoas	-
		Motocicleta	15 pessoas	8 pessoas	-
	Tempo médio gasto utilizando (ir ao centro)	Ônibus	25 min	19 min	-
		Carro	16 min	6 min	-
		A pé	56 min	23 min	-
		Bicicleta	28 min	17 min	-
		Motocicleta	12 min	5 min	-
	Nº de chefes de família que utilizam diariamente (ir ao trabalho)	Ônibus	18 pessoas	11 pessoas	2 pessoas
		Carro	1 pessoas	7 pessoas	33 pessoas
		A pé	10 pessoas	12 pessoas	29 pessoas
		Bicicleta	2 pessoas	2 pessoas	1 pessoa
		Motocicleta	11 pessoas	9 pessoas	5 pessoas
	Tempo médio gasto utilizando (ir ao trabalho)	Ônibus	35 min	26 min	17 minutos e meio
		Carro	24 min	13 min	11 min
		A pé	31 min	39 min	13 min
		Bicicleta	42 min	42 min	15 minutos
		Motocicleta	15 min	9 min	6 minutos e meio

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2017

Além do custo financeiro, o tempo gasto para se locomover da região até o Centro, em todas as modalidades de transporte, é maior para os chefes de família que vivem em Nova Viçosa. A forma de locomoção para ir ao trabalho acompanha a mesma tendência descrita acima, prevalecendo em Nova Viçosa o ônibus (18 pessoas dentre as entrevistadas) e a motocicleta (11 pessoas dentre as entrevistadas), e em Santa Clara, o ir a pé (12 pessoas

dentre as entrevistadas) está em primeiro lugar e o ônibus (11 pessoas dentre as entrevistadas) em segundo.

Esses dados evidenciam que espaços mais segregados, são aqueles mais desprovidos das possibilidades de mobilidade em função do seu afastamento dos locais de comércio e trabalho. Depreende-se desses dados que esse aspecto reforça ainda a condição de segregação que se coloca dentro de um ciclo perverso de localização, já que afeta mais as populações mais pobres: quer seja pela distância, que gera um maior tempo de deslocamento, quer seja pelo seu custo – aspectos que deixam ainda mais vulneráveis essas famílias.

5.1.7. Percepção de Violência

Os estudos de Lima, (2004), Weiselfisz (2013) e Carvalho e Santos (2017), mostram que a violência apresenta um perfil diferente no espaço da cidade, onde furtos e roubos acontecem em maior número na região central e os homicídios em regiões pobres. Ou seja, as regiões ricas são visadas pelo poder econômico que oferecem, seja pelo perfil socioeconômico das famílias que ali vivem, seja pela movimentação comercial que ali acontece, e por outro lado, as periferias marcadas pelos crimes de homicídio, visto o perfil de vulnerabilidade social das famílias que ali vivem, o nível de escolaridade muito baixo dessas populações e ausência do poder público em diversas áreas.

Assim, buscou-se perceber como essas diferenciações eram percebidas pelas populações residentes e como elas afetavam a sua vida cotidiana. Para tanto, nesse subitem, discutiu-se e analisou-se a violência percebida pelos chefes de famílias, bem como as suas percepções em relação à sensação de insegurança e como essas afetam as suas condições de vida. Além disso, foi exposto um mapa das diferentes formas de violências (homicídios, furtos e roubos) registradas pela polícia civil de Viçosa no ano de 2016 para dialogar com os dados levantados por meio da aplicação do questionário. A partir daí, permitiu-se analisar a percepção de violência nas regiões segregadas, comparativamente à região de controle, o Centro.

Observa-se que 38% dos chefes de família em Nova Viçosa percebem o risco de roubo na região, como médio. Já em Santa Clara, 43% categorizam a sua região com baixo risco de roubo. Assim, os chefes de família que vivem em Santa Clara acreditam ter maior segurança em relação ao risco de roubo no próprio bairro.

Por outro lado, os chefes de família das duas regiões, Nova Viçosa e Santa Clara, acreditam que outros locais da cidade oferecem maior risco em relação ao roubo do que a região que vivem, ou seja, em Nova Viçosa, 43% dos chefes de família responderam que outros locais da cidade oferecem alto risco de roubo. Já em Santa Clara, mais pessoas acreditam que esse risco é alto: 61% desses indivíduos pontuaram outros locais da cidade com alto risco de roubo.

TABELA 10: Percepção da Violência

Regiões Urbanas de Planejamento			Nova Viçosa		Santa Clara		Centro		
Categorias	Subcategorias	Indicadores							
Percepção da violência	Risco de roubo na região de planejamento	Alto	34%		29%		34%		
		Médio	38%		28%		42%		
		Baixo	28%		43%		24%		
	Risco de roubo em outros locais da cidade	Alto	43%		61%		57%		
		Médio	39%		22%		40%		
		Baixo	18%		17%		3%		
	Risco de sofrer agressões na região de planejamento	Alto	19%		8%		11%		
		Médio	9%		8%		18%		
		Baixo	72%		84%		71%		
	Risco de sofrer agressões em outros locais da cidade	Alto	22%		23%		26%		
		Médio	20%		26%		44%		
		Baixo	58%		51%		30%		
	Chefes de família assaltadas ou roubadas	Sim	Na região urbana de planejamento	H	M	H	M	H	M
				7	9	4	7	8	12
		Outros locais da cidade	1	1	0	0	0	1	
		Não	46		54		45		
Chefes de família violentados (as)	Sim ⁵⁰	Na própria casa	1	5	1	3	0	4	

⁵⁰ Na região Nova Viçosa, 10 são mulheres e 5 são homens; na região Santa Clara, 7 são mulheres e 2 homens; na região Centro 9 são mulheres e 1 homem.

		Na região urbana de planejamento	3	3	1	3	0	5
		Outros locais da cidade	1	2	0	1	1	0
		Não	50		56		56	
Tipos diferentes de violências sofridas pelos chefes de família (Violentometro) ⁵¹	Tome cuidado, a violência tende a aumentar ⁵²		8 tipos		4 tipos		2 tipos	
	Reaja! Não se destrua! ⁵³		8 tipos		2 tipos		3 tipos	
	Peça ajuda a um ⁵⁴ profissional		9 tipos		4 tipos		5 tipos	

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2017

Dentre os chefes de família que já foram assaltados/roubados e/ou violentados (agressão) nas três regiões urbanas de planejamento, a maioria é do sexo feminino, sendo que a maior incidência de roubos e furtos aconteceu na região Centro. Entretanto, os números das agressões foram muito próximas nas três regiões. Focando-se na violência por agressão, observou-se que muitos casos aconteceram na própria região urbana de planejamento onde vivem ou na própria casa (nos três casos).

Para além do furto e do roubo, e aprofundando nos tipos de violências sofridas pelos moradores, com base no Violentômetro que foi apresentado aos moradores, identificou-se 29 tipos diferentes de violências sofridas pelos chefes de família, que variam de piadas ofensivas até mutilação e homicídio. Assim sendo, observou-se que em Nova Viçosa quase todos os tipos de violência descritas no Violentômetro foram relatadas. Já em Santa Clara, em relação a essas tipologias de violência, representaram menos da metade das respostas. Nova Viçosa

⁵¹ Segue no Anexo 1 o Violentômetro utilizado na pesquisa para caracterizar os tipos de violência sofridas pelos chefes de família (Homens e Mulheres). O violentômetro foi desenvolvido pelo Instituto Politécnico Nacional (IPN) no México em 2009. A Comissão Nacional de Direitos Humanos (CNDH) promove o uso dele para acabar e, se possível, erradicar a violência contra as mulheres.

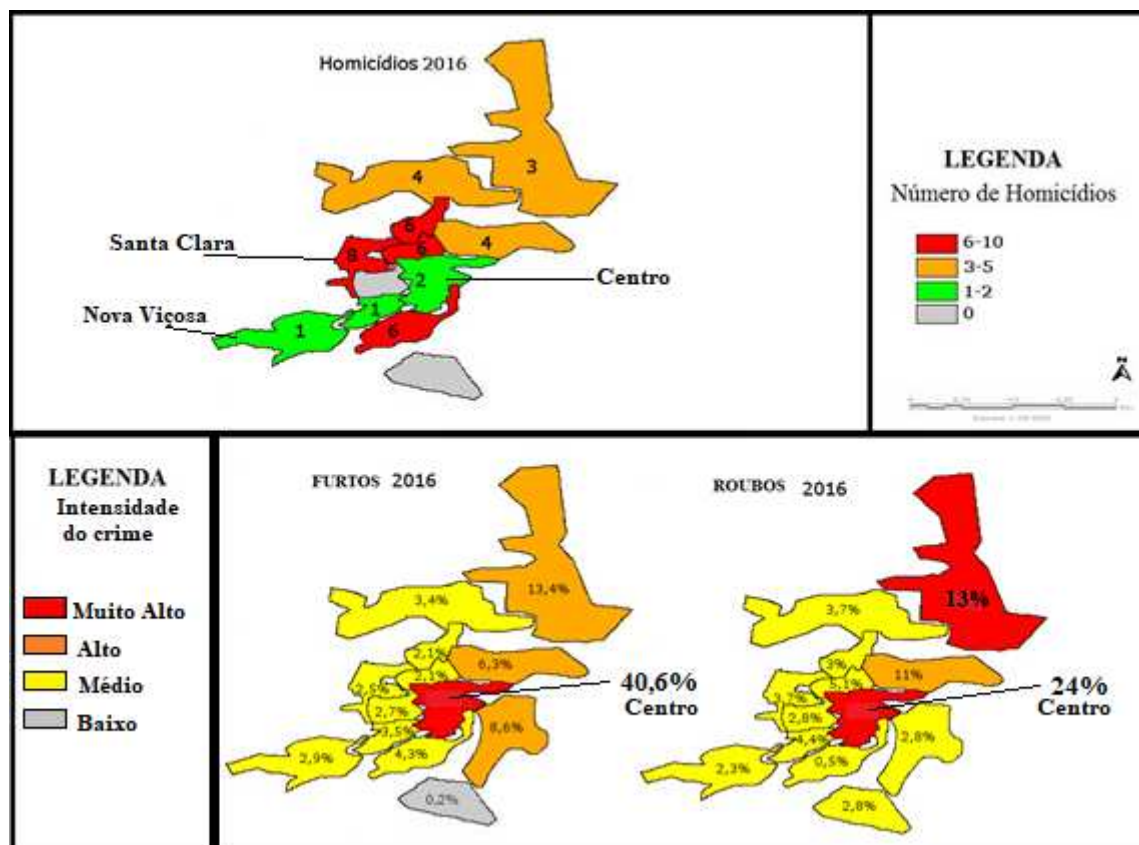
⁵² Com base no Violentômetro, as violências que compõem esse tipo são: 1- Piadas ofensivas, 2- Chantagem, 3- Enganar, 4- Ignorar, 5- Vigiar, Ciúmes, 6- Culpas, 7- Desqualificar, 8- Ridicularizar e 9- Humilhar em público.

⁵³ Com base no Violentômetro, as violências que compõem esse tipo são: 10- Intimidar, 11- Controlar e proibir, 12- Xingar, 13- Destruir objetos, 14- Machucar, 15- Carícias agressivas e “tapinhas, pancadinhas”, 16- Brincar batendo, 17- Beliscar, arranhar, 18- Empurrar.

⁵⁴ Com base no violentômetro as violências que compõem esse tipo são: 19- Esbofetear e dar tapas, 20- Chutar, 21- confinar, isolar/ prender, 22- Ameaçar, 23- ameaçar com armas, 24- Ameaçar de morte, 25- Forçar ato sexual, 26- Abuso sexual, 27- Lesão corporal Grave, 28- Mutilar, 29- Assassinar/Matar.

além de apresentar, em termos quantitativo, maior número de ocorrência de violência que Santa Clara e o Centro, também apresenta o dobro de tipos de violência sofrida pelos moradores dessas duas regiões, confirmando os estudos de Lima, (2004), Weiselfisz (2013) e Carvalho e Santos (2017).

FIGURA 8: Número de homicídios e porcentagens de furtos e roubos por região urbana de planejamento em Viçosa, Minas Gerais, em 2016



Fonte: Elaborado com base em dados da Delegacia de Polícia Civil de Viçosa-MG, 2016.

Quando comparados os dados registrados pela polícia civil com as percepções dos chefes de família, observa-se que a insegurança manifestada em relação a roubos e furtos nas regiões de planejamento são legitimadas pelos números registrados nas ocorrências policiais nessas áreas. De fato, são baixos os registros dessas violências nas duas localidades se comparado a região central. Entretanto, quando os registros referem-se aos casos de homicídios, percebe-se aí uma mudança no perfil da violência vivenciadas nessas áreas periféricas. Em 2016 a região Santa Clara foi a que registrou o maior número de homicídios na cidade. Esses dados confirmam o padrão de violência constatados nos estudos de Lima, (2004), Weiselfisz (2013) e Carvalho e Santos (2017): ou seja, regiões ricas apresentam maior

incidência de furtos e roubos e regiões periféricas, por outro lado, maior registro de homicídios.

5.1.8. Condições Materiais do Domicílio

Nessa última categoria de análise, buscou-se analisar as condições materiais nos domicílios e se a condição de segregação das regiões expressa também maior vulnerabilidade nas condições materiais dos domicílios. Assim sendo, pretendeu-se identificar o acesso a eletrodomésticos (fogão, geladeira, micro-ondas, liquidificador, tanquinho, máquina de lavar roupas, ferro de passar roupas e chuveiro elétrico) e a produtos para entretenimento e comunicação (TV e antena, som ou rádio, aparelho de DVD, computador, acesso à Internet, telefone fixo e celulares).

Único ponto em comum percebido nas três regiões foram os acessos ao fogão a gás e geladeira registrados em 100% dos domicílios pesquisados. Alguns utensílios, entretanto, não estiveram presentes majoritariamente nos domicílios, caso do liquidificador que se mostrou acessível em 100% nos domicílios da região Santa Clara. Entretanto, mesmo na região Centro, detentora de maiores recursos econômicos não apresentou em 100% de seus domicílios esse eletrodoméstico, o que pode indicar que esse produto não seja um diferencial de qualidade de vida ou de diferenciação social.

Quando comparado os acessos a tanquinho e máquina de lavar, percebe-se que a máquina de lavar é um diferenciador de classes, uma vez que na região centro registrou-se a presença do eletrodoméstico em 92% dos domicílios. Diferentemente das regiões Santa Clara e Nova Viçosa, que apresentaram 57% e 48% de acesso respectivamente. O tanquinho, por sua vez, é mais presente nas regiões mais segregadas socioespacialmente, ou seja, em 83% dos domicílios de Santa Clara e 74% de Nova Viçosa.

Observa-se que o ferro de passar roupa está presente em mais de 80% dos domicílios nas três regiões, com destaque mais uma vez para a região Centro, onde esteve presente em 95,5% dos domicílios, 82% na região de Nova Viçosa e 80% em Santa Clara. O chuveiro elétrico esteve presente em quase todos os domicílios das regiões estudadas, à exceção da região Santa Clara, cujo percentual atingiu 99% das casas. A falta desse item representa um déficit essencial para qualidade de vida e conforto de uma família, principalmente em estações do ano de baixas temperaturas.

Quanto à segunda subcategoria, “acesso à produtos para entretenimento e comunicação”, percebe-se que o item “televisão” não se mostrou 100% presente em todas as três regiões: 5% das famílias em Nova Viçosa não tem acesso ao televisor em suas residências; as outras duas regiões, Centro e Santa Clara, apresentaram 100% de seus domicílios com pelo menos uma TV. Segundo Schouten et al (2012) a televisão é, sem dúvida, a tecnologia mais universalizada e, também a mais personalizada entre os equipamentos de lazer. E apesar de sua universalização, a região mais segregada socioespacialmente, Nova Viçosa, apresenta um número menor que as outras duas regiões no acesso ao televisor, revelando a precariedade dessa região e conseqüentemente a falta de acesso à informação pela ausência dessa Tecnologia.

Dentre os outros equipamentos de entretenimento, apenas em relação aos itens “Som ou Rádio e Antena Parabólica” a região Centro não apresenta maiores acessos que as outras duas regiões. Isso pode ser explicado pelo maior poder econômico dessas famílias, que podem adquirir novas tecnologias, em substituição às tecnologias obsoletas, por outros tipos de produtos mais modernos, com mesma funcionalidade e mais benefícios, como é o caso dos Notebooks e celulares (Substitutos do Desktops e Rádio). Já um substituto da antena parabólica são as antenas por assinatura, e isso fica evidente quando analisamos tal acesso. Os dados da região Centro revelam que 85% das famílias possuem acesso a antena por assinatura, já em Santa Clara é de 43% e em Nova Viçosa essa porcentagem chega a 32%. Isso se deve ao elevado custo de instalação e manutenção de uma TV por assinatura, uma vez que levando em consideração a mensalidade da SKY smart HD⁵⁵, que é de R\$70,00 mensais, frente a gratuidade da parabólica, fica muito oneroso para a população de baixa renda. Esses dados reforçam o efeito da segregação sobre o acesso as tecnologias da informação e comunicação (TICs) em bairros periféricos.

Em outras palavras, as duas regiões de referência (Nova Viçosa e Santa Clara) nesse estudo apresentam porcentagem acima dos números médios do Brasil tanto quanto do Sudeste do país em relação ao acesso a antena parabólica. Segundo o IBGE (2015) a porcentagem de domicílios brasileiros com acesso à antena parabólica é de 37,5%, e no

⁵⁵ Disponível em: https://campanhas.sky.com.br/assine-programacao-pos-pago-b/?skycampanha_id=1614101471&skygrupo_id=66639708931&skypalavra=contratar%20sky&skycampanha=HDTV-LF-DESKTOP-PAIS_BRASIL-SCH-TXT-Brand_Puro_Brand_Puro_Exata&skygrupo=SEARCH-CLIQUE-Brand_Puro_Brand_Puro_Exata-Geral&skycorrespondencia=e&skyrede=g&skydispositivo=c&skywebsite=&ext=on_going-pos-50_de_desconto-lp_pos_pago_b-txt&skycreative=340729537870&gclid=Cj0KCQjwnpXmBRDUARIsAEo71tToiP2LTgoSe9SmVFmfgm5jZgzB6bybCgEn2bMhZ8u5ObRt5ME8beQaAgzfEALw_wcB, Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

Sudeste de 26,9%. Em relação a porcentagem de domicílios brasileiros com acesso a TV por assinatura é de 32,1% e no Sudeste de 43,4%. Em síntese, percebe-se que a região Nova Viçosa apresenta os mesmos números que a média brasileira, mas não a do Sudeste. Por outro lado, Santa Clara apresenta a mesma média que o Sudeste e números maiores que a porcentagem brasileira. Apesar de apresentarem números de acesso melhores que a média brasileira, no contexto local estão muito abaixo do acesso da região centro, configurando assim esse acesso como sendo influenciado pela segregação da região.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2012), em 2012 foi a primeira vez que mais da metade dos lares brasileiros (51,4%) usaram somente telefones moveis e passaram a desativar o fixo. Já em 2015, segundo a mesma fonte, essa porcentagem subiu para 58% dos domicílios com apenas telefone móvel. Segundo os dados coletados, nas três regiões pesquisadas percebe-se que menos da metade dos domicílios possuem telefone fixo. Por outro lado, e de acordo com as tendências apresentadas, a porcentagem de chefes de família com acesso ao telefone móvel acima de 89% em todas as três regiões (Tabela 11). Entretanto, como dizem Schouten et al (2012), o fato de possuir a tecnologia, não significa mais acesso a informação, outros fatores como acesso a internet e saber utilizar a tecnologia são fatores importantes no acesso e uso das informações.

Além disso, segundo o IBGE (2015), a porcentagem da população brasileiros que possui celulares é de 78,3%. A média do Sudeste, é ainda maior: 82,8%. Em Viçosa, tanto na região Nova Viçosa, quanto em Santa Clara, os resultados apresentam números superiores a essas médias. Em Nova Viçosa a porcentagem de chefes de família com celulares é de 89%. Em Santa Clara essa porcentagem é ainda maior, pois 94% dos chefes de família o possui, mostrando que o acesso a essa tecnologia é independente da classe social. A pesquisa não aprofundou, entretanto, o tipo de aparelho nas três regiões estudadas como por exemplo: custo dos aparelhos, modelos, marcas, tempo de uso, etc., aspectos que podem estar associados a distinções de classe.

Quanto ao aparelho de DVD, observa-se que menos da metade dos chefes de família em Nova Viçosa o possui. Já em Santa Clara, e principalmente no Centro, a maioria já detém o equipamento. O computador também está presente em quase todos os domicílios da região do Centro: 94% dos chefes de família residentes nessa região disseram possuir a tecnologia. Esse dado se contrapõe às duas regiões de estudo, cujos percentuais caem para menos da metade: 51% e 42% constatados nas regiões de Santa Clara e Nova Viçosa,

respectivamente. Ou seja, possuir o aparelho DVD e o computador está associado a região onde vive, sendo que a proporção aumenta à medida que a segregação socioespacial reduz.

TABELA 11: Condições materiais do domicílio

Regiões Urbanas de Planejamento			Nova Viçosa	Santa Clara	Centro
Categorias	Subcategorias	Indicadores			
Condições materiais do domicílio	Acesso a eletrodomésticos	Fogão a gás	100%	100%	100%
		Geladeira	100%	100%	100%
		Micro-ondas	35%	55%	85%
		Liquidificador	97%	100%	98,5%
		Tanquinho	74%	83%	21%
		Máquina de lavar roupas	48%	57%	92%
		Ferro de passar roupas	82%	80%	95,5%
		Chuveiro elétrico	100%	99%	100%
	Acesso a produtos para entretenimento e comunicação	Televisão	95%	100%	100%
		Som ou Rádio	85%	69%	65%
		Aparelho de DVD	46%	57%	64%
		Computador	42%	51%	94%
		Acesso à Internet	43%	69%	95%
		Telefone Fixo	29%	28%	44%
		Telefone Celular	89%	94%	98,5%
		Antena Parabólica	54%	46%	7,5%
		Antena por assinatura	32%	43%	85%
		Não tem Antena	14%	3%	0%

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2017

Quando nos remetemos as informações de acesso à Internet, observa-se que o acesso em Nova Viçosa ainda é reduzido em comparação às outras duas regiões. Nessa região, 43% dos chefes de família possui a tecnologia em suas residências. Em Santa clara, mesmo sendo

uma região com alto índice de segregação socioespacial, 69% dos domicílios já possuem esse acesso. Em 2015, segundo os dados do IBGE, no Brasil a porcentagem de domicílios com acesso à Internet era de 57,8%. No Sudeste essa porcentagem é ainda maior (66% dos domicílios), ou seja, a região Santa Clara, mesmo sendo uma região com alto índice de Segregação Socioespacial, apresenta percentuais de acesso à internet, maiores que a média brasileira e do Sudeste.

Na região Centro, por outro lado, 95% dos domicílios já tem acesso. Percebe-se então que há um aumento do acesso à medida que a segregação reduz. Entretanto, como dizem Schouten et al (2012), o fato de mais pessoas terem acesso a internet em um determinado bairro ou cidade, os colocam em uma posição social diferenciado no espaço urbano e isso reforça os dados de desigualdades de acesso entre as regiões periféricas e a região Centro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais o trabalho buscou descrever três regiões urbanas de planejamento de Viçosa, Minas Gerais, duas delas caracterizadas com os mais altos índices de Segregação Socioespacial e a outra categorizada como não segregada socioespacialmente, de acordo com o índice elaborado por Bastos Filho, Pinto e Fiuza (2017) e analisar os efeitos dessa segregação socioespacial sobre as condições de vida das famílias ali residentes. A utilização da análise comparativa permitiu entender suas semelhanças, principalmente entre as duas regiões com alto índice de segregação socioespacial, características que as colocam no mesmo grupo de alta Segregação Socioespacial e as diferenças entre as duas mais segregadas e a região Centro, que as distinguem em termos de grupo social, ou seja, renda, cor, escolaridade, perfil migratório e condição material do domicílio.

De fato, Nova Viçosa e Santa Clara se mostraram semelhantes em termos de deficiências no que se refere à infraestrutura, indicadores socioeconômicos, números da violência, perfil habitacional, acessibilidade de transportes e condições materiais do domicílio. Entretanto, ainda que componham o mesmo grupo, com alto índice de segregação socioespacial, elas possuem características internas que as diferenciaram e isso é percebido quando analisados os dados coletados in loco por meio de aplicação dos questionários (survey).

Uma das características marcantes de locais segregados socioespacialmente é a falta de infraestrutura, alto índice de violência e dados socioeconômicos inferiores. E isso foi

observado tanto em Nova Viçosa quanto em Santa Clara, seja pela falta de calçamento ou pavimentação, pela falta de iluminação pública em várias ruas, pelo limitado recolhimento de lixo, pela falta de limpeza das ruas e até mesmo pelo alto índice de homicídio, principalmente em Santa Clara, que registrou 8 homicídios em 2017, sendo o maior de viçosa no ano.

Essas características não foram observadas da mesma forma, de acordo com os dados, na região Centro, local onde observa-se melhor infraestrutura, dados socioeconômicos, perfil habitacional, acessibilidade de transportes e condições materiais do domicílio. No que se refere a categoria violência, percebe-se maior incidência de outro tipo de violência no Centro, caso dos furtos e roubos, que registrou em 2016, 40% e 24% respectivamente, de todas as ocorrências junto à polícia civil de viçosa.

Percebe-se, na percepção dos entrevistados, que o lixo é um problema generalizado. Entretanto, fica evidente, pelos dados da pesquisa, que há, por parte do poder público, um direcionamento preferencial dos seus recursos para área Central, uma vez que há diferenciação no número de coletas semanais para essa região, em relação à região periférica, como é o caso de Nova Viçosa, que é contemplado com apenas 3 coletas por semana, frente às 6 coletas realizadas na primeira.

Outro fator distintivo entre essas regiões, principalmente Nova Viçosa e Santa Clara frente ao Centro diz respeito ao efeito da segregação sobre a população residente, especialmente, população migrante impedindo-as ou dificultando não somente sua mobilidade física, mas também social. Pode-se dizer que o tempo de permanência nessas regiões e os processos de imobilidade física e social a que estão sujeitas, estão associados aos efeitos da segregação socioespacial. Nesse sentido, os “donos da cidade” dificultam ou impossibilitam as entradas de populações periféricas em determinadas regiões ou áreas da cidade, seja pelo preço da terra, pelas dificuldades de locomoção, direcionamento dos investimentos etc.

No que se refere aos tipos de famílias que se apresentaram em cada região, percebe-se particularidades. O estudo revelou que prevalece o perfil de famílias nucleares com filhos em todas as três regiões, entretanto, Nova Viçosa foi a que revelou maior proporção desse tipo de família, e alguns estudos já mostraram que esse perfil de família está mais associado a regiões pobres. Diferentemente do Centro, que por sua vez, revelou ter um grande número de famílias nucleares sem filhos, perfil de família que Leone, Maia e Baltar (2010), já demonstraram que também prevalece em regiões não pobres.

Em suma, conclui-se que, a partir das análises das 8 categorias, que a segregação socioespacial presente em Viçosa, produz efeitos negativos, em todas as 8 categorias de análise, principalmente para as duas regiões com os mais elevados índices de segregação socioespacial, Nova Viçosa e Santa Clara, frente a região Centro.

Além disso, tal pesquisa abre caminho para pesquisas que busquem entender e relacionar o local segregado socioespacialmente e as redes sociais de apoio que cercam o cotidiano dessas pessoas, buscando revelar as sociabilidades e os apoios cotidianos que proporcionando suporte a essas famílias que vivem com alto nível de vulnerabilidade social e econômico.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 519 p, 2001.

BARROS, R; FOX, L; MENDONÇA, R. Pobreza e domicílios chefiados por mulheres. In: **II Seminário Nacional Políticas Econômicas, Pobreza e Trabalho**. Rio de Janeiro: IPEA, p. 79-85, 1994.

BOLFARINE, H; DE OLIVEIRA BUSSAB, W. **Elementos de amostragem**. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. Arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. 3ª Ed - São Paulo, Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

BONDUKI, Nabil. Uma cidade aberta e segura. 2010. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/uma-cidade-aberta-e-segura>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

BONDUKI, N. e ROLNIK, R. "Periferia da Grande São Paulo: reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho". In: MARICATO, E. (org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) do Brasil industrial**. São Paulo, Alfa-Ômega. pp. 117-154, 1982.

BRASIL. SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA DO CEARÁ. Disponível em : <http://sites.seinfra.ce.gov.br/siproce/onerada/html/20.8.html?a=1545419866925> Acesso em: 01 de fev de 2019.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000. 400 páginas.

CANIÇO H., BAIARRADA P., RODRÍGUEZ E., CARVALHO A. **Novos Tipos de Família Plano de Cuidados**. Universidade de Coimbra, 2010.

CARVALHO, L. Famílias chefiadas por mulheres: relevância para uma política social dirigida. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 57, p. 74-98, 1998.

CARVALHO C. O; SANTOS L. M. Cidades do medo: como a geografia da criminalidade e do medo se apresentam na cidade de Vitória da Conquista-BA. In: **ADVOCACIA-GERAL**

DA UNIÃO (Org). **Los desafíos jurídicos a la gobernanza global**: una perspectiva para los próximos siglos, 1ªed, Brasília-DF p. 45, 2017.

CASTRO, M. G. Mulher Pobre Chefe de Família: outra estratégia de reprodução ou outra reprodução da estratégia de opressão? v. 1, **Anais**, Vitória: ABEP, 1982.

COELHO, D.D. **Da Fazenda ao Bairro**: A Construção de uma Nova Viçosa (1970-2000). Monografia, UFV, 2013.

COUTO, Márcia Thereza. **Pluralismo religioso em famílias populares**: poder, gênero e reprodução. 2001. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Sociologia) -Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

CRUZ, T. A. Retrato social de Viçosa III. Viçosa, MG: CENSUS, 2010.

_____. Retrato social de Viçosa V. Viçosa, MG: CENSUS, 2014.

CUNHA, J. M. P. Mobilidade espacial, vulnerabilidade e segregação socioespacial: reflexões decorrentes de uma experiência concreta. **Jornadas Argentinas de Estudios de Población**. 10 Asociación de Estudios de Población de la Argentina, San Fernando del Valle de Catamarca, 2009.

DA CUNHA, J. M. P.; JAKOB, A. A. E. Os efeitos da migração e da segregação socioespacial na modificação do espaço da Região Metropolitana de Campinas, SP, nos anos 2000. **Anais**, p. 1-18, 2016.

DO LAGO, L. C. A lógica segregadora na metrópole brasileira: novas teses sobre antigos processos. **Planejamento e Território**, p. 155, 2002.

FLORES, C. “Consequências da segregação residencial: teoria e métodos”, In: CUNHA, J.M.P. (org.), **Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**, Campinas: NEPO/UNICAMP, 2006.

FREY, K., DUARTE, F. Auto-segregação e a gestão das cidades. **Revista Ciências Sociais em Perspectiva**, v. 5, n. 9, 2006.

IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares/POF 2008 – 2009**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc2625.pdf> Acesso em: 01 de dezembro de 2017.

_____. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2013** / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. – 2 ed, Rio de Janeiro: IBGE, 296p, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94414.pdf>> Acesso em: 10 de julho de 2018.

_____. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2015** / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 108p, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>> Acesso em: 10 de julho de 2018.

IZUMINO, W. P., NEME, C. (2002). Violência urbana e graves violações de direitos humanos. **Ciência e Cultura**, v. 54, n. 1, 47-49, 2002.

LEONE, E. T., MAIA, A. G., BALTAR, P. E. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 1 (38), p. 59-77, 2010.

LIMA, M. T. Criminalidade altera perfil urbano. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 56, n. 2, p. 08-09, Apr. 2004 .

- MACEDO, M. D. S. Mulheres chefes de família e a perspectiva de gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza. *Caderno CRH*, v. 21, n. 53, 2008.
- MARICATO, E. **Habitação e cidade**. Atual Editora. São Paulo. 1997.
- MARICATO, E. Urbanismo na periferia do mundo Globalizado. **São Paulo em Perspectiva**, 14(4) 2000.
- MARICATO, E. **Ciclo de Debates**, 2013. Disponível em:
>http://www.fpabramo.org.br/ciclosfpa/?page_id=60<. Acesso em: 03/05/2016
- MATOS, O. N. de. São Paulo no século XIX. In: AZEVEDO, A., de. **A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana.v.2**, São Paulo: Ed. Nacional, 1958.
- MATOS, R. Periferias de grandes cidades e movimentos populacionais. **Cadernos Metrópole**, n. 13, 2005.
- MENDES, M. A. **Mulheres chefes de família em áreas zeis**: gênero, poder e trabalho. Tese de doutorado-Universidade Federal de Permabuco. 296f. 2005
- MONTALI, L. Rearranjos familiares de inserção, precarização do trabalho e empobrecimento. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú. **Anais**, 2004
- OLIVEIRA, N. H. D. Recomeçar: família, filhos e desafios [online]. São Paulo: Editora UNESP; **São Paulo: Cultura Acadêmica**, 236 p, 2009.
- PASTERNAK, S.; BÓGUS, L. M. M.. Migração na metrópole. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 21-47, 2005.
- PERROCA, N. W. D.; BEZERRA, B. S.; MANZATO, G. G. Entraves para a acessibilidade nas calçadas–Um estudo exploratório na área urbana de Bauru-SP. **Revista dos Transportes Públicos-ANTP**-Ano, v. 40, p. 2º, 2018.
- RODRIGUES DE SOUSA, M. T; Mobilidade e acessibilidade no espaço urbano. **Sociedade & Natureza**, v. 17, n. 33, 2005.
- SCHOUTEN, Maria Johanna et al. **Tempo e tecnologia: uma abordagem de gênero para o contexto Português**. Covilhã, Portugal, Universidade da Beira Interior. 315p.(Relatório final), 2012.
- SINGER.P. O uso do solo na economia capitalista. In: A produ o capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial. Editora Alfa-Omega. São Paulo, 1979.
- SILVA, M. F. **Chefia feminina domiciliar: indicador de maior pobreza das mulheres?** Revista G nero – Núcleo Transdisciplinar de Estudos de G nero, Volume 7, n  1. Editora UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2007.
- SILVA, M. L. **Expansão da cidade de Viçosa (MG)**: a dinâmica centro periférica. 138 f. Disserta o de Mestrado, Pós-gradua o em Geografia do Departamento de Geografia, Universidade Federal do Espirito Santo, 2016.
- SPOSITO, M. E. B. Segrega o socioespacial e centralidade urbana. A cidade contemporânea: segrega o espacial. **São Paulo: Contexto**, p. 61-93, 2016.
- TORRES, H.G.; FERREIRA, M.P. E GOMES, S. “Educa o e Segrega o Social: Explorando o Efeito das Rela es de Vizinhaça”. In: MARQUES, E. e TORRES, H.G. (eds.), **São Paulo: segrega o, pobreza e desigualdade**, São Paulo: Editora do Senac, 2005

WEISELFISZ, J. J. Homicídios e juventude no Brasil. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude-Presidência da República, 2013.

VASCONCELOS, E. A. **Transporte urbano, espaço e equidade - Análise das políticas públicas**. São Paulo: Editora Annablume, 2001.

VILLAÇA, F. A segregação urbana. **In: Espaço intra-urbano no Brasil**. Studio Nobel. São Paulo, 1998.

_____. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio nobel: FAPESP, 2001.

_____. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos avançados**, v. 25, n. 71, p. 37-58, 2011.

CAPITULO 4

REDES DE APOIO FAMILIARES EM REGIÕES PERIFÉRICAS DE UMA CIDADE DE PORTE MÉDIO

REDES DE APOIO FAMILIARES EM REGIÕES PERIFÉRICAS DE UMA CIDADE DE PORTE MÉDIO

FAMILY SUPPORT NETWORKS IN PERIPHERAL REGIONS OF A MIDDLE CITY

RESUMO

O presente estudo objetivou por meio da aplicação de 90 questionários semiestruturados de redes, identificar, caracterizar e analisar a estrutura, a função e as relações de sociabilidade que emergem nas redes de apoio das famílias que residem em regiões periféricas e centro de Viçosa-MG e ainda verificar a relação entre a condição de segregação socioespacial e as redes de apoio de famílias residentes em regiões periféricas e centro da cidade de Viçosa-MG. Utilizou-se para tanto, o software UCINET 6 para cálculo da densidade, grau de centralização e criação dos grafos das redes, bem como o software SPSS, versão 20 para verificação do efeito da segregação socioespacial sobre as redes dos indivíduos entrevistados. Foram realizadas 90 entrevistas, sendo 30 em cada uma das três regiões urbanas de planejamento (Nova Viçosa, Santa Clara e Centro), com indivíduos já participantes das entrevistas do segundo capítulo dessa tese. Como resultados, identificou-se e descreveu-se os atributos das redes de apoio (quem faz parte da rede, tipos de ajudas (apoios) mais recorrentes, número de ajudas recebidas, sexo das pessoas envolvidas) dos chefes de família em cada uma das três regiões urbanas de planejamento, bem como o nível de homofilismo e localismo das redes. Além disso, revelou-se as estruturas de rede, ou seja, tamanho das redes, densidade das redes e grau de centralização que prevalecem nas redes de cada uma das regiões, e constatou-se a relação da condição de segregação socioespacial, que essas famílias vivem, com essas estruturas de redes encontradas. Mostrou-se dessa forma, como a segregação socioespacial afeta a estrutura de rede desses indivíduos, se expressando principalmente na limitação da expansão de suas fronteiras, condicionando essas populações a situação de pobreza e vulnerabilidade, aos limites territoriais de suas regiões.

Palavras-chave: Redes Sociais; Segregação Socioespacial; Viçosa-MG.

ABSTRACT

Through a semi-structured questionnaire of networks, the present study aimed to identify, characterize, and analyze the structure, the function and social relations that emerge in the support networks of families residing in peripheral regions and center of Viçosa-MG, and to verify the relationship between the socio-spatial segregation condition with the attributes and structure of support networks of these families. The UCINET 6 software was used to calculate the density, degree of centralization and creation of network graphs, as well as SPSS software, version 20 to verify the effect of socio-spatial segregation on the networks of the individuals interviewed. A total of 90 interviews were carried out, 30 of which were in each of the three urban planning regions (Nova Viçosa, Santa Clara and Centro), with individuals already participating in the interviews of the second chapter of this thesis. As a result, the attributes of support networks (who are in the network, types of aid most recurrent, number of aids received, sex of the people involved) were identified and described in each of the three urban regions planning, as well as the level of homophilism and localism of networks. In addition, the network structures, ie network size, network density and degree of centralization that prevailed in the networks of each of the regions, where were revealed the relation of the socio-spatial segregation condition with these structures of networks. Thus, as a main consequence to the people, socio-spatial segregation affects the limiting of the expansion of

their borders, conditioning these populations to situation of poverty and vulnerability, to the territorial limits of their regions.

Keywords: Social Network; Socio-spatial Segregation; Viçosa-MG.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos de redes sociais, nos últimos anos, vêm permitindo a edificação de uma compreensão mais inovadora da nossa sociedade, a qual extrapola os princípios tradicionais, aqueles onde o elo social tem sido visto como algo que é estabelecido em função de papéis instituídos e das funções que lhes correspondem (MARTELETO, 2010). Hoje, a análise de redes sociais, enquanto método, é uma forma objetiva de identificação das conexões (laços ou relações) e pontos (nós ou atores) em um sistema determinado (rede pessoal ou total) gerando, a partir daí, representações de padrões estruturais das relações, que podem ser mais ou menos constantes, ou totalmente imprevisíveis e não lineares (FAZITO, 2002).

Nos últimos anos, muitos pesquisadores perceberam que a perspectiva de redes permite uma nova maneira de responder questões importantes em pesquisa nas ciências sociais, uma vez consegue definir de forma precisa aspectos do ambiente estrutural político, econômico ou social (WASSERMAN e FAUST, 1994).

Para Marques (2000, 2009a, 2009b), tanto os atributos da rede de um indivíduo (homofilismo, que está associado ao número de indivíduos do mesmo gênero, e, ou, mesma cor de pele, e, ou, mesma faixa etária etc; e localismo, que se associa ao número de indivíduos na rede que residem no mesmo bairro, e, ou, na mesma região, e, ou, na mesma cidade etc) quanto sua estrutura (tamanho da rede, densidade, grau de centralização) são fortemente impactadas por mecanismos que envolvem recursos econômicos, processos educacionais e migratórios, a geografia urbana e a segregação ou os acúmulos de vantagens e desvantagens na trajetória de vida. Tais fatores podem levar indivíduos a se manterem na pobreza e consequentemente reproduzir a desigualdade social em nossa sociedade.

São muitos os trabalhos que utilizam a perspectiva de redes sociais para explicar os efeitos das realidades de pobreza no Brasil sobre as redes de seus moradores (MARQUES, 2000, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b e 2011; MARQUES e BICHR, 2011 e MARQUES e CASTELLO, 2010).

Sendo assim, esse trabalho buscou responder a seguinte pergunta: quais efeitos da condição de segregação socioespacial sobre a configuração (atributos e estrutura) das redes de apoio de indivíduos residentes em bairros periféricos e central de uma cidade média mineira? Para isso, cumpriu-se dois objetivos. São eles: (1) identificar, caracterizar e analisar a

estrutura, a função e as relações de sociabilidade que emergem nas redes de apoio das famílias que residem em regiões periféricas e central de Viçosa-MG; (2) verificar a relação entre a condição de segregação socioespacial e as redes de apoio de famílias residentes em regiões periféricas e central da cidade de Viçosa-MG.

2. REDES SOCIAIS

Segundo Barnes (1972) e Both (1976), quando se realiza uma análise histórica, desde os estudos clássicos até os mais recentes, há um consenso de que não existe uma “teoria de redes sociais”, ou seja, o conceito pode ser utilizado juntamente a várias teorias sociais. Entretanto, torna-se necessário a utilização de dados empíricos complementares, além da identificação dos elos e relações entre indivíduos.

Como não há uma teoria de redes sociais, segundo Acioli (2007), percebe-se atualmente a naturalização do sentido de redes sociais associado geralmente às tecnologias da informação. Entretanto, devido aos debates em relação à utilização do conceito, que vem ocorrendo em várias áreas do conhecimento, como por exemplo na comunicação, saúde, educação, economia, administração e outras áreas específicas das ciências sociais, acaba-se revelando a real necessidade de contextualização do termo e sua forma de utilização. Levando isto em consideração, este referencial teórico busca situar historicamente a gênese do conceito, elucidando as formas de usos e abordagens empreendidas.

Segundo Marteleto (2010, p. 1):

Os estudos de redes sociais permitiram a construção de uma compreensão inovadora da sociedade, que ultrapassa os princípios tradicionais, nos quais o elo social é visto como algo que se estabelece em função dos papéis instituídos e das funções que lhes correspondem. De forma diferente, o conceito de redes sociais leva a uma compreensão da sociedade a partir dos vínculos relacionais entre os indivíduos, os quais reforçariam suas capacidades de atuação, compartilhamento, aprendizagem, captação de recursos e mobilização.

Dito isto, nas Ciências Sociais, segundo Mitchell (1969), Barnes (1972) e Marques (2000), o conceito de redes tem sido utilizado em três abordagens. A primeira, como metáfora, é considerado o mais antigo e também o mais difundido (MARQUES, 2000), “estando presente em inúmeros estudos (um deles é o estudo de White, escrito em 1992) que trabalham, às vezes de forma periférica, com a ideia de que entidades, indivíduos ou mesmo ideias estão de alguma forma conectados entre si” (MARQUES, 2000, p.126).

Para Lazega e Higgins (2014, p.7):

“Uma rede social (metáfora do sistema de interdependências) é definida metodologicamente (por razões técnicas) como um conjunto de relações específicas (por exemplo, colaboração, apoio, aconselhamento, controle ou ainda influência) entre um conjunto finito de atores”.

A segunda abordagem utilizada tem função normativa. Sua utilização busca determinar algumas formas de estruturação de um dado conjunto de entidades, de maneira a alcançar determinados objetivos (SENHORAS, 2013; COMPANS, 2013; BASTOS, 2007). O conceito por esta abordagem abrange, por exemplo, “a estruturação dos fluxos e tarefas no interior de uma indústria, de forma a se alcançar economia de tempo ou aumento da produtividade, ou a localização de atividades, insumos e equipamentos em uma região geográfica, de forma a otimizá-los” (MARQUES, 2000, p.126). Mitchell (1969) e Barnes (1972) chamam, esta segunda, de abordagem tecnológica já que as redes de interações na sociedade acontecem por meio de redes eletrônicas, de informações, interorganizacionais.

Já a terceira abordagem diz respeito especificamente à análise das redes sociais (ARS), que, por sua vez, considera as redes “não apenas como metáfora da estruturação das entidades na sociedade, mas também como método para a descrição e a análise dos padrões de relação nela presentes” (MARQUES, 2000, p.126).

Para Acioli (2007, p.7):

O uso analítico de rede ou ainda a metodologia de análise de redes tem sido utilizada especialmente na análise das chamadas redes de movimentos, redes de solidariedade, que são expressões vinculadas a estudos do campo dos movimentos sociais. Esses trabalhos partem da análise de redes utilizada pela Antropologia Social, articulando conhecimentos das Ciências Sociais e da Geografia, como caminho metodológico que facilite a apreensão das interações sociais, espaciais, informais e/ou institucionalizadas e temporais, que se estabelecem nesse campo.

A análise de redes sociais é entendida, então, como uma forma objetiva de identificação das conexões (laços ou relações) e pontos (nós ou atores) em um sistema determinado (rede pessoal ou total) gerando, a partir de então, representações dos padrões estruturais de relações que podem ser mais ou menos constantes, ou totalmente imprevisíveis e não lineares (FAZITO, 2002).

Wasserman e Faust (1994) dizem que a característica fundamental da ARS é lidar com dados relacionais, quer dizer, aqueles que expressam relações (conexões ou laços) entre objetos (nós, indivíduos, grupos) diversos. Portanto, a análise se volta para as relações que esses indivíduos estabelecem com outros coparticipantes em determinado contexto social e não apenas

nos atributos individuais. De forma complementar, Valente (2010) diz que tais redes descrevem não somente as relações entre pessoas, mas também das relações entre as pessoas e as coisas.

Nas últimas décadas, a noção de rede social e os métodos de análise de redes sociais têm atraído grande interesse e curiosidade na área das ciências sociais e comportamental. Este interesse pode ser atribuído ao foco que a análise de rede social emprega sobre as relações entre entidades sociais, os padrões e as implicações dessas relações. Assim, muitos pesquisadores perceberam que a perspectiva de redes permite uma nova alavancagem para responder questões importantes em pesquisa na área de ciências sociais e comportamentais, uma vez que estabelece uma definição precisa aos aspectos do ambiente estrutural político, econômico ou social (WASSERMAN e FAUST, 1994).

Freeman (2004) diz que a partir de 1930 ocorreu paulatinamente a convergência da formalização do relacionismo. Primeiro Jacob Moreno com a sociometria e uso de grafos para descrever relações sociais entre humanos e posteriormente o uso matemático dos grafos nos modelos de grafos aleatórios de Erdos e Renyi, e nos anos 1960 de geômetras com modelos aplicados à psicologia social (Frank Harary e James Cartwright). Uma terceira linha de estudos foi levada a cabo nas ciências sociais (sociologia e antropologia) que pesquisavam “comunidades”, sociologia das organizações e sociologia industrial, e esses autores formalizavam as relações entre os indivíduos usando matrizes e álgebra linear. E, finalmente, duas linhas de estudos importantes no fim dos anos 1950 em diante: de um lado, um grupo de estudiosos de Psicologia Social que desenvolve a teoria dos campos (Kurt Lewin) e a teoria do equilíbrio entre pequenos grupos (Leo Festinger); de outro lado, os antropólogos da Escola de Manchester sob a direção de Max Gluckmann que treinou figuras importantes como Clyde Mitchell, Elizabeth Bott e John Barnes.

Em suma, o ambiente social, observado a partir do ponto de vista da análise da rede social, pode ser expresso como padrões ou regularidades nas relações entre unidades que interagem. Para tanto, esse foco nas relações e nos padrões de relações necessita de um conjunto de métodos e conceitos analíticos distintos dos métodos tradicionais de estatística e análise de dados (WASSEMAN e FAUST, 1994).

Os métodos de redes sociais se desenvolveram nos últimos cinquenta anos como parte integrante dos avanços na teoria social, na pesquisa empírica, na matemática e na estatística formal. Muitas das principais medidas estruturais e noções de análise de redes sociais emergem de perspicácias de pesquisadores que procuram descrever fenômenos empíricos. O resultado dessa relação simbiótica entre teoria e método é uma forte base de técnicas analíticas de rede, tanto na aplicação como na teoria (idem, 1994).

Wasseman e Faust (1994) entendem que além do uso de conceitos relacionais, é importante também entender conceitos como: os atores e suas ações, vistos como interdependentes em vez de unidades independentes e autônomas; laços relacionais (elos) entre os atores, entendidos como canais de transferência ou "fluxo" de recursos (materiais ou não-materiais); os modelos de rede centrados em indivíduos, que consideram o ambiente estrutural da rede como fornecedor de oportunidades ou restrições à ação individual; e os modelos de rede que conceitualizam a estrutura (social, econômica, política, etc.) como padrões duradouros de relações entre atores. Dessa forma, o ponto forte no desenvolvimento de métodos de análise de redes sociais é o fato de que a unidade de análise na ARS não é o indivíduo, mas uma entidade composta por uma coleção de indivíduos e as ligações entre eles.

Assim, o conceito de rede enfatiza o fato de que cada indivíduo tem laços com outros indivíduos, e cada um, por sua vez, está vinculado a um, a alguns ou a muitos outros, e assim por diante. Ou seja, entende-se as redes sociais como um conjunto de atores e os laços entre eles. Com isso, o analista de rede procuraria explicar por meio da ARS, tanto os comportamentos individuais pelo impacto das configurações estruturais (estrutura social), quanto o inverso, a dinâmica das ações individuais nas interações influenciando os arranjos sociais mais amplos coletivamente como organizações, grupos e instituições (WASSEMAN e FAUST, 1994).

Para Valente (2010) os atributos como sexo, idade, nível educacional, renda, ocupação e etnia também são muito importantes e influenciam as atitudes, crenças e comportamentos de uma pessoa. E tais atributos influenciam quem essas pessoas conhecem e se relacionam (sua rede social). Embora os atributos individuais sejam importantes e possam, em parte, determinar a rede social de uma pessoa, a análise de rede se concentra nos tipos de relações que as pessoas têm e como essas relações influenciam o comportamento.

Para tanto, existem vários conceitos-chave no centro da análise de rede que são fundamentais para a discussão das redes sociais. Esses conceitos são: ator, laço relacional, díade e tríade, por exemplo. Assim sendo, para os pesquisadores que utilizam essas medidas, entende-se que os métodos de rede se iniciam e se concentram em díades (dois atores e seus laços), tríades (três atores e seus laços), ou sistemas maiores (subgrupos de indivíduos ou redes inteiras).

Explicando mais a fundo esses conceitos, Valente (2010) diz que os atores são unidades sociais individuais, corporativas ou coletivas discretas, ou seja, são pessoas em um grupo, ou departamentos dentro de uma corporação, agências de serviço público em uma cidade, ou estados-nação no sistema mundial. A maioria das aplicações de rede social se

concentra em atores que são do mesmo tipo, como por exemplo, pessoas em um grupo de trabalho. Essa aplicação é chamada de One-mode. O laço relacional por sua vez, diz respeito aos laços sociais que ligam os atores (vínculos). Seu intervalo e tipo de laços podem ser bastante extensos.

Alguns dos exemplos mais comuns de vínculos empregados na análise de rede são: avaliação de uma pessoa por outra (amizade, simpatia ou respeito); transferências de recursos materiais (transações comerciais, pegar empréstimos ou emprestar); associação ou afiliação (participar conjuntamente de um evento social, ou pertencer ao mesmo clube social); interação comportamental (conversar, enviando mensagens); movimento entre lugares ou status (migração, mobilidade social ou física); ligação física (uma estrada, rio ou ponte ligando dois pontos); relações formais (autoridade) e relação biológica (parentesco ou descendência).

Mark Granovetter (1973, 1985), autor tradicional dentro da teoria de redes, contribui com essa dimensão relacional da ARS. Desenvolve uma tipologia específica que revela os vínculos interpessoais, a saber: os laços fracos, aqueles de menor intensidade e frequência (como nas relações com amigos de amigos) e laços fortes, de grande intensidade e alta frequência (como nas relações entre familiares e amigos mais íntimos) para explicar as relações entre os indivíduos. Em seus trabalhos, Granovetter (1973, 1985), observa que os “laços fracos” são capitais para a dispersão da inovação, por serem redes constituídas de indivíduos com conhecimentos e concepções diferentes. Nas redes de “laços fortes”, por sua vez, existe uma identidade comum e, neste contexto, as relações provocadas nessas trocas não se desdobram para além dos grupos. Assim sendo, nessas redes procuramos auxílios para tomadas de decisões. É constatado pelo autor que são relações com alto nível de credibilidade e influência.

Dessa forma, os indivíduos que compartilham “laços fortes” conseqüentemente acabam participando de um mesmo círculo social, enquanto que indivíduos que partilham de relações de “laços fracos” são importantes para conectar múltiplos outros grupos, irrompendo a configuração de “ilhas isoladas” destes grupos e admitindo, assim, a configuração de uma rede social. Em outras palavras, as relações fundamentadas em “laços fortes” levam a um tipo de rede, definindo, assim, a configuração dos nós da rede de conexões entre os indivíduos no espaço social, real ou virtual, e as relações de “laços fracos”, por sua vez, funcionam como “pontes” desses grupos. Em suma, quanto menos relações de “laços fracos” existirem numa sociedade estruturada em grupos (“laços fortes”), menos “pontes” e menos inovação.

O autor (id. 1973, 1985) verifica ainda que indivíduos que apresentam poucos “laços fracos” serão privados de informações de componentes mais afastadas de seu próprio sistema social, e por consequência se limitarão ao conhecimento ou às informações advindas exclusivamente de amigos mais reservados.

Assim sendo, com ausência de “laços fracos”, a maior parte da população tem a tendência a permanecer isolada, presa em seus grupos, pois, “laços fracos” são fundamentais para integração de indivíduos à sociedade. É o mesmo que dizer que, sistemas sociais desprovidos de “laços fracos” serão fraturados e desconexos, informações vão difundir-se vagarosamente, e subgrupos apartados por raça, etnia, geografia e outros, terão dificuldade em chegar a um modo de vida.

Assim sendo, Borgatti et al. (2009) dizem que: "uma das ideias mais fortes nas ciências sociais é a noção de que os indivíduos estão inseridos em teias densas de relações e interações sociais" (p.892). De forma complementar, Valente (2010) diz que as redes sociais, na maioria das vezes, revelam quem conhece quem, ou quem fala com quem, dentro de uma comunidade ou organização, e os modelos de rede são construídos para mostrar como essas relações influenciam atitudes, crenças e comportamentos.

2.1. Redes Primárias e Secundárias

As redes sociais são divididas em duas grandes categorias de acordo com suas características e elementos distintivos. São elas: as redes primárias e as redes secundárias, sendo que essas últimas podem ser classificadas como formal ou informal (SANICOLA, 2015).

De acordo com Sanicola (2015, p.59), as redes primárias são “constituídas por laços de família, parentesco, amizade, vizinhança e trabalho. Em seu conjunto, formam uma trama de relações que confere a cada sujeito identidade e sentimento de pertencer”. As redes secundárias formais, por sua vez, são formadas de laços que se estabelecem entre instituições, organizações do mercado e organizações do terceiro setor. Já as redes secundárias informais são formadas pelos laços que se constituem entre pessoas visando resposta a uma necessidade imediata.

2.2. Redes Sociocêntricas e egocêntricas

Existem duas formas de se captar as relações sociais de um determinado grupo: o primeiro sendo pela via das redes totais, também chamadas de redes sociocentradas e o segundo pelas redes pessoais, também conhecidas como redes egocentradas. Para McCarty (2002) assim como nos estudos de redes totais, as redes pessoais (egocentradas) também se concentram nas relações sociais do indivíduo. Quando utilizadas, normalmente obtém-se os nomes dos parentes, amigos e conhecidos dos entrevistados que a princípio não têm nenhuma relação entre si. Estes dados são analisados posteriormente, resumindo, ao fim, as características dos membros da rede para cada entrevistado.

Este tipo de dado permite aos pesquisadores estudar elementos como: características das redes de apoio social (WELLMAN; WORTLEY, 1990), as mudanças no apoio social após um desastre natural (BEGGS; HAINES; HURLBERT, 1996), a influência das redes no comportamento entre adolescentes negros no transporte de uma arma (MYERS ET AL., 1997), a relação entre o uso de drogas injetáveis e transmissão do HIV (NEAIGUS ET AL., 1994), ou o efeito de redes no comportamento de voto (NIEUWBEERTA; FLAP, 2000).

Em contraste, pesquisadores que estudam as redes totais (sociocentradas) estão interessados nos padrões de relações entre os entrevistados que formam um grupo social definido. Os grupos podem ser: membros de um clube, uma classe de escola ou até mesmo um comitê executivo de uma empresa. Além disso, buscam medir a força da ligação entre todos os membros do grupo, e, com isso, se dispõem de uma matriz de proximidade que representa os padrões de relacionamentos. Para isso, aplicam um conjunto de técnicas de análises baseado em matrizes, algumas delas exclusivo para a análise de redes sociais (como a centralidade e densidade), e outros que são habitualmente usadas na estatística multivariada (tais como análise de cluster e escalonamento multidimensional).

Para McCarty (2002), os investigadores que seguem a abordagem de redes completas analisaram aspectos como a formação do Estado na Itália renascentista (PADGETT; ANSELL, 1993), a estrutura das redes corporativas japonesas (GERLACH, 1992), ou a inovação empresarial (RAIDER, 1998).

Frequentemente, entre os pesquisadores de redes sociais, se assume que a aplicação de análise típica de redes totais não pode estender-se às redes pessoais. Contudo, salvo algumas exceções, não há motivos matemáticos ou estatísticos que impeçam a implementação de técnicas matriciais aos dados de redes pessoais (McCARTY, 2002).

Em primeiro lugar, gerar matrizes de dados dos entrevistados consome muito tempo além de ser potencialmente caro. Importante entender também que os dados das redes pessoais dos entrevistados são gerados por eles mesmos, de modo que eles próprios têm de avaliar a força da ligação entre cada par de membros da rede. Por exemplo: para uma rede com um tamanho de 50 pessoas, há 1.225 pares. Para uma rede de 100 pessoas, significa que há 4.950 casais.

Para McCarty (2002) uma parte do comportamento é, sim, guiado pelas percepções do entorno físico ou social, e o relatório dos entrevistados sobre os laços acaba refletindo o ambiente social. Além disso, para o autor (*idem*, 2002), os entrevistados podem relatar de forma confiável as relações entre os membros da rede, especialmente quando informam apenas a presença ou ausência de uma relação. Além disso, as estruturas derivadas dos dados de redes pessoais são importantes para os entrevistados, o que reforça a ideia de que a sua avaliação em relação aos laços sociais é confiável.

Em resumo, enquanto em um estudo de redes completas o objetivo é a obtenção de uma estrutura, onde cada membro contribui igualmente para esta estrutura de rede e onde alguns membros da rede serão mais centrais do que outros, graças à contribuição de todos os membros da rede. Ou seja, até quem está fora do grupo contribui para a definição de uma posição mais central de outro membro da rede. A abordagem de rede pessoal por sua vez, é concebida para determinar a influência de cada membro da rede sobre o entrevistado. Esta abordagem se baseia então no fato de que cada membro da rede não contribui igualmente para a personalidade e comportamento do ego. O autor diz que uma análise estrutural não dá conta de responder todos questionamentos relacionados a um só membro, mas junto a uma análise dos atributos pode-se ver como os atributos dos membros da rede estão associados com a estrutura.

Vários são os estudos que se debruçam sobre esta perspectiva. No que se refere à literatura internacional, pode-se considerar de extrema riqueza os estudos sobre o mercado de trabalho realizado por Granovetter (1973), evidenciando a importância fundamental dos vínculos fracos (menor intensidade e frequência) para a propagação de informações no que se refere ao emprego. Pavez (2005), por sua vez, diz que atualmente há um consenso entre os autores que estudam a temática de que tanto os vínculos fortes (grande intensidade e alta frequência) quanto os fracos devem ser levados em consideração, e, contudo, serem relacionados a fenômenos diferentes.

Dessa forma, mostrou-se que os vínculos fracos geralmente ajudam na veiculação de informações e até mesmo na construção de coordenação política. Os vínculos fortes, ao

contrário, ganham importância quando se trata de fenômenos de coesão, comando e relações mais verticalizadas. Mas ambos não são excludentes e podem ser considerados na análise de uma mesma situação.

Portugal (2014), por sua vez, mostra em seu trabalho a centralidade da família e das redes sociais na produção de bem-estar, mostrando que na realidade, em Portugal, há um modelo de proteção social apoiado nas solidariedades familiares (entre membros da família) e nas transferências intergeracionais, ou seja, avô ou avó fornecendo suporte (dinheiro, roupa, eletrodomésticos, etc) a seus filhos, netos, e assim por diante.

Trabalhos que voltaram seus olhares para a realidade brasileira também são vastos e de grande relevância para entendimento de nossos problemas. Muitas são as pesquisas de Marques (2000, 2009a, 2009b, 2010, 2011) que contribuem para o entendimento da importância das redes na sociabilidade cotidiana dos indivíduos, uma vez que analisa as redes de apoio social no cotidiano, particularmente em termos dos cuidados com crianças e idosos, pequenos reparos, problema de saúde, empréstimos de mantimentos ou de dinheiro, entre outros, bem como na busca por emprego e em crises de saúde em bairros pobres e periféricos de Rio de Janeiro, Salvador e em São Paulo.

Lazega e Higgins (2014), no entanto, explicam o conceito e o uso da ARS com base em um estudo de redes empírico realizado numa organização colegial e em um escritório de advocacia de negócios, em que analisa especificamente três redes sociais onde associa seus membros quanto à colaboração, aconselhamento e amizade, permitindo, assim, explorar a natureza da hierarquia, as diferenças de status ou o sistema de autoridade do conjunto social. Em suma, mostra como a estrutura relacional permite associar a posição de um ator de acordo com seus comportamentos.

A partir desta explicação conceitual e tomando Marques (2009b) como referência teórico-empírica, entende-se as redes sociais como representações analíticas dos contextos e dos padrões de relações que cercam uma dada situação social, e que elas são influenciadas por diversos condicionantes socioeconômicos, como: segregação, sexo, idade, escolaridade, renda, migração, frequência e associações. Além disso, o efeito desses condicionantes tende a circularidades que perpetuam as situações sociais e relacionais, e reproduzem desigualdades de forma persistente.

2.3. Análises de Redes por Atributos e Estruturais

Marques (2010a e 2010b) e Marques e Bichir (2011) fazem uma análise de redes quanto aos atributos, dizendo que estas são fortemente impactadas por mecanismos que envolvem recursos econômicos, processos educacionais e migratórios, geografia urbana e segregação e os acúmulos de vantagens e desvantagens na trajetória de vida. Desta forma, o autor considera algumas dimensões importantes para se entender as redes no que se refere aos atributos (homofilismo, localismo) ou por vínculos (laços fortes ou laços fracos).

No que se refere às dimensões de análise voltadas para os atributos, a homofilia é característica de uma relação que revela a identidade ou semelhança de atributos entre os indivíduos. Segundo Marques e Bichir (2011, p. 68), este aspecto é considerado importante uma vez que “relações entre indivíduos com atributos diferentes tendem a veicular mais frequentemente informações e recursos materiais e imateriais não redundantes”.

Outra dimensão importante para o entendimento de redes (por atributos) é o localismo, que diz respeito ao número de indivíduos que residem próximo ao ego, o que acaba evidenciando menor ou maior proximidade geográfica das esferas de sociabilidade desenvolvidas junto à família, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, etc (MARQUES e BICHIR, 2011).

Para Marques (2000, p. 175):

As redes de relações são dinâmicas, sendo seus padrões alterados ao longo do tempo pelo estabelecimento de vínculos entre os indivíduos, tanto conscientes quanto inconscientes. A superposição complexa das ações de pessoas, grupos e organizações transforma continuamente a rede, alterando seus padrões de relação, a distribuição de suas densidades, assim como as posições de cada entidade na estrutura do campo.

Já em nível estrutural, calculam-se métricas que permitem comparar as redes entre si e fazer inferências sobre o grau de coesão, densidade, tamanho da rede e centralidade (Quadro 1, a seguir). Estas métricas estão relacionadas à velocidade e à capacidade de propagação de informações pelos nós.

QUADRO 1 – Medidas Estruturais de redes sociais

Medidas	Descrição
Centralidade média	Número médio de conexões entre os indivíduos.
Densidade⁵⁶	Representa a proporção de ligações existentes na rede em relação ao total de ligações potenciais. Quanto maior a densidade, maior a coesão da rede.
Grau de centralização	Mede a proporção média de ligações que um ator tem em relação ao total de ligações.
Tamanho da rede	Número de indivíduos na rede.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Wasserman & Faust (1994) e Borgatti et al. (2013)

As principais medidas de centralidade são: degree, número de conexões não direcionadas de cada indivíduo e que representa o quanto o indivíduo é conectado aos demais (“a” e “b” estão conectados); indegree, número de conexões que indicam o indivíduo como referência para os demais e número de vezes que cada indivíduo foi citado (“a” foi indicado por “b”); outdegree, número de conexões, por exemplo, que um indivíduo forma para esclarecer dúvidas (“a” indicou “b”); e o betweenness, representa o grau de intermediação de um indivíduo e tem capacidade de articular informações entre grupos de indivíduos (“a” é um intermediário entre os grupos “b, c” e “d, e”). Assim, o degree e indegree estão relacionados ao direcionamento da relação de um ego para alter. Se há reciprocidade e simetria, então o direcionamento pode ser supérfluo e focar apenas na existência de um laço necessariamente simétrico e recíproco. A direção implica numa relação direta que pode ser face-a-face ou intermediada por algum meio tecnológico (PRELL, 2012; WASSERMAN & FAUST, 1994 e BORGATTI et al., 2013).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Serão apresentados nessa seção todas as escolhas e etapas metodológicas adotadas para execução da pesquisa, desde a coleta dos dados até suas respectivas análises, que possibilitaram, conseqüentemente, responder ao objetivo do trabalho. Assim sendo, a seção foi dividida em 3 subseções. São elas: amostra e subamostra; análise de redes sociais; e teste Kruskal-Wallis para amostras independentes no Statistical Package for the Social Sciences (SPSS).

⁵⁶ Quanto maior a densidade, maior a coesão entre o grupo (HATALA, 2006).

3.1. Amostra e Subamostra

Para realização da pesquisa de campo cumpriu-se 3 etapas: a primeira está relacionada à escolha da forma de captação das redes (egocentrada ou sociocentrada) e tipos de análises que usam variáveis de atributos e estruturais; na segunda etapa, criou-se o questionário específico para o tipo de rede em análise; e por fim, na terceira etapa, realizou-se a metodologia para seleção da subamostra a ser pesquisada.

Com base no referencial teórico, a forma de captação de redes mais adequada e selecionada para coleta de dados foi por meio das redes egocentradas ou pessoal, uma vez que este tipo de rede possibilita o entendimento dos apoios que os entrevistados possuem em sua percepção, ou seja, é a rede que de fato o autor entende como sendo o seu apoio. Já em relação às análises, foram realizadas tanto as medidas por atributos quanto as métricas estruturais descritas no marco teórico (McCARTY, 2002).

A partir destas escolhas, elaborou-se, portanto, um questionário estruturado e específico para redes egocentradas (Apêndice 2, questões um e dois). Esse questionário possibilitou entender, na primeira pergunta, quem são as pessoas que fazem parte dos apoios cotidianos dos entrevistados, descrevendo suas idades, regularidade com que se comunicam ou se encontram, gênero, bairro de residência, tipo de relação e tipo de apoio. Já na segunda pergunta, por meio de uma matriz em branco, possibilitou-se o desenvolvimento de uma matriz de relações entre os nós (pessoas) citados pelos entrevistados.

Com o questionário elaborado, fez-se necessário conhecer a amostra a ser pesquisada. Para tanto, levando-se em consideração as limitações em termos de tempo para aplicação dos novos questionários e posterior análise das redes egocentradas⁵⁷ de todos os 196 entrevistados no capítulo 3, optou-se por um recorte da amostra utilizada. Sendo assim, elaborou-se uma subamostra que atendesse a mesma proporção em termos de gênero e classe social da amostra principal utilizada anteriormente.

Para tanto, elaborou-se a Tabela 1, abaixo, da subamostra, com base nas classes sociais por faixa de salário-mínimo, descritos no Anexo 2. Então, buscou-se atender as proporções de homens e mulheres, em cada faixa de classe social e em cada uma das três regiões descritas na amostra, calculada⁵⁸ e validada no 3º capítulo desta tese. Após esse

⁵⁷ Existem segundo McCARTY (2002), duas formas de captação das redes sociais: redes sociocêntricas (totais) e redes egocentradas (pessoais). Esta última foi a escolhida para as análises que se seguem por dois motivos: o primeiro por questões práticas e operacionais, uma vez que é mais barato e fácil entrevistar as pessoas individualmente e recompor a rede social local a partir de vários egos – esquema bottom-up – do que procurar isolar toda a comunidade com um tamanho N elevado para captar os fluxos de apoio social; e o segundo por permitir captar a rede de apoio social a partir da perspectiva cognitiva/percepção de ego.

⁵⁸ Para maiores detalhes de como foi realizada, voltar ao capítulo 3 da tese.

cálculo, retornou-se às regiões para aplicação de questionário (Apêndice 2) referente às redes sociais de apoio cotidiano.

TABELA 1 – Subamostra para aplicação de questionários e Análise de Redes Sociais (ARS)

Classes Sociais		Nova Viçosa				Santa Clara				Centro				Total	
		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		A	S
		A	S	A	S	A	S	A	S	A	S	A	S		
A									2	2	2	1	4	3	
B									6	1	14	9	20	10	
C		2	1	1	1	11	5	1	1	11	4	14	6	40	18
D		6	3	12	5	7	4	10	5	4	3	10	2	49	22
E	E	7	3	7	3	5	2	9	4	2	1	1	1	31	14
E	Pobreza	5	2	17	8	6	2	8	3					36	15
E	Extrema pobreza	2	1	6	3	1	1	7	3					16	8
Total		22	10	43	20	30	14	35	16	25	11	41	19	196	90
%		34	34	66	66	46,1	46,7	53,9	53,3	37,9	37,0	62,1	63,0		

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2018.

Para melhor entendimento da Tabela 1, é preciso observar que, estão localizadas na primeira coluna, à esquerda, as classes sociais, que variam de A a E (dividiu-se a classe “E” em “E”, “pobreza” e “extrema pobreza” para melhor representar as realidades das famílias das regiões com maior índice de segregação socioespacial).

As colunas em sequência foram divididas da seguinte forma: cada colunas para cada região (Nova Viçosa, Santa Clara e Centro) foi dividida entre homens e mulheres, onde a letra “A”, amostra, representa o número de entrevistados na amostra coletada e utilizada no capítulo 3 dessa tese, e a letra “S”, subamostra, sendo o número de entrevistados que participaram da aplicação do questionário sobre redes egocentradas. Feito isto, foram realizadas 30 entrevistas em cada uma das três regiões urbanas de planejamento, totalizando 90 entrevistas.

3.2. Análise de redes sociais (Ucinet 6 e NetDraw)

Após etapa de coleta, para análise dos dados de redes egocentradas (redes pessoais), utilizou-se o software UCINET 6 (2002) como ferramenta de realização das métricas de densidade e grau de centralização. Além disso, utilizou-se o NetDraw (2002) como ferramenta para elaboração dos grafos/desenhos de redes utilizadas nesse trabalho. Para

realização das métricas descritas acima, foi necessário o cumprimento de 4 etapas: **Tabulação** dos dados em Excel 2010, para cada uma das 90 redes, ou seja, 30 indivíduos em cada uma das três regiões urbanas de planejamento; **Transferência** das planilhas do formato Excel para formatos **###d** e **###h**, adequados para a leitura do software UCINET 6 e NetDraw; **Execução** das métricas de densidade e grau de centralização no UCINET; e, por fim, **Elaboração** dos grafos por meio das matrizes quadradas nos formatos **###d** e **###h**, convertidas na etapa dois, “Transferência”.

Na primeira etapa, “Tabulação”, foi necessário criar 3 arquivos Excel, ou seja, uma planilha para cada região urbana (Centro, Nova Viçosa e Santa Clara), compostas por várias abas, uma para cada entrevistado, sendo que cada aba contém diversas informações específicas sobre o mesmo (Figura 1, abaixo), como: tamanho da rede (número de nós), gênero das pessoas que fazem parte da rede, sociabilidade de cada nó, região de planejamento a qual pertence o nó e matriz quadrada (matriz de adjacência) com as relações entre os nós da rede.

FIGURA 1 - Planilha Excel para tabulação das redes egocentradas

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N
3	Regularidade	4	4	3	3	3	3	4	4	4	3		Sociabilidade	Número
4	Ajudas	4, Saúde	4, saúde	7	7	7	7	7	7	7	7		Familia	2
5													Amizade	8
8		nome1	nome2	nome3	nome4	nome5	nome6	nome7	nome8	nome9	nome10			
9	nome1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1			
10	nome2	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1			
11	nome3	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1		Outro bairro	1
12	nome4	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1		mesmo bairro	9
13	nome5	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1			
14	nome6	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1		média de idade	51,4
15	nome7	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1			
16	nome8	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1		Sexo	
17	nome9	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1		H	2
18	nome10	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0		M	8
20	Idade													
21	Nós													

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Na fase de “transferência” dos arquivos, de Excel para **###d** e **###h**, utilizou-se as matrizes de adjacências criadas na etapa anterior para realização das métricas de densidade e grau de centralização. Ou seja, para que o software pudesse fazer as métricas desejadas, foi necessário criar um arquivo, nestes novos formatos, para cada rede (pessoa entrevistada). Para isso, foi necessário transferir as matrizes Excel para o UCINET 6 no editor de matrizes, abrir

a matriz no formato Excel, visualizá-la para conferência dos dados, e, por fim, salvá-la novamente nos novos formatos (##d e ##h), conforme Figura 2, abaixo.

FIGURA 2 - Planilha UCINET para tabulação das redes egocentradas

		1	2	3	4	5	6	7	8
	x	Maria	Maria	Maria	Maria	Maria	Maria	Maria	Maria
1	Maria	0	1	1	1	1	1	1	1
2	Maria	1	0	1	1	1	1	1	1
3	Maria	1	1	0	1	1	1	1	1
4	Maria	1	1	1	0	1	1	1	1
5	Maria	1	1	1	1	0	1	1	1
6	Maria	1	1	1	1	1	0	1	1
7	Maria	1	1	1	1	1	1	0	1
8	Maria	1	1	1	1	1	1	1	0
9	Maria	1	1	1	1	1	1	1	1
10	Maria	1	1	1	1	1	1	1	1

Fonte: Dados da pesquisa com base na interface do software UCINET 6, 2019.

Feitas estas transferências e conversões de arquivo para cada um dos 90 entrevistados, passou-se para a fase de “execução” das métricas. Para isto, na aba “Network” da interface do software, foi realizada a medida de coesão/densidade e grau de centralização para cada uma das 90 redes. Ou seja, foi necessária a inclusão das matrizes dos entrevistados, uma a uma, para gerar esses dois valores para cada rede. Esses dados, densidade e grau de centralização, serão trabalhados adiante nos resultados e discussões.

Na última etapa, “elaboração”, foi necessário a utilização da interface do software NetDraw, incluso no UCINET 6, para criação dos grafos (metáfora das relações/desenho de rede) utilizados nos resultados e discussões desse trabalho. Para isso, foi necessário abrir, um por vez, os arquivos dos 3 indivíduos selecionados (um de cada região), no formato ##h, para serem trabalhados e modificados de acordo com seus atributos (gênero e sociabilidade a qual pertence, por exemplo).

3.3. Testes Kruskal-Wallis no Software SPSS

A partir do teste de normalidade, rodado no software SPSS (Versão 20), constatou-se que, das 8 variáveis em análise (tamanho da rede, densidade, grau de centralização, localismo, homofilismo, número de sociabilidade, tipos diferentes de apoio recebido e família), apenas a distribuição dos dados “homofilismo” e “família (%)” (Kolmogorov-Smimov e Shapiro-Wilk), destacados na tabela abaixo, em cinza, são normais. Desta forma, por constatar que

apenas duas das variáveis analisadas são de distribuição normal, os testes mais apropriados para análise dos dados, de forma geral, são os não-paramétricos.

TABELA 2 - Teste de Normalidade

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Estatística	df	Sig.	Estatística	df	Sig.
Tamanho da rede	,143	90	,000	,935	90	,000
Densidade	,164	90	,000	,866	90	,000
Grau de Centralização	,146	90	,000	,920	90	,000
Localismo (%)	,103	90	,019	,918	90	,000
Homofilismo (%)	,061	90	,200*	,989	90	,691
Número de sociabilidade	,219	90	,000	,873	90	,000
Tipos diferentes de apoio recebido	,144	90	,000	,944	90	,001
Família (%)	,063	90	,200*	,976	90	,094

*This is a lower bound of the true significance (Este é um limite inferior do verdadeiro significado). a. Lilliefors Significance Correction (Correção de significância de Lilliefors).

P-valor maior que 0,05 (Sig. > 0,05), aceita-se Ho (Distribuição normal). Assim sendo, aquele valor de sig. maior que 0,05 é uma distribuição normal.

Fonte: dados rodados no software SPSS - versão 20, 2019.

Neto e Stein (2003) dizem que vem aumentando, a cada dia, o uso dos testes não-paramétricos em análise estatística nas áreas da Ciências Sociais, Ciências Administrativas (pesquisas de Marketing) e nas Ciências da Saúde, em especial na Psicologia e Psiquiatria, com objetivo de estudar o comportamento humano.

Para Callegari-Jacques (2003), nos testes paramétricos os valores da variável estudada devem ter distribuição normal ou aproximação normal. Já nos testes não-paramétricos, ou testes de distribuição livre, essa exigência, no que se refere ao conhecimento da distribuição da variável na população, não é necessária. Assim sendo, como foi constatado no teste de normalidade, que 6 das 8 variáveis não são normais (Tabela 2), os testes não-paramétricos foram os ideais para análise dos dados dessa pesquisa.

Assim, buscou-se entender sobre os testes não-paramétricos que pudessem fazer comparações entre as variáveis de grupos independentes. Segundo Neto e Stein (2003), os testes não-paramétricos mais utilizados que buscam fazer essas comparações são: Teste de Wilcoxon, Teste de Mann-Whitney, Teste de Qui-quadrado e o Teste de Kruskal-Wallis. Os dois primeiros são focados em comparar dois grupos, sejam eles relacionados ou independentes. Já o teste de Qui-quadrado aplica-se quando estão em comparação dois ou mais grupos independentes e não necessariamente do mesmo tamanho, diferentemente do teste Kruskal-wallis, que compara três ou mais grupos independentes e a variável deve ser

necessariamente de mensuração ordinal, indicando se há diferença entre pelo menos dois deles. Para Paes (2003), este último, teste Kruskal-Wallis, é o teste equivalente não paramétrico para a ANOVA.

Assim sendo, devido a sua característica para responder ao objetivo desse trabalho, o teste não-paramétrico mais apropriado para análise dos grupos foi o teste Kruskal-Wallis. Os grupos em análise nessa pesquisa são independentes e de subamostras iguais, 30 indivíduos cada, e divididos em: grupo sem segregação socioespacial (Centro), alta segregação sócioespacial 1 (Santa Clara) e alta segregação socioespacial 2 (Nova Viçosa).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nessa seção foram discutidos os principais resultados encontrados na pesquisa. Para tanto, dividiu-se a seção principal em duas subseções, a primeira, nomeada de “Análise descritiva dos dados de redes egocentradas”, e a segunda de “Teste não paramétrico Kruskal-Wallis para amostras independentes”, sendo que esta última foi dividida em 7 outras subseções de discussão: tamanho da rede (número de nós), densidade, grau de centralização, localismo (%), homofilismo (%), número de sociabilidade, tipos diferentes de apoio recebido e família (%).

4.1. Análise descritiva dos dados de redes egocentradas

Após rodar os dados no SPSS, versão 20, analisou-se por meio da estatística descritiva a distribuição das médias, mínimos e máximos das 8 categorias de análise (tamanho da rede, densidade, grau de centralização, localismo, homofilismo, número de sociabilidades, tipos diferentes de apoios, e família) em cada uma das três regiões: Nova Viçosa, Santa Clara e Centro. Assim sendo, percebe-se diferenças significativas entre elas, principalmente entre a região Nova Viçosa e Centro (Tabela 3, abaixo).

No que se refere ao “tamanho da rede” (número de nós), percebe-se que a rede da região Centro (região sem segregação) é a que conta com maior número de nós (14,5 nós) dentre as três pesquisadas, ou seja, são as redes, que em média, apresentam o maior número de pessoas. Marques (2009) e Marques e Bichir (2011) constataram em seus trabalhos que, em geral, redes de pobres são menores e mais locais, como serão apresentados mais adiante.

Quanto à “densidade⁵⁹”, percebe-se pelos dados que, à medida em que a região tem um índice de segregação socioespacial mais elevado, sua densidade também é maior. Santa Clara possui, em média (0,794), redes mais densas que na região centro (0,745), dizendo que 79,4% das relações, em média, acontecem nas redes dessa região. Já Nova Viçosa, região com maior índice de segregação socioespacial, possui uma densidade (0,868) maior que das outras duas regiões citadas, Santa Clara e Centro. Ou seja, 86,8% das relações nas redes dessa região acontecem. Segundo estudos de Granovetter (1973 e 1982), há uma relação entre a baixa densidade de uma rede e ligações fracas. As ligações fracas possibilitam maiores oportunidades de ligações e conseqüentemente de informações não redundantes. Nos dados, percebe-se que a região sem segregação socioespacial, o Centro, é a que apresenta a menor densidade, confirmando aquilo que Granovetter já apresentou.

Os dados relacionados ao “grau de centralização”, por sua vez, revelam que as regiões com mais altos índices de segregação socioespacial, apresentam menores graus de centralização, relação inversa à densidade. O que demonstra que redes mais densas, onde grande parte dos nós estão conectados entre si, caso da região Nova Viçosa, não há, como Higgins e Ribeiro (2017, p. 113) afirmam, uma rede gravitando “em torno de um ou poucos nós”. Haja vista a alta densidade e o baixo grau de centralização registrado na média descrita nessas regiões e apresentadas na Tabela 3, abaixo.

Percebe-se também que à medida em que aumenta o índice de segregação socioespacial da região, também aumenta a proporção de localismo e homofilismo (gênero). Ou seja, Nova Viçosa apresentaem média, redes com 83,6% de seus nós, sendo de pessoas da mesma região, e, conforme dito anteriormente, à medida em que a região apresenta menor índice de segregação, esta proporção diminui. No que diz respeito ao homofilismo por gênero, em que pessoas do mesmo gênero fazem parte da composição da rede, esta relação também é constatada. Nova Viçosa apresenta, em média, uma composição de rede com 67,3% de pessoas do mesmo gênero. Homens têm redes compostas por homens em sua maioria e as das mulheres, da mesma forma, com prevalência de mulheres. Marques (2009) diz que redes maiores e com sociabilidade pouco local acabam gerando efeitos positivos sobre a renda dos indivíduos. Assim, os dados mostram a relação do índice de segregação socioespacial com o nível de localismo e homofilismo (gênero) das redes estudadas.

⁵⁹ A medida de densidade varia de acordo com o tamanho das redes. Sendo assim, ressalta-se o cuidado na interpretação da medida de densidade (coesão) comparando redes de tamanhos diferentes. Para corrigir esta deficiência, compensa-se a análise e interpretação com a medida de centralidade.

Segundo Marques (2010), a presença de sociabilidades variadas para indivíduos segregados potencializa positivamente esses sujeitos, e ajuda no combate ao isolamento social produzido por essa segregação. Entretanto, as médias mostram o inverso disto: a média no número de sociabilidades (amizade, família, vizinhança, trabalho, acadêmico) é maior em Nova Viçosa, grupo com o maior índice de segregação socioespacial, do que no Centro. Entretanto, quando feito o teste Kruskal-Wallis, que será discutido adiante, esses números se mostraram iguais estatisticamente, revelando que não há efeito da segregação socioespacial sobre o número de sociabilidade.

Observou-se 5 tipos de sociabilidades nas redes de Nova Viçosa e Santa Clara. São elas: família, amizade, trabalho, vizinhança e igreja. Já na região urbana Centro observou-se 6 tipos de apoios: família, amizade, trabalho, vizinhança, acadêmico e terapia. Ou seja, 4 esferas de sociabilidade se repetem nas 3 regiões (família, amizade, trabalho e vizinhança) e 3 se diferenciam, estando a sociabilidade “igreja” presente nas regiões com os mais altos índices de segregação socioespacial e as sociabilidades “acadêmica” e “terapia” presentes somente em redes da região Centro.

TABELA 3 – Análise descritiva: médias, mínimos e máximos para cada região de planejamento

Categorias	Regiões Urbanas de Planejamento*								
	Nova Viçosa			Santa Clara			Centro		
	Médias	Mínimo	Máximo	Médias	Mínimo	Máximo	Médias	Mínimo	Máximo
Tamanho da rede (número de nós)	12,7	7	23	9,6	3	20	14,5	6	26
Densidade ¹	0,868	0,304	1,000	0,794	0,048	1,000	0,745	0,250	1,000
Grau de Centralização ²	0,143	0,000	0,575	0,164	0,000	0,500	0,258	0,000	0,595
Localismo (%) ³¹	83,6%	33,3%	100%	54,1%	0%	100%	39,4%	7,7%	100%
Homofilismo (%) ³²	67,3%	33,3%	94,1%	65,8%	38,5%	100%	57,2%	25%	92,3%
Número de sociabilidade	2,8	1	4	2,6	1	4	2,4	1	4
Tipos diferentes de apoio recebido	6,3	2	11	8	3	14	4,9	2	10
Família (%)	49,6%	0%	100%	55,3%	0%	100%	44,9%	7,6%	100%

*Os valores são baseados na média do grupo (Região Urbana de planejamento)

¹Densidade: varia de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, mais pontos (nós) estão ligados entre si.

²Grau de Centralização: varia de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, mais a rede gravita em torno de um ou poucos nós.

³¹Localismo (%): porcentagem de nós que compõem a rede que residem na mesma região de planejamento que o entrevistado.

³²Homofilismo (%): porcentagem de nós que compõem a rede que são do mesmo sexo que o entrevistado.

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2019.

Diferentes tipos de apoio foram descritos pelos entrevistados (Apêndice 2) e, quando analisados, percebe-se que as duas regiões com os maiores índices de segregação socioespacial são as que requisitaram maior número de apoios diferentes, em que as redes de Santa Clara requisitaram, em média, 8 tipos de apoios diferentes e as redes de Nova Viçosa requisitaram, em média, 6,3 apoios. Além disso, alguns apoios⁶⁰ requisitados nas regiões com alto índice de segregação socioespacial foram diferentes daqueles requisitados pelas redes da região Centro, como por exemplo: vigiar a casa na ausência do dono, empréstimo de ferramentas e doação ou empréstimo de material de construção. Tais diferenças podem ser explicadas pelo fato de aparecer de forma recorrente, nessas regiões, a sociabilidade “vizinhança”, que aparece em apenas duas redes na região Centro. Por outro lado, na região Centro, observou-se que aparece 3 tipos de apoios não observados nas outras duas regiões. São elas: apoio psicológico, ajuda no meio acadêmico e apoio espiritual, que também podem estar associados ao nível de renda da região Centro. Entretanto, não temos dados suficientes para afirmar esta associação.

No que diz respeito a última categoria, família (%), que significa a porcentagem média de indivíduos da família que fazem parte das redes dos indivíduos entrevistados em cada uma das três regiões, observou-se que em ambas as regiões mais segregadas socioespacialmente, em média, mais de 49% da composição de suas redes é composta por indivíduos da família. Por outro lado, na região Centro, menos de 45% dos indivíduos da rede integram a família. Entretanto, por meio do teste Kruskal-Wallis, que será discutido à frente, estatisticamente, não há diferença entre as distribuições das três regiões.

Dessa forma os dados das regiões com os mais elevados índices de segregação socioespacial, aqui abordados, revelam as mesmas características encontradas nas redes egocentradas pesquisadas por Fontes (2003) e Fontes e Eichner (2004), que realizaram pesquisas sobre redes egocentradas, no Recife – PE, abordando principalmente as dimensões da homofilia e do localismo entre os habitantes da favela Céu de Estrelas. Eles constataram que há elevada homofilia de sexo, elevado localismo e forte presença de vizinhos e parentes

⁶⁰ Apoios observados nas regiões Nova Viçosa e Santa Clara são os mesmos: cuidado com crianças, dinheiro (doação/ empréstimo financeiro), ajuda com alimentação, doação de remédios, doação de roupas, cuidado com idoso, troca de confidências e assuntos íntimos, comunicado de oportunidade de emprego, empréstimo de moradia, empréstimo de ferramentas, doação ou empréstimo de material de construção, doação de produtos da casa (fogão, TV, geladeira, etc.), cuidados com saúde, afeto, ajuda com tarefas do trabalho, ajudas com tarefas domésticas, vigiar a casa na ausência do dono, apoio religioso.

Na região centro, os apoios observados foram: cuidado com crianças, dinheiro (doação/ empréstimo financeiro), ajuda com alimentação, doação de remédios, doação de roupas, cuidado com idoso, troca de confidências e assuntos íntimos, comunicado de oportunidade de emprego, empréstimo de moradia, doação de produtos da casa (fogão, TV, geladeira e etc.), cuidados com saúde, afeto, ajuda com tarefas do trabalho, ajuda no meio acadêmico, ajudas com tarefas domésticas, apoio psicológico, apoio espiritual, apoio religioso.

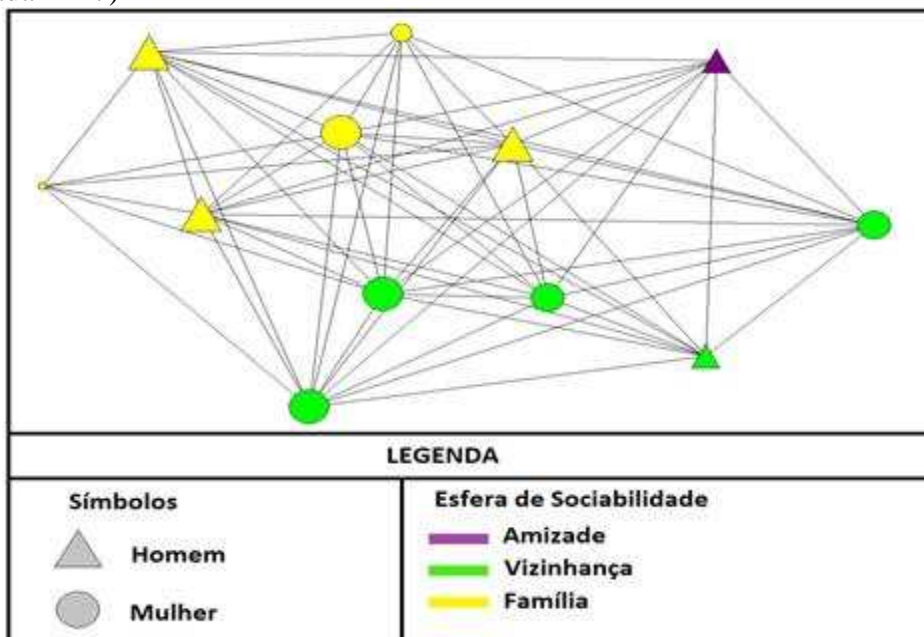
nas redes dos indivíduos dessa favela. Portanto, de forma geral, segundo Marques (2007, 2009 e 2010), a literatura indica que as melhores situações sociais estão associadas a menores graus de homofilia.

Alto índice de segregação, por exemplo, impacta negativamente os indivíduos na razão direta de sua pobreza. Assim, indivíduos mais pobres tendem a ter redes menores, com maior homofilia e mais localistas do que indivíduos não pobres, e essas características acabam se tornando emblemáticas em situações e relações de reprodução da pobreza e da desigualdade social. Além disso, essas características não surgem a partir das redes, mas acaba retratando um ponto de vista relacional da estrutura social (MARQUES, 2009a, 2009b, 2010a e 2010b), e isso foi observado também, nas regiões mais segregadas socioespacialmente da cidade de Viçosa-MG.

Como forma de ilustração e melhor entendimento do que foi discutido anteriormente, um exemplo de rede de cada uma das três regiões urbanas de planejamento será abordada. Para tanto, buscou-se trazer uma rede que abordasse características próximas das médias descritas na Tabela 3, acima.

O primeiro grafo representa a rede da entrevistada de número 47, da região Nova Viçosa. Ela é composta por 12 nós/indivíduos, onde os homens estão representados pelo símbolo do triângulo e as mulheres representadas pelo círculo. Já as cores simbolizam as esferas de sociabilidade, onde o roxo representa um nó de amizade, o verde representa a vizinhança e o amarelo apresenta os membros da família.

FIGURA 3 – Rede egocentrada com morfologia próxima à média da região Nova Viçosa (entrevistada n° 47)



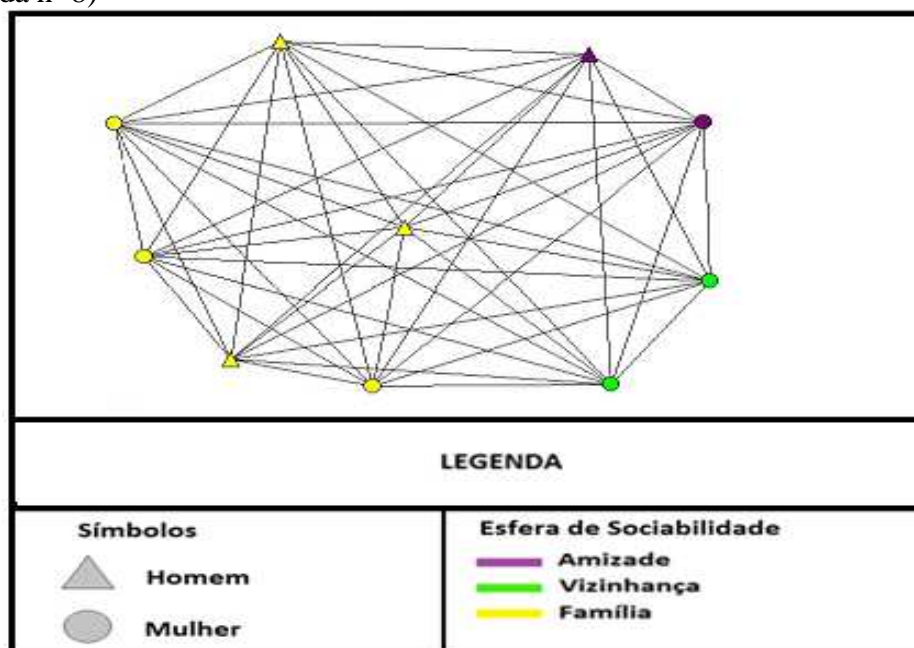
*Tanto a disposição quanto a distância entre os nós na figura não definem a força nem a proximidade entre as pessoas dessa rede. Os símbolos maiores representam a aplicação do grau de centralidade.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa rodados no software UCINET 6, 2019.

Dessa forma, observa-se por meio do grafo acima (Figura 3) que essa rede está composta por 50% de membros da família e totaliza 3 tipos de sociabilidade: amizade, vizinhança e família. Sua homofilia de gênero está em aproximadamente 60%, assim como a média descrita na Tabela 3, acima.

O segundo grafo (Figura 4, abaixo) representa a rede da entrevistada número 8, da região Santa Clara. Ela é composta por 10 nós/indivíduos, onde da mesma forma que descrito acima, os homens estão representados pelo símbolo do triângulo e as mulheres representadas pelo círculo. As cores simbolizam as esferas de sociabilidade, onde o roxo representa um nó de amizade, o verde de vizinhança e o amarelo de membros da família.

FIGURA 4 – Rede egocentrada com morfologia próxima à média da região Santa Clara (entrevistada n° 8)



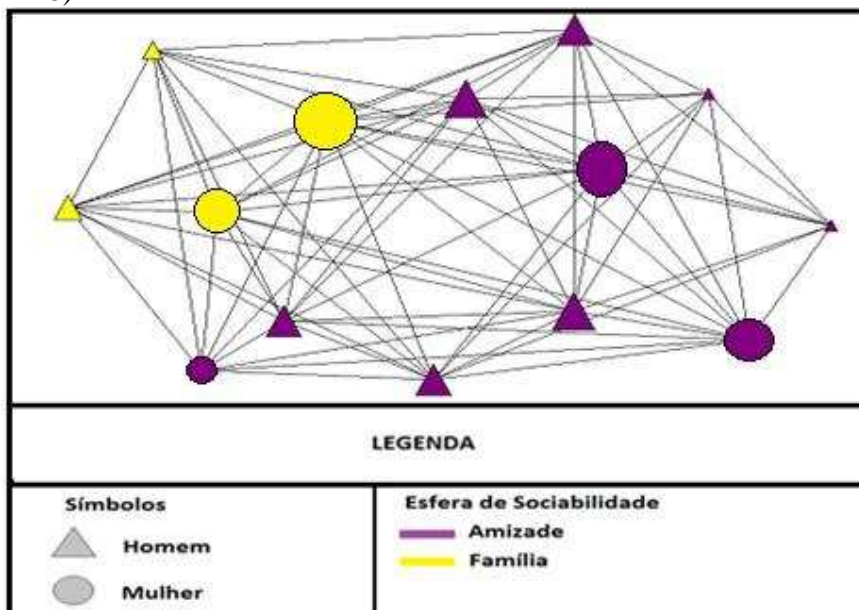
*Tanto a disposição quanto a distância entre os nós na figura não definem a força nem a proximidade entre as pessoas dessa rede. Os símbolos maiores representam a aplicação do grau de centralidade.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa rodados no software UCINET 6, 2019.

Observa-se, por meio do grafo acima (Figura 4), que essa está composta em sua maioria (60%) por membros da família, de forma similar à da figura anterior, assim como também é composta pelos mesmo 3 tipos de sociabilidade: amizade, vizinhança e família. Sua homofilia de gênero está em 60%, aproximadamente as médias descritas na Tabela 3, acima.

O terceiro e último grafo representado (Figura 5, abaixo) representa a rede do entrevistado número 8, da região Centro. Ela é composta por 14 nós/indivíduos, onde também os homens estão representados pelo símbolo do triângulo e as mulheres representadas pelo círculo e as cores simbolizam as esferas de sociabilidade, onde o roxo representa um nó de amizade, e o amarelo de membros da família.

FIGURA 5 – Rede egocentrada com morfologia próxima à média da região Centro (entrevistado n° 8)



*Tanto a disposição quanto a distância entre os nós na figura não definem a força nem a proximidade entre as pessoas dessa rede. Os símbolos maiores representam a aplicação do grau de centralidade.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa rodados no software UCINET 6, 2019.

Por fim, observa-se, por meio do grafo acima (Figura 5), que essa rede diferentemente das outras duas, está composta por menos membros da família. Em outras palavras, apenas 28% de sua sociabilidade é de membros da família. Diferente das redes anteriores, esta está composta por 2 tipos de sociabilidade: amizade e família. Entretanto, sua homofilia de gênero está em 64%, aproximadamente as médias descritas para essa região, na Tabela 3, acima.

4.2. Teste não paramétrico Kruskal-Wallis para amostras independentes

Nessa subseção, serão discutidas duas tabelas estatísticas rodadas no software SPSS, versão 20, para testar a igualdade nas distribuições dos dados nas três amostras independente (Nova Viçosa, Santa Clara e Centro) para confirmação do efeito da segregação socioespacial sobre as categorias de análise das redes dos moradores das diferentes regiões.

O primeiro teste diz respeito ao nível de significância para cada uma das 8 variáveis dependentes, conforme Tabela 4 abaixo. O outro é o teste de hipóteses, também para cada uma das 8 variáveis, seguido pelo teste post-hoc, um teste de comparação múltipla entre as três regiões para cada variável.

A Tabela 4, abaixo, traz em sua primeira linha as somas dos qui-quadrados para cada variável de análise (tamanho da rede, densidade, grau de centralização, localismo, homofilismo, número de sociabilidades, tipos de apoios recebidos e família), que correspondem ao teste F da ANOVA para amostras paramétricas. A segunda linha traz o grau de liberdade (df) e, por fim, na terceira linha, os resultados mais importante para as decisões e discussões tomadas a posteriori.

TABELA 4 – Teste Estatístico^{a,b}

	Tamanho da rede	Densidade	Grau de Centralização	Localismo (%)	Homofilismo (%)	Número de Sociabilidades	Tipos de apoios recebidos	Família (%)
Chi-Square	14,997	6,799	8,669	30,255	8,094	4,283	16,055	2,345
df	2	2	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,001	,033	,013	,000	,017	,117	,000	,310

a. Kruskal-Wallis Test (Teste Kruskal-Wallis)

b. Grouping Variable (Variável de agrupamento): índice de segregação socioespacial (ISSE)

O teste aqui realizado, para tomada de decisão, se baseia no nível de significância (Asymp. Sig), ou seja, as variáveis que apresentarem nível de significância maior que 0,05 devem ser considerados sem diferença nas distribuições entre as três regiões urbanas de planejamento. Assim, a partir do teste, verifica-se que apenas as variáveis “número de sociabilidades” e “família (%)” apresentam distribuições iguais nas diferentes regiões (Nova Viçosa, Santa Clara e Centro). Dessa forma, devemos considerar que não há efeito do índice de segregação socioespacial sobre esses dois atributos das redes para as três regiões, apesar das diferenças nas médias apresentadas na Tabela 3, acima, subseção 4.1.

A seguir, será apresentada a Tabela 5 com o teste de hipótese para cada uma das 8 variáveis, confirmando o teste abordado na Tabela 4, acima. O teste abaixo segue a mesma regra descrita acima: aqueles valores de significância acima de 0,05 mostra que se deve aceitar a hipótese nula (Ho), que significa que a distribuição da variável X é a mesma em todas as categorias de índice de segregação socioespacial.

TABELA 5 - Resumo do teste de hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição do Tamanho da rede é a mesma em todas as categorias de índices de segregação socioespacial.	Amostras independente – teste Kruskal Wallis	,001	Rejeita a hipótese nula
2	A distribuição da Densidade é a mesma em todas as categorias de índices de segregação socioespacial.	Amostras independente – teste Kruskal Wallis	,033	Rejeita a hipótese nula
3	A distribuição do Grau de Centralização é a mesma em todas as categorias de índices de segregação socioespacial.	Amostras independente – teste Kruskal Wallis	,013	Rejeita a hipótese nula
4	A distribuição do Localismo (%) é a mesma em todas as categorias de índices de segregação socioespacial.	Amostras independente – teste Kruskal Wallis	,000	Rejeita a hipótese nula
5	A distribuição do Homofilismo (%) é a mesma em todas as categorias de índices de segregação socioespacial.	Amostras independente – teste Kruskal Wallis	,017	Rejeita a hipótese nula
6	A distribuição do Número de sociabilidades é a mesma em todas as categorias de índices de segregação socioespacial.	Amostras independente – teste Kruskal Wallis	,117	Aceita a hipótese nula
7	A distribuição dos Tipos diferentes de apoios recebidos é a mesma em todas as categorias de índices de segregação socioespacial.	Amostras independente – teste Kruskal Wallis	,000	Rejeita hipótese nula
8	A distribuição da Família (%) é a mesma em todas as categorias de índices de segregação socioespacial.	Amostras independente – teste Kruskal Wallis	,310	Aceita a hipótese nula

Significâncias assintóticas são exibidas - o nível de significância é 0,05.

Fonte: Dados gerados a partir do software SPSS - versão 20, 2019.

Após rodar o teste, verifica-se pelo nível de significância, $< 0,05$, e decisão (Tabela 5, acima) que há diferenças nas distribuições entre pelo menos duas diferentes regiões urbanas de planejamento para cada uma das 6 variáveis analíticas. São elas: tamanho da rede, densidade, grau de centralização, localismo, homofilismo e tipos diferentes de apoios. Portanto, há efeito do índice de segregação socioespacial sobre essas 6 variáveis.

As subseções a seguir vão expor e discutir os testes par a par (teste post-hoc) para cada uma das 6 variáveis afetadas pelos índices de segregação socioespacial, revelando estatisticamente quais regiões apresentam diferenças de distribuições e seus respectivos gráficos boxplots (diagrama de caixas), para evidenciar essa distribuição em cada uma das regiões (sem segregação/Centro; alta segregação 1/Santa Clara; e alta segregação 2/Nova Viçosa).

4.2.1. Tamanho da rede

Analisando a variável “tamanho da rede” de forma comparativa (par a par) entre as três regiões e tomando como referência que existe diferenças entre as regiões para nível de significância menor do que 0,05, observa-se pela Tabela 6, abaixo, que há diferença entre as distribuições das duas regiões com mais elevados índices de segregação socioespacial ($0,023 < 0,05$) e também entre o Centro e região Santa Clara ($0,000 < 0,05$). Entretanto, não há diferença estatística entre as regiões Centro, sem segregação, e a região Nova Viçosa, que possui maior índice de segregação socioespacial da cidade de Viçosa (Tabela 6).

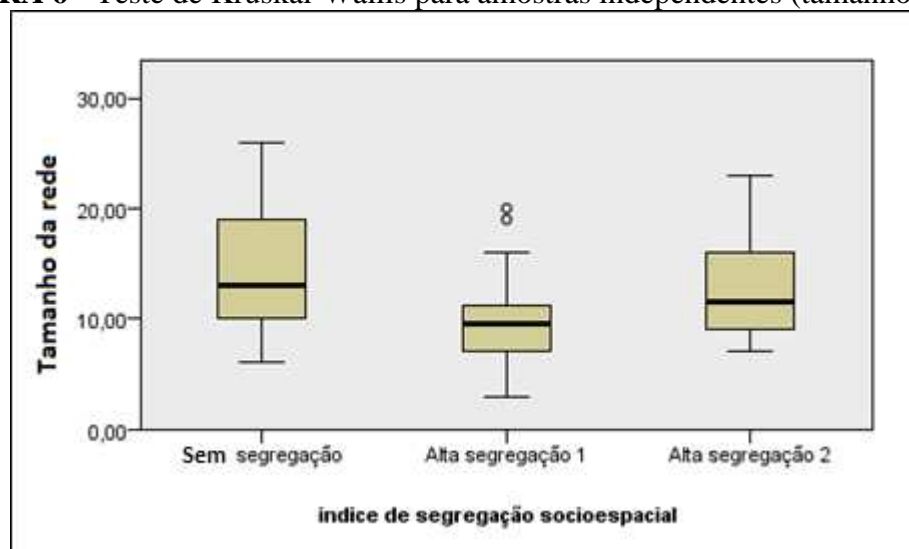
TABELA 6 - Comparações pareadas do tamanho da rede em relação ao índice de segregação socioespacial

Amostra 1 - Amostra 2	Test Statistic	Std. Error	Std. Test Statistic	Sig.	Adj.Sig.
Alta segregação 1-Alta segregação 2	-17,933	6,724	-2,667	,008	,023
Alta segregação 1- Sem segregação	25,317	6,724	3,765	,000	,000
Alta segregação 2- Sem segregação	7,383	6,724	1,098	,272	,817

*Cada linha testa a hipótese nula de que as distribuições da amostra 1 e da amostra 2 são as mesmas. *As significâncias assintóticas (testes de duas faces) são exibidas. O nível de significância é 0,05.

Fonte: Dados da pesquisa rodados no software SPSS-Versão 20, 2019.

Quando se verifica essa distribuição a partir do gráfico boxplot da Figura 6, abaixo, percebe-se as diferenças entre as distribuições das amostras do Centro/sem segregação versus Santa Clara/alta segregação 1 e Nova Viçosa/alta segregação 2 versus Santa Clara/alta segregação 1 e ficam claras as diferenças entre elas, assim como a semelhança entre a distribuição da amostra do Centro/sem segregação versus Nova Viçosa/Alta segregação 2.

FIGURA 6 - Teste de Kruskal-Wallis para amostras independentes (tamanho da rede)

Fonte: Dados da pesquisa rodados no software SPSS-Versão 20, 2019.

Sendo assim, partido do teste post-hoc (par a par), não podemos afirmar que o tamanho das redes dos indivíduos das diferentes regiões é afetado pelo índice de segregação socioespacial, uma vez que estatisticamente a região mais segregada socioespacialmente tem uma distribuição igual à da região Centro, sem segregação socioespacial. Porém, levando em consideração as médias descritas na Tabela 4, acima, observa-se que as duas regiões mais segregadas socioespacialmente apresentam redes menores que a região Centro, como já foi discutido anteriormente.

4.2.2. Densidade

Analisando a variável “densidade”, nos mesmos critérios da anterior, observa-se diferença na distribuição da densidade entre a região mais segregada socioespacialmente (Nova Viçosa) e a sem segregação (Centro). Porém, não há diferenças, par a par, entre as duas regiões mais segregadas socioespacialmente (Nova Viçosa e Santa Clara) e nem entre Centro e Santa Clara (Tabela 7).

TABELA 7 - Comparações pareadas da densidade em relação ao índice de segregação socioespacial

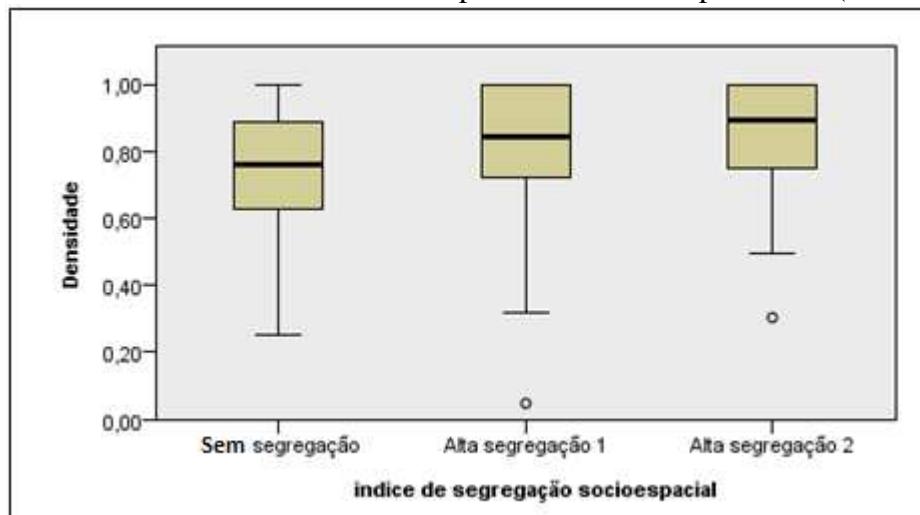
Amostra 1 - Amostra 2	Test Statistic	Std. Error	Std. Test Statistic	Sig.	Adj.Sig.
Sem segregação-Alta segregação 2	-17,333	6,681	-2,594	,009	,028
Sem segregação-Alta segregação 1	-10,167	6,681	-1,522	,128	,384
Alta segregação 1-Alta segregação 2	-7,167	6,681	-1,073	,283	,850

*Cada linha testa a hipótese nula de que as distribuições da amostra 1 e da amostra 2 são as mesmas. *As significâncias assintóticas (testes de duas faces) são exibidas. O nível de significância é 0,05.

Fonte: Dados da pesquisa rodados no software SPSS-Versão 20, 2019.

Quando se verifica essa distribuição a partir do gráfico boxplot da Figura 7, abaixo, percebe-se a diferença entre as distribuições das amostras do sem segregação (Centro) e alta segregação 2 (Nova Viçosa). Além disso, analisando a trajetória das distribuições à medida em que o índice de segregação socioespacial aumenta, fica claro que há uma relação entre o índice de segregação socioespacial e a densidade.

FIGURA 7 - Teste de Kruskal-Wallis para amostras independentes (densidade)



Fonte: Dados da pesquisa rodados no software SPSS-Versão 20, 2019.

Sendo assim, partido do teste post-hoc (par a par) e das médias descritas na Tabela 3, subseção 4.1, pode-se visualizar que a densidade das redes dos indivíduos das diferentes regiões varia entre si de acordo com nível de segregação socioespacial, uma vez que as médias são diferentes entre as três regiões na relação do índice de segregação socioespacial e, além disso, estatisticamente, a região mais segregada socioespacialmente tem uma distribuição diferente da região Centro (sem segregação socioespacial).

4.2.3. Grau de Centralização

Seguindo os mesmos critérios anteriores, observa-se na distribuição da variável “grau de centralização” diferença também entre a região mais segregada socioespacialmente (Nova Viçosa) e a sem segregação (Centro). Porém, também, não há diferenças, par a par, entre as duas regiões mais segregadas socioespacialmente (Nova Viçosa e Santa Clara) e nem entre Centro e Santa Clara (Tabela 8).

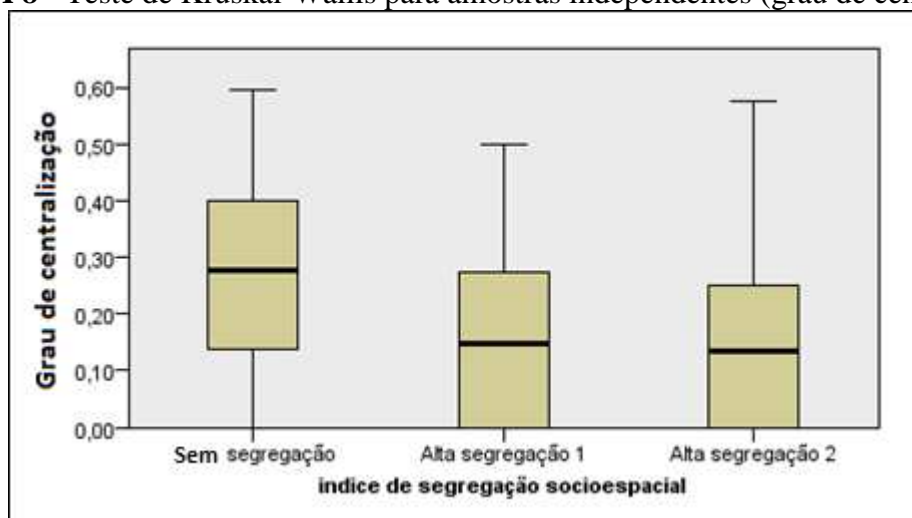
TABELA 8 - Comparações pareadas do grau de centralização em relação ao índice de segregação socioespacial

Amostra 1 - Amostra 2	Test Statistic	Std. Error	Std. Test Statistic	Sig.	Adj.Sig.
Alta segregação 2- Sem segregação	18,683	6,681	2,797	,005	,015
Alta segregação 1- Sem segregação	14,667	6,681	2,195	,028	,084
Alta segregação 2-Alta segregação 1	4,017	6,681	,601	,548	1,000

*Cada linha testa a hipótese nula de que as distribuições da amostra 1 e da amostra 2 são as mesmas. *As significâncias assintóticas (testes de duas faces) são exibidas. O nível de significância é 0,05.

Fonte: Dados da pesquisa rodados no software SPSS-Versão 20, 2019.

Verifica-se a partir do gráfico boxplot da Figura 8, abaixo, a diferença entre as distribuições das amostras do sem segregação (Centro) e alta segregação 2 (Nova Viçosa) relatada na Tabela 8, acima. Além disso, analisando a trajetória das distribuições à medida em que o índice de segregação socioespacial aumenta, percebe-se uma redução no grau de centralização.

FIGURA 8 - Teste de Kruskal-Wallis para amostras independentes (grau de centralização)

Fonte: Dados da pesquisa rodados no software SPSS-Versão 20, 2019.

Partindo do teste post-hoc (par a par) e das médias descritas na Tabela 3, subseção 4.1, verifica-se que o grau de centralização das redes dos indivíduos das diferentes regiões varia, de acordo com o índice de segregação socioespacial, uma vez que as médias são diferentes entre as três regiões na relação do índice de segregação socioespacial e, além disso, estatisticamente, a região mais segregada socioespacialmente tem uma distribuição diferente da região Centro.

4.2.4. Localismo (%)

Observa-se na distribuição da variável “localismo” diferenças tanto entre a região mais segregada socioespacialmente (Nova Viçosa) e a sem segregação (Centro), quanto entre as duas regiões mais segregadas socioespacialmente (Nova Viçosa e Santa Clara). Entretanto, não há diferenças, par a par, entre as regiões Centro e Santa Clara (Tabela 9).

TABELA 9 - Comparações pareadas do localismo (%) em relação ao índice de segregação socioespacial

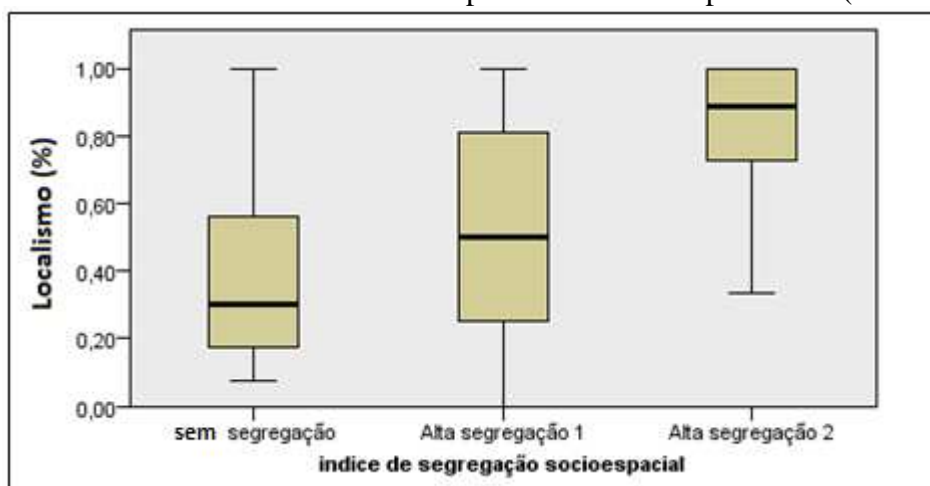
Amostra 1 - Amostra 2	Test Statistic	Std. Error	Std. Test Statistic	Sig.	Adj. Sig.
Sem segregação-Alta segregação 2	-36,267	6,719	-5,398	,000	,000
Alta segregação 1-Alta segregação 2	-24,283	6,719	-3,614	,000	,001
Sem segregação-Alta segregação 1	-11,983	6,719	-1,784	,074	,223

*Cada linha testa a hipótese nula de que as distribuições da amostra 1 e da amostra 2 são as mesmas. *As significâncias assintóticas (testes de duas faces) são exibidas. O nível de significância é 0,05.

Fonte: Dados da pesquisa rodados no software SPSS-Versão 20, 2019.

A partir do gráfico boxplot da Figura 9, abaixo, verifica-se essas diferenças entre as distribuições das amostras das regiões “sem segregação” (Centro) versus “alta segregação 2” (Nova Viçosa), e entre as regiões com os mais elevados índices de segregação socioespacial (Nova Viçosa e Santa Clara), relatada na Tabela 9, acima. Além disso, analisando a trajetória das distribuições no boxplot, à medida em que o índice de segregação socioespacial aumenta, percebe-se também uma relação de aumento do localismo.

FIGURA 9 - Teste de Kruskal-Wallis para amostras independentes (localismo)



Fonte: Dados da pesquisa rodados no software SPSS-Versão 20, 2019.

Assim, partido do teste post-hoc (par a par) e das médias também descritas na Tabela 3, subseção 4.1, verifica-se que o localismo nas diferentes regiões varia, de acordo com o nível do índice de segregação socioespacial, uma vez que as médias são diferentes entre as três regiões na relação do aumento do índice de segregação socioespacial e, além disso, estatisticamente, a região mais segregada socioespacialmente tem uma distribuição diferente da região Centro, como comprovado na Tabela 9, acima, a partir do seu grau de significância menor que 0,05.

4.2.5. Homofilismo (%)

Observa-se na distribuição da variável “homofilismo” uma diferença entre a região mais segregada socioespacialmente (Nova Viçosa) e a sem segregação (Centro). Porém, também, não há diferenças, par a par, entre as duas regiões mais segregadas socioespacialmente (Nova Viçosa e Santa Clara) e nem entre Centro e Santa Clara (Tabela 10).

TABELA 10 - Comparações pareadas do homofilismo (%) em relação ao índice de segregação socioespacial

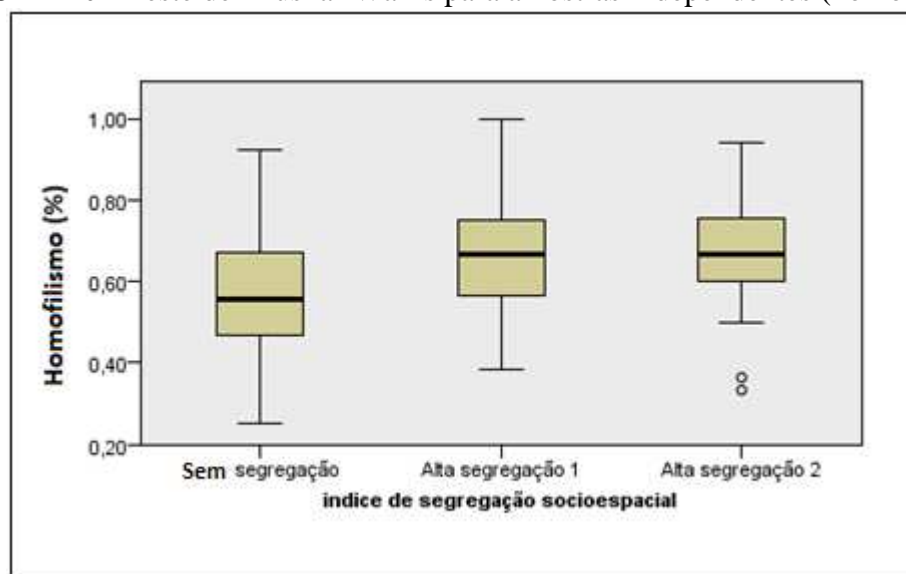
Amostra 1 - Amostra 2	Test Statistic	Std. Error	Std. Test Statistic	Sig.	Adj. Sig.
Sem segregação-Alta segregação 2	-18,533	6,739	-2,750	,006	,018
Sem segregação-Alta segregação 1	-13,517	6,739	-2,006	,045	,135
Alta segregação 1-Alta segregação 2	-5,017	6,739	-.744	,457	1,000

*Cada linha testa a hipótese nula de que as distribuições da amostra 1 e da amostra 2 são as mesmas. *As significâncias assintóticas (testes de duas faces) são exibidas. O nível de significância é 0,05.

Fonte: Dados da pesquisa rodados no software SPSS-Versão 20, 2019.

Verifica-se a partir do gráfico boxplot da Figura 10, abaixo, a diferença entre as distribuições das amostras do sem segregação (Centro) versus alta segregação 2 (Nova Viçosa) relatada na Tabela 10, acima. Contudo, analisando a trajetória das distribuições das amostras, à medida em que o índice de segregação socioespacial aumenta, percebe-se um crescimento no homofilismo.

FIGURA 10 - Teste de Kruskal-Wallis para amostras independentes (homofilismo)



Fonte: Dados da pesquisa rodados no software SPSS-Versão 20, 2019.

Com a ajuda do teste post-hoc (par a par) e das médias descritas na Tabela 3, subseção 4.1, verifica-se que o homofilismo das redes dos indivíduos das diferentes regiões também varia, de acordo com o nível do índice de segregação socioespacial, uma vez que as médias são diferentes entre as três regiões na relação do aumento do índice de segregação

socioespacial e, além disso, estatisticamente, a região mais segregada socioespacialmente (alta segregação 2) tem uma distribuição diferente da região Centro (sem segregação).

4.2.6. Tipos diferentes de apoios recebidos

Observa-se na distribuição da variável “tipos diferentes de apoios recebidos” uma diferença entre a região alta segregação 1 (Santa Clara) e a sem segregação (Centro). Entretanto, não há diferenças, par a par, entre as duas regiões mais segregadas socioespacialmente (Nova Viçosa e Santa Clara) e nem entre Centro versus Nova Viçosa (Tabela 11).

TABELA 11 - Comparações pareadas dos tipos diferentes de apoio recebido em relação ao índice de segregação socioespacial

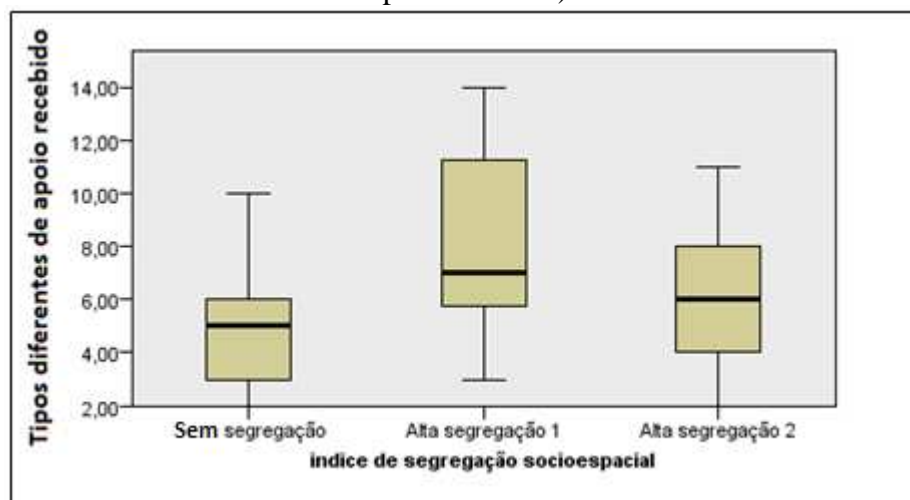
Amostra 1 - Amostra 2	Test Statistic	Std. Error	Std. Test Statistic	Sig.	Adj.Sig.
Sem segregação-Alta segregação 1	-26,683	6,696	-3,985	,000	,000
Alta segregação 2-Alta segregação 1	15,767	6,696	2,355	,019	,056
Sem segregação-Alta segregação 2	-10,917	6,696	-1,630	,103	,309

*Cada linha testa a hipótese nula de que as distribuições da amostra 1 e da amostra 2 são as mesmas. *As significâncias assintóticas (testes de duas faces) são exibidas. O nível de significância é 0,05.

Fonte: Dados da pesquisa rodados no software SPSS-Versão 20, 2019.

A partir do gráfico boxplot da Figura 11, abaixo, verifica-se a diferença entre as distribuições das amostras do sem segregação (Centro) versus alta segregação 1(Santa Clara) relatada na Tabela 11, acima. Contudo, analisando as médias descritas na Tabela 3, acima, subseção 4.1, verifica-se que as regiões com os maiores índices de segregação socioespacial também apresentam outros tipos diferentes de apoios requisitados.

FIGURA 11 - Teste de Kruskal-Wallis para amostras independentes (tipos diferentes de apoio recebido)



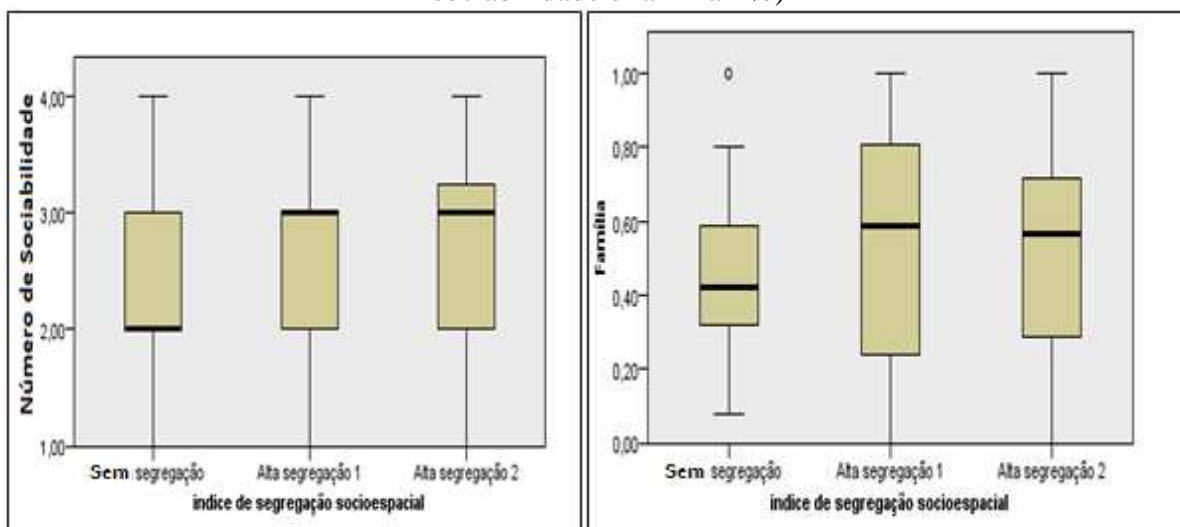
Fonte: Dados da pesquisa rodados no software SPSS-Versão 20, 2019.

Assim sendo, com apoio do teste post-hoc (par a par) e das médias descritas na Tabela 3, subseção 4.1, verifica-se que “tipos diferentes de apoio recebido” nas redes dos indivíduos das diferentes regiões também varia, de acordo com o nível do índice de segregação socioespacial, uma vez que, estatisticamente, uma das regiões com alto índice de segregação socioespacial apresenta distribuição diferente da região sem segregação (Centro) e, além disso, as médias dessas duas regiões mais pobres são maiores do que a região Centro.

4.2.7. Número de Sociabilidade e Família (%)

Por fim, analisando as duas variáveis que, estatisticamente, não apresentaram diferença alguma entre as distribuições das amostras, percebe-se, por meio dos gráficos boxplot, que as distribuições se comportam de forma muito semelhante, tanto para a variável “número de sociabilidade” quanto para a de “família”, independente do índice de segregação socioespacial da região.

FIGURA 12 - Teste de Kruskal-Wallis para amostras independentes (número de sociabilidade e família - %)



Fonte: Dados da pesquisa rodados no software SPSS-Versão 20, 2019.

Assim sendo, independente das diferenças nas médias descritas na Tabela 3, subseção 4.1, para as duas variáveis, estatisticamente, não houve nenhuma diferença em qualquer das três regiões, independente do nível de segregação socioespacial. Dessa forma, verifica-se que nem o “número de sociabilidade” e nem número de “família (%)” nas redes, variam de acordo com o nível do índice de segregação socioespacial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, o trabalho buscou explicar como o índice de segregação socioespacial, elaborado no segundo capítulo desta tese, afeta as redes de apoio dos moradores das três regiões urbanas de planejamento de Viçosa-MG. Assim, a utilização da análise de redes sociais e os testes estatísticos, por meio do teste Kruskal-Wallis, permitiram entender quais variáveis/categorias de redes são afetadas pelo índice e quais os efeitos para as populações que vivem nas regiões mais segregadas socioespacialmente.

Conclui-se, então, que das 8 categorias/variáveis de rede analisadas, 6 delas variam de acordo com o nível do índice de segregação socioespacial e esta situação acaba sendo percebida de forma negativa nos indivíduos das regiões mais segregadas socioespacialmente. As variáveis que se mostraram afetadas pelo índice foram: tamanho da rede, densidade, grau de centralização, localismo, homofilismo e tipos diferentes de apoios recebidos. Já as variáveis “número de sociabilidade” e “número de pessoas da família na rede” não se mostraram estatisticamente afetadas pelo índice.

Dessa forma, conclui-se que em bairros com alto índice de segregação socioespacial há redução no tamanho das redes, maior grau de densidade, menor grau de centralização, mais localismo, mais homofilia e tipos diferentes de apoios recebidos. Ou seja, indivíduos que vivem em locais com alto grau de segregação socioespacial em Viçosa, além de terem redes menores, também são mais locais e homofílicas, situação esta que praticamente os limita a terem relação com grupos sociais diferentes na cidade, uma marca forte na reprodução da pobreza e desigualdade social, como relatado em outros trabalhos de pesquisa similares a este.

Além disso, tal pesquisa abre caminho para pesquisas que busquem entender e relacionar o local segregado socioespacialmente e outras métricas de redes sociais, como por exemplo: centralização de força (eigenvector centrality), para medir o quão importante é o nó para rede; centralização de intermediação, para entender o perfil e atributo dos nós que facilitam, de forma seletiva, fluxos de informações ou de recursos que circulam na rede; o clustering coeficiente, para medir o grau pelo qual os nós se tendem a agrupar; e, por fim, transitividade, para indicar o valor sintético da rede em termos de transitividade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACIOLI, S. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. **Revista Informação e Informação**, Londrina, v. 12, n. 0, 2007. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoteste/article/view/1313>. Acesso em: 10 jan. 2008.
- BARNES, J. A. **Social networks** (An Addison-Wesley Module in Anthropology) Module 26, 1972, p. 1-29.
- BASTOS, V. B; VIANA SANTOS M. Redes sociais informais e compartilhamento de significados sobre mudança organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, v.47, n. 3, p.1-13, 2007.
- BEGGS, J. J; HAINES, V. A.; HURLBERT, J. S. "Situational Contingencies Surrounding the Receipt of Informal Support," **Social Forces** 75: 201-222, 1996.
- BORGATTI, S.P. **NetDraw: Graph Visualization Software**. Harvard: Analytic Technologies, 2002.
- BORGATTI, S.P., EVERETT, M.G.; FREEMAN, L.C. **Ucinet 6 for Windows: Software for Social Network Analysis**. Harvard, MA: Analytic Technologies, 2002.
- BORGATTI, S. P., MEHRA, A., BRASS, D. J., & LABIANCA, G. Network analysis in the social sciences. *Science*, 323, 892-895, 2009.
- BORGATTI, S. P.; EVERETT, M. G.; JOHNSON, J. C. **Analyzing Social Networks**. SAGE, 2013.
- BOTH, Elizabeth. *Família e rede social*. 2. ed. Rio de Janeiro : F. Alves, 1976.

- EMIRBAYER, M. “Manifesto for a relational sociology”. **American Journal of Sociology**, 103 (2): 231-317, 1997.
- FAZITO, Dimitri. A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. **Encontro da associação de estudos populacionais**, v. 13, n. 4, 2002.
- FONTES, BRENO. “Sobre a sustentabilidade das associações voluntárias em uma comunidade de baixa renda”. **Tempo social**, v. 15, n 1, p. 159-189, 2003.
- FONTES, BRENO e EICHNER, KLAUS. “A formação de capital social em uma comunidade de baixa renda”. **Redes — Revista Hispana para el análisis de Redes sociales**, v. 7, n 2, p. 1-33, 2004
- FREEMAN, L. **The development of social network analysis**. Vancouver, Empirical Press, 2004.
- GERLACH, M. L. “The Japanese Corporate Network: A Blockmodel Analysis,” **Administrative Science Quarterly** 37: 105-34, 1992.
- GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**. v.78, n. 6. p. 1360-1380, 1973.
- GRANOVETTER, M. Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness. **American Journal of Sociology**. v. 91, n.3, p. 481-510, 1985.
- LAZEGA, E; HIGGINS, S. S. **Redes sociais e estruturas relacionais**. Belo Horizonte: Fino Trato, 2014.
- MARQUES, E. **Estado e redes sociais: Permeabilidade e coesão nas Políticas Urbanas no Rio de Janeiro**. FAPESP, 2000.
- MARQUES, E. As redes sociais importam para a pobreza urbana. **Dados**, v. 52, n. 2, p. 471-505, 2009a.
- MARQUES, E. As redes importam para o acesso a bens e serviços obtidos fora de mercados? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 71, p. 25-40, 2009b.
- MARQUES, E. **Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo**. São Paulo, tese de livre docência, Edusp, 2010a.
- MARQUES, Eduardo. **Redes sociais, segregação e pobreza**. Editora Unesp, 2010b.
- MARQUES, E. Como são as redes de indivíduos em situação de pobreza no Brasil urbano? **Anais: Encontros Nacionais da ANPUR**, v. 13, 2013.
- MARQUES, E; BICHIR, R. Redes de apoio social no Rio de Janeiro e em São Paulo. **Novos Estudos-CEBRAP**, n. 90, p. 65-83, 2011.
- MARQUES, E; CASTELLO, G. Pobreza e Localismo: Comparações entre São Paulo e Salvador. **Communication présentée au congrès de l’Anpocs**, Caxambu, manuscrit, 2010.
- MARTELETO, Regina Maria et al. **Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação**. 2010.
- McCARTY, C. **Structure in personal networks**. *Journal of social structure*, v. 3, n. 1, p. 20, 2002.
- NEAIGUS, A; FRIEDMAN, S. R; RICHARD C, DES JARLAIS, D. C; FURST, R. T; BENNY J; MOTA, P; STEPHERSON, B. SUFIAN, M; WARD, T. and WRIGHT, J. W. “The Relevance of Drug Injectors’ Social and Risk Networks for Understanding and Preventing HIV Infection,” **Social Science and Medicine** 38: 67-78, 1994.

- NIEUWBEERTA, P; FLAP, H. "Crosscutting Social Circles and Political Choice: Effects of Personal Network Composition on Voting Behavior in The Netherlands," **Social Networks** 22: 313-335, 2000.
- PAVEZ, T. R. **Políticas Públicas e Ampliação do Capital Social em Comunidades Segregadas: o Programa Santo André Mais Igual**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- PORTUGAL, S. **Famílias e Redes Sociais - Ligações fortes na produção de bem-estar**. Leya, 2014.
- PRELL, C. **Social network analysis: History, theory and methodology**. 1. ed. London: Sage, 2012.
- RAIDER, H. J." Market Structure and Innovation," **Social Science Research** 27: 1-20, 1998.
- SANICOLA, L. **As dinâmicas de rede e trabalho social**. 2ª ed, São Paulo: Vera Editora, 2015.
- HATALA, J.P. Social network analysis in human resource development: a new methodology. *Human Resource Development Review*, vol. 5, n. 1, 45-71, mar. 2006.
- IBM Corp. Released 2011. IBM SPSS Statistics for Windows, Version 20.0. Armonk, NY: IBM Corp.
- VALENTE, Thomas W. **Social networks and health: Models, methods, and applications**. Oxford University Press, 2010.
- VIEIRA, A. B; MELAZZO, E S. Introdução ao conceito de segregação socioespacial. **Formação (Online)**, v. 1, n. 10, 2012.
- WASSERMAN, S. e FAUST, K. **Social Network Analysis, Methods and Applications**, Cambridge University Press, Cambridge, UK, 1994.
- WHITE, H. "Where do market come from? " In: **American Journal of Sociology**. Vol 87, no 3, 1981.
- WHITE, H. Identity and Control: a structural theory of social action. **Princeton: Princeton University Press**, 1992.
- WHITE, H. "Network switchings and bayesian forks: reconstructing the social and behavioral sciences". In: **Social Research: An international quaterly of the social sciences**. Vol 62, no 4, 1995.
- WELLMAN, B; WORTLEY, S. "Different Strokes from Different Folks: Community Ties and Social Support," **American Journal of Sociology** 96: 558-588, 1990.

CONCLUSÃO GERAL DA TESE

Conclui-se então, de modo geral, que o presente trabalho, dividido em 4 objetivos específicos, conseguiu responder a seguinte inquietação: Como a condição de segregação socioespacial repercute na configuração das redes de apoio de famílias residentes em bairros periféricos de uma cidade média mineira?

O artigo 1, nomeado de aspectos introdutórios, foi possível o desenvolvimento do percurso teórico e metodológico para cumprimento dos objetivos da tese, uma vez que foi a partir das leituras para construção do referencial teórico e da metodologia que se deu todo entendimento do problema em questão.

O segundo artigo, empírico, foi responsável por desenvolver o primeiro objetivo específico. Conclui-se a partir dele que, a análise do processo histórico de viçosa, entendendo o papel do estado, da UFV, em parceria com o mercado imobiliário, foi determinante na estrutura atual de segregação socioespacial que se observa em Viçosa (MG). Entretanto, fez-se necessário trazer esse processo para o campo objetivo, e com o desenvolvimento do índice de segregação socioespacial (ISSE) foi possível gerar resultados e análises que auxiliaram nessa visualização da segregação socioespacial da cidade, uma vez que possibilitou enxergar, de forma objetiva, as regiões urbanas de planejamento com os mais elevados índices de segregação socioespacial e conseqüentemente de maior necessidade de direcionamento de recursos e políticas públicas. Ou seja, conclui-se dessa forma, que foi fundamental a análise conjunta do processo de urbanização de Viçosa e da elaboração do índice de segregação socioespacial para entendimento do processo de segregação socioespacial que a cidade viveu, uma vez que revelou, após essa análise, que há um vetor de expansão dos loteamentos na cidade, histórica (documentos) e objetivamente (índice desenvolvido), em áreas de alta renda ao leste e de baixa renda ao sudoeste, definidas conjuntamente ao longo dos anos pela parceria do poder público e mercado imobiliário.

O terceiro artigo buscou desenvolver o segundo objeto específico da tese. A partir dele, conclui-se que de fato, as duas regiões urbanas com os maiores índices de segregação socioespacial, Nova Viçosa e Santa Clara, se mostraram afetados negativamente por esse processo. Através das análises fica evidente deficiências no que se refere à infraestrutura, indicadores socioeconômicos, números da violência e tipo de violência, perfil habitacional, acessibilidade de transportes e condições materiais do domicílio. E como esperado, essas deficiências não foram percebidas da mesma forma na região Centro, local onde se observou melhor infraestrutura, dados socioeconômicos, perfil habitacional, acessibilidade de

transportes e condições materiais do domicílio. Da mesma forma, no que diz respeito à violência, onde percebe-se maior incidência de furtos e roubos nessa região, uma vez que é o local de maior poder econômico, comercial e circulação de pessoas, diferentemente das duas regiões mais segregadas socioespacialmente, onde percebe-se maior incidência de homicídios.

Por fim, no quarto e último artigo, o qual se desenvolveu os 2 últimos objetivos específicos da tese, concluiu-se que, das 8 variáveis de rede egocentradas analisadas tanto nas regiões com os mais elevados índices de segregação socioespacial quanto na região de controle, o centro, 6 variáveis das 8, se mostraram afetadas pela segregação socioespacial e essa situação acaba incidindo negativamente nos indivíduos das regiões mais segregadas socioespacialmente. Assim, o alto índice de segregação socioespacial causou uma redução no tamanho das redes, maior grau de densidade, menor grau de centralização, mais localismo, homofilismo e tipos diferentes de apoios recebidos.

Dessa forma, podemos concluir da mesma forma que alguns outros trabalhos de pesquisa que estudaram as metrópoles brasileiras, que mesmo sendo uma cidade média, os indivíduos que vivem em locais com alto grau de segregação socioespacial na cidade de Viçosa (MG), também vivem em uma situação que praticamente os limita a terem relações de sociabilidade com grupos sociais diferentes na cidade, visto o tamanho das redes, a densidade, etc, que acaba por contribuir ainda mais com a reprodução da pobreza e desigualdade social na cidade de Viçosa (MG).

ANEXO 1 – VIOLENTÔMETRO

VIOLENTÔMETRO

Tome uma atitude
antes que seja tarde demais

TOME CUIDADO, a violência tende a aumentar	piadas ofensivas	1	<input type="checkbox"/>
	chantagear	2	<input type="checkbox"/>
	mentir/enganar	3	<input type="checkbox"/>
	ignorar/dar um gelo	4	<input type="checkbox"/>
	ciumar	5	<input type="checkbox"/>
	culpar	6	<input type="checkbox"/>
	desqualificar	7	<input type="checkbox"/>
	ridicularizar/ofender	8	<input type="checkbox"/>
	humilhar em público	9	<input type="checkbox"/>
	intimidar/ameaçar	10	<input type="checkbox"/>
REAJA! Não se destrua!	controlar/proibir <small>(dentro de família, trabalho, igreja, escola, associação, atividades, internet, celular, etc)</small>	11	<input type="checkbox"/>
	xingar	12	<input type="checkbox"/>
	destruir bens pessoais	13	<input type="checkbox"/>
	machucar	14	<input type="checkbox"/>
	“tapinhas, pancadinhas”	15	<input type="checkbox"/>
	brincar de bater	16	<input type="checkbox"/>
	beliscar/arranhar	17	<input type="checkbox"/>
	empurrar	18	<input type="checkbox"/>
	dar tapas	19	<input type="checkbox"/>
	chutar	20	<input type="checkbox"/>
Peça AJUDA a um PROFISSIONAL	confinar/prender	21	<input type="checkbox"/>
	ameaçar com objetos	22	<input type="checkbox"/>
	ou armas	23	<input type="checkbox"/>
	ameaçar de morte	24	<input type="checkbox"/>
	forçar uma relação sexual	25	<input type="checkbox"/>
	abuso sexual	26	<input type="checkbox"/>
	causar lesão corporal grave	27	<input type="checkbox"/>
	mutilar	28	<input type="checkbox"/>
	MATAR	29	<input type="checkbox"/>

ANEXO 2- CLASSES SOCIAIS POR FAIXAS DE SALÁRIO-MÍNIMO

Classes Sociais		Número de Salários mínimos (SM)	Renda Total Familiar (R\$) em 2016
A		Acima de 20 SM	Acima de R\$ 18.740,00
B		10 a 20 SM	R\$ 9.370,00 a R\$ 18.740,00
C		4 a 10 SM	R\$ 3.748,00 a R\$ 9.370,00
D		2 a 4 SM	R\$ 1.874,00 a R\$ 3.748,00
E	E	Até 2 SM	Até R\$ 1.874,00
	Pobreza	Entre ¼ e ½ SM	Entre R\$ 234,25 a R\$ 468,50 (Per capita)
	Extrema pobreza	Até ¼ de SM	Até R\$ 234,25 (Per capita)

As pessoas enquadradas nas categorias pobreza e extrema pobreza foram aquelas que possuíam renda familiar até R\$1.874,00, porem quando dividida pelo número de membros da família, se enquadravam em pobreza ou extrema pobreza.

Fonte: Elaboração própria (2018) com base no IBGE (2017).

APÊNDICE 1- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 1

A CONDIÇÃO DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E REDES DE APOIO DOS CHEFES DE FAMÍLIA EM REGIÕES PERIFÉRICAS DE UMA CIDADE DE PORTE MÉDIO**Entrevistador:** _____

ENTREVISTADO

Nome: _____ Data da entrevista: __/__/__

Sexo: () M () F Data de nascimento: __/__/__

Situação civil:

() Solteiro () Casado ou com união estável () Divorciado () Viúvo

Endereço: _____

Melhor horário para encontra-lo na residência: _____

PERFIL SOCIOECONÔMICO DA FAMÍLIA

1 - CARACTERIZAÇÃO DA FAMÍLIA

2

3 Qual a sua cor/raça?

a- () Branca

b- () Preta

c- () Parda

d- () Amarela

e- () Indígena

4 Qual o seu município de nascimento? _____

5 Você se lembra qual a data de sua chegada a Viçosa-MG? _____

6 Há quanto tempo o Sr. (a) reside no Bairro? _____

7 Há quanto tempo o Sr. (a) reside no domicílio? _____

8 Composição familiar (residentes no domicílio)

	Nome	Grau de parentesco	Idade (anos)	Sexo (f/m)	Está trabalhando? (Sim/Não). Qual a sua ocupação?	Está procurando emprego? (Sim/Não)	Grau de escolaridade	Renda individual	Renda Familiar
01									
02									
03									
04									
05									
06									
07									
08									
09									

Grau de Escolaridade

- | | | |
|----------------------------------|--------------------------------|-----------------------------|
| 1. Ensino Fundamental Incompleto | 2. Ensino Fundamental Completo | 3. Ensino Médio Incompleto |
| 4. Ensino Médio Completo | 5. Ensino Superior Incompleto | 6. Ensino Superior Completo |
| 7. Pós-Graduação | | |

9 Acessibilidade (dos residentes no domicílio)

Qual o meio de transporte você utiliza no seu dia a dia?	Frequência	Tempo de deslocamento ao centro?	Como você vai para o trabalho?	Tempo de deslocamento para o trabalho?
Carro				
Ônibus				
Motocicleta				
Bicicleta				
A Pé				

Frequência

- | |
|------------------------------|
| 5. Diariamente |
| 4. Três vezes na semana (3x) |
| 3. Uma vez ao mês |
| 2. Uma vez ao ano |
| 1. Nunca |

10 Déficit Habitacional

Número de pessoas vivendo no domicílio	Casa Própria? (Sim/Não)	Se não, como adquiriu o imóvel?	Quantos quartos tem na residência?	Quantos banheiros há na residência?	Material utilizado na construção?	Quantas famílias residem no domicílio?

Se não, como adquiriu o imóvel?

1. Alugada 2. Financiada 3. Invasa 4. Arrendada 5. Cedida

Vamos falar agora sobre os riscos que o Sr (Sra) percebe aqui no bairro e em outros locais na cidade....

- 11 Você percebe risco de sofrer roubo na vizinhança da sua residência?
a() Alto b() Médio c() Baixo
- 12 Você percebe risco de sofrer roubo em outros locais da cidade?
a() Alto b() Médio c() Baixo
- 13 Você percebe risco de ser ameaçado ou sofrer agressões na vizinhança?
a() Alto b() Médio c() Baixo
- 14 Você percebe risco de ser ameaçado ou sofrer agressões em outros locais da cidade?
a() Alto b() Médio c() Baixo
- 15 Segurança/Violência (dos residentes no domicílio)

Você já foi assaltado ou roubado? (Sim/Não)	Você já sofreu algum tipo de violência? (Sim/Não)	Se sim, qual tipo de violência sofreu?	Onde esta violência foi sofrida? 1- Bairro 2- Em casa 3- Em outros locais da cidade.	No trajeto que você percorre à noite, há vias sem iluminação? (Sim/Não)

Você conhece alguém que foi assaltado ou roubado? (Sim/Não). Onde (Bairro)?	Você conhece alguém que já sofreu algum tipo de violência? (Sim/Não)	Se sim, qual tipo de violência sofreu?	Onde esta violência foi sofrida? 1- Bairro 2- Em casa 3- Em outros locais da cidade.

16 Como você julga a questão de Facções/gangues na vizinhança?
() Não é problema () pouco problemático () Muito Problemático

17 Como você julga a questão do tráfico de drogas na vizinhança?
() Não é problema () pouco problemático () Muito Problemático

18 Como você julga a questão do consumo de drogas na vizinhança?
() Não é problema () pouco problemático () Muito Problemático

2- INFRAESTRUTURA DO DOMICÍLIO E DO BAIRRO

19 Existe calçada/meio fio/passeio em frente ao domicílio?
() Sim () Não

20 Tipo de rua:
() Asfaltada () paralelepípedo () terra batida () Pedra Fincada () outro

21 Como você julga a qualidade da rua?
() Péssima () Ruim () Boa () Excelente

22 Existe iluminação pública em frente ao domicílio?
() Sim () Não

23 A iluminação pública está funcionando?
() Sim () Não

24 Como você julga a qualidade da iluminação da sua rua?
() Péssima () Ruim () Boa () Excelente

25 Listagem de alguns bens duráveis que a família possui

Item	Quantidade	Há quanto tempo possui?	Forma de aquisição:
		1- Menos de 1 ano 2- De 1 a 2 anos 3- Mais de 2 Anos.	1- Compra à vista 2- Compra a prazo 3- Doação ou troca
Fogão a gás			
Geladeira			
Microondas			
Liquidificador			
Tanquinho			
Máquina de lavar roupa			
Televisão			
Aparelho de Som ou rádio			
Ferro Elétrico			
Aparelho de DVD			
Computador			
Telefone Fixo	Sim () Não ()		
Celular			

26 Possui antena de TV ?

() Oi () SCTV () Claro TV () Parabólica () Gato () simples () outra

27 Possui chuveiro elétrico na residência?

() Sim () Não

28 Há quanto tempo possui chuveiro elétrico? _____

29 Possui Internet?

() Sim, Wifi () No celular 3G () Sim, gato () Não

30 Possui energia elétrica?

() Sim, com marcador próprio () Sim, dividida com o vizinho () Gato () Não tenho

31 Como a água chega a sua casa?

() Rede geral (encanada) () Poço com encanamento () Poço sem encanamento

() Carregada em baldes () Compartilha a água da rede geral do vizinho () Outro

32 A casa está ligada a rede geral de esgoto?

() Sim () Não

33 Em caso negativo, como se dá à saída dos dejetos humanos?

() Fossa séptica

() Despejo direto no rio

() Despejo no quintal

() Outros: _____

34 O lixo é um problema na Vizinhança?

Sim Não

35 Qual o destino do lixo?

Recolhido pela prefeitura Jogado no quintal Jogado em terreno baldio

enterrado Queimado Outros

Falta de capina nas ruas

APÊNDICE 2- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 2

A CONDIÇÃO DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E REDES DE APOIO DOS CHEFES DE FAMÍLIA EM REGIÕES PERIFÉRICAS DE UMA CIDADE DE PORTE MÉDIO

Pesquisador Principal: Reinaldo Antônio Bastos Filho

Entrevistador: _____

Nome do Entrevistado: _____

REDES SOCIAIS- RELAÇÕES DE APOIO

1- No quadro abaixo cite as pessoas que fazem parte do seu cotidiano, pessoas as quais você conhece de nome ou de vista, e com as quais você pode conversar, trocar informações e solicitar auxílio para resolver problemas no seu cotidiano se necessário. Informe assim a idade (pode ser idade aproximada), a frequência com que se relaciona com essas pessoas (marque com um X nos números correspondentes aos da legenda abaixo), o sexo, bairro que reside, o tipo de relação (família, amizade, vizinho, trabalho e outros) e o tipo de apoio:

Tipos de apoio

1	Cuidado com crianças
2	Dinheiro (Doação/ Empréstimo financeiro)
3	Ajuda com alimentação
4	Remédios
5	Roupas
6	Cuidado com idosos
7	Alguém com quem você troca confidências e intimidades
8	Comunicado de oportunidade de emprego
9	Empréstimo de moradia
10	Ferramentas
11	Material de construção
12	Doação de produtos da casa (Fogão, TV, Geladeira e etc.)
13	Cuidados com Saúde
14	Afeto
15	Ajuda com tarefas do trabalho
16	Acadêmico
17	Tarefas Domésticas
18	Vigiar casa
19	Psicológico
20	Espiritual
21	Religioso

Nº	Nome da pessoa	Idade (Aproximada)	Regularidade (Frequência)				Sexo	Bairro de residência	Tipo de relação (Vínculo)	Tipo de apoio
			1	2	3	4				
1			1	2	3	4				
2			1	2	3	4				
3			1	2	3	4				
4			1	2	3	4				
5			1	2	3	4				
6			1	2	3	4				
7			1	2	3	4				
8			1	2	3	4				
9			1	2	3	4				
10			1	2	3	4				
11			1	2	3	4				
12			1	2	3	4				
13			1	2	3	4				
14			1	2	3	4				
15			1	2	3	4				
16			1	2	3	4				
17			1	2	3	4				
18			1	2	3	4				
19			1	2	3	4				
20			1	2	3	4				
21			1	2	3	4				
22			1	2	3	4				
23			1	2	3	4				
24			1	2	3	4				
25			1	2	3	4				
26			1	2	3	4				
27			1	2	3	4				
28			1	2	3	4				
29			1	2	3	4				
30			1	2	3	4				

1 = Uma vez por mês; 2 = Uma vez a cada 15 dias; 3 = Uma por semana; 4 = Todos os dias.

